



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**RAPHAELA HILDITA DE SÁ GUEDES DEODATO**

**TRADIÇÃO E MEMÓRIA AFRO-INDÍGENA NA CURA POR PALAVRAS:  
ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE**

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

RAPHAELA HILDITA DE SÁ GUEDES DEODATO

**TRADIÇÃO E MEMÓRIA AFRO-INDÍGENA NA CURA POR PALAVRAS:  
ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

**Linha de Pesquisa:** Ciências, Tecnologia e Formação Docente.

**Orientadora:** Dr<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D418t Deodato, Raphaela Hildita de Sá Guedes.  
Tradição e memória afro-indígena na cura por palavras  
[manuscrito] : ecologia de saberes no ensino de história em  
Salgueiro/PE / Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato. -  
2023.  
222 p. : il. colorido.  
  
Digitado.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de  
Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2023.  
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão ,  
Departamento de Educação - CEDUC. "  
1. Ensino de história. 2. Tradição cultural. 3. Rezadeira. 4.  
Rezador. 5. Arte de cura. I. Título  
  
21. ed. CDD 372.89

RAPHAELA HILDITA DE SÁ GUEDES DEODATO

TRADIÇÃO E MEMÓRIA AFRO-INDÍGENA NA CURA POR PALAVRAS:  
ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre em Formação de Professores.

Linha de Pesquisa: Ciências, Tecnologia e Formação Docente.

Aprovada em 27/09/2023

**BANCA EXAMINADORA**



---

Dra. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)  
( PPGFP/UEPB )



---

Dra. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Examinadora interna) ( PPGFP/UEPB )



Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento (Examinadora externa)  
( PPGH/UFCG )

Dedico esse trabalho aos que contribuíram em minha trajetória formativa: aos meus pais por me tornarem gente, aos meus filhos que me tornaram mais humana, ao meu esposo, que me fez ver o quanto posso ser resiliente, à minha orientadora, que me fez esperar, aos educadores e educadoras que colaboraram para a minha formação acadêmica, aos/as estudantes que me fizeram (re)pensar minha prática pedagógica, e em especial às rezadeiras e rezadores que, através de seu ofício, colaboram para a manutenção dos costumes, cultura e crenças dos povos tradicionais.

## AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus por ter colocado várias pessoas e situações que permitiram construir esta dissertação. Ao nominar pessoas e especificar situações, corro o risco de não incluir tudo e todas, mas a minha gratidão é ampla e profunda.

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba pela oferta do curso de Mestrado em Formação de Professores, na modalidade on-line durante o período da pandemia do COVID-19, o que possibilitou meu ingresso na instituição e a realização do meu sonho de me tornar mestre.

À Professora Patrícia Cristina de Aragão, minha orientadora, que me acolheu aceitando meu projeto e me subsidiou com seu conhecimento e indicações bibliográficas para que eu conseguisse concluir minha dissertação. Agradeço sua paciência, bom humor, carinho, ampla disponibilidade nas orientações e incentivo para não desanimar em momentos de dificuldade.

Aos professores do mestrado, João Bueno, Ana Paula Bispo, Robéria Nádia, Tânia Augusto e Juscelino, pela disponibilidade em compartilhar sua experiência e saber, contribuindo direta e indiretamente com todo meu processo de aprendizagem.

Aos colegas da turma do mestrado, pela troca e oportunidade de aprendizagem.

Às professoras Robéria Nádia e Regina Coelli, não só por terem aceitado o convite para participar da banca, mas também pelas excelentes contribuições para a melhoria desse texto.

À Rozeane Lima que durante o mestrado se disponibilizou a corrigir meus textos sempre contribuindo com sua experiência e paciência.

À equipe da EREF Dom Malan, que são mais que colegas de trabalho, são amigos/as de uma vida, pelo auxílio que possibilitou quando da realização das oficinas; aos estudantes da EREF Dom Malan, que gentilmente participaram das oficinas e responderam os questionários, e aos pais e responsáveis pelos/as estudantes, que autorizaram a participação na pesquisa.

Aos colegas da AEDS, em especial à Ádilla Katarinne, por terem sempre me apoiado e se disponibilizado a assumir minhas atribuições durante minha ausência.

Ao povo da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombola de Conceição das Crioulas e Santana, em especial às rezadeiras Fátima Ana e Fátima Simplício, da comunidade de Santana, Luzia Vieira e Alsandro Marcionílio da aldeia indígena Atikum e Maria Antônia e João Virgulino da Comunidade de Conceição das Crioulas, que participaram das entrevistas. Às lideranças, Aparecida Souza, Graça Atikum e Jocicleide, que foram nossas guias dentro das

comunidades. Agradeço a disponibilidade em me receberem e me proporcionarem uma rica aprendizagem com suas narrativas valiosas durante todo trabalho de campo.

À minha família, em especial aos meus pais José Ronolfo e Socorro Guedes pelo incentivo, por sonhar junto comigo e pelo apoio para a concretização de meus projetos pessoais e profissionais; aos meus filhos Eder Guedes e Eliza Maria e ao meu esposo Sávio Felipe que foram compreensivos, pacientes e amorosos ao longo desses dois anos, me dando possibilidade para que eu pudesse me ausentar e me dedicar ao processo de escrita.

Ao meu irmão Muritan Yuri, minhas sobrinhas Alice, Cecília e Eloah, minhas cunhadas Andreza e Regina e à minha sogra Sônia, pelo apoio, incentivo e por dividirem os cuidados com Eliza para que eu pudesse estudar, assistir as aulas e escrever.

Às amigas e amigos, que compartilharam vários momentos de alegria, dúvidas e questionamentos durante esta trajetória. Em especial: à Geraldo Barboza de Oliveira, pela amizade, orientação acadêmica, incentivo e disponibilidades de valiosos materiais teóricos; à Rosimere Ferreira, por acreditar e mostrar que os obstáculos iam ser superados; e à Ana Maria de Goes e Lima pela escuta paciente, pelas mensagens de conforto, confiança e alegria.

À Maria Marquesa, pelo cuidado comigo, com meus filhos e com a minha casa, suporte fundamental para a tranquilidade na realização deste trabalho.

Com a certeza de que, esse trabalho espelha o meu acreditar em uma educação transformadora, crítica e reflexiva, construída através de uma rede de colaboradores/as, o meu profundo agradecimento.

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado”.

Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Da esquerda para a direita a rezadeira Fátima Simplício, a rezadeira Fátima Ana e a pesquisadora Raphaela Hildita.....	32
<b>Figura 2</b> – A rezadeira Luzia Vieira com algumas ervas medicinais e lambedores.....	33
<b>Figura 3</b> – O rezador Alsandro Marcionílio.....	34
<b>Figura 4</b> – Da esquerda para a direita a rezadeira Maria Antônia e a pesquisadora Raphaela Hildita.....	35
<b>Figura 5</b> – O rezador João Virgulino rezando para dor de cabeça pesquisadora Raphaela Hildita.....	36
<b>Figura 6</b> – Destaque para a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas e Aldeia Indígena Atikum.....	44
<b>Figura 7</b> – Vista parcial da Serra do Umã onde está localizado Aldeia Indígena Atikum.....	46
<b>Figura 8</b> – Cacica Ana Olindina da Conceição.....	48
<b>Figura 9</b> – Graça Atikum, liderança jovem utilizando pintura de jenipapo e adornos confeccionados na Aldeia.....	51
<b>Figura 10</b> – Vista parcial da Vila Centro.....	54
<b>Figura 11</b> – Mulheres dançando trancelim em frente a capela de Nossa Senhora da Conceição.....	55
<b>Figura 12</b> – Sede da AQCC em Conceição das Crioulas.....	57
<b>Figura 13</b> – Estande com produtos artesanais da comunidade na FENEARTE 2017.....	58
<b>Figura 14</b> – Destaque para a Comunidade Quilombola de Santana.....	62
<b>Figura 15</b> – Visão parcial da comunidade de Santana.....	63
<b>Figura 16</b> – Casa com cercado e sistema, ao fundo o Serrote dos Pedros.....	64
<b>Figura 17</b> – O canal cortando a comunidade, do lado esquerdo as casas e do direito o local de pastagem.....	67
<b>Figura 18</b> – Dança Mazurca em Santana.....	68
<b>Figura 19</b> – Vista aérea da EREF Dom Malan.....	96
<b>Figura 20</b> – Apresentação de algumas ervas medicinais aos/as estudante.....	106
<b>Figura 21</b> – Estudante explicando para a turma como se reza em sol na cabeça.....	107
<b>Figura 22</b> – Estudantes analisando o texto sobre o Inquérito de Domingas Gomes.....	109
<b>Figura 23</b> – Explicação sobre o mapa distrital do município de Salgueiro/PE – IBGE.....	111
<b>Figura 24</b> – Mapa tátil do município de Salgueiro/PE.....	113
<b>Figura 25</b> – Montagem do mapa tátil do município de Salgueiro/PE.....	114
<b>Figura 26</b> – Estudantes analisando o mapa do município.....	115
<b>Figura 27</b> – Estudantes interagindo com o jogo.....	116
<b>Figura 28</b> – Estudantes com o Jogo de tabuleiro.....	117
<b>Figura 29</b> – Frente e verso das figurinha.....	118

<b>Figura 30</b> – <i>Print</i> de uma postagem feita por uma estudante em seu <i>status</i> do aplicativo <i>Instagram</i> .....	119
<b>Figura 31</b> – Produção dos estudantes fixadas no quadro de avisos da escola.....	120

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Informações gerais sobre os/as entrevistados/as.....	31
Quadro 02	Dados de identificação da turma do 9º ano A da EREF Dom Malan 2022.....	38
Quadro 03	Dados de identificação da turma do 9º ano B da EREF Dom Malan 2022.....	40
Quadro 04	Rezas praticadas, plantas e objetos utilizados no processo de benzeção.....	85
Quadro 05	Matriz curricular do Ensino Fundamental Anos Finais Educação Integrada – Eixo escola em tempo integral ano de implantação: 2017.....	98
Quadro 06	Segunda parte do questionário diagnóstico turma do 9º ano A da EREF Dom Malan 2022.....	101
Quadro 07	Segunda parte do questionário diagnóstico turma do 9º ano B da EREF Dom Malan 2022.....	104
Quadro 08	Síntese das respostas da Atividade 01, turma do 9º ano A da EREF Dom Malan 2022 .....	110
Quadro 09	Síntese das respostas da Atividade 01, turma do 9º ano B da EREF Dom Malan 2022.....	110
Quadro 10	Síntese das respostas da Atividade 02, turmas do 9º ano A e B da EREF Dom Malan 2022.....	115
Quadro 11	Questionário aplicado após a realização das oficinas, 9º ano A da EREF Dom Malan 2022.....	122

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMQS	Associação dos Moradores Quilombolas de Santana
AQCC	Associação Quilombola de Conceição das Crioulas
ASPAPP	Associação dos Pequenos Produtores Agrícolas do Poço da Pedra
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS/MS	Conselho Nacional de Saúde
CONAQ	Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EREF Dom Malan	Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan
FACHUSC	Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central
FCP	Fundação Cultural Palmares
FENEARTE	Feira Nacional de Negócios do Artesanato
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PBA-17	Programa Básico Ambiental
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PISF	Projeto da Integração do Rio São Francisco
PPPTQ	Projeto Político Pedagógico do Território Quilombola
RIMA	Relatório de Impacto Ambiental
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
TAI	Termo de Autorização Institucional
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – (No caso do menor ou legalmente incapaz)
TCC	Trabalhos de Conclusão de Curso
TCEF	Trabalhos de Conclusão do Ensino Fundamental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## RESUMO

Um dos grandes desafios para o/a professor/a e pesquisador/a que busca fazer o ensino de História de forma crítica e reflexiva é proporcionar aos/às estudantes uma forma de experienciar a História do tempo presente, tornando-os/as conscientes de sua ação sobre o local em que vivem e engajando-os/as na compreensão e valorização das tradições culturais existentes. Esta pesquisa proporciona analisar memórias de rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e de Santana, em Salgueiro/PE e sua aplicabilidade no ensino de História. Com o objetivo geral de investigar como as artes de cura nas práticas das rezadeiras e dos rezadores das comunidades quilombolas e indígena e seus saberes e memórias contribuem na formação educativa dos/as estudantes nas aulas de História no Ensino Fundamental Anos Finais da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, em Salgueiro/PE. Este estudo situa-se no campo do Ensino de História em articulação com questões de interculturalidade afro-indígena à luz do conceito de ecologia de saberes. Essa teoria alimenta a ideia de que existem diversas formas de conhecimento e/ou interconhecimento que interagem nosso cotidiano. Por essa razão, trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica embasada nas teorias de Halbwachs (2004) e Bosi (2010) sobre memória, Aragão e Rodrigues (2020) e Aragão e Nascimento (2021) sobre a sensibilidade na arte de cura através das palavras, André (2009), Mattos e Castro (2011) e Macedo (2010), sobre a metodologia da pesquisa etnográfica em Educação, Santos (2007) sobre a ecologia de saberes, e Gadotti (2009), sobre a ecopedagogia, utilizando como marcos legais os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (2019) e as Leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Os/as colaboradores desta pesquisa são seis rezadeiras e rezadores (duas/dois de cada comunidade) com os quais realizamos entrevistas semiestruturadas e os sessenta e dois estudantes matriculados nas turmas de nono ano (turmas A e B) do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, em Salgueiro/PE, onde aplicamos dois questionários (um diagnóstico e outro após a realização da sequência didática) e ministramos as oficinas subsidiárias ao caderno temático ecopedagógico, produto final de nossa dissertação. Vale salientar que a ecopedagogia incentiva a reorientação dos currículos para que incorporem de forma transdisciplinar o (re)pensar as ações humanas, sendo capazes de compreender o mundo partindo da própria realidade, o que contribui para a prática pedagógica dos/as professores/as de História da Rede Municipal de Ensino em Salgueiro/PE.

**Palavras-chave:** Tradição. Memória de rezadeiras e rezadores. Povos indígenas e quilombolas. Ensino de História. Ecologia dos saberes.

## ABSTRACT

One of the great challenges for teachers and researchers who seek to teach History in a critical and reflective way is to provide students with a way of experiencing the History of the present time, making them aware of their action on the place where they live and engaging them in understanding and valuing existing cultural traditions. This research provides an analysis of memories of rezadeiras and rezadores from the indigenous village Atikum and the quilombola communities of Conceição das Crioulas and Santana, in Salgueiro/PE and its applicability to the teaching of History. With the general objective of investigating how the healing arts in the practices of the rezadeiras and the rezadores of the quilombola and indigenous communities and their knowledge and memories contribute to the educational formation of the students in History classes in the last years of Elementary School at the Municipal School of Reference in Elementary Education Dom Malan, in Salgueiro/PE. This study is located in the field of History teaching in articulation with issues of Afro-indigenous interculturality in the light of the concept of ecology of knowledge, this theory feeds the idea that there are different forms of knowledge and/or inter-knowledge that interact in our daily lives. For this reason, this is a qualitative ethnographic research based on the theories of Halbwachs (2004) and Bosi (2010) on memory, Aragão and Rodrigues (2020) and Aragão and Nascimento (2021) about sensitivity in the art of healing through words, André (2009), Mattos and Castro (2011) and Macedo (2010) about the methodology of ethnographic research in Education, Santos (2007) on the ecology of knowledge, and Gadotti (2009) about ecopedagogy. We also used as legal frameworks the Curriculum Parameters of Pernambuco (2019) and the Laws nº 10.639/2003 and nº 11.645/2008. The collaborators of this research are six rezadeiras and rezadores (two from each community) with whom we conducted semi-structured interviews and the sixty-two students enrolled in the ninth grade classes (classes A and B) of Elementary School, at Escola Municipal of Reference in Elementary Education Dom Malan, in Salgueiro/PE, where we applied two questionnaires (one diagnosis and the other after the didactic sequence was carried out) and we gave subsidiary workshops to the ecopedagogical thematic notebook, the final product of our dissertation. It is worth mentioning that ecopedagogy encourages the reorientation of curricula so that they incorporate, in a transdisciplinary way, the (re)thinking of human actions, being able to understand the world starting from their reality itself, which contributes to the pedagogical practice of History of teachers from Municipal Education Network in Salgueiro/PE.

**Keywords:** Tradition. Memory of rezadeiras and rezadores. Indigenous and quilombolas peoples. History Teaching. Ecology of knowledge.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSOS METODOLÓGICOS: ETNOPEQUISA, ENSINO E OS SABERES AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1</b>	<b>Saberes tradicionais, Pesquisa e Ensino: um outro olhar sobre a sala de aula.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2</b>	<b>Etnopesquisa: um leque de possibilidades para a docência.....</b>	<b>26</b>
<b>2.3</b>	<b>Voices que articulam saberes: interlocutores da pesquisa.....</b>	<b>30</b>
<b>2.4</b>	<b>Itinerário da fontes de pesquisa .....</b>	<b>38</b>
<b>3</b>	<b>PERCORRENDO OS CAMINHOS DA TRADIÇÃO: HISTÓRIA E LUTA DOS POVOS INDÍGENA E QUILOMBOLA NO MUNICÍPIO DE SALGUEIRO/PE .....</b>	<b>44</b>
<b>3.1</b>	<b>Conceição das Crioulas: Nas trilhas dos saberes indígenas e quilombolas .....</b>	<b>44</b>
<b>3.2</b>	<b>Santana: Território de viver e fazer história.....</b>	<b>62</b>
<b>4</b>	<b>ENSINO DE HISTÓRIA E AS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS: RELAÇÕES EDUCATIVAS COM PRÁTICAS DE CURA...</b>	<b>71</b>
<b>4.1</b>	<b>As aulas de história no Ensino Fundamental: Percursos do saber local no ensino de história .....</b>	<b>71</b>
<b>4.2</b>	<b>Tecendo os fios da vida no ofício de curar: Saberes afro-indígena em práticas de rezadeiras e rezadores.....</b>	<b>80</b>
<b>4.3</b>	<b>Narrativas e experiências no ofício de curar: atos de fé, práticas de cura.....</b>	<b>84</b>
<b>5</b>	<b>O CONHECIMENTO HISTÓRICO ESCOLAR E A RELAÇÃO COM OS SABERES E PRÁTICAS DE REZADORES/AS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS.....</b>	<b>96</b>
<b>5.1</b>	<b>EREF Dom Malan: lugar de pesquisa e produção de conhecimento.....</b>	<b>96</b>
<b>5.2</b>	<b>Narrativas do cotidiano escolar: Caminhos que construíram o caderno temático ecopedagógico.....</b>	<b>101</b>
<b>5.3</b>	<b>Voices que protagonizam: vivências de uma experiência escolar .....</b>	<b>121</b>
<b>5.4</b>	<b>Redes de saberes em práticas de cura afro-indígenas: Entre benzeções e aprendizados históricos.....</b>	<b>130</b>
<b>6.0</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>189</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>192</b>
	<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA COM REZADEIRAS E REZADORES.....</b>	<b>197</b>
	<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO.....</b>	<b>199</b>
	<b>APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO FINAL.....</b>	<b>201</b>
	<b>ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA – CONEP .....</b>	<b>203</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Propomos, com essa pesquisa, estruturar possibilidades para adequar os saberes tradicionais, a memória e a história oral ao ensino de História, respeitando o que está proposto na Base Nacional Curricular Comum – BNCC (2017) e no Currículo de Pernambuco para os Anos Finais. Analisamos a arte de cura por palavras através das memórias de rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e de Santana e sua aplicabilidade ao ensino de História.

Além disso, o estudante da Educação Básica pode compreender que tais concepções, crenças e interpretações do passado só foram possíveis dentro de uma dada historicidade. Desse modo, elas constituem-se divisões de mundo, de mentalidades e de crenças que não podem ser interpretadas como fenômenos isolados, pois somente tornaram-se possíveis entre os diferentes grupos que compunham uma determinada sociedade, e que explicitaram relações de articulação, de conflitos e de resistências ocorridas em um determinado espaço e tempo histórico (Bueno *et al.*, 2015, p. 101).

A iniciativa de trazer as memórias de rezadeiras e rezadores para as aulas de História vem da preocupação com a perpetuação de uma prática curativa milenar que tem grande influência de povos afro-indígenas e que só perdurou até os dias atuais devido à tradição oral, e também da nossa preocupação com uma proposta de ação educativa que não permita que esse costume caia no esquecimento e, ao mesmo tempo que temos estas preocupações em mente, pensamos em traçar estratégias para que possamos trazer, para o cotidiano escolar, experiências vividas na aldeia indígena Atikum e nas comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, territórios que para alguns estudantes são desconhecidos, contribuindo na formação da consciência histórica dos educandos.

Se questionarmos, em uma aula de História: como se fazia para curar doenças antes da popularização das farmácias e dos remédios industriais? Quem prescrevia/ministrava os remédios antes dos/as médicos/as? Como se aprendia a fazer os medicamentos? Os/as estudantes não saberão responder.

Por isso, propusemos incluir no planejamento escolar as histórias de vida das rezadeiras e rezadores, que também são educadores/as de palavras curativas, pois, aprenderam com os seus ancestrais a arte milenar de curar por palavras, de ministrar medicamentos retirados da natureza, de salvar vidas sem a “tecnologia” que temos nos dias atuais, contando apenas com a “magia” da fé no dom que aprenderam através da oralidade e ensinam esses saberes na atualidade.

Ao situarmos a importância educacional e cultural destas práticas educativas desenvolvidas a partir delas, estamos ampliando o significado do ofício destas mulheres, em um tipo de educação que, mesmo ocorrendo em espaços não formais de ensino, trazem condições de possibilidade no sentido de poder contribuir, no espaço escolarizado, com o fortalecimento de ações pedagógicas que vivem da visibilidade aos saberes que estão fora do contexto da escola e que, contudo, são sumamente significativos para a leitura de mundo e de vida na escolarização de crianças jovens e adolescentes (Aragão e Nascimento, 2021, p. 475).

A preocupação com a manutenção da cultura imaterial, com a pluralidade do ensino de História e com a perpetuação da tradição de cura nas práticas de rezadeiras e rezadores (um costume que antecede a origem do povo brasileiro) é o motivo que torna indispensável a inclusão do tema proposto às aulas de História, antes que a tradição se perca de forma irreparável. Há alguns tipos de memória que podem ser para sempre irrecuperáveis, devido à maneira como ocorre sua perda (Burke, 1992, p. 181).

O nosso objetivo geral foi investigar como as artes de cura, nas práticas das rezadeiras e rezadores das comunidades quilombolas e indígena e seus saberes e memória, contribuem na formação educativa dos/as estudantes nas aulas de História no Ensino Fundamental Anos Finais, da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, em Salgueiro/PE.

Tivemos por objetivos específicos: discutir sobre a temática da cultura afro-brasileira e indígena no contexto da Educação Básica a partir do ensino de História nos Anos Finais do Ensino Fundamental, enfatizando a importância do conhecimento produzido por estas culturas nas práticas de cura das rezadeiras e rezadores; refletir sobre a prática de cura e o ofício de rezadeiras e rezadores e sobre como as influências culturais nas artes de benzimento afro-brasileiras e indígenas são fundamentais para a formação educativa escolar; pesquisar o repertório de saberes e memórias das rezadeiras e dos rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana e a contribuição desses conhecimentos na formação educativa do Ensino Fundamental Anos Finais em Salgueiro/PE; investigar, no campo de ensino de História, entre turmas de Ensino Fundamental Anos Finais, a importância dos saberes de rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum, comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana e o potencial educativo destes saberes na construção do conhecimento histórico escolar; e, por fim, elaborar um caderno ecopedagógico com as memórias e os saberes da tradição afro-indígena, mediatizado pelas práticas das rezadeiras e dos rezadores, enfatizando o potencial educacional, a partir de oficinas temáticas com estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais.

Ao pensar sobre essa problemática da pesquisa levantamos a seguinte hipótese: a memória e os saberes tradicionais das práticas de cura das rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombola de Conceição das Crioulas e de Santana, em Salgueiro/PE são formadores e educativos no ensino de História na educação escolar na Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan (EREF Dom Malan).

A EREF Dom Malan é uma escola que funciona em tempo integral e atende a estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, tendo em sua grade curricular disciplinas da Base Curricular Comum (História, Geografia, Ciências, Português, Matemática, Artes e Inglês) e Base Curricular Diversificada (Projeto de Vida e Empreendedorismo, Experimento, Estudo Orientado, Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental – TCEF e Eletiva). Compõe um projeto do Governo do Estado de Pernambuco intitulado Escola da Escolha.

Apesar da sua lei de criação garantir, em seu currículo, os conteúdos articulados com abordagens que versam sobre vários temas, incluindo a diversidade cultural, a preocupação dos/as professores/as que trabalham na Escola da Escolha tem sido em manter um planejamento que contemple os conteúdos dos livros. Assim agindo, eles/as deixam escapar a oportunidade de se fazer uma Educação que utilize os conhecimentos adquiridos nas práticas cotidianas dos/as estudantes, criando laços entre eles/as, a escola e a comunidade de forma a valorizar as tradições locais.

Ter um olhar reflexivo sobre a prática pedagógica e a importância da valorização da história local é uma constante em minha trajetória docente. Fiz parte da primeira turma do curso de Licenciatura em História na Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC) - de 2005 a 2009. Durante a graduação, pude exercer “minha formação” de várias formas diferentes: inicialmente em Estágio Remunerado (2006 – primeira experiência na docência), em seguida como Gerente de Cultura da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes (2007/2008 – responsável pelos espaços culturais da cidade) e, por fim, no oitavo período, fui contratada como historiadora para trabalhar no Projeto da Integração do Rio São Francisco – PISF, compondo a Equipe de Antropologia no Programa Básico Ambiental PBA-17 (2008/2009 tinha como objetivo o desenvolvimento das Comunidades Quilombolas com elaboração de Relatório Antropológico).

Durante o período em que trabalhei na Transposição do Rio São Francisco, pude visitar com mais frequência a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Essa comunidade serve de referência em organização política para as demais comunidades do Estado de Pernambuco. Antes só tinha visitado a comunidade uma vez, junto com meus colegas da

faculdade. Conheci a Comunidade Quilombola de Santana, localizada no Pau-Ferro (5º Distrito do município de Salgueiro/PE) e fiquei fascinada por suas tradições, sua cultura e sua luta pelo reconhecimento e valorização territorial. O trabalho coletivo e o cuidar um do outro e da terra chamaram minha atenção, e esse cuidado se manifestava bem presente no ofício das rezadeiras. Colaborei, junto ao antropólogo Geraldo Barboza de Oliveira Júnior, na construção do Relatório Antropológico daquela comunidade.

Aprovada em dois concursos públicos no ano de 2010: Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC) e Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal do Salgueiro. Regressei para a FACHUSC em agosto de 2010, desta vez como professora do Departamento de História e, em maio/2012, tomei posse do cargo do concurso da Prefeitura, sendo lotada como professora na área rural do município, no 5º Distrito Pau-Ferro, trabalhando na Escola Municipal Joaquim Barboza de Maria. Conciliar o binômio Educação Básica e Educação Superior, a princípio, não foi fácil.

Passei oito meses trabalhando no Pau-Ferro até conseguir minha transferência para a sede do município e tive que me adequar/recriar minha prática pedagógica à Educação do Campo, observando a relação dos moradores com a terra/território, trabalhando de forma interdisciplinar os saberes tradicionais da localidade, entrelaçados aos conhecimentos curriculares. Uma experiência enriquecedora que possibilitou trabalhar a valorização das relações étnico-raciais atrelada à Educação Ambiental.

Devido à demanda de matrícula da rede de ensino para o ano de 2017, que remanejou as turmas de 6º ao 9º anos para somente três escolas na sede, fiz seleção para um programa piloto no estado de Pernambuco chamado Escola da Escolha (foram selecionadas 15 escolas no estado para implementar o ensino em tempo integral na modalidade Ensino Fundamental Anos Finais).

Aprovada na seleção, passei a integrar o quadro docente da Escola de Referência em Ensino Fundamental – EREF Dom Malan. Além da disciplina História (Base Curricular Comum) lecionava também as disciplinas Projeto de Vida e Eletiva (Base Curricular Diversificada). A proposta pedagógica desse modelo educacional se baseia nos Quatro Pilares da Educação: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a conviver e Aprender a ser.

Essas vivências refletiram positivamente em minhas aulas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na FACHUSC. Estou submersa em um laboratório que possibilita transitar entre teoria e prática, relatando aos meus alunos da graduação as experiências exitosas e os fracassos metodológicos que acontecem no cotidiano da sala de aula na Educação Básica.

Procurei adequar o currículo escolar de forma que todos se sintam contemplados no planejamento, e quando elaborava as avaliações, seguia com o mesmo objetivo. Defendo que o/a professor/a deve ter autonomia para fazer seu planejamento conforme a necessidade da turma e as inteligências múltiplas que ela apresenta. As experiências em orientações dos Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC da FACHUSC auxiliaram na elaboração e execução dessas atividades. Procuro incentivar pesquisas que enfoquem a memória e o cotidiano do sertão central. Faço parte de Bancas Examinadoras e oriento TCC desde 2011, nos cursos de História, Ciências Biológicas, Geografia e Pedagogia.

As orientações e bancas examinadoras impulsionaram minha curiosidade para refletir sobre o “local onde vivo”. Destaco a de Jocicleide Valdeci de Oliveira (2012), que falava sobre a Educação Escolar Quilombola de Conceição das Crioulas, e a de Maria das Graças da Silva, conhecida como Graça Atikum (2015), liderança indígena jovem. Hoje elas são professoras de História dentro de suas comunidades e, através delas, conheci um pouco mais as especificidades das comunidades e a luta territorial. Este conhecimento, adquirido através das orientações e do contato com elas, atualmente me inquieta/motiva a compartilhar essas informações étnico-culturais de forma interdisciplinar nas aulas na rede municipal, e também a não parar de estudá-los.

Enquanto pensava em um tema para a dissertação, rememorei os aspectos que marcaram minha trajetória docente, conciliados aos objetivos que poderiam utilizá-los atualmente. Ao observar os estudantes que chegam ao 6º ano, percebi que eles/as (assim como eu antes da graduação) desconheciam a origem histórica e cultural da cidade, a ancestralidade e a territorialidade e me deparei com a responsabilidade de levar até eles/as esses conhecimentos. Por essa razão, decidi falar das tradições afro-indígenas presentes nas memórias de rezadeiras e rezadores que, cotidianamente, perpetuam as tradições locais através da oralidade.

Com o objeto de estudo escolhido, o próximo passo foi delimitar o local da pesquisa e, neste sentido, optei por falar da Aldeia Indígena Atikum e das Comunidades Quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana. A contribuição dessa pesquisa se dá através da análise de como a memória e os saberes da tradição, nas práticas de cura das rezadeiras, contribuem para a construção do conhecimento histórico escolar no Ensino Fundamental Anos Finais.

Corroborando com a expectativa de contribuir para a Educação Básica na docência das turmas de 6º ao 9º ano do município de Salgueiro/PE e na formação de futuros docentes nos cursos de licenciatura da FACHUSC, veio a aprovação no Mestrado do Programa de Pós-

Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), além da realização de um sonho: pude experienciar esse universo acadêmico.

Nossa contribuição se concretizou com a elaboração de uma sequência didática embasada na ecologia de saberes, que alimenta a ideia de que existem diversas formas de conhecimento e/ou interconhecimento que interagem em nosso cotidiano através de costumes, crenças e tradições e que podem ser aplicadas no ensino de História de forma interdisciplinar. Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa “a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (Santos, 2007, p.22).

A abordagem metodológica que trabalhamos foi história de vida. A utilizamos para evocarmos a memória das rezadeiras e rezadores das comunidades tradicionais da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e de Santana, em Salgueiro/PE, territórios onde as rezadeiras e os rezadores exercem o papel de protagonismo cultural e isso possibilita, juntos, podermos compreender os seus “lugares de memória” que remontam à tradição da arte de cura pelas palavras, incluindo esses saberes como práticas educativas por entender que esses conhecimentos são formadores e relevantes para a construção do saber.

Complementando nossa proposição, além da interação com as rezadeiras e os rezadores através das entrevistas, utilizamos o diário de campo para caracterizar o que o ofício de rezadeira e do rezador representa para a comunidade.

Envolvemos os/as estudantes em uma pesquisa etnográfica que teve por base a observação para a geração e a análise de dados através de entrevistas semiestruturadas e flexíveis, com o intuito de incentivar a pesquisa por parte deles/as, já no Ensino Fundamental Anos Finais, de forma que eles/as compreendam que os conhecimentos empíricos também compõem o campo das “Ciências”. Assim, ajudamos a desconstruir o estereótipo de que ciência só se faz dentro de algum conteúdo acadêmico.

Nossos/as estudantes estão vivendo na “era da informação” e infelizmente saberes tradicionais, como é o caso dos de cura por palavras, estão entrando em desuso. Por isso se faz urgente a discussão sobre a importância desse tema nas aulas de História:

Com o olhar para o meio sociocultural, conseguimos analisar que, através da doença, a rezadeira consegue valorizar sua identidade, ou seja, não há apenas uma visão religiosa que valoriza suas ações, mas as relações sociais que o ritual promove entre o enfermo e a benzedeira que também ressignificam sua importância (Aragão E Rodrigues, 2020, p. 329 – 330).

Nosso aporte teórico se respalda nos estudos desenvolvidos por Halbwachs (2004) e por Bosi (2010) sobre memória; por Aragão e Rodrigues (2020) e por Aragão e Nascimento (2021) sobre a sensibilidade na arte de cura através das palavras; por André (2009), por Mattos e Castro (2011) e por Macedo (2010) sobre a metodologia da pesquisa etnográfica em Educação; por Santos (2007) sobre a ecologia de saberes e por Gadotti (2009) sobre a ecopedagogia, entre outros autores. Para também fundamentar a discussão no campo do Direito, abordamos, como marcos legais, os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (2019) e as Leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

A nossa contribuição para a formação de professores/as de História da Rede Municipal de Ensino, em Salgueiro/PE, se dá através do repensar a prática pedagógica, que pode ser feita mediante a execução das atividades que compõem o caderno temático ecopedagógico que se intitula: *Redes de saberes em práticas afro-indígenas: da cura por palavras aos aprendizados históricos*.

A opção pelo uso da ecopedagogia na elaboração das atividades se deu por entendermos que a educação não formal é alicerçada na consciência planetária, ou seja, na consciência de que nossas atitudes (micro) interferem na conjuntura do local/global onde vivemos (macro), possibilitando uma formação crítico/reflexiva de nossos/as estudantes. Vejamos:

A educação para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. Educar, então, não seria como dizia Émile Durheim, a transmissão da cultura “de uma geração para outra”, mas a grande viagem de cada indivíduo no seu universo interior e no universo que o cerca (Gadotti, 2009, p. 03).

O caderno ecopedagógico foi subsidiado por dois questionários realizados com os/as estudantes: um para uma sondagem dos conhecimentos prévios e outro, aplicado após a realização das quatro oficinas que compõem a sequência didática aplicada na EREF Dom Malan.

Com base no que foi exposto até então, nossa pesquisa se divide em quatro partes, vejamos: no primeiro momento discutimos sobre a pesquisa qualitativa do tipo etnográfico na educação e apresentamos onde a pesquisa foi desenvolvida; no segundo momento, apresentamos os aspectos socioculturais, políticos e econômicos da aldeia indígena Atikum e

das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana; no terceiro, discutimos sobre o ensino de História, a produção do conhecimento histórico nos Anos Finais Ensino Fundamental e as entrevistas realizadas com as rezadeiras e rezadores, e para concluir, no quarto momento apresentamos a Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, os/as estudantes das turmas de nono ano A e B, a análise dos resultados dos questionários realizados com os/as estudantes, o planejamento da sequência didática das oficinas e o produto educativo.

## **2 PERCURSOS METODOLÓGICOS: ETNOPESQUISA, ENSINO E OS SABERES AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS**

Este capítulo apresenta o embasamento teórico e metodológico que subsidiou esta pesquisa. Nele discutimos a importância de se fazer pesquisa já na Educação Básica, em especial nos Anos Finais do Ensino Fundamental, no campo do Ensino de História. Apresentamos também a etnopesquisa como ferramenta de trabalho para os educadores/as e a possibilidade de se atrelarem os saberes tradicionais das rezadeiras e dos rezadores ao planejamento escolar.

Caracterizamos, também, as etapas percorridas para a realização do trabalho, quem são os colaboradores/as da pesquisa e o local de sua realização.

### **2.1 Saberes tradicionais, Pesquisa e Ensino: um outro olhar sobre a sala de aula**

As relações de poder infligidas pelos europeus aos povos originários e africanos escravizados, de forma violenta, no processo de colonização/povoamento brasileiro, infelizmente permanecem na atualidade em forma de comportamentos racistas, excludentes e de intolerância cultural e religiosa.

Houve o empenho dos colonizadores para que, no Brasil o povo se comportasse de forma “homogênea”. Foi imbuído no senso comum os “padrões” europeus para os modos de falar, vestir, agir, pensar, cultuar, entre tantos outros, eles eram os corretos/verdadeiros. Essa imposição, feita através da escravização, de torturas, de inferiorização e de genocídio, moldou o que chamamos hoje de colonialidade. A estes aspectos Paim e Araújo (2018) chamaram atenção de que:

Os colonizadores preocuparam-se em destruir imaginários, invisibilizar sujeitos e tornar alguns grupos sociais subalternizados para que, assim, pudessem afirmar seu próprio imaginário e poder colonizador através de uma usurpação territorial, econômica e ideológica (Paim e Araújo, 2018, p. 05).

Mesmo passando por todo esse processo de “apagamento”, os povos afro-brasileiros e indígenas encontraram formas de resistência, e seus saberes, costumes, tradições, diversidade cultural e religiosa se perpetuaram ao longo dos séculos. Contudo, é necessário ressaltar que é preciso que ocorra a decolonização do saber, um engajamento para a escrita de uma história outra, na qual exista um “combate” à visão eurocêntrica dos acontecimentos ocorridos,

decolonizando as formas opressoras pelas quais as culturas e os povos indígenas e afro-brasileiros foram submetidos no contexto societário.

Contemporaneamente, os marcos históricos “comemorados” na escola ainda retratam os personagens ditos como os “mais importantes” como homens/europeus/brancos. Partindo deste tipo de perspectiva é que notabilizamos o quanto é necessário ampliar os olhares para o ensino de História e as formas de fazê-lo, valorizando a memória, a história local e a identidade étnico-racial.

Portanto, é através dos saberes intergeracionais, transmitidos através da oralidade por rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum, e também das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, todas localizadas no município de Salgueiro/PE, que propomos aos/às professores/as uma forma de fazer esse processo de decolonialidade no ensino de História na rede municipal de ensino, esperando e objetivando que as práticas educativas escolares movam novos modos de educar com base nas premissas supramencionadas.

Utilizar a história de vida dessas pessoas, protagonistas em suas comunidades, nos possibilita mostrar aos/às estudantes que existe nas práticas cotidianas de viver, calcadas no saber tradicional, pois o mesmo se constitui através da experiência de vida que se torna uma forma de construir conhecimento. Estes saberes estão para além do livro didático.

Apesar de todo esforço da Ciência em suprimir esses saberes, em muitas comunidades tradicionais, como as campesinas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, marisqueiras e ciganas, por exemplo, é notória a permanência dos saberes destes povos que ainda não foram cooptados pela cultura científica, bem como pelos seus progressos e cuja sobrevivência depende, quase que exclusivamente, de saberes e de técnicas próprios. Esses indivíduos, por conta das dificuldades enfrentadas, desenvolvem com criatividade soluções para os seus problemas cotidianos. Os exemplos que seguem, comprovam a existência e beleza de um pensamento fecundo e a astúcia de uma ciência mais próxima da natureza (Novais, 2018, p. 28).

Os conhecimentos que fazem parte da trajetória de vida e das memórias de rezadeiras e rezadores destas comunidades, contribuem e possibilitam oferecer o conhecimento das sensibilidades. “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (Larrosa, 2002, p. 19).

Na condição de docentes, estamos vivendo na era do avanço das mídias sociais, constantemente os/as estudantes e também nós, enquanto docentes, estamos vivenciando novas informações prontas e instantâneas que chegam às nossas mãos de forma cômoda, através da internet. Entretanto, essa sobrecarga de dados tem se apresentado de forma superficial, em um aglutinado de estímulos que absorvemos sem pelo menos refletirmos sobre suas contribuições na formação de nosso pensamento, conhecimento e cotidiano.

Essa mecanização na padronização de informação nos motiva a valorizar cada vez mais a construção do conhecimento, que se faz através da transformação de pensamento. É importante incentivar o aprendizado através da experimentação do novo, do desejo por novas descobertas, do incentivo à curiosidade em espaços educacionais. E essa mudança se viabiliza através da pesquisa.

Fazer pesquisa em Educação é uma parte do processo para mudar o meio em que vivemos, nos tornando o instrumento transformador em prol de uma educação crítico/reflexiva. “O objetivo último da pesquisa é a transformação da realidade social e o melhoramento da vida dos sujeitos imersos nessa realidade” (Gamboa, 2012, p.31).

Então, como podemos falar em pesquisa educacional? Podemos, desde que o ato de educar seja o ponto de partida e o ponto de chegada da pesquisa. Quando a educação – qualquer que seja a maneira de a concebermos – mostra-se como o centro de referência da pesquisa, é foco do conhecimento, o elemento integrador e norteador das pistas que percorremos nos enfoques em que nos situamos. E percorremos para buscar uma maior compreensão dos atos de educar e ser educado, suas funções, seu contexto, suas consequências (Gatti, 2010, p. 14).

Realizar pesquisa na Educação Básica, principalmente no ensino de História é o aporte que estamos precisando para dinamizar o cotidiano escolar, motivar a busca pelo conhecimento, valorizar a história local e viabilizar uma nova forma de ver o lugar que vivemos, especialmente o que podemos aprender compartilhando vivências com pessoas mais experientes e/ou idosas/as que, na linguagem da aldeia indígena Atikum, são chamadas de anciãs ou anciões e nas comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, costumam chamar de os/as mais velhos/as.

A partir da experiência docente em sala de aula, discutiremos, ao longo do texto, a utilização da história oral e da memória, articuladas na pesquisa em Educação, para trabalharmos as relações étnico-raciais no ensino de História. Abordar o estudo sobre memória, saberes tradicionais e cultura afro-indígena no espaço escolar transcorre da percepção sobre o incipiente processo de reflexão/ação do papel que exercemos frente à valorização de nossa ancestralidade e a importância atribuída aos costumes étnicos locais que podem ser atrelados às práticas educacionais existentes nas múltiplas possibilidades de pensar a realidade de modo que se articulem tradição, cultura e educação:

Em uma sociedade em que a individualização está por toda parte, associar contextos históricos a personagens que os alunos possam nomear, dos quais possam se recordar, é fornecer as ferramentas mais básicas para que esses estudantes possam conhecer e, mais importante, se interessar por esses momentos históricos (Silva, 2009, p.17).

O território do município de Salgueiro/PE tem uma diversidade de povos e comunidades tradicionais riquíssima na produção de saberes e práticas, e percebemos que estas são pouco abordadas nos espaços educacionais. Compreender o contexto social em que as comunidades estudadas estão inseridas, suas vivências, costumes e “lugares de memória” são fatores importantes para enriquecer a construção da história de vida dos estudantes da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan (EREF Dom Malan), fazendo com que eles/as pensem/reflitam sobre suas origens e respeitem as diferenças que compõem a nossa sociedade.

Essa quebra de paradigmas nas competências curriculares que a decolonização propõe nos permite trazer para a nossa discussão a ecologia de saberes e a ecopedagogia.

Na ecologia dos saberes, buscar credibilidade para os conhecimentos não científicos não leva a desacreditar o conhecimento científico. Implica, pelo contrário. Utilizá-lo em um contexto mais amplo de diálogo com outros conhecimentos (Santos, 2018, p. 224)

Complementando essa conjectura:

A ecopedagogia pretende desenvolver um *novo olhar* sobre a educação, um olhar global, uma nova maneira de ser e de estar no mundo, um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido a cada momento, em cada ato, que “pensa a prática” (Paulo Freire), em cada instante de nossas vidas, evitando a burocratização do olhar e do comportamento (Gadotti, 2002, p. 91).

O processo de ensino e aprendizagem de/em História é amplo e remete a várias discussões, “assim como a produção de saberes históricos tenciona a comunidade disciplinar e epistemológica sobre quais saberes devem ser legitimados” (Ralejo; Mello e Amorim, 2021). E é a busca pela inclusão da diversidade étnico-racial que legitima esses saberes como ciência:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em sua relação uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transferidor, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do *tu*, que me faz assumir realidade do meu *eu* (FREIRE, 2009, p. 41).

O sistema educacional brasileiro vem sofrendo alterações nos últimos anos, entre essas reformulações podemos citar a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Essa lei tornou os componentes curriculares “comuns” em todo território brasileiro, mesmo com toda diversidade social, cultural e educacional que o nosso país apresenta.

Concomitante à modificação provocada pela BNCC, ocorreram mudanças no currículo das disciplinas de Ciências Humanas. As mesmas impactaram diretamente na formação de professores/as dessas áreas, que viram seu campo de atuação reduzir e tiveram que absorver outras disciplinas “afins” à sua formação para manterem a carga horária dentro das escolas e não terem perdas salariais decorrentes da redução da mesma.

O/a professor/a se vê sobrecarregado/a porque, com a redução de carga horária em sua área, aumenta o número de disciplinas com aulas para planejar, o preenchimento de diários, a correção de provas, a cobrança que o currículo seja seguido ao “pé da letra” e que o livro seja “dado de capa a capa”. Dentro desse cenário o nosso desafio se concentra em motivar esse/a professor/a a ser pesquisador/a, criativo/a, empático/a e sensível a novos olhares sobre a Educação.

Para além desta realidade, a base curricular comum nos leva a algumas reflexões: podemos apresentar alternativas para auxiliar no planejamento, principalmente das aulas de História, de forma que o conhecimento empírico faça parte da aula sem fugir das determinações dos Parâmetros Curriculares? Quais contribuições a interação dos conhecimentos prévios trazidos pelos/as estudantes sobre o lugar onde vivem, as pessoas com quem convivem e os seus costumes podem subsidiar o planejamento das aulas? Podemos possibilitar o trabalho educativo formativo na construção do saber histórico escolar a partir de um diálogo intercultural desses saberes? É viável utilizar a memória de rezadeiras e rezadores das comunidades indígenas e quilombolas como fonte histórica a fim de valorizar a história local e divulgar os costumes tradicionais dessas comunidades dentro do município de Salgueiro/PE?

Sabemos da existência de muitas “amarras” impostas ao planejamento que podem tornar o ensino de História mecanizado, porém, se olharmos atentamente os mecanismos que o “engessam”, encontramos meios de ultrapassar essas barreiras, fazendo aulas criativas que corroboram com o solicitado, mesmo em um número reduzido de horas de aulas.

Partindo destes pressupostos é que propomos uma nova perspectiva sobre o fazer/pensar/repensar o ensino de História e as contribuições que podemos ofertar ao ensino/aprendizagem dos educandos quando trocamos experiências e aprendemos com suas vivências.

## **2.2 Etnopesquisa: um leque de possibilidades para a docência**

Desenvolver pesquisa qualitativa em espaços educacionais implica em levar para o cotidiano em sala de aula métodos alternativos aos modelos “tradicionalmente” padronizados

dos livros didáticos e testes educacionais que medem as habilidades e competências dos/as estudantes Significa repensar a prática docente e as formas de contribuir para o ensino/aprendizagem. Esses métodos podem variar entre estudos de caso, pesquisa-ação, pesquisa participante, estudos etnográficos, apenas para citar alguns exemplos.

Este trabalho tem como base metodológica a pesquisa qualitativa do tipo etnográfico. Refere-se a um tipo especial de produção de conhecimento que nos permite mergulhar em uma realidade (imersão na cultura local) com a finalidade de aprender com o espaço social onde se realiza a investigação, possibilitando que as histórias de vida deem significado à fala do pesquisador.

Buscando responder à pergunta — Quem pode fazer etnografia? —, diria que qualquer pesquisador culturalmente sensível pode fazê-la, embora minha resposta aos meus alunos seja: aquele que sente um grande desconforto na boca do estômago com algo que não vai bem na sociedade e que não passa por ele muito facilmente, isto é, se algum fenômeno social está “caindo mal” para você, este é o seu objeto de estudo (Mattos e Castro, 2011, p. 31).

Foi observando o cotidiano da sala de aula da escola em que atuo que pude perceber, através de minhas vivências e experiências, a forma como o preconceito racial e a intolerância, principalmente a religiosa de matriz afro-indígena, se fazem presentes na escola, me fazendo refletir sobre a responsabilidade social do ensino de História e sua contribuição como abordagem fundamental na construção do pensamento decolonial. Partindo destes pressupostos é que consideramos que:

Fazer etnografia, portanto, é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer etnografia é um pouco de doação de ciência, de dedicação e de alegria, de vigor e de mania, de estudo e de atenção. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais (Mattos e Castro, 2011, p. 45).

Escolhemos a realização desta envergadura por compreender a etnografia como uma abordagem metodológica que tem uma forma de coleta de dados que inclui diferentes formas de observação participante e entrevistas que podem fazer a interlocução entre as pessoas pesquisadas e a sala de aula. “Analisa-se a vida cotidiana e os conteúdos que dela emergem, e que são capazes de refletir questões mais amplas da organização social, entendendo o que os participantes dizem em seus significados de vida” (Larchert, 2017, p.125).

Entre as técnicas metodológicas que a pesquisa etnográfica nos proporciona, escolhemos trabalhar com entrevistas semiestruturadas, realizadas com rezadeiras e rezadores

da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, questionários com estudantes do 9º ano da EREF Dom Malan, diário de campo e a triangulação das informações obtidas.

O/a pesquisador/a que se propõe fazer pesquisa etnográfica precisa compreender os modos de fazê-lo, pois cada tema/problemática de pesquisa, entrevistado/a, lugar visitado, tem sua peculiaridade que precisa ser compreendida, respeitada, preservada e valorizada. Cabe a quem faz a pesquisa zelar pela ética ao realizar as entrevistas, transcrever seu conteúdo e, na análise dos resultados, manter constante vigilância para que suas convicções pessoais não interfiram na investigação.

É preciso saber ouvir para dar voz aos/as nossos/as interlocutores/as, perceber o lugar da pesquisa e compreender a sua dinâmica, o que lhe auxiliará na análise dos resultados, e sobretudo, ser empático/a se colocando no lugar do/a outro/a para aprender com ele/a. “Ao escrevermos uma narrativa, temos que colocar os atores como eles se apresentam sob a perspectiva deles” (Mattos e Castro, 2011, p. 64).

A realização das entrevistas, sempre que possível, deve acontecer em um ambiente onde o/a entrevistado/a se sinta à vontade para conversar e ir mais a fundo no tema abordado. O seu desdobramento se estrutura a partir de um processo de escuta, observação, interação e confiança, assim, o/a pesquisador/a se aproxima do universo estudado e coleta as informações necessárias para a pesquisa.

Não podemos deixar de levar em consideração os aspectos socioculturais do lugar onde a pesquisa se desenvolve: é fundamental a observação de como o cotidiano acontece, o modo de vida, os símbolos que estão embutidos nas falas, gestos, valores, crenças, costumes e tradições. Procurando fazer uma descrição dos significados culturais e sujeitos envolvidos na pesquisa.

Na análise dos resultados utilizamos o recurso conhecido como triangulação. Essa é uma técnica que permite o/a pesquisador/a comparar as diferentes fontes que subsidiaram a pesquisa, sejam elas: bibliográficas, orais, respostas a questionários, entre outras, com o intuito de confirmar, ou não, as hipóteses levantadas durante a pesquisa, assim, “legitimando” os objetivos alcançados pelo estudo. “Ao comparar concordâncias ou discrepâncias nas diferentes perspectivas, o pesquisador terá mais recursos para construir e validar sua teoria” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 62).

Por não ter um modelo “padronizado” de análise de dados, a etnografia nos permite recorrer à criatividade, à sensibilidade, às experiências pessoais e às percepções as quais a prática em sala de aula nos oferece para tentar compreender os detalhes, os conteúdos e os

significados para “ler nas entrelinhas” das entrevistas, das respostas dos questionários e observação dos comportamentos durante as oficinas.

Nesse momento o pesquisador vai fazer uma “leitura” interpretativa dos dados, recorrendo sem dúvida aos pressupostos teóricos do estudo, mas também às suas intuições, aos seus sentimentos, enfim à sua sensibilidade. É esse movimento de vaivém da empiria para a teoria, e novamente para a empiria, que vai tornando possível a descoberta de novos conhecimentos (André, 1995, p. 53).

A proposta da análise dos dados é incentivar que mais professores/as se tornem pesquisadores/as, pois somente quem está na escola é capaz de modificá-la, repensar a prática pedagógica e as relações interpessoais construídas em sala de aula, criando e reinventando novas metodologias de ensino que se enquadrem dentro do universo dos/as estudantes daquele ambiente.

Mesmo a pesquisa se passando em uma esfera micro (sala de aula), sua contribuição é multifacetada e abrange um leque de possibilidade que podem interferir positivamente na comunidade escolar, nos contextos sociais e familiares e na construção do ensino/aprendizagem dos/as estudantes.

Esta pesquisa se desenvolveu em três etapas: na primeira contamos com a colaboração das/os rezadeiras e rezadores, duas/dois de cada comunidade, totalizando seis colaboradoras/es, que compartilharam conosco suas memórias sobre os saberes da tradição afro-indígena na arte de cura. Na segunda transcrevemos as entrevistas, observando as vivências/experiências nos rituais de cura, auxiliadas pelo diário de campo, e elaboramos as oficinas a partir de temas eixo da dissertação. Na terceira, realizamos sequência didática e oficinas temáticas com os da EREF Dom Malan, que subsidiaram o caderno ecopedagógico, produto final da nossa pesquisa.

Utilizamos, como instrumento de coleta de dados com as rezadeiras e os rezadores, a técnica da entrevista semiestruturada e flexível, a observação analítica dos espaços e o diário de campo. Estas ferramentas nos permitiram aprofundamento na realidade conforme os direcionamentos da pesquisa, uma vez que tais recursos nos possibilitaram conhecer as vivências cotidianas das comunidades pesquisadas.

A escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que tem estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes, como, por exemplo, um período determinado cronologicamente, uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicos. Nesses casos, o tema pode ser de alguma forma “extraído” da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas (Alberti, 2005, p. 38).

Fizemos uso da história oral como fonte histórica documental por compreendemos a entrevista como instrumento capaz de recolher “dados descritivos” na linguagem do próprio sujeito, “permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Larchert, 2017, p.131).

Existem pelo menos dois motivos que justificam a realização de entrevistas durante a pesquisa de campo etnográfica. Um deles está relacionado à produção de dados textuais que representam diretamente a perspectiva dos sujeitos da pesquisa. O outro diz respeito à necessidade de informação sobre as pessoas, contextos sociais, rituais ou cenas, que não são utilizados como único material para análise em profundidade, mas como importante ferramenta para o exame dos fatos protocolados pelo pesquisador durante a estadia no campo (PFAFF, 2013 p.259).

A observação nos permitiu interagir com a dinâmica social, mostrando que pesquisa etnográfica depende da construção de uma relação de confiança/harmonia entre o pesquisador/a e as pessoas do campo investigado. Seguimos a linha metodológica de Macedo (2010), baseada nas técnicas de entrevistas de inspiração etnossociológica:

A primeira visa elaborar uma *narrativa de vida* (uma autobiografia). Aqui o pesquisador se esforça para aprender as experiências que marcam de maneira significativa a vida de alguém e a “definição” das experiências pela própria pessoa. O segundo tipo é destinado ao conhecimento de acontecimentos e de atividades que não são diretamente observáveis. Pede-se às pessoas para descrever interpretando realidades e como essas realidades são percebidas por outras pessoas. O terceiro tipo aproxima-se bastante do recurso metodológico das ciências sociais denominado *grupo nominal* ou *focal*, propõe-se que mediante questões abertas sejam obtidas informações de um número um tanto quanto elevado de pessoas no tempo relativamente breve (Macedo, 2010, p. 105 – 106).

Observando os critérios aqui expostos, estruturamos as entrevistas seguindo todas as recomendações, após aprovação do projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UEPB e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, respeitando os aspectos éticos da pesquisa preconizados pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/CNS/MS, procurando minimizar os riscos que se materializam na possibilidade de causar constrangimento aos participantes, seguindo o protocolo da pesquisa, que inclui assegurar o sigilo dos dados coletados, evitando vazamento e outros incidentes.

### **2.3 Vozes que articulam saberes: interlocutores da pesquisa**

Para a realização de uma pesquisa é preciso contar com uma teia de colaboradores/as que auxiliam principalmente no processo de coleta de dados, e, para que esse estudo

acontecesse, foi necessário firmar parcerias dentro das comunidades tradicionais pesquisadas e na EREF Dom Malan.

Tivemos o apoio das lideranças da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, que nos apresentaram às rezadeiras e aos rezadores e, assim, conseguimos entrevistar duas/dois de cada comunidade.

A geração e análise de dados desse trabalho se iniciou a partir da transcrição sistemática das entrevistas realizadas nas comunidades. Iniciamos as entrevistas com perguntas relacionadas a dados de identificação, em seguida questionamos como iniciaram o ofício de rezadeira e rezador e a importância da prática de benzeção para a comunidade.

Apresentamos a seguir os dados de identificação das rezadeiras e rezadores.

**Quadro 01:** Informações gerais sobre os/as entrevistados/as

<b>Nome</b>	<b>Comunidade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Religião que pratica</b>
Maria de Fátima Ana dos Santos	Santana	Fundamental Incompleto	Agricultora	Católica
Maria de Fátima Simplício de Barros Pereira	Santana	Fundamental Incompleto	Agricultora Costureira	Católica
Luzia Maria da Silva	Aldeia Curtume	Fundamental Incompleto	Agricultora Merendeira	Católica e Religião Indígena
Alsandro Marcionílio da Silva	Aldeia Mulungu	Pós-graduado	Agricultor Professor	Religião Indígena
Maria Antônia da Silva	Conceição das Crioulas	Normal Médio	Agricultora	Católica
João Virgulino da Silva	Conceição das Crioulas	Não estudou na educação formal. Aprendeu a “carta” do ABC	Agricultor	Católica

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

O primeiro contato que fizemos foi com as lideranças da comunidade quilombola de Santana. Recebemos o auxílio de Maria Aparecida Souza, professora, liderança da Associação dos Moradores Quilombolas de Santana (AMQS), a mesma, na ocasião, exercia a função de diretora adjunta na escola Joaquim Barboza de Maria, escola do 5º Distrito (Pau-Ferro) onde os/as estudantes da comunidade estudam, e do professor Pedro Fernando dos Santos (Pedrinho

Quilombola) que nos forneceu fotos da comunidade e uma cópia da sua dissertação de mestrado intitulada *Memórias que educam: narrativas de velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição*, defendida no programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Realizamos a primeira entrevista na comunidade quilombola de Santana, na ocasião contamos com o intermédio de Aparecida, previamente ela conversou com a rezadeira Maria de Fátima Ana dos Santos, antecipando o tema da pesquisa e perguntando se poderíamos entrevistá-la. Após o seu consentimento ela nos forneceu o número do telefone e agendamos a visita para o dia 27/08/2022.

A entrevista aconteceu com dificuldade devido ao dia chuvoso e ao fato da estrada que leva ao 5º Distrito estar em manutenção à época, impossibilitando a nossa passagem. Seguimos pelo caminho usado pelos caminhões que fazem a manutenção do canal da Transposição do Rio São Francisco, indicado por um motociclista que passava no local e acabamos nos perdendo. Após quase duas horas, conseguimos chegar à comunidade.

**Figura 01:** Da esquerda para a direita a rezadeira Fátima Simplício, a rezadeira Fátima Ana e a pesquisadora Raphaela Hildita



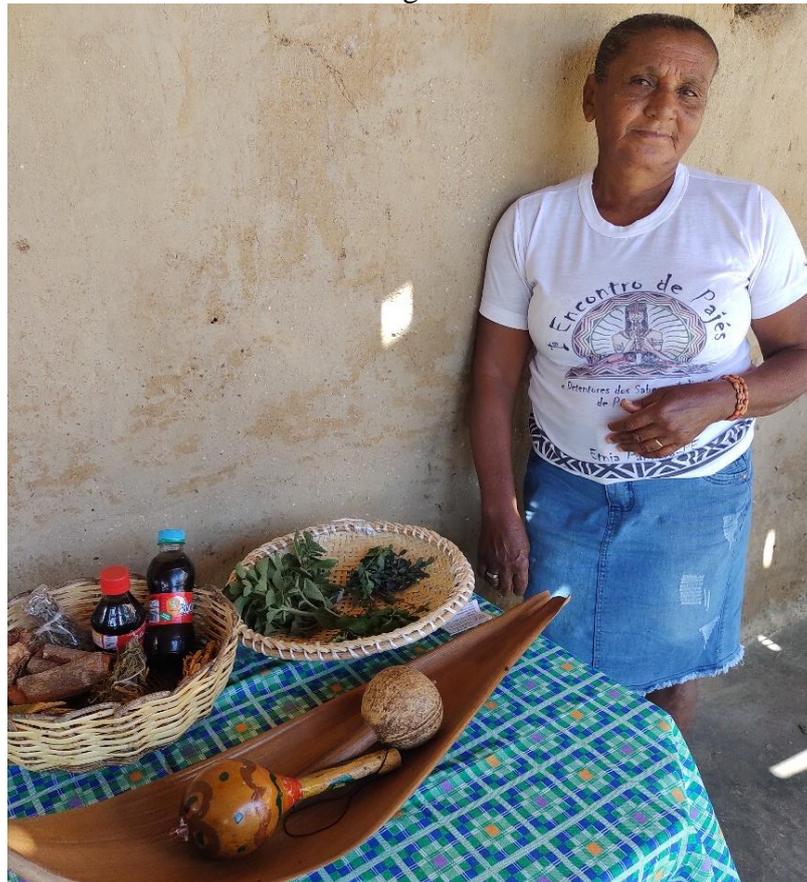
**Fonte:** Acervo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

A entrevistada nos recebeu no quintal de sua casa, embaixo da sombra de uma mangueira, e mesmo com todo atraso foi muito prestativa, respondendo todas as perguntas e para nossa surpresa nos levou à casa de outra rezadeira, Maria de Fátima Pereira, que nos recebeu de forma bem prestativa, participando também de nossa pesquisa.

O interessante é que as duas não nasceram na comunidade, mas foram acolhidas por terem se casado com membros da comunidade, e hoje contribuem exercendo a função de rezadeiras “substituindo” as rezadeiras mais idosas.

Na semana seguinte seguimos para a aldeia indígena Atikum, onde tivemos a colaboração de Maria das Graças da Silva, conhecida como Graça Atikum, liderança jovem e professora da escola da comunidade, que em 03/09/2022 nos guiou dentro das aldeias Curtume e Mulungu nos apresentado à rezadeira Luzia Maria da Silva e à sua filha Edvânia/Lindaura (Lindaura é o nome pelo qual Edvânia é chamada na aldeia) que, na ocasião, estava presente durante a entrevista. D. Luzia é uma das anciãs e por muito tempo fez parte do Conselho da Saúde dentro aldeia Curtume, hoje quem está assumindo o papel no Conselho é sua filha Edvânia.

**Figura 02:** A rezadeira Luzia Vieira com algumas ervas medicinais e lambedores



**Fonte:** Acervo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Fomos recepcionados com alegria no alpendre de sua casa com uma mesa contendo duas cestas trançadas pelas artesãs da comunidade, ervas medicinais e lambedores, além disso, dois maracás e chá de jatobá.

Em seguida seguimos até a casa do rezador Alsandro Marcionílio da Silva na aldeia Mulungu, no caminho Graça me explicava como acontece a divisão das aldeias no território indígena, que pode ter como fronteira uma árvore, um córrego, um riacho, entre outros.

Alsandro nos esperava sorridente no alpendre de sua casa, vestido uma camisa com o símbolo da comunidade e usando cocá, vale salientar que é o rezador mais jovem da comunidade. Através dessas vivências pudemos ter duas visões bem diferentes sobre o ofício da rezadeira e do rezador.

**Figura 03:** O rezador Alsandro Marcionílio



**Fonte:** Acervo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, contamos com o apoio de Jocicleide Valdeci de Oliveira, professora da comunidade. As entrevistas em Conceição das Crioulas aconteceram em dois momentos: o primeiro na tarde de 03/09/2022 Jocicleide nos levou à casa da rezadeira Maria Antônia da Silva, e, posteriormente, em 15/10/2022,

entrevistamos o rezador João Virgulino da Silva. Vale salientar que D. Antônia aprendeu a rezar com Sr. João Virgulino e o indicou para ser entrevistado.

A casa da rezadeira Maria Antônia se localiza na Vila União, bairro que ganhou esse nome por suas casas serem erguidas a partir da iniciativa das mulheres locais. D. Antônia, muito simpática, nos recebeu de forma calorosa em sua casa. Realizamos a entrevista na sala da residência.

**Figura 04:** Da esquerda para a direita a rezadeira Maria Antônia e a pesquisadora Raphaela Hildita



**Fonte:** Acervo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Retornamos à Conceição das Crioulas para entrevistar o rezador João Virgulino da Silva. Fomos levados por Jocicleide a um roçado próximo à Vila de Conceição das Crioulas, onde o senhor João Virgulino nos aguardava limpando o terreno. Lurdinha Quilombola, filha dele, que é professora, artesã e liderança da comunidade, nos acompanhou na ocasião.

Antes da entrevista começar, Sr. João Virgulino fez questão de explicar que tinha apelidado o local de “celular”, por ser uma faixa de terra pequena e onde em muitas ocasiões ele fazia o cultivo e o arado da terra sentado no chão devido a um problema de coluna que limita o manuseio da enxada. A entrevista aconteceu debaixo da sombra de uma algarobeira.

Lurdinha nos preparou um almoço, que comemos junto com a família no roçado. Na hora da refeição, chegou Valdeci, outra filha dele e mãe de Jocicleide, para nos fazer companhia. No decorrer da tarde pudemos conversar sobre a dinâmica da comunidade e compreender um pouco mais sobre seus modos de viver na localidade.

**Figura 05:** O rezador João Virgulino rezando para dor de cabeça a pesquisadora Raphaela Hildita



**Fonte:** Acervo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Procuramos realizar as entrevistas nos ambientes onde as rezadeiras e os rezadores se sentissem mais confortáveis para conversar, utilizando como ferramenta de gravação de áudio o aparelho de celular, com o intuito de não inibir os/as entrevistados/as. Antes da realização das entrevistas explicamos o tema e objetivos da pesquisa, e por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, precisamos submeter o trabalho ao CONEP e, por isso, era preciso que se assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e somente após o esclarecimento de todas as dúvidas e a assinatura do TCLE é que iniciávamos as perguntas.

Nosso intuito era que as entrevistas acontecessem em um intervalo menor de tempo, contudo o período de campanha eleitoral no país coincidiu com o cronograma que inicialmente tínhamos elaborado para a realização da pesquisa, e tivemos que refazer os agendamentos conforme a disponibilidade das lideranças que nos guiaram na comunidade.

Em seguida firmamos parceria na EREF Dom Malan. Apresentamos o projeto à equipe gestora que, após aprovação e assinatura do Termo de Autorização Institucional (TAI) nos possibilitaram a aplicação dos questionários e a realização das oficinas nas turmas do 9º ano A e B.

O TAI é o documento com o qual nos comprometemos a entregar toda documentação relativa a este trabalho em duas vias (sendo uma em CD e outra em papel) à instituição sediadora da pesquisa, que também arquivará o material por cinco anos, de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Após assinatura do TAI fomos conversar com os/as estudantes das turmas do 9º A e B, para saber da receptividade deles/as em participarem da pesquisa. As turmas se mostraram interessadas e queriam compreender mais a respeito dos procedimentos metodológicos de uma pesquisa científica e quais iríamos utilizar para a realização desse trabalho.

Tivemos a oportunidade de conviver/lecionar a essas turmas pelo período de 2019 a 2022, acompanhando suas trajetórias do 6º ao 9º ano. E, ao pensarmos em uma forma de contribuir com a escola e na construção do Projeto de Vida desses/as estudantes, surgiu a inquietação para repensar as relações étnico-culturais e valorizar a história local e o ensino de História.

Ter vivido a experiência de ir às comunidades realizar as entrevistas nos fez observar a história do município por outra ótica. Existem muitos conhecimentos que ainda faltam serem estudados em sala de sala, o que só aumenta nossa responsabilidade de trazer essa discussão para nossas aulas.

## **2.4 Itinerário das fontes de pesquisa**

Paralelo ao período de transcrição das entrevistas, foi aplicado no dia 09/09/2022, um questionário diagnóstico nas turmas de 9º ano A e B da EREF Dom Malan, com doze perguntas para compreender os conhecimentos prévios do grupo focal.

O questionário foi dividido em duas partes: a primeira com os dados de identificação e a segunda com perguntas que sondaram o que os/as estudantes sabiam sobre o ofício das rezadeiras e rezadores, a aldeia indígena Atikum, as comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana e qual a importância de estudar, nas aulas de História, os saberes das comunidades tradicionais da cidade de Salgueiro/PE. As respostas foram tabuladas e, com base na análise dos resultados, elaboramos quatro oficinas.

Para compreender melhor o contexto social e a religiosidade dos/as estudantes montamos um perfil de identificação das turmas com base nas respostas do questionário diagnóstico. Responderam ao questionário os sessenta e dois estudantes matriculados/as no 9º ano (trinta e dois na turma A e trinta na turma B). Segue abaixo a síntese das respostas da primeira parte do questionário diagnóstico da turma do 9º ano A:

**Quadro 02:** Dados de identificação da turma do 9º ano A da EREF Dom Malan 2022.

<b>TURMA: 9º ANO A</b>	
<b>ITEM QUESTIONADO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 16 estudantes responderam 14 anos,</li> <li>• 14 estudantes responderam 15 anos,</li> <li>• 02 estudantes responderam 16 anos.</li> </ul>
GÊNERO/SEXO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 15 se declararam feminino,</li> <li>• 16 se declararam masculino,</li> <li>• 01 se declara com o gênero não binário.</li> </ul>
ETNIA/COR	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 02 se declararam amarelos,</li> <li>• 07 se declararam brancos,</li> <li>• 01 se declarou indígena,</li> <li>• 17 se declararam pardos,</li> <li>• 05 se declararam pretos.</li> </ul>
ENDEREÇO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 30 residem na área urbana do município,</li> <li>• 02 na área rural. do município.</li> </ul>
RELIGIÃO QUE PRÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 se declararam católicos,</li> <li>• 03 se declararam evangélicos,</li> <li>• 01 se declarou cristão,</li> <li>• 01 se declarou agnóstico,</li> <li>• 01 se declarou espiritualista cristã,</li> <li>• 01 se declarou ateu,</li> <li>• 02 declararam que só acreditam em Deus,</li> <li>• 03 declararam que não possuem religião,</li> <li>• 01 não respondeu.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Ao analisarmos os resultados da turma A, observamos que a maioria dos/as estudantes estavam na faixa etária correspondente à modalidade de ensino, existindo um equilíbrio entre o número de estudantes do sexo masculino e feminino, contudo, no item que fala sobre a etnia eles/as demonstraram bastante dúvidas na hora de responder ao questionário, por isso foi preciso uma explicação prévia.

A maioria reside na área urbana e os dois que declararam moradia na área rural fazem uso de transporte escolar para chegarem à escola.

Apresentaram uma pluralidade religiosa, porém a predominância são as religiões cristãs e não houve declarantes de religiões de matiz afro-brasileira ou indígena.

As respostas dos/as estudantes da turma do 9º ano B apresentaram algumas diferenças em relação as da turma A:

**Quadro 03:** Dados de identificação da turma do 9º ano B da EREF Dom Malan 2022  
**TURMA: 9º ANO B**

<b>ITEM QUESTIONADO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IDADE	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 18 estudantes responderam 14 anos,</li> <li>• 08 estudantes responderam 15 anos,</li> <li>• 03 estudantes responderam 16 anos,</li> <li>• 01 estudante respondeu 17 anos.</li> </ul>
GÊNERO/SEXO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 18 se declararam feminino.</li> <li>• 11 se declararam masculino.</li> <li>• 01 se declara com o gênero não binário.</li> </ul>
ETNIA/COR	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 04 se declararam amarelos,</li> <li>• 06 se declararam brancos,</li> <li>• 15 se declararam pardos,</li> <li>• 05 se declararam pretos.</li> </ul>
ENDEREÇO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 30 residem na área urbana do município.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 15 se declararam católicos,</li> <li>• 03 se declararam evangélicos,</li> <li>• 01 se declarou agnóstico,</li> <li>• 01 se declarou satanista de Lavey,</li> <li>• 01 se declarou ateu,</li> </ul>

RELIGIÃO QUE PRÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 declarou cético,</li> <li>• 06 declararam que não possuem religião,</li> <li>• 02 não responderam.</li> </ul>
-------------------------	---

**Fonte:** Elaborada pela autora (2022).

Na análise dos resultados da turma B observamos, como na turma A, a maioria dos/as estudantes estavam na faixa etária correspondente à modalidade de ensino, entretanto os dois mais velhos, com idades de 16 e 17 anos, eram estudantes com deficiência, uma realidade diferente da turma A.

Outra diferença, é a maioria das estudantes dessa turma são do sexo feminino e todos/as residem na área urbana. No item que fala sobre a etnia eles/as demonstraram dúvidas na hora de responder ao questionário e foi preciso fazer uma explicação prévia. Mesmo a maioria se declarando cristãos, observamos um número maior de céticos e novamente não houve declarantes de religiões de matiz afro-brasileira ou indígena.

A ideia inicial dessas perguntas era compreender como os/as estudantes se auto declaravam etnicamente e religiosamente para, a partir daí, discutirmos os aspectos que tratem da identidade étnica e pluralidade religiosa, temas transversais da pesquisa, em nossas oficinas.

Cada oficina e a aplicação do questionário teve duração de 01 hora aula (50 minutos) e foram realizadas após esclarecer aos estudantes e seus respectivos responsáveis o tema, objetivos e justificativa da pesquisa e após a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) por parte dos/as estudantes e do TCLE pelos/as responsáveis pelos menores.

A colaboração dos/as estudantes, que gentilmente responderam aos questionários e participaram das oficinas, foi fundamental para a realização desse trabalho. Com as respostas ao questionário inicial traçamos o perfil das turmas e pudemos compreender os conhecimentos prévios dos/as estudantes a respeito do tema da dissertação. Com base neles também estruturamos as oficinas.

O planejamento das oficinas teve como princípio metodológico a promoção de uma aprendizagem transdisciplinar baseada na ecologia dos saberes, que visa proporcionar a integração dos saberes através do conhecimento empírico existente nas práticas de cura afro-indígenas e na ecopedagogia, com a “finalidade de reorientar o olhar do ser humano para o seu eu, suas ações, seu cotidiano e para o outro, chamando a atenção para a interdependência que une a todos” (Nepomoceno, 2019, p. 35), pondo em prática a proposta de nossa pesquisa atrelada ao que está previsto nas Leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

Nessa perspectiva, a inclusão de todos/as estudantes foi um fator primordial que buscamos trazer para a didática das atividades. Procuramos fazer um planejamento no qual todos/as pudessem participar, com ou sem necessidades educacionais especiais, adaptável a todas as séries do Ensino Fundamental Anos Finais e o qual o/a professor/a pudesse utilizar, com ou sem o auxílio de equipamentos tecnológicos.

Nossa motivação para planejar através dessa ótica vem a partir da experiência adquirida em sala de aula com a turma que foi o *locus* de nossa pesquisa e, dentre os estudantes dessas turmas, tínhamos um com transtorno do espectro autista e uma com baixa visão. Graças a essas vivências pudemos mudar nossa percepção sobre os modos de trabalhar a inclusão em sala de aula.

Sistematizamos as atividades das oficinas em forma de sequência didática, fazendo dialogar os saberes tradicionais com as disciplinas da Base Curricular Comum e com o Currículo de Pernambuco.

A primeira atividade une a História do Brasil Colônia e o gênero textual narrativo; a segunda atividade une a história de Salgueiro/PE e Geografia; a terceira atividade, a história das comunidades tradicionais de Salgueiro/PE atrelada à história de vida das rezadeiras e rezadores, leitura e interpretação de texto; e a quarta atividade entrelaça relações étnico-raciais, artes e gênero textual informativo (cartaz).

Após a realização da sequência didática, aplicamos outro questionário com o intuito de analisar se os/as estudantes gostaram de realizar as atividades e se conseguiram aprender o que foi proposto nas oficinas. Uma parte das questões foram direcionadas ao que eles/as tinham aprendido sobre as comunidades e as outras perguntas, sobre a aplicabilidade dos saberes das rezadeiras e rezadores e as práticas de cura no ensino de História.

O questionário final serviu para a validação de nossa proposta pedagógica e confirmação que o material elaborado é formativo e contribui para o ensino de História.

Na medida em que o contato com as comunidades foi sendo realizado, as entrevistas aconteceram, o questionário foi aplicado nas turmas de 9º ano e as oficinas foram realizadas, fizemos uso do diário de campo, no qual registramos os aspectos positivos e negativos de cada etapa desenvolvida durante a pesquisa.

Anotamos a descrição do local onde as entrevistas aconteceram, as aventuras e desventuras durante as viagens às comunidades, os termos e gestos utilizados, os comportamentos dos/as estudantes em sala de aula e as sensações e sentimentos da experiência em fazer a pesquisa.

Em geral, a prática de escrita de um diário de campo possibilita ao pesquisador compreender como o seu imaginário está implicado no labor da pesquisa; quais seus *atos falhos*; quais os verdadeiros investimentos que ali estão sendo elaborados. É um esforço para tornar-se cômico da caminhada, do processo pessoal co-construído da produção, portanto, é um potente instrumento de formação no campo da investigação em ciências antropológicas e da educação (Macedo, 2010, p. 133 – 134).

O diário de campo possibilitou uma releitura sobre os dados coletados, pois permitiu captarmos uma variedade de fatos que não foram ditos com palavras, o que tornou a pesquisa uma observação participante. Em contato direto com as comunidades, pudemos observar e obter informações sobre a realidade das rezadeiras e rezadores. Apenas através de imersão no contexto social é que adquirimos e relatamos o conteúdo dessas interações.

Além das entrevistas, questionários e diário de campo, fizemos uso de fontes bibliográficas para a elaboração das oficinas. Estudamos a BNCC (2017), o Currículo de Pernambuco (2019), e o PPP da EREF Dom Malan (2022). Respeitando as especificidades desses documentos, organizamos nosso planejamento e embasamento teórico.

No próximo capítulo iremos caracterizar a aldeia indígena Atikum e as comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, demonstrando os aspectos que reconhecem essas localidades como povos tradicionais.

### **3 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA TRADIÇÃO: HISTÓRIA E LUTA DOS POVOS INDÍGENA E QUILOMBOLAS EM SALGUEIRO/PE**

Este capítulo caracteriza os aspectos socioculturais, políticos e econômicos da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, todas localizadas no município de Salgueiro/PE.

#### **3.1 Conceição das Crioulas: Nas trilhas dos saberes indígenas e quilombolas**

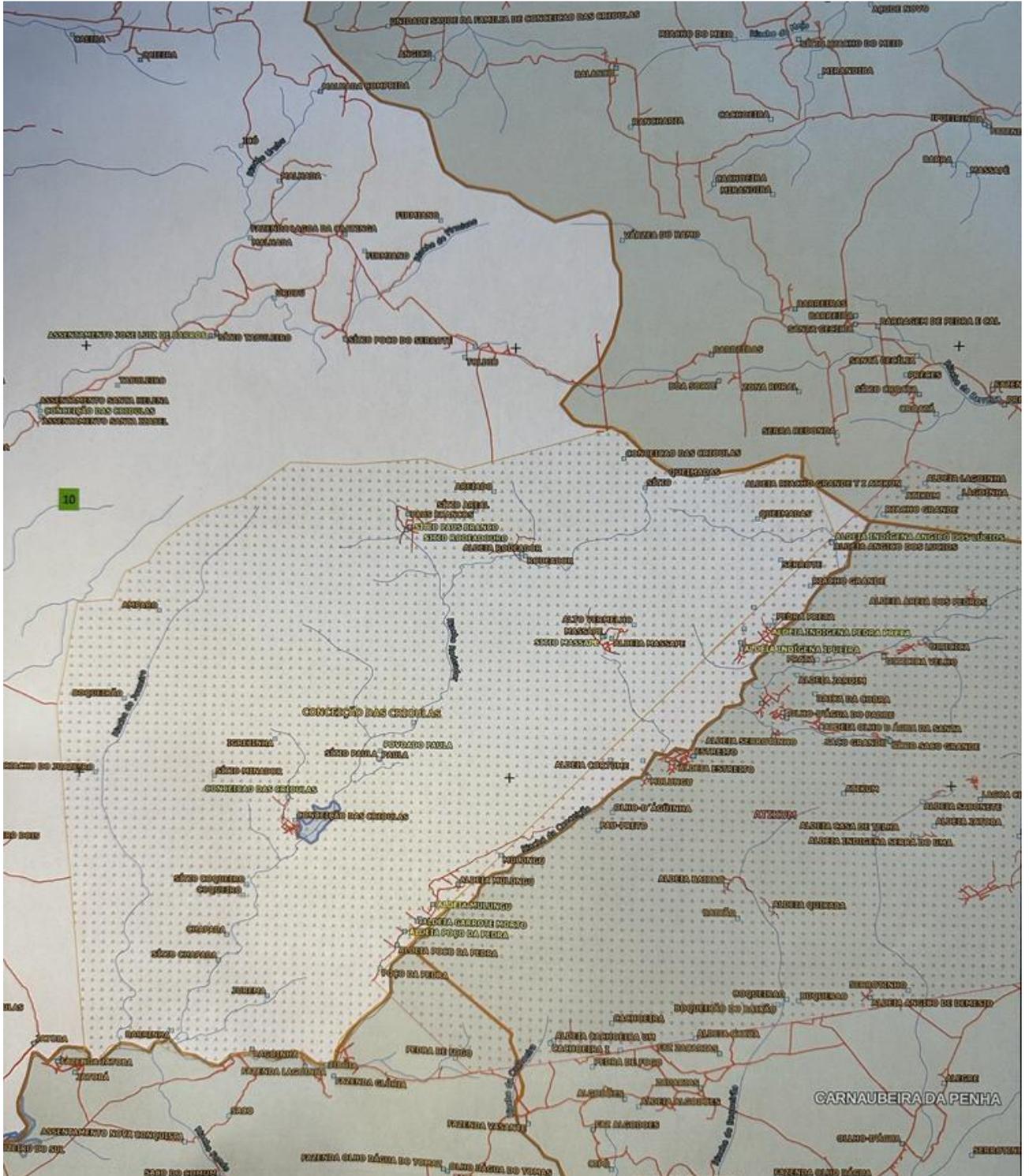
Salgueiro é considerada a encruzilhada do sertão por fazer fronteira com o Estado do Ceará, permitindo o acesso para os estados do Piauí, Paraíba e Bahia. Sua extensão territorial, conforme dados do IBGE 2020, é de 1.678.564km<sup>2</sup>, e a cidade está subdividida da seguinte forma: Sede, 2º Distrito – Conceição das Crioulas (está localizado o território do povo indígena Atikum e o território da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas), 3º Distrito – Umãs, 4º Distrito – Vasques e 5º Distrito – Pau Ferro (onde está localizado a maior parte do território da Comunidade Quilombola de Santana).

A área do 2º Distrito está localizada a aproximadamente 41,5 quilômetros da sede do município, sendo habitada por população indígena e quilombola. Esses povos dividem de forma harmoniosa o território e a ancestralidade, sem registros de conflitos entre eles.

É possível perceber que não há como falar de um povo sem reconhecer esse entrelaçamento que existe entre o povo quilombola e o povo indígena Atikum, que ora se junta pela sanguinidade, pela fé, pelos costumes que chegam a se misturar, ora por outras relações que, ao longo do tempo, tornaram-se comuns entre os dois povos, sobretudo pelas relações constituídas historicamente, de casamentos cruzados, jeitos de cultivar as terras, entre outros (Silva, 2012, p. 19 – 20).

Segundo a história oral, o povoamento da Serra do Umã (também denominada de Serra das Crioulas) é anterior à fundação de Salgueiro (sede), contudo, após a emancipação política do município, a região foi anexada como 2º Distrito. Seus limites territoriais entre esses povos são demarcados por simbologias locais, podendo ser uma árvore, um córrego, entre outros.

**Figura 06:** Destaque para a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas e Aldeia Indígena Atikum



Fonte: IBGE (2022).

Os Atikum são uma etnia indígena que vive sertão pernambucano, na Serra do Umã e em seus arredores. Seu território está localizado na fronteira dos municípios de Salgueiro, Mirandiba, Carnaubeira da Penha e Belém do São Francisco.

No município de Salgueiro estão onze aldeias: Angico dos Lúcius, Curtume, Garrote Morto, Ipueira, Lagoinha, Massapê, Mulungu, Paus Brancos, Poço da Pedra, Riacho Grande e Rodeador.

Segundo o livro *História e Memórias do Povo Atikum*, lançado pela Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco em 2022, o povo Atikum Umã reporta sua origem a mais de 500 anos. Mesmo passando por transformações em contato com os não indígenas, essas mudanças os moldaram, tornando-os esse povo guerreiro e resiliente que vive em solo brasileiro antes mesmo da chegada dos portugueses (Lima, 2022).

**Figura 07:** Vista parcial da Serra do Umã, onde está localizada a Aldeia Indígena Atikum



**Fonte:** Arquivo pessoal de Graça Atikum (2022).

Existem relatos de 1670 que citam os ancestrais dos Atikum, tais como: Aratikum Umã e suas variações, em uma Missão Jesuíta em Rodelas/BA chefiada pelo frei Francisco Domfront que reuniu as nações indígenas dos sertões pernambucanos. O domínio dos capuchinhos franceses durou até 1696, quando enviaram cartas solicitando demarcação dos territórios (Lima, 2022).

A luta por demarcação de terras e reconhecimento dessa população perdurou por séculos. A partir da passagem do século XVII para o XX, essa região geográfica foi palco de

muitos conflitos entre indígenas e fazendeiros que gradualmente invadiram as terras expulsando os povos originários de seu território.

A década de 1930 marcou o início de um movimento político que buscava o reconhecimento dos povos indígenas e a demarcação de seus territórios. Dentre os seus organizadores estavam as lideranças do povo Tuxá, de Rodelas/BA, que contribuíam no sentido de organizar os rituais os quais caracterizam a identidade indígena. Como fruto dessa ação vieram o reconhecimento de alguns povos indígenas em Pernambuco: os Pankararu em Brejo dos Padres, em 1937, os Truká, em meados da década de 1940 e os Pataxó e Kariri Xocó, em 1944.

No início dos anos 1940, os membros da aldeia Atikum afirmando-se descendentes de povos originários e com o auxílio do povo Tuxá, reivindicaram a criação de uma reserva indígena na Serra do Umã. Procuraram o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) que impôs a demonstração de um ritual de Toré, que atestaria a “consciência étnica” da aldeia.

No ano de 1943 um grupo de índios da Serra Umã procurou o SPI, em Recife, para o reconhecimento do seu povo como indígena a fim de, desta forma, diminuir as cobranças de impostos por parte do município de Floresta e na tentativa de diminuir a intrusão dos fazendeiros em seus territórios. Neste momento, são informados que, para serem reconhecidos precisam apresentar uma dança ou ritual que os represente. Em 1946, o fiscal do SPI compareceu à Serra do Umã e encontra um grupo de mais de 1800 índios. Esse fiscal assiste então à apresentação e faz carta de recomendação para o reconhecimento. Os índios Atikum foram reconhecidos a partir de 21/06/1946 (Lima, 2022, p. 26 e 27).

Em 1949 foi fundado o Posto Indígena na Serra do Umã, havendo a elevação dos Atikum à categoria de índios oficialmente reconhecidos pelo Estado Nacional. No final da década de 1980 eles organizaram a primeira associação de trabalhadores rurais do município de Salgueiro: a Associação dos Pequenos Produtores Agrícolas do Poço da Pedra, inicialmente com três aldeias (Poço da Pedra, Garrote Morto e Mulungu) e em menos de dois anos todo o território indígena tinha sua organização representativa. Em 2018 foi formada a Associação Indígena de Agricultores de Poço da Pedra (ASPAPP).

Sua organização social e política é feita por caciques, cacicas, pajés, anciões e anciãs que, baseados/as nos costumes, tradições, religiosidade, crenças e na língua falada, orientam os modos de viver dentro da aldeia. O cacique, é o líder político das aldeias, atualmente o povo Atikum tem seis caciques e uma cacica. Aldenor Manoel de Oliveira é o cacique de Atikum Salgueiro.

Até o ano de 2018 a escolha de cacique era transmitida de geração em geração, atualmente a escolha é feita através de assembleias. Devido à extensão territorial e ao número

de aldeias que compõem o povo Atikum, houve a necessidade de descentralizar o poder do cacique para que, assim, fosse possível atender às necessidades do povo.

Vale destacar que o povo Atikum foi o primeiro que se tem notícia na história do Brasil, a ter uma mulher exercendo a função de cacica. A cacica Ana Olindina da Conceição, em 1995 assumiu o cacicado. Com um olhar sensível para os problemas da comunidade, ela lutou pela homologação da Terra Indígena Atikum, em 16.290 hectares, no ano de 1996, conseguiu a implementação do Posto de Saúde com equipe multifuncional para atender o povo dentro da aldeia e buscou a regulamentação para que nas escolas tivessem apenas professores e professoras indígenas. Além do cacicado, era parteira e benzedeira, contribuindo para a manutenção das tradições e costumes da comunidade.

**Figura 08:** Cacica Ana Olindina da Conceição



**Fonte:** <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/dona-ana/> (2022).

O Pajé é o líder espiritual, o “enfrentante” do ritual sagrado, que cuida das questões voltadas para a religião indígena, podendo ser tanto homem como mulher. Pajés já nascem com o dom e as habilidades de lidar com as forças encantadas, as orações, o momento de dançar o Toré. Eles ensinam as gerações mais novas para que no futuro a tradição seja mantida.

Os encontros de Pajés são denominados Pajelanças. Nesses momentos os/as mais velhos/as, aqueles/as que já vem há muito tempo de posse de seu dom, se juntam em um lugar

reservado no meio da mata, em seu lugar sagrado, com o intuito de invocarem os encantados de luz e, assim, buscarem seus ensinamentos e os “avisos dos encantados”. A partir desses encontros, as decisões referentes à religião indígena são tomadas e, quando necessário, o próximo pajé é escolhido. Contudo, para exercer a função, o/a designado/a deve conhecer a medicina tradicional. O ato se dá por nomeação: o/a mais velho/a escolhe o mais novo/a.

Apesar da influência do catolicismo e do aumento das igrejas evangélicas nos territórios indígenas, uma das especificidades que caracteriza o povo Atikum como grupo étnico é a religião indígena, também denominada como “ciência do índio”. Em suas orações, principalmente nas que buscam a cura, e nos toantes de Toré, eles recorrem aos “encantados de luz”, às “forças ocultas” e à “ciência encantada”, e isto mantém viva a tradição através da oralidade.

Caracterizadas pela aproximação com a natureza e pelo manuseio de plantas medicinais, as informações são repassadas através de saberes tradicionais em práticas intergeracionais de pajés, caciques, cacicas, curandeiros, parteiras, rezadeiras, rezadores, mezinheiras e mezinheiros.

Para nossos ancestrais, cada elemento e força da natureza representava um deus. Isso é o que, desde o princípio, na antiguidade do nosso povo, era levado em conta como religião. Porém, houve muitas mudanças com a chegada dos europeus, com muitas tentativas de destruição da nossa cultura e com a convivência com outros povos. Mesmo assim, persiste a fé e a crença natural. Temos como base religiosa a natureza, a mãe terra, o vento, a água, o sol, as matas, os lugares sagrados, os animais e a espiritualidade, pois, acreditamos na força dos encantados. A mata sagrada é fonte de vida, ciência, resistência e morada dos encantados. Dela fazemos o anjúcá, a jurema e trabalhamos a nossa ciência através das ervas medicinais (Lima, 2022, p. 43).

O Toré, para os Atikum, é mais que uma prática ritual, é uma manifestação religiosa e cultural de grande importância para os indígenas, envolvendo tradição, música e invocação/aconselhamento a forças sagradas interligadas com elementos da natureza.

Toré e jurema são os dois principais ícones da indianidade nordestina. São elementos culturais que, embora não exclusivos das sociedades indígenas, codificam a autoctonia dos índios da região Nordeste do Brasil. O toré é uma tradição indígena de difícil demonstração substantiva por conta da variação semântica e das diversas formas de suas realizações práticas entre as sociedades indígenas e fora delas. Trata-se, a princípio, de uma dança ritual que consagra o grupo étnico (Grünwald, 2008, p. 43).

Nos rituais sagrados também é comum o uso da Jurema, que pode ser uma planta, uma bebida ou uma entidade. Essa característica reafirma a ligação entre o sagrado e os elementos

da natureza e também é um sincretismo com as religiões de matriz africana que também fazem uso da Jurema.

Das cascas das raízes dessas plantas são elaboradas beberagens usadas ritualmente por grande número de sociedades indígenas no Nordeste. Os grupos indígenas que não usam essa bebida fazem referência constante à planta como dotada de forças mágicas ou cósmicas que são cultuadas ou, pelo menos, reconhecidas enquanto portadoras de influências oriundas das matas nativas. Há, por fim, a ideia de que jurema é uma entidade, uma personificação espiritual das citadas forças das florestas brasileiras. Este último sentido é mais próprio às religiões afro-ameríndias (ou afro-brasileiras), que substituíram a planta bebida por uma representação de forças nativas (Grünewald, 2008, p. 43).

Leite (2012), em sua pesquisa sobre Conceição das Crioulas, registrou a “participação e o interesse dos negros na dança do Toré”. A interação social entre esses dois povos fortaleceu a manutenção dessa tradição e a pluralidade cultural do 2º Distrito. “Refiro-me ao fato de podermos estabelecer associação entre esse dado e as interações sociais entre índios e negros, ao longo do processo de povoamento/ocupação daquela região” (Leite, 2012, p.164).

O Toré é vivenciado em vários momentos: no ritual sagrado, nas festividades, em reivindicações políticas, em ações educativas, como por exemplo as realizadas na Escola Estadual Indígena Joaquim Vieira da Silva: uma vez por semana os professores e professoras fazem o acolhimento dos estudantes cantando/ensinando os toantes que são as músicas que regem o Toré.

As músicas cantadas durante o Toré são chamadas de toantes, eles são cantados acompanhados de apitos e ao balanço do maracá, ou melhor a “cabaça da ciência” que é um instrumento musical sagrado feito de cabaça. Em fila circular, a dança é dirigida pelo pajé, cacique, lideranças, anciões, conduzidos pelos puxadores (homens, na frente, seguidos de mulheres e crianças), contudo, na ausência de homens, a dança pode ser liderada/entoadada por mulheres.

Outra característica marcante desse povo são as pinturas corporais. Essa simbologia faz referência a um período anterior à chegada dos europeus em solo brasileiro e as pinturas representam a ligação com a ancestralidade e a mãe natureza. Esse aspecto cultural serve para fortalecer a identidade étnica, uma forma de resistência por caracterizar a pluralidade e as especificidades de cada povo que a utilizam.

**Figura 09:** Graça Atikum, liderança jovem utilizando pintura de jenipapo e adornos confeccionados na Aldeia



**Fonte:** Arquivo pessoal de Graça Atikum (2023).

As simbologias pintadas pelo povo Atikum podem representar animais, plantas, peças de artesanato, dentre outros. Os extratos que fabricam as tinturas são retirados da natureza, a pintura vermelha é oriunda do urucum e a preta é feita com jenipapo. “Essa fruta é retirada verde e seu líquido é extraído. Em contato com a pele se transforma em uma tinta preta que fica marcada na pele entre quinze e vinte dias” (Lima, 2022, p. 30).

Segundo dona Odília, uma das professoras mais velhas da aldeia Olho D’ Água do Padre, ao saber que os Atikum usavam símbolos no corpo, ela logo resolveu pintar os rostos dos seus alunos. Os homens usavam no rosto a letra A, de Atikum, sendo que, ao lado da letra (lado direito e lado esquerdo), adicionavam três riscos, um embaixo do outro. Já as mulheres, usavam também um A, só que entre os dois riscos havia uma bolinha bem pequena. Segundo ela, era para diferenciar os homens das mulheres e também das outras etnias, quando saíam para o movimento (Lima, 2022, p. 30).

Como os símbolos são ressignificados, em 2020, a juventude Kyrimbaus (grupo de jovens da comunidade) criou uma pintura corporal que homenageia as artesãs e os artesãos. A pintura é inspirada no trançado da esteira, utensílio feito de palha. A economia se baseia na agropecuária para subsistência, principalmente hortaliças, milho, mandioca, feijão, fava, árvores frutíferas, no plantio de mamona, algodão e na produção de artesanato com matérias primas retiradas de forma sustentável da natureza, podemos citar: fibra de caroá, palha de catolezeiro, madeiras e barro.

Uma das maiores conquistas educacionais para o povo Atikum foi a estadualização das escolas indígenas, em 12 de agosto de 2002. Essa ação governamental marcou a efetivação do direito à Educação Escolar Indígena. Vinte e duas escolas foram estadualizadas, quatorze estão localizadas em Carnaubeira da Penha e oito no município de Salgueiro.

As escolas em Salgueiro estão divididas em três núcleos educacionais: o Núcleo I oferta Ensino Fundamental Anos Iniciais em três escolas: Escola Estadual Indígena Joaquim Vieira, Escola Estadual Indígena Santa Luzia e a Escola Estadual Indígena São Domingos Sávio. O Núcleo II oferta Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais em cinco escolas: Escola Estadual Indígena Epifânio Bezerra, Escola Estadual Indígena Lúcio Quirino de Farias, Escola Estadual Indígena José Pedro Pereira, Escola Indígena Antônio Pedro dos Santos e Escola Indígena José Gomes da Silva, e o Núcleo III oferta Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio na Escola José Pedro Pereira.

As escolas indígenas possuem currículo escolar próprio, fundamentado nos valores e saberes tradicionais, subdivididos em cinco eixos: Terra, História, Organização, Identidade e Interculturalidade.

As crianças e os jovens devem, desde cedo, compreender que deverão dar continuidade às lutas de seus antepassados, cuidar da natureza e lutar com sua comunidade pelo direito ao território sagrado. Eles devem ser conscientes de seus deveres, saber a história de seu povo e não ter vergonha de ser Atikum (Lima, 2022, p. 89).

Não são apenas os/as professores/as que se responsabilizam diretamente pela educação escolar indígena: toda comunidade está envolvida no processo. Lideranças, pajé, caciques, cacica, anciões, anciãs, famílias e estudantes contribuem para a formação do currículo, discutindo de forma coletiva o que é importante ser estudado na escola.

O currículo seja enquanto documento escrito, como o vivido através da escola é percurso contínuo de luta pela transformação e organização de um pensamento autônomo, de uma prática autoral, de um fazer indígena que vai sendo tecido juntamente com a comunidade educativa. Seu objetivo é contribuir para uma prática educativa e curricular mais engajada com o projeto societário dos povos, bem como, com a contínua ressignificação da escola, ou seja, para o fortalecimento das identidades étnicas, a partir do que representa para os povos indígenas seu território tradicional e os saberes através dele construído (Souza, 2021, p. 768).

As escolas têm autonomia para construir seu próprio calendário escolar. O recesso escolar é diferente do utilizado na Rede Estadual de Ensino e acontece no mês de agosto. Elas respeitam a distribuição de 200 dias letivos, 800 horas aulas e os feriados nacionais, estaduais

e municipais, contudo comemoram, além desses, as datas que priorizem os marcos de luta importantes para a comunidade.

Observando a trajetória da aldeia indígena Atikum e a importância das práticas de rezadores e rezadoras desta localidade, torna-se importante destacar outras duas comunidades que fazem parte do território de Salgueiro, não indígenas, mas quilombolas, participes desta pesquisa e como nelas podemos observar a importância do ofício de rezadores e rezadeiras e a possibilidade de pensar suas práticas como educacionais. As comunidades agora abordadas serão Conceição das Crioulas e Santana.

A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas é dividida em 16 sítios, ou núcleos populacionais: Amparo, Boqueirão, Conceição das Crioulas, Curtume, Garrote Morto, Lagoa, Lagoinha, Massapê, Mulungu, Paula, Paus Brancos, Pedra Preta, Poço da Pedra, Queimada, Rodeador e Sítio, e duas Vilas: Vila Centro e Vila União.

A história que narra a origem da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas é baseada na oralidade. Rememoramos o período desde meados do século XVIII e início do século XIX, quando seis crioulas que chegaram à região, não sabemos precisar ao certo se estavam fugindo ou se eram escravas libertas, contudo a fixação do grupo no território deu origem à comunidade quilombola.

Alguns falam que elas vieram da região da Bahia, outros, que vieram de Alagoas. O certo é que essa exatidão nunca foi a coisa mais importante para os moradores(as) da comunidade e sim a história das mulheres que fundaram esse território: Francisca Ferreira (líder do grupo), Mendencha Ferreira, Francisca Presidente, são os nomes lembrados através da oralidade dos mais velhos, por meio de suas memórias permanentes (Silva, 2012, p. 55).

Elas arrendaram uma área de aproximadamente “três léguas”, onde plantavam grãos e leguminosas para subsistência e cultivavam algodão em maior escala, que fiavam e vendiam em cidades vizinhas, assim, conseguiram juntar dinheiro para, mais tarde, em 1802, adquirirem a escritura de suas terras.

Comercializavam os fios de algodão com o município de Flores, localizado a aproximadamente cento e cinquenta quilômetros de distância da comunidade. Não foi registrado menção ao município de Salgueiro enquanto cidade. Esse fato é justificado porque a fundação da cidade data de 1835 e sua emancipação política, de 1864, após esse período Conceição das Crioulas foi anexada como 2º Distrito, mesmo os registros de seu povoando sendo anteriores ao de Salgueiro.

**Figura 10:** Vista parcial da Vila Centro



**Fonte:** Acervo da AQCC (2023).

Contam os/as mais velhos/as que Francisco José acompanhava as seis crioulas que fundaram a comunidade e levava consigo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Devotadas/os fizeram uma promessa que, ao conseguirem pagar pelo terreno arrendado doariam um pedaço de terra para a construção de uma capela. A promessa foi cumprida e a imagem permanece na capela até os dias atuais. A comunidade passou a se chamar Conceição das Crioulas em homenagem à santa e às crioulas fundadoras.

A religiosidade deu origem ao nome da comunidade e hoje movimentada toda a circunvizinhança com a tradição de suas novenas. Durante o ano são promovidas três novenas: a primeira no mês de maio, consagrado como o mês Mariano; a segunda, em agosto, celebra Nossa Senhora da Assunção e a terceira, em dezembro, reverencia a padroeira da comunidade, Nossa Senhora da Conceição.

Um fato curioso envolve a escolha das santas cultuadas na comunidade: existiu um embate entre fazendeiros e quilombolas que envolvia a “escolha” da padroeira e a promoção dos festejos locais:

Na tradição oral dos “brancos”, no que concerne à padroeira do lugar, tudo teria começado com uma promessa feita pela esposa de um certo “fazendeiro”, à Nossa Senhora da Assunção. Alcançada a “graça”, a devota teria querido mudar a padroeira

de Nossa Senhora da Conceição para Nossa Senhora da Assunção. Os “negros”, porém, não aderiram, mas, os “brancos”, resolveram contrariar a opinião daqueles, realizando uma grande festa, no mês de agosto, em homenagem a Nossa Senhora da Assunção. Diante do impasse, passou-se à realização de duas festas por ano (Leite, 2012, p. 163).

Com frequência, nos novenários, acontecem apresentações culturais, dentre elas a apresentação do grupo feminino de dança do trancelim<sup>1</sup> (as participantes se dividem em duas filas e fazem uma coreografia que parece a formação de uma trança) ao som da banda de pífano local. Essas atrações são as mais tradicionais por serem inatas da comunidade, contudo, ao longo dos anos outras manifestações culturais foram inseridas aos festejos: a dança de São Gonçalo, o coco de roda, a ciranda e o bumba-meu-boi.

**Figura 11:** Mulheres dançando trancelim em frente à capela de Nossa Senhora da Conceição



**Fonte:** Acervo da AQCC (2023).

Hoje Conceição das Crioulas é uma referência para os povos quilombolas no território nacional. Ela foi uma das primeiras comunidades a ser certificada como Comunidade Remanescente de Quilombo no Estado de Pernambuco pela Fundação Cultural Palmares (FCP), em 11 de setembro de 1988. A comunidade recebeu o primeiro título de suas terras por meio da FCP no ano 2000, porém, os fazendeiros e arrendatários externos não foram desapropriados

<sup>1</sup> Para mais informações, acesse: [https://www.instagram.com/conceicao\\_das\\_crioulas/](https://www.instagram.com/conceicao_das_crioulas/).

dos terrenos invadidos e um novo processo foi aberto no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 2004.

A reivindicação dos quilombolas é pela posse do território de aproximadamente 17.000 hectares, parte dele já foi conquistado pela comunidade com a desapropriação de oito fazendas e o pagamento de indenização pelo Governo Federal. Em Conceição das Crioulas, o direito à terra é garantido para quem nasce quilombola. Quem chega à comunidade através de laços matrimoniais são chamados quilombados/quilombadas, contudo seus/suas descendentes serão quilombolas.

O território tem um valor simbólico que não é mensurável, faz parte de um mundo imaginado e fantasiado de cultura que foge, muitas vezes, aos olhos da ciência e que só a vivência e pertença a esse território sabem explicar (Silva, 2012, p. 56).

As terras desapropriadas são tombadas e não podem ser usadas de forma privada, elas são coletivas e pertencem à Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQQC). Cada família recebe uma média de três hectares e deve tornar a terra produtiva, vivendo de forma sustentável que não agrida a natureza.

A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas foi fundada em 17 de julho de 2000, sem fins lucrativos, composta por 10 associações de produtores/as e trabalhadores/as rurais dos sítios e vilas da comunidade, com o objetivo de lutar pelo desenvolvimento local, a regularização fundiária, a educação escolar quilombola e a sustentabilidade ambiental e cultural a partir das potencialidades e tradições locais, sempre na perspectiva do fortalecimento da identidade quilombola.

A AQCC não substitui a representação existente nos núcleos, e sim, é um ponto de unidade entre todos, tornando-se o principal meio de interlocução da comunidade com os poderes públicos em todos os níveis. Estruturada por meio de comissões – educação, saúde e meio ambiente, patrimônio, juventude, comunicação e geração de trabalho e renda – exatamente os temas que afetam diretamente a comunidade. Sem a figura do(a) presidente, mas de uma coordenação, busca dar maior sentido de compartilhamento nas decisões da comunidade. Entre as comissões existentes, a de educação tem a representação dos professores da comunidade e é o principal instrumento e espaço de discussão das questões educacionais para dentro e fora da comunidade (Silva, 2012, p. 60).

Através da articulação da AQCC, vários projetos educacionais, formativos e informativos foram desenvolvidos na comunidade, dentre eles podemos destacar o Jornal Crioulas: A voz da resistência, no qual as publicações aconteceram de forma trimestral no período de 2003 a 2007; em parceria com o Centro de Cultura Luiz Freire e com o grupo

Identidade do Porto, Portugal, receberam capacitação e formaram o Crioulas Vídeos, em abril de 2005, primeira produtora de vídeo quilombola do país; houve também a criação do time Crioulas de futebol feminino. Divulgando suas ações no *site* institucional: <http://ccrioulas.org/><sup>2</sup>.

**Figura 12:** Sede da AQCC em Conceição das Crioulas



**Fonte:** Acervo da AQCC (2023).

As tradições da comunidade estão sendo mantidas vivas através dos bens imateriais, na forma como cultivam a terra, na memória de rezadeiras, rezadores, parteiras, integrantes da banda de pífano, no grupo de trancelim e nos bens materiais produzidos por artesãs do caroá, louceiras, bordadeiras, entre tantas outras práticas cotidianas carregadas de significados culturais, transmitidos de geração a geração.

A relação com a natureza é a base da economia. Dela são retiradas caroá, barro e algodão, matérias primas para a confecção da maioria dos produtos artesanais produzidos na comunidade, são retirados também os subsídios para a agropecuária. Contudo, o artesanato não é apenas uma fonte de renda, é uma forma de resistência e divulgação da história, cultura e saberes tradicionais através de cada objeto produzido.

Não há, portanto, como colocar o trabalho desenvolvido por meio do artesanato em Conceição das Crioulas, apenas como trabalho manual ou material e sim como um

---

<sup>2</sup> Para mais informações, acesse: <https://www.facebook.com/faceAQCC/>.

trabalho intelectual, pois nele está contido o pensar a vida, a cultura, a história, a memória e o sonho por liberdade de um povo. Portanto, a luta para conquistar e permanecer no território envolve várias dimensões humana: estratégia de luta, memórias (o pensar), resistência e alianças (organização), produção de ideias e de produtos artesanato (o trabalho) e a pertença étnica e ancestral a um grupo (a cultura), deixando de ter o trabalho apenas uma dimensão (material) e ocupando a perspectiva de trabalho também intelectual (Silva, 2012, p. 156).

Os itens produzidos pelas artesãs da comunidade variam entre esteiras, vassouras, cestos, tapetes, bolsas e bonecas feitos em palha, embira e caroá, panelas, pratos, copos e travessas de barro, confecção de roupas, guardanapos e jogos americanos, de tecidos de algodão, bordados a mão, com símbolos que contam a história da comunidade, até o beneficiamento do umbu.

Destacamos três elementos contidos nos trabalhos artesanais que representam a identidade da comunidade: o primeiro as bonecas de caroá que homenageiam onze mulheres contando suas histórias como símbolo de resistência dentro da comunidade.

Segundo, os desenhos bordados, dentre eles a história que conta a origem da comunidade, o que representam o trancelim, o caroá, a vegetação as folhas e flores do umbuzeiro.

Por último, o umbu ou imbu é um fruto nativo da caatinga, abundante na região em seus períodos de safra, podendo ser comercializado de várias formas: *in natura*, em forma de polpas, compota, doces e geleia.

A confecção dos produtos artesanais é de predominância feminina, o que demonstra a importância da participação da mulher na geração de renda e sustento de suas famílias. Eles são vendidos na própria comunidade, pela internet, em feiras e eventos do setor, como, por exemplo, a Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE). As embalagens têm a identidade visual com o símbolo da comunidade.

**Figura 13:** Estande com produtos artesanais da comunidade na FENEARTE 2017



**Fonte:** Acervo da AQCC (2023).

O patrimônio edificado também conta a história da comunidade. Os equipamentos culturais são utilizados coletivamente como espaços de interação social e lazer. Podemos citar: o Mercado Público, construído em 1963, onde se vendem os produtos artesanais confeccionados na comunidade; a Casa das Juventudes Girlene Rosa, a Casa da Comunidade Francisca Ferreira, o prédio da antiga cadeia, que foi reformado e ressignificado, agora abriga a Biblioteca Afro-indígena de Conceição das Crioulas.

No território de Conceição das Crioulas existem quatro escolas: três na Vila Centro e uma no Sítio Paula. As escolas da sede do Distrito são: Escola Municipal Quilombola José Nêu de Carvalho, oferta as modalidades de ensino Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Educação de Jovens e Adultos; a Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes, que oferta Ensino Fundamental Anos Finais, e a Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes, que oferta Ensino Médio, e, no Sítio Paula, a Escola Bevenuto Simão de Oliveira oferta Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais.

É importante destacar que dentro dos espaços educacionais existe uma interação entre a Educação Quilombola e a Educação Escolar Quilombola: a primeira se refere aos saberes intergeracionais das vivências cotidianas e a segunda, aos conteúdos curriculares.

No caso da “Nossa Educação Escolar Quilombola”, é a conexão da educação formal com a educação não formal. São os saberes locais dialogando com os saberes oriundos das ciências, tidas como “conhecimentos válidos”. Assim, a educação entendida pelo PPPTQ abarca as dimensões políticas, pedagógicas, identitárias e organizativas da comunidade de Conceição das Crioulas e, por isso, “Nossa Educação Quilombola” e “Nossa Educação Escolar Quilombola”, assim denominadas no PPPTQ, não se excluem, ao contrário, uma sustenta a outra. Os conceitos aqui apresentados têm como um referencial principal a Carta de Princípio da Educação Quilombola, elaborada pela Comissão Estadual de Quilombos de Pernambuco, núcleo de educação para orientar a educação nas comunidades quilombolas do Estado (Silva, 2012, p. 124).

A educação escolar quilombola em todo o território de Conceição das Crioulas é baseada no Projeto Político Pedagógico do Território de Conceição das Crioulas (PPPTQ), estruturado a partir de sete eixos: terra e território, gênero, organização quilombola, interculturalidade, identidade, meio ambiente e história.

A construção do PPPTQ é pensada de forma coletiva, ouvindo educadores/as, estudantes e suas famílias, e lideranças que compõem a comunidade. Respeitando a pluralidade étnica da região, as escolas recebem estudantes do povo indígena Atikum, outro diferencial é a utilização de materiais educativos produzidos pela própria comunidade, como jornais e vídeos.

A educação quilombola nasce com esse desafio: mudar as regras do jogo de forma a permitir que as comunidades quilombolas participem ativamente e tenham chances de vencer. Um dos caminhos a ser trilhado passa pela construção de um novo currículo escolar, baseado em princípios, como: emancipação, combate ao racismo, sexismo, machismo, e, sobretudo, a participação dos quilombolas, contribuindo para que mais de uma história seja contada, conhecida e reconhecida, e não sejam vistas com visão museologizada e estática às mudanças que vêm ocorrendo no seio da sociedade brasileira (Silva, 2012, p. 78).

A luta iniciada em Conceição das Crioulas protagonizou ações pioneiras que mudaram a estruturação curricular da Educação Escolar Quilombola em Salgueiro, que se expandiram para o Estado de Pernambuco e servem de referência para o território nacional.

Em 2001, a então vereadora Givânia Maria da Silva indicou Projeto de Lei nº 08 de 2001, que instituiu a Semana da Consciência Negra no município de Salgueiro-PE, e durante o período de 15/11 a 20/11 são desenvolvidas “atividades voltadas para o resgate da história e valorização da população afro-brasileira, convivência com a diversidade racial e cultural, como forma de garantir a participação igualitária em todos os âmbitos da sociedade”. Isso ocorreu anos antes da Lei nº 10.639 incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

Ressaltamos que Givânia é uma referência política reconhecida mundialmente na luta pelo direito dos quilombolas. Sua trajetória de vida é vasta e vale ressaltar alguns pontos: Ela é educadora há mais de 20 anos atuando em escolas públicas, foi a primeira diretora da Escola

Municipal Quilombola Professor José Mendes, a primeira crioulença a fazer graduação, formada em Letras, especialista em Programação de Ensino e Desenvolvimento Local Sustentável, Mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação e doutora em Sociologia, ambos os títulos pela Universidade de Brasília.

Vereadora por dois mandatos em Salgueiro/PE, Givânia é uma das cinquenta e duas brasileiras indicadas para o Prêmio Nobel da Paz em 2005, eleita segunda suplente do senador Humberto Costa (2019/2026), membra fundadora da Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas – CONAQ, foi Secretária Nacional de Políticas para Comunidades Tradicionais da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) (julho de 2007 a maio de 2008, e de março de 2015 a maio de 2016), atuou como coordenadora de regularização fundiária dos territórios quilombolas no INCRA (setembro de 2008 a fevereiro 2015). Sua luta é motivo de orgulho para a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

As conquistas iniciadas por Givânia na Câmara de Vereadores em 2001, garantiram que a comunidade de Conceição das Crioulas tivesse um calendário letivo próprio e com as datas comemorativas que contemplassem, com recesso escolar, os períodos dos festejos da comunidade, no mês de agosto, respeitam a distribuição de 200 dias letivos, 800 horas aulas e os feriados nacionais, estaduais e municipais, contudo, o dia de Nossa Senhora da Conceição (08/12) é feriado na comunidade, e além desses feriados, eles comemoram as datas que priorizam os marcos de luta importantes para a comunidade.

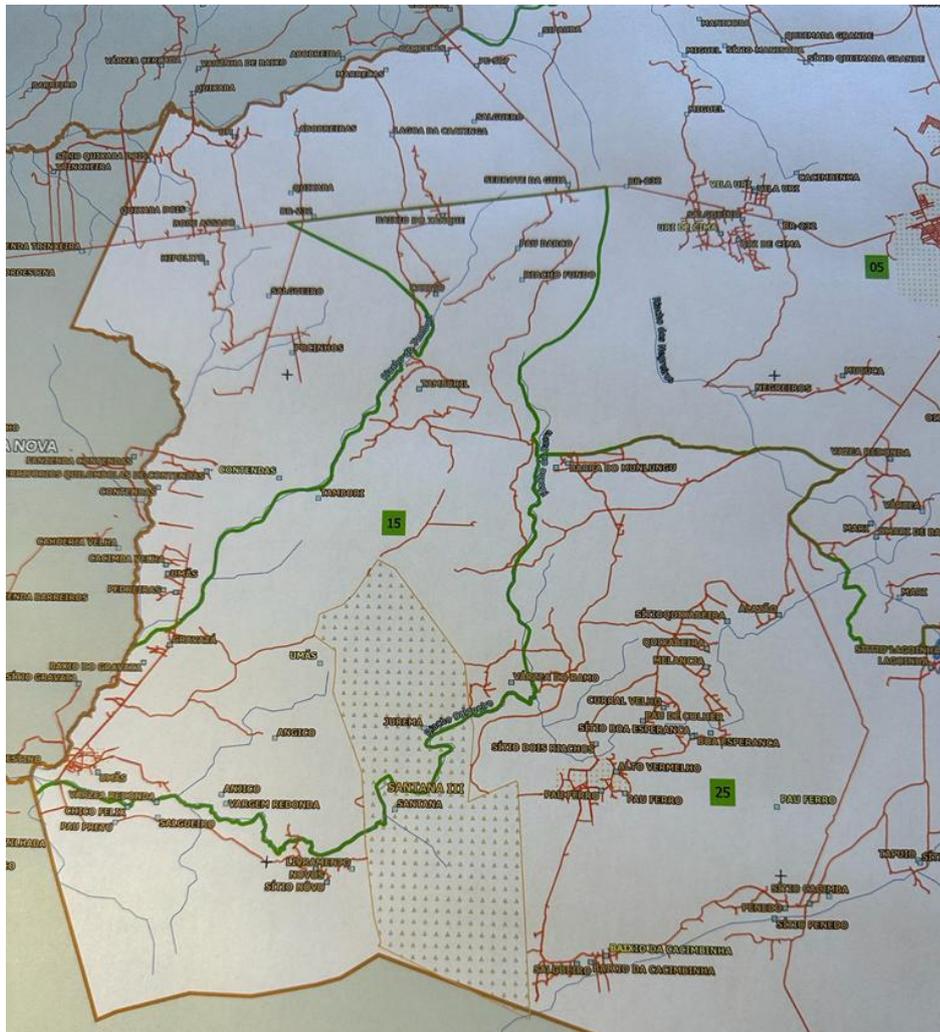
Outro marco importante foi a criação da Lei Municipal nº 1.813/2011, que cria cargo de Professor (a) Quilombola e, a partir de 2012, a Prefeitura Municipal do Salgueiro passou a realizar concurso público, sob regime estatutário, para provimento de vagas para professor quilombola de Educação Infantil e Ensino Fundamental para atender as três escolas municipais do 2º Distrito. As vagas são reservadas aos residentes do território quilombola e os candidatos devem se autodeclarar quilombolas na ficha de inscrição, bem como comprovarem esta condição quando convocados para a admissão. Esse avanço fez com que, em 2022, o Governo do Estado de Pernambuco promulgasse Lei que garante a contratação de professores quilombolas em territórios de Pernambuco.

Após estudarmos os processos históricos, culturais e sociais trilhados por essas duas comunidades até chegarem aos dias atuais, observamos que elas comungam símbolos de religiões e religiosidade, nos costumes e nas relações construídas historicamente, que vão para além do processo de miscigenação, “representadas pelas trocas simbólicas do jeito de cultivar as terras, fazer uso de plantas medicinais, bem como práticas de rezar, benzer, com folhas de vegetais na cura de enfermidades” (França, 2008, p. 48). Os elos culturais que unem esses dois

povos são semelhantes aos dos/as ancestrais que povoaram o território brasileiro e se perpetuaram ao logo da história. Abordaremos, a seguir, os aspectos socioculturais do quilombo de Santana.

### 3.2 Santana: Território de viver e fazer história

**Figura 14:** Destaque para a Comunidade Quilombola de Santana.



Fonte: IBGE (2022).

A comunidade quilombola de Santana está localizada a 22 quilômetros da sede do município. Seu território se divide na fronteira do 5º Distrito (Pau Ferro) com o 3º Distrito (Umãs) em uma região de serra, conhecida como Serra de Umã (que leva esse nome por outrora ter tido presença indígena dos Atikum Umã). Tendo sua maior parte localizada no 5º Distrito, este território está dividido em cinco sítios: Jurema, Livramento, Olaria, Recanto e Santana de Baixo.

Politicamente se organiza através da Associação dos Moradores Quilombolas de Santana (AMQS), tendo três datas importantes que marcam a história da comunidade: a primeira em 02/03/2007, quando foi certificada como Comunidade Remanescente de Quilombo pela FCP; a segunda em maio de 2014, quando foi assinada pela presidência do INCRA a portaria de reconhecimento do território da comunidade quilombola; e em 22/06/2015 quando foi assinado o decreto declarando território quilombola uma área de aproximadamente 2.080 hectares. No período, a comunidade era formada por aproximadamente 85 famílias.

**Figura 15:** Visão parcial da comunidade de Santana



**Fonte:** Arquivo pessoal de Pedro Fernando dos Santos (2022).

A origem da comunidade de Santana é recontada através da oralidade e tem seu início por volta do século XIX. Por causa da localização geográfica: serras, serrotes e a passagem de um riacho (Riacho Grande), e por ter sua fauna e flora bem preservados, este espaço servia de abrigo para negros fugidos.

Segundo relatos, um homem conhecido por Luciano, de origem desconhecida, chegou para abrigar-se no sítio Recanto (parte de Santana) após um conflito motivado por uma briga após terem matado sua cachorra. Supostamente a discursão resultou na morte de uma pessoa na fazenda Passagem de Pedra, município de Terra Nova/PE. Junto a outros parentes ele foi constituindo a comunidade quilombola de Santana.

Hoje a comunidade é formada primordialmente pelas famílias Rocha, Luciano e Mariano. “Observamos que são nomes vagamente primeiros e não portes de sobrenome, isso é uma forte marca que evidencia a presença de ex-escravos” (Santos, 2015, p.40).

Complementando essas informações, de acordo com o livro *Sertão quilombola: A formação dos quilombos no sertão de Pernambuco*, do Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF, 2008, p. 39):

Os Rocha, Luciano e Mariano protagonizam a história do Quilombo de Santana. De origem desconhecida, ali chegaram os Rocha, primeiros moradores do lugar, depois veio o Luciano. Antônio Luciano, filho do Luciano, se casou com Rosa Rocha, filha de Antônio Rocha e neta de Zé Rocha. Os Marianos chegaram depois e habitaram na Jurema, localidade da Santana. Durante todo o século XX, essas famílias foram estabelecendo relações sociais, econômicas e de casamento entre si, vivendo da agricultura e superando juntas os períodos de seca especialmente a de 1932. (...) A ocupação do território de Santana se deu predominantemente por meio da doação de pedaços de terras pelos Rocha Mariano e Luciano aos seus filhos e netos mas já na terceira geração esse território começa a ficar insuficiente para a sobrevivência do grupo a partir da história oral estima-se que o quilombo de Santana existe a cerca de 200 anos.

É bem característico da comunidade os limites das casas serem divididos por cercas de varas, deixando espaço para quintais onde se criam animais de pequeno porte para consumo doméstico, em especial galinhas, e plantam algumas árvores frutíferas e/ou plantas medicinais.

A maioria das construções são de alvenaria, com fornecimento de energia elétrica e água encanada, porém ainda existem algumas edificadas com barro e varas, popularmente conhecidas como casas de taipa, sem o fornecimento de água encanada. Também é comum o uso de cisternas para a captação de água da chuva, pois a falta d'água é uma constante, mesmo com a obra da transposição do Rio São Francisco passando por dentro do território.

**Figura 16:** Casa com cercado e sistema, ao fundo o Serrote dos Pedros



**Fonte:** Arquivo pessoal de Pedro Fernando dos Santos (2022).

O Projeto da Integração do Rio São Francisco (PISF) entrou para a história como o maior projeto hídrico do Brasil sob responsabilidade do Governo Federal. Foi idealizado e desenvolvido com o intuito de beneficiar regiões nordestinas que sofrem com a escassez de água. Segundo o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), o principal objetivo da obra é o “abastecimento humano, irrigação, dessedentação de animais, criação de peixe e de camarão” (RIMA, 2004, p. 03).

O canal é dividido em dois eixos, o Leste que sai de Floresta/PE até desaguar em Monteiro/PB, e o Norte, que sai da cidade de Cabrobó e leva água para os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, passando pela comunidade quilombola de Santana em Salgueiro/PE.

A parte do canal que passa por Santana tem 17 km de extensão por 450 m de largura, foi iniciado em 2009 e promoveria, através do Subprograma de Desenvolvimento das Comunidades Quilombolas do Programa Básico Ambiental (PBA – 17) algumas ações de infraestrutura que beneficiariam a comunidade, dentre elas: construções de casas, construção de 50 banheiros e fossas sépticas e sumidouros, melhoria das estradas de acesso e construção de passarelas, instalação de posto de saúde, posto telefônico, centro multiculturais, reforma e reativação da escola da comunidade, sistema de implantação de abastecimento e tratamento de água.

Infelizmente, até a data da elaboração desta dissertação, nem todas as demandas propostas tinham sido atendidas. Das quatorze casas previstas inicialmente, apenas oito foram edificadas. O sistema de implantação de abastecimento e tratamento de água, que melhoraria qualidade de vida da população, ainda está nas pautas de reivindicações da AMQS, e quem precisa de atendimento médico tem que recorrer ao posto de saúde do Distrito do Pau Ferro ou do Distrito de Umãs.

O Programa de Desenvolvimento das Comunidades Quilombolas era sinônimo de esperança de que os dias seriam melhores para centenas de famílias das comunidades quilombolas da área direta e indireta do PISF. Porém, no decorrer dos anos em que foram sendo finalizados os trechos das obras do canal, a esperança das comunidades foi se transformando em um misto de frustrações e descrenças na efetivação do PBA 17 (Vieira *et al.*, 2021, p. 70).

Se a escola tivesse sido reativada, o direito ao Currículo Escolar Quilombola estaria garantido e os/as estudantes não precisariam se deslocar para outras localidades fora do território. Geralmente eles fazem o Ensino Fundamental na Escola Joaquim Barboza de Maria (Distrito do Pau Ferro) e o Ensino Médio na Escola Agrícola de Umãs.

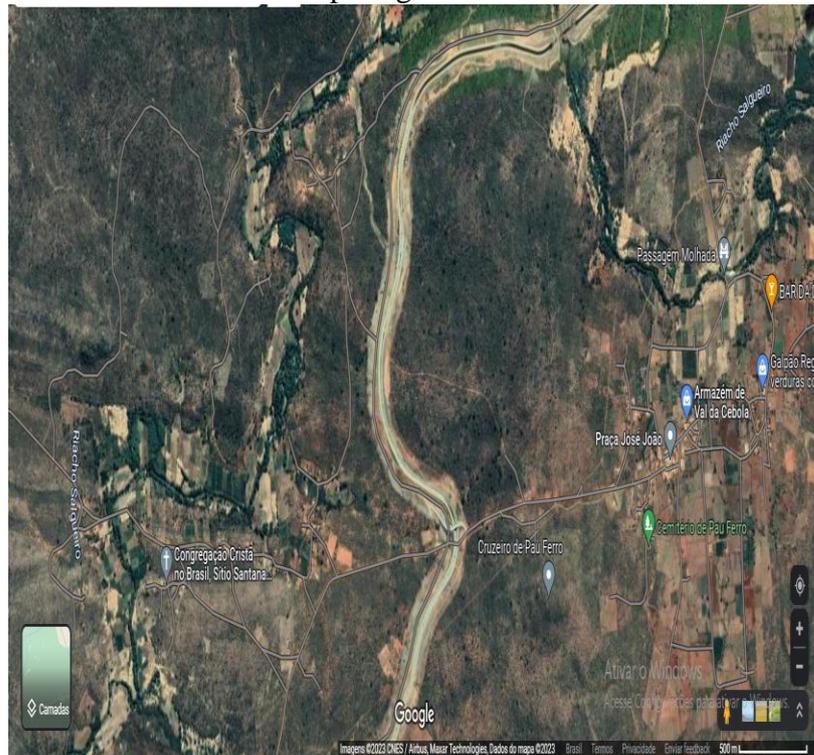
Vale salientar que, em 2009 (quando a obra começou em Santana), a escola da comunidade já estava desativada devido à política de nucleação implantada no município que fechava pequenas escolas da zona rural, transferido os/as estudantes para uma escola maior.

Infelizmente essa medida proporcionou prejuízos à comunidade, que não tem garantido o direito de estudar com currículo escolar próprio e professores/as da localidade. “Mesmo assim, já há uma boa quantidade de professores e professoras pertencentes à Santana que atuam como lideranças sociais e políticas e lecionam em escolas das redondezas” (Santos, 2015, p. 42). Contudo, com maiores investimentos na educação, esses números poderiam ser ainda maiores.

Quanto à ação prevista para a área de educação na Comunidade, esta é vista como de extrema necessidade, devido à existência de muitas crianças em período escolar, mas que, na comunidade, não têm nenhuma escola. Outra ação voltada para a comunidade, porém não implementada foi o quiosque cidadão, que consiste em promover inclusão social disponibilizando um espaço coletivo estruturado com sala de informática, cinco computadores com conexão à rede de internet e salas voltadas para promover ações ligado ao lazer, cultura etc. (Vieira *et al.*, 2021, p. 76).

A construção da passarela contribuiria significativamente para a economia da comunidade, pois o canal “dividiu” a comunidade em dois polos, de um lado ficaram as casas da comunidade, do outro as terras mais favoráveis para o plantio, pastagem e o riacho que supria as necessidades principalmente dos caprinos e ovinos.

**Figura 17:** O canal cortando a comunidade, do lado esquerdo as casas e do direito o local de pastagem



**Fonte:** Google Maps (2023).

A sustentação econômica da comunidade é baseada na agropecuária: planta-se feijão, milho, maracujá, cebola, coentro, sorgo, entre outras leguminosas; o cultivo acontece em maior parte em áreas de baixios, respeitando os períodos de chuva e os saberes geracionais de “trato” com a terra e escolha das sementes; se criam caprinos, ovinos, bovinos e suínos. Há predominância do trabalho coletivo em roças familiares no regime de agricultura familiar e de subsistência.

Os impactos sobre os bens naturais (...) foram tão significativos que deixaram os modos de produção e de sustento tradicional da comunidade nos estertores da subsistência. Em suma a Caatinga foi devastada em uma extensão de 17 km em uma faixa de 450m. O Riacho Grande está contaminado, foi assoreado e desviado. O Serrote dos Pedros, elevação topográfica, símbolo do quilombo, perdeu para a transposição o posto de referência da comunidade. A criação extensiva de caprinos está inviabilizada, pois a água fica de um lado do canal e os animais do outro. A devastação da Caatinga fez com que animais silvestres, antes frequentes, fugissem da localidade (BRASIL, 2011, p. 137-138).

Podemos observar que os impactos causados pela obra da transposição vão muito além do que podemos descrever, contudo a comunidade não desanima perante as dificuldades e se mantém firme na luta pela garantia e cumprimento de seus direitos e com esperança que o

abundante abastecimento de água chegue em suas casas, melhorando a qualidade de vida de todos/as.

Os/as santanenses são um povo muito festivo e suas principais manifestações culturais estão atreladas à dança e à música. O mês mais festivo é o de junho, pois coincidem as comemorações de São João com os da padroeira da Comunidade Santa Ana (Sant'Anna ou Senhora Sant'Anna).

Os bens de ordem emocional de Santana estão na ordem de coisas pretéritas. A memória recente, entretanto, registra como fatos relevantes as novenas de São João (Santo dos Lucianos), a festa cultural de São João, a novena de Sant'Anna (padroeira da comunidade) e a dança da manzuca (mazurca) (Santos, 2015, p. 35).

As festas juninas são tradicionais no Nordeste brasileiro e não poderia ser diferente no sertão central pernambucano. Em Salgueiro/PE as comemorações se iniciam no primeiro dia de junho, com a trezena de Santo Antônio, padroeiro da cidade, se estendendo até a semana do São João (24/06). Mas as comemorações não se resumem à sede, no caso de Santana a comunidade se organiza com uma programação própria e movimenta a região dos 5º e 3º distritos do município.

São promovidas apresentações de artistas locais, organizadas quadrilhas (dança coletiva coreografada em pares), concurso de culinária, venda de comidas típicas (canjica, pamonha, milho cozido e assado, entre outras). Segundo Santos “O espaço da festa é num terreiro de chão batido e molhado, localizado ao pé de uma algaroba centenária, testemunha natural dessa história. O local tem uma cerca bem ao estilo das “latadas”, onde foi sempre festejada no passado” (Santos, 2015, p. 37). A dança da manzuca (mazurca) se faz presente, compondo a animação.

A Mazurca, que na comunidade chama-se “manzuca”, é um ritmo de mistura indígena e africano, com influência sertaneja, numa mescla de sanfona, zabumba, pandeiro, ganzá. Dança-se em pares e consiste em batidas de pés sincronizadas ao ritmo da música, como se fosse “valsa popular”. A Mazurca nasceu do encontro de escravos que fugiam para “o meio do mato” e lá encontravam os índios. Juntos, eles reproduziam as festas de Mazurca, dança popular polonesa que animava as casas-grandes dos engenhos vistas e ouvidas de longe pelos negros da senzala (Oliveira Junior, 2009, p. 35).

### **Figura 18:** Dança Mazurca em Santana



**Fonte:** <https://www.cultura.pe.gov.br/canal/nacaocultural/quilombos> (2023).

Para complementar as festividades e fortalecer os elos fraternais da comunidade se criou a tradicional “curriola”:

Um fato bem próprio do lugar é que, após toda uma noite de muito festejo, quando os primeiros raios do sol riscam o céu do lugar e cessa o forró, uma legião de pessoas saem para percorrer toda a comunidade, numa ação que é chamada de “curriola”. A prática consiste em ir de casa em casa para comer, dançar e conversar, até que termine o trajeto de todas as casas ou que não reste mais ninguém disposto a caminhar. É algo muito ligado ao passado, isso vem de muito distante no tempo (Santos, 2015, p. 37-38).

A religiosidade está interligada aos festejos culturais, pois a maioria dos/as membros/as da comunidade se declaram cristãos, em sua maior parte católicos, o que reforça a importância dos novenários para o fortalecimento das tradições locais.

Ao visitarmos as comunidades para a realização das entrevistas pudemos conhecer um pouco mais a dinâmica sociocultural dos/as que vivem naquelas localidades, o que nos levou a perceber que quanto maior for a organização política, principalmente através de suas associações cooperativas, maior será a visibilidade e o poder de fala exercido por suas lideranças.

Dentre as três comunidades, o quilombo de Conceição das Crioulas é o mais antigo em organização, conseguiu fazer do artesanato uma fonte de renda para as/os moradoras/es

locais, estruturou o sistema educacional onde os/as professores/as são da comunidade, resignificou seu patrimônio arquitetônico e contribui para a estruturação de outras associações e cooperativas.

Essa pesquisa nos instigou a perceber que ainda existe um leque de possibilidades a ser pesquisado e discutido em sala de aula, aproximando os/as estudantes da história local.

Abordaremos a seguir o ensino de História na perspectiva da pluralidade étnico-cultural, articulando as narrativas de experiências de rezadeiras e rezadores das comunidades tradicionais supracitadas, subsidiada principalmente pela aplicabilidade das Leis de nº 10.639/2003 e a de nº 11.645/2008.

## **4 ENSINO DE HISTÓRIA E AS CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS: RELAÇÕES EDUCATIVAS COM PRÁTICAS DE CURA**

Neste capítulo, discutimos sobre o ensino de História na perspectiva da pluralidade étnico-cultural, articulando os saberes contidos nas narrativas das rezadeiras e rezadores com a história local nas aulas de História, subsidiada principalmente pela aplicabilidade das Leis de nº 10.639/2003 e a de nº 11.645/2008, pela BNCC, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e pelo Currículo de Pernambuco.

Dialogando com estes aspectos, apresentamos a diversidade étnica e cultural dos povos indígenas e afro-brasileiros em Salgueiro/PE, caracterizando as rezadeiras e rezadores como protagonistas que contribuem para a manutenção das tradições de suas comunidades.

### **4.1 As aulas de História no Ensino Fundamental: Percursos do saber local no ensino de história**

Nossa prática pedagógica no ensino de História em turmas de 6º ao 9º ano nos possibilita observar que os/as estudantes, ao chegarem nessas séries, desconhecem a origem histórica e cultural do local onde vivem. A abordagem dessa temática em sala de aula pode se transformar em um arcabouço de possibilidades para trabalhar a ancestralidade e as tradições nas aulas de história, por isso, escolhemos trabalhar com as memórias e narrativas que se revelam na “cura por palavras”, tão presentes nas práticas curativas de rezadeiras e rezadores, em especial dos povos afro-indígenas.

Inserido nas tradições culturais que permitem a interface de saberes múltiplos, o ofício das rezadeiras, enredado nas trilhas do tempo e nas correntes de saberes que tecem as memórias, traz, na composição das práticas cotidianas, vivenciadas no decorrer de suas vidas, ensinamentos, conhecimentos, ressignificações de uma compreensão do viver no mundo, pela ação de fazer o bem através das rezas (Aragão e Nascimento, 2021, p.471).

No município de Salgueiro/PE estão localizados parte dos territórios do povo Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana. Nos propusemos a fazer uma discussão da pluralidade étnico-cultural local em sala de aula, subsidiada pela Lei de Diretrizes da Educação Nacional – LDB, pelas as Leis de nº 10.639/2003 e a de nº 11.645/2008, pela BNCC, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e pelo Currículo de Pernambuco.

A diversidade étnica e cultural dos povos indígenas e afro-brasileiros merece ser ensinada/discutida dentro dos espaços escolares de forma a dialogar os saberes tradicionais com

o currículo escolar e, ao mesmo tempo, contribuir para a historiografia local através do incentivo da pesquisa realizada por professores/as e estudantes.

Recuperar as origens das diversas influências é valorizar os povos que as trouxeram e seus descendentes, reconhecendo suas lutas pela defesa da dignidade e da liberdade, atuando na construção cotidiana da democracia no Brasil, dando voz a um passado que se faz presente em seres humanos que afirmam e reafirmam sua dignidade na herança cultural que carregam. Trata-se de ampliar o horizonte de referência do aluno, despertando sua curiosidade para o mundo que o cerca. Será a possibilidade de desenvolver um novo olhar sobre fatos e relações que os meios de comunicação aproximam da criança, vinculando-os à sua realidade. Será também a oportunidade de oferecer informações que contribuam para a superação do preconceito e da estigmatização, trabalhando a valorização da história de povos que, tendo construído o Brasil, foram injustiçados, como os índios e negros (BRASIL/SEF, 1998, p.154).

Hobsbawm e Ranger (2012, p.15) nos alertam que: “não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam” por isso a história oral, conciliada ao conhecimento empírico dos saberes tradicionais, é uma aliada que possibilita incentivar a “atitude historiadora” proposta pela BNCC (2017b). Essa postura consiste no protagonismo investigativo sobre a realidade em sala de aula onde professores/as e estudantes são sujeitos do processo de ensino e aprendizagem.

Benjamin (2010, p. 211) se refere às reminiscências como sendo “a cadeia da tradição que transmite os acontecimentos de geração a geração”, e nossa proposta é trabalharmos os saberes tradicionais contidos nas narrativas de rezadeiras e rezadores nos conteúdos curriculares através da história oral, valorizando atitudes, comportamentos e representações coletivas e verificando como os/as estudantes observam o mundo em que vivem, entendendo as formas de organização do conhecimento, sua construção, organização e como montamos as estruturas nas quais sistematizamos informações e crenças:

Consideramos que é a partir da construção dessas relações conceituais que os estudantes podem compreender, criar argumentos e explicações sobre como tais questões ainda são importantes nos dias atuais. Assim, eles podem perceber que questões, problemas e opções elaboradas e escolhidas pelas pessoas que viveram no passado têm relação direta para a produção de suas visões de mundo, de seu comportamento social, ou da forma como eles emitem suas opiniões; ou, ainda, como eles criaram seus argumentos sobre os problemas da atualidade (Bueno *et al.*, 2015, 2015, p. 100).

Intentamos discutir sobre as culturas afro-brasileiras e indígenas no contexto da Educação Básica, com um olhar direcionado para o ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental, enfatizando a importância do conhecimento produzido por estas culturas nas práticas de cura das rezadeiras e rezadores. Bueno et al, procuram mostrar que:

Além disso, o estudante da Educação Básica pode compreender que tais concepções, crenças e interpretações do passado só foram possíveis dentro de uma historicidade. Deste modo, elas constituem-se de visões de mundo, de mentalidades e de crenças que não podem ser interpretadas como fenômenos isolados, pois somente tornaram-se possíveis entre os diferentes grupos que compunham uma determinada sociedade, e que explicitaram relações de articulação, de conflitos e de resistência ocorridas em um determinado espaço e tempo histórico (Bueno *et al.*, 2015, p. 101).

Outro aspecto a salientar se refere ao ofício das rezadeiras e rezadores, pensados a partir da relação intergeracional com as culturas indígenas e afro-brasileiras. Isto, além de poder sinalizar a inserção destes saberes no currículo, traz para o ambiente da sala de aula de História, um saber que faz parte da trajetória de vida de muitos/as estudantes, alguns já foram rezados/as ou conhecem/acreditam nos poderes curativos das rezas.

Nossa proposta educativa nos permite apresentar o repertório de conhecimentos produzidos nas artes de curar como significativos nas aprendizagens históricas. Cabe chamar a de nossos/as estudantes para que compreendam e reconheçam os saberes que fazem parte da experiência vivida por rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana como uma característica importante das culturas indígenas e afro-brasileiras e mantenedoras de uma tradição milenar.

Promover a inclusão educacional destes conhecimentos seculares propicia a valorização da história e saberes locais que geralmente não fazem parte das ações escolares ou não compõem o currículo da escola e que precisam de notoriedade em face de sua dimensão educativa.

Consideramos que, a partir do espaço escolar e do ensino de História, é possível incentivar e enfatizar os contributos pedagógicos do legado cultural e histórico das rezadeiras e rezadores das comunidades supramencionadas, a partir de uma perspectiva, que permite o diálogo entre saberes de rezadeiras e rezadores, notabilizando a aprendizagem significativa destes conhecimentos.

A inclusão da temática étnico-racial no currículo escolar é fruto da luta dos movimentos sociais indígenas e afro-brasileiros que, através de políticas afirmativas, valorizam aspectos socioculturais em um processo de decolonização. Diante desta realidade, as ações resultantes foram a promulgações de leis que modificaram a educação de nosso país, as quais as mais relevantes para a nossa pesquisa são as Leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Estes conhecimentos precisam ser problematizados na escola e reconhecidos em seu potencial pedagógico, Fontanele e Cavalcanti, enfatizaram que:

O caráter multicultural, pluriétnico e democrático da sociedade brasileira atual impõe uma educação nacional que reconheça, de forma positiva, a História e a Cultura Afro-Brasileira e Indígena, juntamente com as determinações e orientações legais. Assim, para reparar danos que se repetiam há mais de 500 anos e resgatar as contribuições históricas e culturais de negros e indígenas de forma equânime (Fontanele e Cavalcante, 2020, p. 06).

As aulas de História são espaços de diálogo, reflexão e criticidade onde o/a professor/a pode fundir os conhecimentos prévios dos/as estudantes com os saberes tradicionais e os conteúdos da base curricular comum, formando a tríade empirismo, cultura e ensino. “A escola deve adotar uma agenda positiva de inclusão de todos os sujeitos e promover alterações curriculares que permitam a consolidação desses avanços através de sua incorporação ao cotidiano dos estudantes” (Fontanele e Cavalcante, 2020, p. 08).

Chamamos a atenção para o fato de que nos espaços educacionais ainda subsiste a supervalorização do livro didático em detrimento de outras formas de conhecimento, como o das rezadeiras e dos rezadores, por exemplo. Estes saberes, que muitas vezes compõem a nossa sociedade, são postos de lado, o que faz com que os/as estudantes desconheçam a origem histórica e cultural do local onde vivem.

A ideia veiculada na escola de um Brasil sem diferenças, formado originalmente pelas três raças — o índio, o branco e o negro — que se dissolveram, dando origem ao brasileiro, também tem sido difundida nos livros didáticos, neutralizando as diferenças culturais e, às vezes, subordinando uma cultura à outra. Divulgou-se, então, uma concepção de cultura uniforme, depreciando as diversas contribuições que compuseram e compõem a identidade nacional (BRASIL/SEF, 1998, p.126).

A inclusão destes conhecimentos possibilita discutir saberes que não fazem parte do livro didático, mas que educam e aproximam a comunidade da escola sendo, portanto, fundamentais na formação crítico cidadã de nossos/as estudantes. Valorizar a pluralidade cultural também contribui para os processos de aprendizagens curriculares, uma vez que estes mobilizam conhecimentos que incorporam a diversidade local.

A escola é o espaço ideal para que aconteçam ações que promovam a diversidade presente diretamente naqueles/as que constituem a comunidade local, e combatam os estereótipos e preconceitos que ignoram, silenciam ou minimizam nossas tradições coletivas e experiências individuais.

Repensar a prática pedagógica, a partir de um olhar sensível, sobre as práticas de cura das rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana é uma forma de valorizar a historicidade de seu povo, seus

lugares de memória, vivências e narrativas, o que contribui para que os/as nossos/as estudantes reconheçam a sua identidade étnica.

Com a transmissão dessas técnicas particulares, dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum de coletividade. Embora a vida social esteja em permanente mudança e a mobilidade seja considerável, essas mudanças ainda não atingiram o ponto em que se admite que cada geração sucessiva terá um horizonte diferente. E a educação formal, esse motor da aceleração (e do distanciamento) cultural, ainda não se interpôs de forma significativa nesse processo de transmissão de geração para geração (Thompson, 2010, p. 18).

Propomos, como metodologia de ensino complementar ao planejamento das aulas de História, a utilização de saberes tradicionais para que as gerações atuais conheçam/compreendam e ampliem suas perspectivas acerca da história local através das memórias narradas por aqueles/as que viveram/vivem a tradição de suas comunidades. Esta é uma maneira que a “educação formal” tem para auxiliar na perpetuação de costumes e não os deixar cair no esquecimento.

O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definhando porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (Benjamin, 2010, p. 200 – 201).

Uma das possibilidades de trabalho em sala de aula é articular o conhecimento destas pessoas e seu ofício como patrimônio histórico local e memória. Isto porque, a partir das narrativas de rezadeiras e rezadores é possível organizar pedagogicamente as atividades a partir desta perspectiva.

Nos letramentos da vida, as rezadeiras estão alfabetizando e gerando valores a partir da gama de conhecimentos adquiridos, desenvolvendo um olhar terno e compreensivo sobre os males das pessoas que as procuram pelas intervenções da fé. Essas mulheres participam da vida social e cultural das localidades onde habitam, criando laços na convivência participativa, atentas para o que está no seu entorno, ou seja, as pessoas, o lugar, as demandas locais, praticando o acolhimento do outro, no respeito à diversidade, pois são diversos os sujeitos sociais que as procuram. As rezadeiras são educadoras de palavras curativas, sensibilizantes, de ânimo, mas, sobremaneira, humanizantes (Aragão e Nascimento, 2021, p. 494).

Ao longo dos anos vários debates sobre a educação brasileira e o currículo escolar suscitaram a criação da BNCC (BRASIL, 2017). Este documento curricular, desenvolvido pelo Ministério da Educação – MEC, traz a definição de dez competências gerais para serem

trabalhadas no contexto escolar: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação e, por fim, responsabilidade e cidadania.

A BNCC é dividida em três etapas de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais) e Ensino Médio. Detivemos nosso estudo ao Ensino Fundamental Anos Finais, que é subdividido por áreas de conhecimentos: Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa), Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas (História e Geografia) e Ensino Religioso, que por sua vez são divididas em: Unidades Temáticas, Objetos de Conhecimento e Habilidades.

Das sete competências específicas do componente curricular História para o Ensino Fundamental Anos Finais, a quarta é a que melhor se enquadra em nossa pesquisa:

Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2017b, p. 402).

E, complementando as competências, escolhemos duas habilidades, a EF09HI23): Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo (BRASIL, 2017b, p. 431), e a EF09HI36: Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência (BRASIL, 2017b, p. 433).

Através dessas competências e habilidades propomos trabalhar as relações étnico-culturais no ensino de História de forma a motivar a pesquisa dentro das salas de aula. Em consonância com a Base Nacional Curricular Comum e com as leis citadas, a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco criou o Currículo de Pernambuco – Ensino Fundamental (2019):

O currículo que se seguirá será pensado levando em consideração essas variadas abordagens, sem desconsiderar os entendimentos diversos, procurando deixar margem de flexibilidade para que os municípios e demais sistemas de ensino possam imprimir as características que julgarem necessárias quando este documento chegar ao chão da sala de aula (PERNAMBUCO, 2019, p. 515).

De acordo com as defesas expressas tanto na BNCC quanto no Currículo de Pernambuco, as Ciências Humanas têm uma enorme importância para a educação dos sujeitos,

tendo em vista sua contribuição para estimular uma formação ética, auxiliando os/as estudantes a construírem um sentido de responsabilidade e firmar valores sociais, tais como a solidariedade, a participação e o protagonismo voltados para o bem comum, que os ajudarão na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Assim, é papel das Ciências Humanas desenvolver no indivíduo a consciência crítica acerca da (re)construção de sua formação, oferecendo a possibilidade de interpretar o mundo, compreender processos e fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais, além de propiciar a formação de alunos intelectualmente autônomos que percebam as experiências humanas e reflitam sobre elas.

Ao longo dos Anos Finais, progressivamente, o ensino deve favorecer uma ampliação das perspectivas, tanto do ponto de vista espacial quanto temporal, permitindo aos estudantes identificar, comparar e conhecer o mundo, os espaços e as paisagens com mais detalhes, complexidade e espírito crítico, criando condições adequadas para o conhecimento de outros lugares, sociedades e temporalidades históricas. Nessa fase, as noções de temporalidade, espacialidade e diversidade são abordadas em uma perspectiva mais complexa, levando em conta a perspectiva dos direitos humanos e cultura de paz.

Estudar a memória dos povos tradicionais do município de Salgueiro/PE em sala de aula é uma forma de valorizar a história oral como base documental incorporando, no discurso histórico, indivíduos e coletividades que outrora foram invisibilizados/marginalizados e que, após anos de lutas por igualdade e reconhecimento de direitos, conquistaram seu espaço dentro do currículo escolar brasileiro.

Segundo a Lei de nº 10.639/2003 e a de nº 11.645/2008, que modificaram a LDB, os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e aos povos indígenas brasileiros deverão ser ministrados em todos os componentes curriculares, principalmente o de História. Essas leis foram responsáveis pela inclusão de forma mais eficaz dos temas étnico-raciais no currículo escolar. A Lei de nº 10.639/2003, no seu primeiro parágrafo destaca:

O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2003, grifos nossos).

E a Lei de nº 11.645/2008, também em seu primeiro parágrafo, complementa a Lei de nº 10.639/2003:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à História do Brasil.

A incorporação dessas leis em nossa prática pedagógica deve ir além do cumprimento de uma “obrigação” curricular, mas se tornar um ato político que nos faça refletir sobre novos saberes, histórias e culturas do nosso povo. Essa proposta vincula-se necessariamente a uma educação intercultural que transcende os muros da escola.

Para o planejamento de nossa proposta pedagógica, realizada na EREF Dom Malam, utilizamos nossas vivências em sala de aula, as leis supracitadas, a BNCC, o PCN de Pluralidade Cultural e o Currículo de Pernambuco. Propomos observar o ensino de História através de novas vivências e saberes que podem contribuir para o ensino/aprendizagem de nossos/as estudantes. Vejamos:

Ao repensar o sentido de educar na escola, apontando as práticas das rezadeiras como educativas e também culturais, estremos produzindo novos modos de educar e contribuir com uma proposta de educação intercultural, dialógica, ancorada num currículo que desenvolve a dialogicidade com universos culturais que não encontram espaço na escola. Nesse sentido, a valorização dos saberes populares nos contextos pedagógicos pode fomentar redes de educar que aproximam a escola do contexto sociocultural (Aragão e Nascimento, 2021, p.483).

Analizamos as relações entre o conhecimento formal e o informal e sua aplicabilidade nas aulas de História e contribuimos para a formação de professores/as com a elaboração do caderno temático ecopedagógico: *Redes de saberes em práticas afro-indígenas: da cura por palavras aos aprendizados históricos*.

Os saberes tradicionais, por muito tempo foram relegados pelos espaços educacionais por não fazerem parte do que foi “estipulado” pela ciência como sendo conhecimento científico. Contudo, essa realidade mudou e hoje a inclusão de novos temas em sala de aula enriquece a prática pedagógica. “Lembrar para “não esquecer” do que fazem as rezadeiras, através dos tempos, é a tônica deste estudo, a fim de instigar escolas e currículos escolares inclusivos acerca de saberes da tradição popular” (Aragão e Nascimento, 2021, p. 490).

Esse conhecimento se relaciona com outras verdades, imbuídas nos saberes populares, que ampliam as possibilidades a serem exploradas com mais frequência no ensino de História. “Podemos dizer que estamos vivendo a “era” do pós-abissal que parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada” (Santos, 2007, p.51).

Interligada a essa forma de estudar os diversos ramos do conhecimento temos a ecologia de saberes, que se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento e essa interação está presente em nosso cotidiano através de costumes, crenças e tradições que podem ser aplicadas de forma transdisciplinar, contribuindo para a valorização da história étnico-racial e local. “A ecologia de saberes expande o caráter testemunhal dos conhecimentos de forma a abarcar igualmente as relações entre o conhecimento científico e não científico” (Santos, 2007, p. 30). A relação entre crenças e ideias deixa de ser uma relação entre duas entidades distintas para passar a ser uma relação entre duas formas de experiência que contribuem para formação da ciência.

É possível afirmar que ciência e misticismo se misturam na compreensão do trabalho das benzedeadas e rezadeiras. Se ela é uma curandeira que aprende e apreende esses ofícios através da prática e da oralidade, ela também pode ser intitulada de cientista, considerando-se que elas conhecem técnicas e procedimentos de cura. Por trás do trabalho de cura existe toda uma metodologia e um universo de saberes (Borges, 2019, p. 31 – 32).

Para dialogar com o conceito de Sousa Santos (2007) chamamos a atenção para o pensamento Paulo Freire que, em sua obra *Pedagogia da autonomia*, nos questiona: “Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles tem como indivíduos?” (Freire, 2009, p.30). Essa indagação nos instiga a refletir sobre qual tem sido o papel da escola na valorização das experiências sociais e como elas podem/devem ser utilizadas pelos/as educadores/as em sua prática pedagógica no contexto da sala de aula, principalmente no planejamento das aulas de História, respeitando as normativas curriculares. Complementando nossa linha de raciocínio trazemos a ecopedagogia que:

A Ecopedagogia pode ser entendida como um processo de transformação do sujeito humano que pretende se arraigar por toda a sociedade, gerando novas formas de ser, se perceber, se posicionar ante aos outros e a si mesmo, fornecendo os subsídios mínimos necessários para superar paradigmas tradicionais, buscar o novo e enfrentar os desafios atuais (Nepomoceno, 2019, p.35).

Por essa razão, é importante refletir sobre o currículo que está sendo utilizado nas escolas e trazer para o cotidiano escolar a interação dos saberes contidos nas vivências do cotidiano, na experiência social, na memória, com o intuito de enriquecer as formas de ensinar e aprender, aproximando os/as estudantes de sua realidade e dando visibilidade a práticas culturais para que elas não caiam no esquecimento.

#### **4.2 Tecendo os fios da vida no ofício de curar: Saberes afro-indígena em práticas de rezadeiras e rezadores**

O sociólogo Maurice Halbwachs, em sua obra *A memória coletiva* lançada no início do século XX, aborda sobre a memória, suas concepções e espaços de atuação. O autor nos apresentou a um novo conceito de memória individual e coletiva. Segundo ele, a memória individual é sustentada pelas conjunturas da sociedade inserida (coletiva). Essa linha de pensamento nos motivou a refletir sobre a importância da lembrança (afetiva individual) e da memória (construída de forma coletiva e participativa).

As memórias coletivas são convergentes: uma união de lembranças que se comunicam em uma mesma sociedade através de fatos comuns. No estudo aqui proposto, elas são as memórias de rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana. Ao discutir sobre essas memórias podemos reconhecer e reconstruir esse fenômeno na sociedade local e ali o conservar.

A perpetuação das memórias dentro de um grupo social se dá quando são enraizados nas lembranças os acontecimentos e “as experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele” (Halbwachs, 2004, p. 45).

Assim, as concepções do passado sofrem mudanças de acordo com as narrativas e com a importância a elas atribuídas. Variando conforme a perspectiva de quem faz essa narração, esta concepção é apenas um aspecto do todo e é mutável à medida que é questionada através das relações mantidas com outros meios, formando uma “memória emprestada” que interliga a memória coletiva à individual e faz uma depender da outra para coexistir. “Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (Halbwachs, 2004, p. 54).

Complementando esse pensamento, Michael Pollak nos mostrou a existência de uma “memória herdada” que pode ser absorvida por aqueles que interagem com ela, usando a expressão “memórias vividas por tabela”, sendo estas um fenômeno construído e os modos de construção podem ser tanto conscientes como inconscientes. “O que a memória individual grava recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (Pollak, 1992, p. 05).

A memória se mostra como uma continuidade, existindo uma estreita relação entre a memória e o sentimento de identidade e esse processo acontece para a reconstrução de si.

Sabemos que é impossível estudar todas as memórias de uma comunidade, por isso escolhemos trabalhar as memórias e os saberes das tradições afro-indígenas referentes às rezadeiras e aos rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana.

Recorrer aos elementos “mágicos” presentes no corpo e na natureza em busca de cura é um ponto de semelhança entre os povos afrodescendentes e indígenas, como forma de sobrevivência/resistência. Essa tradição vem sendo transmitida de geração a geração, através da oralidade.

Desde antes do século XVI, os mais humildes, os escravos e os negros forros buscavam os rezadores como rota de salvação para sua cura, nesse momento em especial, nem o saber medicinal e o religioso se importavam com essa classe, fazendo-os voltarem para as manifestações populares (Aragão e Rodrigues, 2020, p. 330).

A palavras curativas imbuídas através das rezas ou benzeção nas práticas de rezadeiras e rezadores têm consistido numa arte milenar que busca a cura através da fé, se utilizando de vários elementos: sopros, defumações, chamados de encantados de luz, ramos vegetais com ou sem espinho, cinza quente de madeira, entre outros. Para cada sintoma/diagnóstico existe um tipo específico de reza que pode ser associado a algum medicamento retirado de natureza. “Os rezadores/rezadeiras podem prescrever ou ministrar banhos, chás ou preparar concentrados de espécies vegetais, chamados de *remédios do mato*, *remédios de pau ou mezinha*” (Silva, 2007, p. 55).

O ritual da reza, quando atentamos para ele, percebemos as orações mais variadas possíveis e notamos como elas são voltadas especialmente para problemas cotidianos, como o mau olhado, que causa cansaço no outro e é visto como uma mazela adquirida através de olhares negativos que as pessoas fazem sobre o outro. Aqueles que acreditam firmemente nesse mal, sempre procuram a benzedeira, pois consideram elas o intermédio para cuidar de todos os males do corpo, assim como os do espírito. Desse modo, visualizamos a oração das rezadeiras e rezadores enquanto meio de cura, não apenas como algo privado, mas, também, coletivo, haja vista que, seu objetivo é trazer a cura de uma determinada mazela. Essa mazela ou doença, não é enxergada como uma característica distinta da sociedade, pelo contrário, a doença está totalmente interligada ao meio social, e a partir dela os rezadores conseguem atuar enquanto meio de cura (Aragão e Rodrigues, 2020, p.329).

Existe uma relação de reciprocidade entre a rezadeira/rezador, quem busca pela cura do corpo adoecido e a comunidade em que vive, firmando um elo entre o sagrado e a sociedade. Essa construção social se firma na memória coletiva e se reproduz através da oralidade. Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia a nossa memória.

Tendo estas informações em mente, e sabendo que “as práticas educativas destas mulheres são escritas ao longo dos tempos guardando saberes, valores e sensibilidades entrelaçadas com atos de memória a fim de preservar suas ancestralidades entre as novas gerações” (Aragão e Nascimento, 2021, p. 472) discutiremos as histórias vividas no município de Salgueiro/PE, em especial, das rezadeiras e dos rezadores dentro da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana.

Através da oralidade é que podemos “evocar” essas lembranças/memórias, compreendendo que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram se provocadas/questionadas. “O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (Bosi, 2010, p. 85). Sendo assim, as práticas curativas de rezadeiras e rezadores se tornam intergeracionais, contribuindo para construção de tradições populares ao de nossa história.

Walter Benjamin complementa a importância da narração para a construção da memória coletiva: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narrativas à experiência dos seus ouvintes” (Benjamin, 2010, p. 201). Entre o/a ouvinte e o/a narrador/a nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado, que deve poder ser reproduzido de geração a geração.

As narrativas no ensino de História possibilitam ao professor/a apresentar aos estudantes um novo olhar, crítico/reflexivo, sobre a construção do conhecimento histórico, iniciando um processo de descolonização do saber em suas aulas. “Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (Benjamin, 2010, p. 200).

Os conselhos aos quais o autor se refere são baseados nas experiências adquiridas ao longo de sua vida e eles podem contribuir na formação cidadã de nossos/as estudantes e são através dos quais estes/as passarão, não apenas a dominar as habilidades do “conhecimento científico”, mas também a respeitar a ancestralidade, a memória, a história local e o lugar onde vivem.

Ao utilizarmos a memória, usando a história oral como método de prática de pesquisa somada às tradições e cultura local, podemos percorrer, juntamente com nossos personagens, lugares de memória, para reconstruirmos as trajetórias de vida. “A benção é uma fala ao inconsciente coletivo, de onde se retira a doença e onde se coloca, pela palavra, a saúde, restaurando-se o equilíbrio” (Gomes e Pereira, 2004, p. 26). Neste percurso podemos montar o

quadro histórico do ofício rezadeira/rezador e suas representações na cultura popular de tal maneira que esses saberes possam compor as aulas de História.

Uma benção é uma linguagem oro-gestual com a qual algumas pessoas – detentoras de poder especial – controlam as forças que contrariam a vida harmoniosa do homem. Benção é garantir o funcionamento da normalidade desejada e conter o mal. (Gomes e Pereira, 2004, p. 19).

Assim, cabe pensar o ritual de cura ministrado por aqueles/as que são movidos pela vocação em ajudar ao próximo, como uma extensão de sua ligação com o sagrado e com a sociedade, pois elas/eles servem como intermediárias/os entre a prática de cura e a crença que o sujeito que a procura possui.

Observamos, como semelhança entre os povos afrodescendentes e indígenas, a prática de reza ou benção. Antes do século XVI os primeiros habitantes brasileiros e os africanos escravizados, que foram trazidos pelos portugueses, recorriam às práticas curativas vindas da natureza e aos saberes das rezadeiras e rezadores. Esse modo de curar as enfermidades se valiam de práticas consideradas mágicas:

Processo que acreditavam ser eficaz no combate aos espíritos malignos, segundo eles, grandes responsáveis por seus males, entretanto apesar de ser essencialmente mágica, a medicina dos primeiros habitantes do Brasil era dotada de observações empíricas, foi através desse empirismo que os índios brasileiros criaram uma verdadeira farmacoterapia de medicamentos com base em ervas dotadas de reais virtudes terapêuticas encontradas nas florestas (Miranda, 2011, p.203).

Atualmente existe uma forte influência curandeira no Nordeste brasileiro: a presença de um sincretismo religioso que liga os costumes católicos à cultura popular, esses são reflexos do período mais remotos da colonização portuguesa. A crença em forças míticas e na cura por palavras e medicamentos feitos com plantas medicinais possibilitava aos grupos indígenas lutarem pela sobrevivência e contra tudo o que fosse adverso. “Assim, logo nos primeiros anos da colonização os pajés se tornaram alvo principal dos padres missionários” (Miranda, 2011, p. 205). Não muito diferente, os africanos muitas vezes recorreram às próprias práticas medicinais. “Predominantemente empíricos os curandeiros preparavam seus medicamentos à base de ervas raízes folhas e flores e era muito comum recorrerem às benzeduras para a cura de seus males” (Miranda, 2011, p. 414). A este respeito Silva (2007) mostra que:

Os modos de promover a cura, conduzidos a partir de técnicas específicas que visam ao reordenamento da experiência de estar doente, são realizados de acordo com a experiência de rezadores e rezadeiras, porém subsidiadas pelos interstícios culturais não configurando apenas uma reprodução cultural de algo aprendido e corporificado (Silva, 2007, p. 55).

Nas comunidades tradicionais, a religiosidade é um dos elementos constitutivos da identidade e resistência, pela qual os saberes históricos inseridos pelo sagrado e pelo místico buscam manter o formato ancestral de suas receitas. Apesar de muitas vezes marginalizada ou tratada com desrespeito por grupos religiosos modernos, a cultura das rezas e de remédios extraídos através de elementos encontrados na natureza demonstra a história da resistência dos grupos tradicionais que sobreviviam às doenças, principalmente nos interiores do Brasil de outrora.

O ritual de benção se organiza de modo a dialogar e beneficiar as diferentes camadas sociais, se moldando ao longo dos tempos com características que preservam as heranças recebidas dos ancestrais, aliadas ao sincretismo religioso, ambos embebidos na cultura popular.

#### **4.3 Narrativas e experiências no ofício de curar: atos de fé, práticas de cura**

As práticas normativas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares (Thompson, 2010, p. 18).

Movidas/os por uma íntima convicção em ajudar as pessoas as rezadeiras e os rezadores usam as palavras “emprestadas” pelo dom divino com o intuito de curar o corpo e a alma. Os gestos acalenta o/a enfermo/a, o toque acalma as dores e os simbolismos intergeracionais percorrem caminhos até os dias atuais. O papel curativo desempenhado por elas/eles é fundamental para a manutenção de tradições culturais que se estabeleceram na estrutura social do local em que vivem. Na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas observamos que:

Destaco as parteiras e benzedoras, já que essas atividades foram e ainda são consideradas de respeito na região, onde a deficiência do atendimento público em relação à saúde é muito precário. A comunidade reverencia em sua memória o imenso trabalho prestado à comunidade por Mãe Magá, que além de parteira foi uma liderança religiosa e trabalhadora agrícola (Souza, 2013, p. 156).

Essa perspectiva não é diferente na comunidade quilombola de Santana:

Os bens de ordem intelectual referentes à população de Santana incluem as rezadeiras, as benzedoras, as parteiras, o conhecimento sobre a flora e a fauna local, sobre os

ciclos de chuva e de seca, sobre o trato com os animais, os remédios do mato e, onde estão localizados os mitos mnêmicos, etc. (Santos, 2015, p. 35).

Fazendo um entrecruzamento das memórias coletivas com as das rezadeiras e dos rezadores percorremos os caminhos das vivências de nossas/os pesquisadas/os com o auxílio de nossas/os colaboradoras/es nas comunidades.

O interessante é que, mesmo sendo de comunidades diferentes, observamos algumas semelhanças entre as/os entrevistadas/os: os ramos “tem que ser de espinhos”, os objetos utilizados durante o processo de benzeção são quase sempre os mesmos, afirmam que “o homem só pode ensinar à mulher e a mulher só pode ensinar ao homem” e não cobram por seus serviços.

**Quadro 04:** Rezas praticadas, plantas e objetos utilizados no processo de benzeção

<b>Nome</b>	<b>Tipo de reza que pratica</b>	<b>Planta ou objeto utilizados durante o processo de benzeção</b>
Maria de Fátima Ana dos Santos	Quebranto Vento caído	Algaroba Pinhão roxo
Maria de Fátima Simplício de Barros Pereira	Engasgo Desmentido (luxações) Picada de cobra em animais Amarrar cobra	Planta de espinho Capucho de algodão 03 pedrinhas
Luzia Maria da Silva	Quebranto Dor de cabeça Sol na Cabeça Vento caído Triadura (machucados)	Algaroba Mussambê Pinhão Roxo 03 pedrinhas redondas Garrafa e um pano na cor branca
Alsandro Marcionílio da Silva	Quebrante Sol na cabeça Garganta inflamada.	Mussambê Pinhão Branco Pinhão Roxo Garrafa e um pano na cor branca
Maria Antônia da Silva	Espinhela caída Quebrante Fecha peito aberto Sol na cabeça	Mussambê Pedaco de pano Garrafa e um pano na cor branca

	Dô nas guela (garganta)	
João Virgulino da Silva	Quebrante Dor de cabeça Ferida de guela (garganta) Constipação Queda de cabelo	Algaroba Mussambê

**Fonte:** Elaborado pela autora (2023).

Por intermédio de Aparecida Souza, que contatou a rezadeira Maria de Fátima Ana dos Santos, iniciamos nossas entrevistas na comunidade quilombola de Santana.

D. Maria de Fátima foi nossa primeira entrevistada, 57 anos, natural do sítio Quixaba, município de Salgueiro/PE, mora na comunidade há mais de 20 anos, se mudou para Santana após seu casamento. Tem, em suas atribuições diárias, o cuidado com serviços domésticos e o cuidado em “limpar roça”. Não sabendo estimar há quanto tempo pratica a benzeção: “tem muitos anos que eu rezo”. “Num existia essa história de tudo no mundo que você sentia você ia pro médico. Num existia isso daí” (Santos, 2022).

Prefere rezar em crianças, principalmente para quebrante (os sintomas são: a criança fica só com diarreia, depois com ânsia de vômito, fraqueza) e vento caído (“o vento caído eu meço nos pé. Pego os pezim dele, assim, e junto, aí às vezes tá passando um do outro. Aí eu vou lá e rezo e os pezim fica igual”). Fez opção por rezar em crianças após ter passado mal ao rezar em um adulto, “que eu rezei em um adulto e passei mal, acho que o problema, lá do adulto passou pra mim, aí eu não gosto não de rezar em adulto. Só gosto de rezar em criança” (Santos, 2022).

Aprendeu a rezar com uma tia, “tinha uma tia minha que rezava todo tipo de reza. Mas aí, eu acho que ela adivinhou que ia falecer, aí ela copiou no papel e ficou as rezas lá copiada. Aí eu aprendi a de rezar em criança, mas eu só aprendi essa aí mesmo, só decorei a de criança”. Lamenta nunca ter ensinado seu ofício a outras pessoas. “Não, nunca ensinei não. Porque ninguém nunca veio pra mim ensinar. E nem eu posso, como eu sei, eu não posso ensinar uma pessoa assim, como eu, mulher, num pode. Diz que a reza fica fraca. Eu tenho de ensinar primeiro a uma pessoa homem, aí aquele homem vai e aprende para ensinar a outras mulhé”, mas, demonstra interesse em ensinar o ofício, “Tem um sobrim de Pedro que ele tem uns 10 anos, aí um dia desses ele chegou aqui e disse: “Ei, tia Maria, tu num me ensina não essa reza que tu reza?”, eu digo: quando você tiver maior, quando você tiver uns 18 anos aí eu lhe ensino. Que aí você num vai dizer pros outros. – Ai ele disse: tu me ensina mesmo? Eu disse: ensino.

Quando você tiver 18 anos te ensino. Ele já se interessou. Num vou lhe ensinar agora não. Mas quando você estiver grande eu lhe ensino” (Santos, 2022).

Não cobra por seus serviços, “Pergunta quanto é, e eu: “num é nada! Coisa de Deus não se cobra.” Aí as crianças fica boa, pra mim mesmo é gratificante. Porque as criança chega aqui doente e já sai daqui animada”. “Uma menina de Salgueiro. Levaram pro médico, a menina, e lá fizeram todo inxame na menina, e a menina cum diarreia. Fizeru inxame de tudo no mundo e num dava nada. Aí a mãe da menina veio, trouxe a menina pra mim rezar, pois eu rezei na menina e você acredita que ela ficou boa? Ficou boa” (Santos, 2022).

O observa que a fé na reza vem diminuindo principalmente após a chegada de outras denominações religiosas na comunidade, “Os evangélicos mesmo não acreditam não. O pessoal católico tem muita gente que acredita e tem muitos que não” (Santos, 2022).

Mesmo com toda adversidade, acredita na importância de seu ofício para a comunidade. “Eu mesmo acho que é muito importante ser rezadeira, é muito valioso. Eu acho. Pra mim mesmo... Acho que é um dom de Deus” (Santos, 2022).

Após nossa entrevista D. Maria de Fátima nos apresentou a uma outra rezadeira: Maria de Fátima Simplício de Barros Pereira.

Maria de Fátima Simplício de Barros Pereira, 67 anos, faz da sua habilidade nas costuras e bordados uma fonte de renda que auxilia o sustento da família, que vive da agricultura. Assim como Fátima Ana, ela veio para a comunidade de Santana após o matrimônio e aprendeu a rezar através de anotações repassadas por outros rezadores e rezadeiras.

Aprendeu a admirar a reza com sua mãe, que rezava em mordida de cobra. Não sabe estimar há quanto tempo reza, mas por se considerar uma “curiosa” aprendeu a rezar com vários rezadores e hoje reza em pessoas e em animais, contudo, ainda demonstra o desejo de aprender mais rezas. Infelizmente não teve quem lhe ensinasse, principalmente para quebranto “Porque quando minhas planta tiver com quebrante e elas já morrendo, aí eu vou e rezo” (Pereira, 2022), demonstrando assim seu amor por todos os seres vivos.

Em pessoas reza principalmente para engasgo e “desmentido”, “se deslocar uma junta, um dedo uma coisa assim eu rezo. Aí eu rezo e fica bom”, aprendeu duas técnicas com objetos diferentes para rezar em luxações “o homem que me ensinou disse que rezava com um capuchim de algodão ele costurando, mas o outro que me ensinou, ele ensinou com as pedrinhas. Aí são 03 pedrinhas, aí eu rezo com as pedrinhas, jogo pra lá, rezo com a outra, jogo pra lá e rezo com a outra”. Já em animais tanto reza para a cura de enfermidades e picada de cobra, como para “amarrar cobra”, “se eu achar uma cobra em um lugar, eu amarro ela e ela não sai do lugar” (Pereira, 2022).

Acredita que através da fé pode ajudar pessoas. “É, é muito importante a reza. As pessoas que mandam rezar é porque acreditam na reza e eu rezo com fé que vai ficar bom porque eu acredito também. A gente reza acreditando que vai ficar bom, confiando primeiro em Deus. E a gente reza ali na fé em Deus que vai ficar bom” (Pereira, 2022).

Além da reza, auxilia as pessoas fazendo lambedores para combater gripe e tosse, utilizando 03, 07, e até 09 ervas medicinais, dependendo dos sintomas.

O interessante é que as duas rezadeiras não nasceram em Santana, mas foram acolhidas por terem se casado com membros da comunidade, e hoje contribuem exercendo a função de rezadeiras, “substituindo” as mais idosas, principalmente após o falecimento.

Após concluirmos as entrevistas na comunidade quilombola de Santana, visitamos a aldeia indígena Atikum onde tivemos a colaboração de Maria das Graças da Silva, conhecida como Graça Atikum, liderança jovem, professora da escola da comunidade e integrante da ASPAPP, que nos guiou dentro das aldeias, nos apresentando a Luzia Maria da Silva, da aldeia Curtume e a Alsandro Marcionílio da Silva, aldeia Mulungu.

Luzia Maria da Silva nos documentos, “mas no conhecimento dos apelidos é Luzia Vieira” (Silva, 2022), 65 anos, nasceu e foi criada na aldeia Curtume, liderança local assumindo o posto de anciã da comunidade<sup>3</sup>, rezadeira, parteira, lutou pela construção da Escola Indígena Joaquim Vieira da Silva (a escola tem esse nome em homenagem ao seu avô). Por muitos anos exerceu a função de merendeira, porém se aposentou como agricultora.

Vem de uma linhagem que preza pela tradição: sua mãe e tias eram rezadeiras e parteiras, seu tio e avô (Joaquim Vieira) eram rezadores e o seu irmão João Vieira é o Pajé da Aldeia. Se orgulha em já ter ensinado seu ofício aos filhos e motiva a comunidade a ter o mesmo posicionamento. “Onde a gente tiver ou chegar não vamos sentir vergonha não, temos que ter orgulho, nossa cultura, nossos costumes já vêm dos mais velhos. Por isso que temos que está reforçando aos nossos filhos, nossos *curumins*<sup>4</sup>, nossos estudantes” (Silva, 2022).

Se dedicou a aprender a rezar após a maternidade, seguindo os ensinamentos de seu tio e observando sua mãe e tias. “Quando a gente é novo que pega família, é vendo as coisas dos mais velhos, mas nem liga quase pensando que num vai precisar, mas quando eu peguei ser mãe minha fia, é que eu tive um filho primeiro com dezoito anos, aí era só pedindo as rezadeiras e eu ali eu prestava atenção as palavras da oração, e dali eu aprendi”.

---

<sup>3</sup> O povo Atikum considera como anciã ou ancião aquelas pessoas mais velhas que detém saberes tradicionais e os transmite através da oralidade.

<sup>4</sup> Curumim significa criança na língua indígena.

Reza para quebranto, dor de cabeça, dor de cabeça que provoca esquecimento, conhecida como “sol na cabeça”, “aí eu já rezo de outro jeito, é com a garrafa de água, serve pra dor de cabeça, tontice, nessa a gente usa a fralda ou pano brando e uma garrafinha também branca”, vento caído “minha fia, a gente vai pegar ele, a criança, junta os dois pé dele. Quando você junta os dois pesim dele aqui, aí esse dedim aqui tá desigual” (ela explica que posiciona os pés da criança de forma paralela verificando que o tamanho está desigual), num vou com ramo, vou com o meu dedo e faço a oração. Aí, é... quando eu faço a oração 03 vezes, levanto ele mais a mãe. Porque eu não tenho mais forçar nem nos braço nem nas perna, 03 vezes eu vou pro batero da porta (a parte superior da caixa da porta). Aí levanto ele 03 vezes, de cabeça pra baixo e os dois pesim junto. E cada vez que vou com ele eu dou 03 palmadinha no pé. E quando as 3 vezes que eu faço isso, os 2 dedim tá junto”, e triadura “é quando a pessoa se machuca”, nessa reza são utilizadas 03 pedrinhas, “que as pedrinhas também não é de todo lugar, é um lugazim reservado, as 03 pedrinha é passada em cruz no momento da oração. Aí quando eu termino, aí eu vou e pego, que eu venho rezando puxando as vea tudim do dedo (ela faz um movimento explicando como “puxa” com a mão as veias), aí eu pego o dedo que tá triado e venho puxando devagazim e fazendo a oração” (Silva, 2022).

Ela participa de ações educativas que divulgam seu ofício e as utilidades das plantas medicinais nas escolas, associações, encontro das aldeias, feiras culturais, entre outros. Através de seu testemunho demonstra um leque de saberes, faz banhos, um torrãozinho (pó que se cheira para provocar espirros) para combater sinusite, pílula de babosa, “retiro a casca da babosa e o “miolo” envolve na goma formando uma “pílula” e ela serve para inflamação na garganta, pra gripe, gastrite, dor no estômago ela ajuda” (Silva, 2022), chás e lambedores.

Sua filha Edvânia, conhecida como Lindoura dentro da comunidade (eles tem o nome de batismo e um “apelido” dentro da comunidade), que também acompanhou a entrevista, nos explicou que existe uma equipe multidisciplinar de profissionais da saúde que fazem atendimento nas casas da aldeia, contudo ainda permanece o costume de “recorrer” às pessoas mais velhas, aos chás, aos lambedores e a equipe sempre faz palestras de fortalecimento dessas experiências pois entende que é importante a manutenção e permanência dessa tradição, e D. Luzia reforça “tem muitas coisas que ao invés de recorrer a uma farmácia lá da cidade, as rezadeiras aqui tem e faz o mesmo resultado, se brincar ainda é melhor. Sem contar que é tudo natural” (Silva, 2022).

“Faço meus banhos, não faço só pra mim, faço pra qualquer um que chegue na minha casa, que precisar, eu faço pelo amor e depois só vou confirmar: Ficou bom? Ai quando elas convida a gente vai para repassar [se refere às professoras da escola], e também quando a pessoa

quer apresentar nas reuniões que tem aqui na nossa aldeia, é muito importante porque a gente repassa as medicinas, o Toré sagrado pra pessoas aprender, não só para fazer as abertura mais também procurar a aprender também a fazer os remédios, e aí eu acredito que essa história ela é do começo dos mais velho, ela de verdade, é muito importante que a gente cada dia a gente pede a Deus saúde e sabedoria pra Ele ir sempre reforçando pra não ficar esquecido” (Silva, 2022).

Sua prática está intimamente ligada à tradição indígena, “Eu mesmo não nego não. Minhas coisas, minha cultura, aprendido com os mais velhos”. Vale salientar que dentro da aldeia existe a presença de três religiões: indígena, católica e evangélica. D. Luzia se declara católica, contudo fala das outras: “Minha religião é católica minha fia, aqui nós temos uns conhecimento, mas a religião é católica, nós também tem a religião indígena, nosso Toré Sagrado, dado por Deus e as Forças Encantadas de Luz, a gente também em nossa aldeia, tá parado assim, por que o povo ficaro mais a maioria evangélico, e a gente ficou mais poucas pessoas, mas graças a Deus aqui sempre o costume, a menina alí, a professora da Escola nas quinta-feira ela sempre faz abertura com o Toré. E os alunos cada um deles que estuda, eles sabem” (Silva, 2022). Observamos a existência do sincretismo religioso entre o catolicismo e a religião indígena como uma forma de manutenção da tradição.

Ela acredita na importância de transmitir seus conhecimentos e, assim, perpetuar a tradição. “Meu conhecimento é esse e ensino a todos vocês meus filhos, porque quando eu morrer não levo nada, mas levo a história”. Após a entrevista D. Luzia cantou dois toantes de Toré acompanhada por Edivânia e Graça, quando o cântico começou, dois netos de D. Luzia se aproximaram para endossar o coro: um menino de aproximadamente sete anos e uma menina de aproximadamente 12 anos, demonstrando a tradição de forma intergeracional.

Concluiu a entrevista cantando dois toantes de Toré, que transcrevemos:

Ôh! jureminha cadê sua ciência? Ôh! jureminha cadê sua ciência?  
 Ôh jureminha ela serve é de meisinha! Ôh jureminha ela serve é de meisinha!  
 João Cura traz a cura, que eu quero é beber! João Cura traz a cura, que eu quero é beber!  
 Eu vou beber, vou trabalhar na mesa do anjúcá! Eu vou beber, vou trabalhar na mesa do anjúcá!  
 Ôh! jureminha cadê sua ciência? Ôh! jureminha cadê sua ciência?  
 Ôh jureminha ela serve é de meisinha! Ôh jureminha ela serve é de meisinha!  
 Índio! Ôh Índio! Quem te deu tanta ciência? Índio! Ôh Índio! Quem te deu tanta ciência?  
 Enquanto Deus for Deus e o mundo for mundo é pra nós trabalhar! Enquanto Deus for Deus e o mundo for mundo é pra nós trabalhar!  
 E lá no pé do cruzeiro jurema, eu venho com meu maracá na mão! E lá no pé do cruzeiro jurema, eu venho com meu maracá na mão!

Eu venho pedir a Jesus Cristo, pôs isso no meu coração! Eu venho pedir a Jesus Cristo, pôs isso no meu coração!

Ôh! Reinaê, Einaê, Einaô! Eurrá, Einalê, Eiaô! Ôh! Reinaê, Einaê, Einaô! Eurrá, Einalê, Eiaô!

Meu Atikum está muito alegre! Meu Atikum está muito alegre!

E é de vê seus filhos em cima da serra! E é de vê seus filhos em cima da serra!

Reina! Reina! Ôwa! Reina! Reina! Ôwa! Ôh! Reina! Reina! Ôwa! Ôh! Reina!

Reina! Ôwa!

Henaênaôwa! Henaênaôwa!

Ai Jesus que está no céu! Aí venha nos ajudar!

Aí Jesus sacramentar! Aí venha nos ajudar!

A luz divina nos alumeia! A luz divina que clareou!

A luz divina nos alumeia! A luz divina que clareou!

Viva ao nosso Pai Tupã! Viva!

Viva nossa Mãe Tamarina! Viva!

Viva nossos Encantados de Luz! Viva!

Viva nossos Lugares Sagrados! Viva!

Viva nossa Mãe Natureza! Viva!

Viva todos nós que estamos presentes! Viva!

Viva os ausentes! Viva! Que Deus abençoe a todos!

Após essas vivências seguimos para nossa segunda entrevista em território indígena. Fomos para a aldeia Mulungu, onde Alsandro Marcionílio da Silva, 38 anos, já nos esperava. Assim como D. Luzia, ele também nasceu e se criou na aldeia, é professor da comunidade, formado em Geografia, com pós-graduação em Gestão Ambiental, agricultor, liderança jovem, pratica a religião indígena e é o rezador mais jovem da aldeia.

Demonstra muito orgulho por suas origens, “a importância de viver na aldeia é porque você desde de pequeno, você vê os ensinamentos com os mais velhos, os que já tombaram, [É usado o termos “tombou” para se referir a alguém que já faleceu] eles ensinam muito pra gente. E a gente vai crescendo e vai, aprende isso com eles, e vai passando pra o filho da gente, pro neto e faz com que esse ensinamento não morra. Então, isso é um bônus. Eu aprender com eles. O meu pai passa pra mim, que já pra ele já foi o pai dele, e assim eu passo pra o filho, para o neto e isso é o bom de morar na aldeia, todos esses saberes, pra que isso nunca morra. Essa distribuição de conhecimentos” (Silva, 2022).

Vem de uma linhagem de rezadeiras: sua mãe e as avós (materna e paterna) rezavam, nos explica que existem linhagens de rezadeiras e rezadores, “Um rezador específico pra cada coisa”, a dele é para quebrante, mas também reza em sol na cabeça e garganta inflamada. Nos explica como é o procedimento para rezar para sol na cabeça “É só a garrafa transparente com água e um pano de prato que seja branco. Então na hora que você põe na cabeça, né, começa a reza... aí ao mesmo tempo que a gente começa a rezar, começam a sair as bolinhas, né? Aí existe dois tipos de que é a do sol e a do sereno. A bola bem pequenininha é do sereno e a bola maior é do sol. Mas assim, quando tem demais a gente escuta “ziziziziziziziziziziz”,

borbulhando. É forte mesmo, quando a pessoa realmente tem muito sol na cabeça geralmente quando a pessoa tem muito sol na cabeça ela sente dor de cabeça a todo momento” (Silva, 2022).

Ele explica também que, para os indígenas, os Encantados de Luz “são os espíritos das pessoas que já tombaram, os guerreiros que já tombaram. Que a gente sabe que eles partem em corpo e em matéria, mas o espírito a gente acredita que eles estão ali próximo a gente, fortalecendo. São os encantados de luz. Tem muita gente que dizem os encantados, os irmão de luz, os encantados de luz, os guias, nossos guias. Aí tem essas várias nomenclaturas” (Silva, 2022).

A religião indígena ou ciência de índio zela pela aproximação com a natureza, com as forças ocultas e detém o saber da medicina tradicional. Por se tratar de uma “ciência oculta” nem todos os ensinamentos são repassados e só quem manifesta o dom é que pode aprendê-lo, “A dificuldade é que na verdade, é que nem todos que reza e tem esse dom eles ensina. Tem coisas que eles deixam oculto. Eles privam, deixam ali, em *off*. Eu não, eu não sei porque, mas minha mãe tem coisa que ela não, Dona Manuela ela não falava. É um direito deles. E tem gente que não ensina é de jeito nenhum. Tem pessoas que não ensinam mesmo”. “Quando a pessoa tem o dom pra desenvolver, a pessoa sabe o que pode e o que não pode repassar. O que pode repassar ela ensina ainda em vida. E o que não pode repassar, como a pessoa já tem o dom, a natureza vai ensinar ele a lidar sozinho. Tudo faz parte da ciência” (Silva, 2022).

Mesmo aprendendo a rezar na juventude, ele só começou a praticar o ofício após o falecimento de sua mãe “Depois que ela foi, é que manifestou o dom”, “porque na ausência delas, das minhas avós, de mãe, também eu senti a necessidade, de começar a rezar”. Além das rezas aprendeu com suas ancestrais a fazer lambedores e chás, “às vezes eu faço lambedor sim. Que eu acompanhava muito minha mãe e eu ouvia ela dizendo algumas receitas de chá, isso tudo tenho guardado na cabeça” (Silva, 2022).

E demonstra o desejo de repassar seus ensinamentos, “Como é um dom, que eu já aprendi da minha mãe e ela foi passando... e se Deus quiser eu quero passar pra outras pessoas também, pra que não morra, posso ir passando de geração. Posso passar pra um filho, pra um neto” (Silva, 2022).

Com a conclusão das entrevistas na aldeia Atikum nos despedimos agradecendo toda hospitalidade de Graça e seguimos para a comunidade de Conceição das Crioulas, onde contamos com o auxílio de Jocicleide Valdeci de Oliveira, professora da comunidade, artesã, membra da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, que nos apresentou à rezadeira Maria Antônia da Silva e ao rezador João Virgulino da Silva.

Primeiro entrevistamos Maria Antônia da Silva, 74 anos: sempre se envolveu nas ações da comunidade. No início da década de 1990 foi integrante de um grupo composto em sua maioria por mulheres que arrecadaram materiais de construção e com o auxílio da Prefeitura do Salgueiro construíram cerca de 23 casas de alvenaria que substituíram as casas de taipa (construções rudimentares de barro) através de mutirões que deu origem à Vila União, em Conceição das Crioulas. O principal motivo dessa iniciativa foi porque as pessoas estavam sendo contaminadas por insetos transmissores da doença de Chagas.

É integrante do grupo de mulheres que dança o trancelim (dança criada dentro da comunidade), já tocou zabumba na Banda de Pífano e foi da primeira turma de Normal Médio. “Terminei o normal médio, sou formada pra professora, primeira turma do normal médio daqui da comunidade”. Se refere à comunidade com muito carinho “nasci e me criei aqui, dentro de Conceição das Criola. Meu lugazinho adoravi” (Silva, 2022) e através de suas ações e da reza contribui para manter viva as tradições dentro da comunidade.

É conhecida por rezar em espinhela caída, “O que é? Aí vou medir, primeiro pela espinhela ela é bem aqui assim [no umbigo]. Aí eu vou e mede desse dedo (indicador) prece cotovelo. Aí daqui... mede pra qui, mede pra cá. Se não sobrar nada do pano é por que a espinhela num tá caído. [D. Maria gesticula medindo do umbigo ao ombro, fazendo uma cruz, cruza um pano do umbigo pro ombro] E a aí as arca (região dos ombros), a gente vai, manda a pessoa estirar assim os braço [coloca os braços estendidos um paralelo ao outro]. Aí vai e mede. Tem inté um pano, que a gente mede é com um pano. Daqui desse cutuvelo pra esse. Ai se ela tiver caído, ai fica forgado aqui [em volta da barriga] né? bem aqui muitão. E se não tiver folgado. Né ao meno abrarca. Aí eu vou pras costas”, quebrante, fecha peito aberto, sol na cabeça e dô nas guela. “Eu rezo agora esse nogocim da infecção na garganta, eu faz como eu dizer, assim: *Oh Maria concebida sem pecado. Se essa garganta tiver inflamada, Jesus de Nazaré tire essa doença e manda ela ir lá pra zona do mar sagrado.* 03 vezes. Aí rezo 03 Ave Maria. Oferecida a Nossa Senhora da Conceição que cura e que salva” (Silva, 2022).

Ela se diz católica, mas observamos, em sua fala, o sincretismo com a religião indígena “Todo dia, eu faz como dizer, eu peço essa recomendação: *E muito obrigada meu pai do céu, muito obrigada Mãezinha do céu, muito obrigada todos os Irmão de Luz. Oh! Meu anjo da guarda, São Miguel, São Lucas, tem de misericórdia de nós todos, pelo amor de Deus. Meu Deus, guardai, guiais bom caminho para nós todos. Na estrada que a gente caminha, faz como dizer, arrede todos os perigos que vier contra nós*” (Silva, 2022).

“Achava muito bonito ver os mais vei rezando,” mas só aprendeu a rezar depois que passou por adversidades para cuidar da saúde de seus filhos, “Aí não existia médico não. Aí ia

na casa da benzedeira, umas recebiam satisfeitas e outras... e outras me deu uma resposta que eu num me esqueço dela nunca, ela teje lá onde Deus quiser, mas ela foi quem disto que quem.. quando a pessoa fosse arranjanu as família já vai também prendeno a rezar as oração pra curar a criança... aí lá na presença dela eu não chorei, mas quando cheguei em casa chorei com quem tinha levadu uma pisa. Eu digo mas eu tenho fé em Deus que eu também, eu prendu a passar umas foia em meus fí. Eu não digo que não precisu dos zoto, praque a gente não deve ter esse orgulho. Bem te dito, eu. Aí encostei num benzador pra mim ensinar, aí mim ensinaram com todo gosto” (Silva, 2022).

E hoje também ensina a quem lhe procura. “De primera eu só fazia dizer as palavrinha que só sabia quem sabia quem era que tava dizenu: Eu. Mas hoje eu digo de voz alta mermo, que se o camarada se interessá a aprendê, alí se ele num aprendeu daquela vez mais vem cá inté eu pra eu tornar a passar e eu passo” (Silva, 2022). Assim como D. Luzia, ela reza em voz alta para que quem tiver interesse, aprenda.

Agradecemos a gentileza em nos receber e nos despedimos de D. Antônia.

O segundo entrevistado em Conceição das Crioulas foi João Virgulino da Silva, 85 anos. O encontramos na roça, ele fez questão de explicar que tinha apelidado o local de “celular”, por ser uma faixa de terra pequena; e em muitas ocasiões ele fazia o cultivo e o arado da terra sentado no chão devido a um problema de coluna que limita o manuseio da enxada. A entrevista aconteceu debaixo da sombra de uma algarobeira.

Antes de começarmos a entrevista ele fez questão de iniciar a conversar perguntando qual era o mal que me afligia, eu respondi dor de cabeça, de imediato ele começou a rezar baixinho, chama pela Virgem Maria, as poucas palavras audíveis são: “*Senhor tirai o mau olhado, a dor de cabeça, o quebranto, o vento caído, a constipação. Pelo poder de Deus e de Nossa Senhora sai da cabeça de Raphaela...*” (Silva, 2022).

O interessante em sua história de vida é que mesmo vindo de uma família de rezadeiras e rezadores, (a avó materna, mãe, uma irmã de sua mãe e o esposo) só se interessou a aprender a rezar depois do falecimento de sua mãe. “Ela rezava muito [se refere a mãe], mas eu não aprendi um pé de reza com ela. Eu já vim aprender os pé de reza que eu aprendi, já foi com a tia irmã de mãe. A mãe Joana. Aprendi com ela. – Mãe Joana é porque eu vou viajar... “vai viajar, meu fi?” Vou, e eu com a menineira que já tenho. Aí eu não sei se vou precisar, né? Aí eu não sei nem um pé de reza, aí eu quero que a senhora me ensine. Ao menos três pé de reza, já me serve. Que eu não aprendi nenhum pé com mãe, não aprendi. E agora já vou sair, eu quero aprender. Pra eu ajudar a minha família e a qualquer pessoa que precisar”. “Eu aprendi depois que mãe morreu. Foi que eu senti falta” (Silva, 2022).

Aprendeu várias rezas, tanto em crianças como em adultos, “rezo pra o que a pessoa tiver sentindo. Quebrante, dor de cabeça, ferida de guela... tudo isso, constipação, até pra queda de cabelo eu rezo também”.

Sua fé e vontade de ajudar quem está doente é tão grande que reza à “distância”, “Rezo da onde eu tiver. Tem rezador que só reza se for em um lugar que não travesse água. Eu num tenho esse negócio não. Graças a Deus. Aí em Salgueiro, quantos riacho num tem de lá pra cá? Tem muito riacho no mei... a pessoa de lá manda o recado pra mim, eu caço, recebo o recado do outro, né? já vou rezando naquela criança, depois eu vejo aquela pessoa. “o senhor rezou neu?” Eu disse eu rezei “depois eu fiquei bom” e o menino “ficou bom também”. Eu digo Graças a Deus, assim eu acho bom, né?” (Silva, 2022).

Já ensinou várias pessoas a rezar. “Eu vou rezando e vão copiando no papel, né? Pra que se interessar por aquela reza vai copiando no papel” (Silva, 2022) A técnica de fazer cópias das rezas também foi citada pelas rezadeiras de Santana. Vale salientar que D. Antônia aprendeu a rezar com Sr. João Virgulino e o indicou para ser entrevistado.

Ter vivido a experiência de ir às comunidades realizar as entrevistas nos fez observar a história do município por outra ótica. Existem muitos conhecimentos que ainda faltam serem estudados em sala de aula, o que só aumenta nossa responsabilidade de trazer essa discussão para nossas aulas.

Uma frase do rezador Alsandro, ao falar sobre o sentimento de ser rezador, resume as vivências de nossas/os entrevistadas/os: “Ser rezador é ajudar o próximo sem querer nada em troca. Tá nessa linhagem aí. Sem querer nada em troca. Até porque foi um dom que Deus deu, então eu jamais vou querer que, seja o que for, pra ajudar quem tá precisando, necessitado. Eu falo igual mãe: - Só quero que, fique bem! Porque nada que Deus dá a gente, o dom de Deus a gente jamais deve querer dinheiro em troca. Então, pra ajudar as pessoas que tão necessitando me faz bem e é isso o que importa” (Silva, 2022).

No próximo capítulo discutimos como os saberes afro-indígenas contidos nas práticas de reza podem ser aplicados ao conhecimento histórico escolar, demonstramos como as atividades foram realizadas com os/as estudantes, a sequência didática elaborada e o produto educacional oriundo das pesquisas e estudos realizados.

## 5. O CONHECIMENTO HISTÓRICO ESCOLAR E A RELAÇÃO COM OS SABERES E PRÁTICAS DE REZADORES/AS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS

Neste capítulo abordaremos sobre as atividades realizadas com os/as estudantes, a partir da sequência didática elaborada e, articulando tais reflexões, compartilharemos nossas impressões da pesquisa realizada com eles/as, apresentando discussões para o campo do ensino de História com base na relação rezadeiras/rezadores, saber local afro-indígena e a sala de aula.

Apresentaremos nosso produto educacional oriundo das pesquisas e estudos realizados, com sugestões e reflexões para as aulas de História em contextos interdisciplinares.

### 5.1 EREF Dom Malan: lugar de pesquisa e produção de conhecimento

A Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, está situada à Rua Carlos Soares de Brito s/n, Bairro Santo Antônio, Salgueiro – PE, e é administrada pela Secretaria Municipal da Educação. Localizada em uma área central da cidade, próximo à Prefeitura Municipal e ao Mercado Público, seu público é diversificado: recebe estudantes oriundos de todos os bairros da cidade e de várias comunidades rurais que utilizam transporte escolar. Trabalha na perspectiva da inclusão de forma ampla, ofertando múltiplas condições para a aprendizagem e o crescimento de cada estudante.

**Figura 19:** Vista aérea da EREF Dom Malan



**Fonte:** Acervo pessoal de Fátima Monteiro (2022).

Dispõem de amplo espaço, com catorze salas de aulas (todas com capacidade máxima para quarenta estudantes e, em seu interior, além de bancas e birô, possuem quadro branco, ar-condicionado e ventiladores de parede), sala de professores com banheiro, secretaria com arquivo, direção, auditório amplo, pátio arborizado revestido de cimento, quadra descoberta, dois banheiros para alunos (um masculino e um feminino), cozinha, refeitório e depósito de merenda integrados, biblioteca com aparelhos de TV e Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O prédio é provido de condições de acesso a deficientes físicos, possuindo rampas de acesso e corrimão no portão de entrada, as salas de aulas e banheiros possuem portas com a largura de vão livre mínima de 0,80m e altura de 2,10 m, ideais para cadeirantes, e rampa de acesso.

A escola conta com uma estrutura de pessoal formada por diferentes segmentos para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. A equipe gestora é composta por diretor, diretora adjunta, secretária, coordenador pedagógico do Ensino Fundamental Anos Iniciais – 5º ano e coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental Anos Finais (Integral) – 6º ao 9º ano.

O corpo docente é formado por vinte e três professores/as (quatorze efetivos, oito contratados/as e uma na sala de AEE), um instrutor de libras e sete cuidadores/as. Nos demais setores, dois agentes administrativos, cinco auxiliares de serviços gerais, quatro merendeiras, três vigilantes e dois porteiros.

Fundada em 25 de abril de 1956 pelo Padre Domingos de França Dourado, a escola foi criada com o nome Escola Dom Malan em homenagem ao bispo da Diocese de Petrolina, a qual pertencia a Paróquia de Salgueiro/PE. Em sua trajetória, passou por diferentes mantenedoras: foi fundada pela Igreja Católica, passando a ser vinculada à Autarquia Educacional de Salgueiro, e finalmente, ocorreu a municipalização em 2014.

No ano 2017, a Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Educação e da Escola, enquanto seu órgão mantenedor, estabeleceu parceria com a Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco e aderiu ao Programa de Educação em Tempo Integral para os Anos Finais do Ensino Fundamental. A escola sofreu nova modificação na sua estrutura de funcionamento: pela Lei Municipal Nº 2.020/2017, de 23 de maio de 2017 e pelo Decreto Municipal Nº 45/2018, de 13 de agosto de 2018: foi transformada em Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, a primeira a ofertar essa modalidade de ensino.

A escola passou a oferecer o modelo de Ensino Integral para os estudantes do 6º ao 9º ano, modalidade essa que foi implementada de forma gradativa, a partir do ano de 2017 com 03 turmas de 6º ano (105 estudantes matriculados). Em 2020 concluiu a primeira turma de 9º

ano do Ensino Integral, em 2021 a escola foi avaliada pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB e as turmas de 9º ano do Ensino Integral tiveram a pontuação Desejável como padrão de desempenho em Língua Portuguesa e Matemática.

Em 2022 haviam 11 turmas do 6º ao 9º ano (375 estudantes matriculados) e em 2023 há 12 turmas do 6º ao 9º ano (420 estudantes matriculados). Contudo, a conclusão das turmas de Ensino Fundamental anos Iniciais acontecerá em 2023, ainda existem 03 turmas de 5º ano (105 estudantes matriculados).

A Educação Integral em Pernambuco tornou-se Política Pública de Estado em 2008, e se iniciou em escolas de Ensino Médio, se expandindo para o Ensino Fundamental em 2017. O modelo educacional foi idealizado pelo Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE) e foi intitulado *A Escola da Escolha*. O tempo de permanência do/a estudante na escola é ampliado, respeita-se o número mínimo de duzentos dias letivos, com carga horária mínima anual de mil e quatrocentas horas/aulas, distribuídas em sete horas/aulas diárias, de cinquenta minutos cada.

A proposta curricular é dividida em dois componentes: Base Nacional Comum Curricular (Português, Matemática, História, Geografia, Artes, Ciências, Inglês e Educação Física) e uma parte de formação diversificada (Projeto de Vida e Empreendedorismo, Eletivas, Estudo Orientado, Práticas Experimentais, e Iniciação Científica), além das práticas educativas como o Acolhimento, Tutoria e Clubes de Protagonismo.

**Quadro 05:** Matriz curricular do Ensino Fundamental Anos Finais Educação Integrada – Eixo escola em tempo integral ano de implantação: 2017

BASE LEGAL	ÁREA DO CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	ANOS				TOTAL
			6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO	
LEI FEDERAL Nº 9.394/96;	LINGUAGENS	LÍNGUA PORTUGUESA	6	6	6	6	960
		ARTE	2	2	2	2	320
LEI FEDERAL Nº 11.274/2006		LÍNGUA ESTRANGEIRA – INGLÊS	2	2	2	2	320
LEI ESTADUAL Nº 16.090/2017;		EDUCAÇÃO FÍSICA	2	2	2	2	320
PARECER CNE/CEB Nº 11/2010;	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	6	6	6	6	960
	CIÊNCIAS DA NATUREZA	CIÊNCIAS	2	2	2	2	320
	CIÊNCIAS HUMANAS	HISTÓRIA	3	3	3	3	480
		GEOGRAFIA	3	3	3	3	480
	ENSINO RELIGIOSO	ENSINO RELIGIOSO	--	--	--	--	---
SUBTOTAL			26	26	26	26	4.160
		INICIAÇÃO CIENTÍFICA	---	---	1	1	80

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 07/2010;	PARTE DIVERSIFICADA	PRÁTICAS EXPERIMENTAIS	2	2	2	2	320
	SUBTOTAL		2	2	3	3	400
RESOLUÇÃO CEE/PE Nº 2/2007;	ATIVIDADES COMPLEMENTARES	ELETIVAS	2	2	2	2	320
		PROJETO DE VIDA E EMPREENDEDORISMO	2	2	2	2	320
		ESTUDO ORIENTADO	3	3	2	2	400
	SUBTOTAL		7	7	6	6	1.040
RESOLUÇÃO Nº 4/2010;	TOTAL DA CARGA HORÁRIA		35	35	35	35	5.600
RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2/2017.							

**Fonte:** Projeto Político Pedagógico – EREF Dom Malan (2022, p.16).

O Projeto de Vida dos/as estudantes é o “coração” da escola, incentivando seus sonhos e respeitando suas necessidades e interesses, que busca uma educação que valoriza a autonomia e o protagonismo juvenil. Por isso, a missão da escola se baseia nos quatros Pilares da Educação: Aprender a Ser, Aprender a Fazer, Aprender a Conhecer e Aprender a Conviver. “Tornando-se assim, um espaço cultural de socialização e desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício da cidadania plena, socialmente capazes de transformar o ambiente em que vivem” (Projeto Político Pedagógico – EREF Dom Malan, 2022, p. 04).

Os principais marcos legais que estruturam as diretrizes pedagógicas do Projeto Político Pedagógico – PPP e do Currículo da EREF Dom Malan, são a Base Nacional Curricular Comum – BNCC, especialmente as Dez Competências Gerais, Os Parâmetros Curriculares de Pernambuco, cada disciplina da Base Curricular Comum segue o Organizador Curricular por Bimestre, documento orientador do trabalho pedagógico para as escolas públicas em todo Estado e a Lei Municipal Nº 2.020/2017 que instituiu o Programa de Educação Integral do Município de Salgueiro/PE, e dentre os objetivos do programa destacamos o Art. 2º, inciso II, que trata que alguns temas que farão parte do currículo dos Anos Finais e serão trabalhados de forma interdisciplinar:

Art. 2º. São objetivos específicos do Programa:

II. Garantir um currículo escolar articulando em seus conteúdos com abordagem dos seguintes temas: saúde; sexualidade e gênero; vida familiar e social; direito das crianças e adolescentes; respeito e valorização do idoso; meio ambiente; educação para o consumo; educação fiscal; trabalho; ciência e tecnologia e diversidade cultural (Projeto Político Pedagógico – EREF Dom Malan, 2022, p.19).

O trabalho pedagógico busca promover o desenvolvimento integral dos estudantes e sua preparação para a vida (de forma individual e coletiva), consciência cidadã, e mercado de

trabalho. Dentre as Dez Competências Gerais da BNCC citadas no PPP destacamos o item seis que se encaixa em nossa proposta pedagógica:

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (Projeto Político Pedagógico – EREF Dom Malan, 2022, p. 04).

Ajudar os estudantes a construir gradativamente essas competências implica em todos/as os/as educadores estarem engajados em planejar suas práticas a partir dessas abordagens pedagógicas, considerando a necessidade de adaptações curriculares que garantam um ensino e aprendizagem eficiente e que promovam a inclusão social.

Os Parâmetros Curriculares de Pernambuco para os Anos Finais estão divididos em cinco Áreas de Conhecimento que tratam de suas competências específicas São elas: Linguagens (que abrange Língua Portuguesa, Educação Física, Língua Inglesa e Arte), Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas (que abrange Geografia e História) e Ensino Religioso, subsidiadas pelo Organizador Curricular por Bimestre, subdividido por Séries/Anos, que vão do 6º ao 9º ano, Unidade Temática, Objeto de Conhecimento, Conteúdos e Habilidades que favoreçam a progressão das aprendizagens e avançam gradativamente por todo Ensino Fundamental.

Entre as oito competências específicas para o Ensino de História no Currículo de Pernambuco adotadas pela escola utilizamos, em nossa pesquisa, a primeira e quinta:

Compreender a si e ao outro como identidades diferentes de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos

[...]

Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (Projeto Político Pedagógico – EREF Dom Malan, 2022, p. 24).

Contudo, dentro do PPP da EREF Dom Malan a discussão sobre a Cultura Afro-brasileira e Indígena é superficial e só faz menção à obrigatoriedade e necessidade de abordar essa temática. Não demonstra como essa prática será feita ou incentivada. Esse é um aspecto que precisa ser melhorado em parceria com a escola.

Faço parte do corpo docente da EREF Dom Malan desde a implementação do Ensino Integral no município de Salgueiro/PE, fiz a seleção para Área de Conhecimento Ciência Humanas e desde então leciono as disciplinas: Projeto de Vida, História, Eletiva, Iniciação

Científica e Estudo Orientado. A estruturação desse modelo de ensino nos motiva a trabalhar de forma transdisciplinar, ultrapassando os “limites conteudistas” das disciplinas de forma a dialogar com a realidade e forma como alunos/as constroem seus conhecimentos.

Os motivos pelos quais escolhemos essas turmas foram: a distribuição de carga horária nessas turmas (História e Projeto de Vida) e o fato de que nessa série eles/as escrevem o Trabalho de Conclusão do Ensino Fundamental (TCF) na disciplina de Iniciação Científica, e envolvê-los/as na pesquisa auxiliaria na investigação que eles/as estavam elaborando. Contudo, a sequência didática pode ser facilmente adaptada à realidade de qualquer uma das séries de 6º ao 9º ano, ficando à critério do professor/a a reformulação/adaptação das atividades propostas.

## 5.2 Narrativas do cotidiano escolar: Caminhos que construíram o caderno temático ecopedagógico

Como apresentado anteriormente, para a realização dessa pesquisa foram necessárias entrevistas semiestruturadas, realizadas com quatro rezadeiras e dois rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, dois questionários com estudantes do 9º ano (turmas A e B) da EREF Dom Malan: um diagnóstico que serviu para subsidiar a elaboração das quatro oficinas, e um aplicado após a realização da sequência didática que validou nossa proposta pedagógica e confirmou que o material elaborado é formativo e contribui para o ensino de História.

A primeira parte do questionário diagnóstico nos fez compreender um pouco sobre os conhecimentos prévios dos/as estudantes, sua religiosidade e o contexto social que estavam inseridos. Montamos um perfil de identificação das turmas com base em suas respostas, que foram apresentadas no primeiro capítulo, e agora, analisamos a segunda parte. Esses dados nos auxiliaram a elaborar as oficinas com o intuito de sanar as dúvidas dos/as estudantes sobre o tema da dissertação.

Segue as respostas da turma do 9º ano A:

**Quadro 06:** Segunda parte do questionário diagnóstico turma do 9º ano A da EREF Dom Malan 2022

<b>SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE DO QUESTIONÁRIO INICIAL – 9º ANO A</b>	
<b>PERGUNTAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Você conhece algum rezador ou rezadeira no	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 18 responderam Sim,</li> <li>• 15 afirmaram que conhecem algum rezador ou rezadeira no lugar onde moram,</li> </ul>

<p>lugar onde você mora? Quem?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 11 tem algum rezador ou rezadeira na família (dois a bisavó, quatro a avó, um a madrastra, dois a avó e a tia, um o avô paterno e a avó materna e um a avó e avô paterno).</li> </ul>
<p>Alguma vez na sua vida você já foi rezado (a) por uma rezadeira ou rezador? O que a experiência de ser rezado (a) significou para você?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 18 responderam Sim (“Um alívio, isso é muito importante pelo menos para mim, apesar que tem gente que não acredita”, “Uma sensação boa de se despertar”, “A reza serviu para tirar a doença”, “Um alívio muito grande porque eu melhorei”, “Tirar coisas ruim, quebranto”, “Fui rezado quando tive quebranto, senti um alívio, pois eu estava muito doente”, “Uma sensação de benção”, “De cura, libertação, muitas vezes traz uma sensação de leveza”),</li> <li>• 14 nunca foram rezados,</li> <li>• 02 não significou nada (contudo, afirmaram que foram rezados),</li> <li>• 02 não souberam responder.</li> </ul>
<p>Você acredita que a reza feita por um rezador ou rezadeira pode curar uma pessoa? Por quê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 responderam Sim (“Sim, pela força da fé e da crença”, “Se você estiver com alguma coisa, se você for no rezador e explicar a situação eles pode te ajudar”, “Tirar todas as coisas ruim da sua vida”, “Porque a fé pode curar tudo”, “Curar as pessoas que precisam”, “Sim, dependendo da conexão com Deus”, “Por experiência, algumas doenças minhas na garganta foi curada nas rezas”, “Eu já fui rezado e foi ela que fez eu ficar bem de saúde”, “Todas as vezes que fui rezada fui curada,” “Já vi gente com dor de dente e só foi minha avó rezar que passou, já chegou criança com cólica”, “Meu sobrinho ele <i>tava</i> muito doente aí ela pediu a minha irmã para rezar nele, depois de 2 dias ele melhorou muito. Ela falou que ele estava com quebranto”.</li> <li>• 12 responderam Não (“Isso é besteira”, “Não, pois o único Deus que pode curar é Jesus”, “Não acredito que rezas possam curar alguém, porém respeito o pensamento”, “Não, por que a única pessoa que tem o poder de curar alguém é Jeová”),</li> <li>• 01 respondeu parcialmente (“Em partes. Pois não tenho certeza se pode curar totalmente, apenas ajudar”).</li> </ul>
<p>Na sua opinião qual é a importância do trabalho realizado pela rezadeira ou rezador?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 acham esse trabalho importante (“Curar pessoas que estão com algum mau”, “Emprega a fé”, “Já curou meu sobrinho que já foi rezado por uma rezadeira”, “Pode ajudar alguém a ter a esperança e vontade de ser curado, e, também preservar a cultura”, “É muito importante e vem desde os tempos antigos”, “Tirar espíritos ou coisas ruim das pessoas”, “É importante sim, minha tia ela morreu por que tinha que ter sete rezadeiras se não ela morria, minha vó não conseguiu e ela morreu com seis meses de nascida”, “A força da cultura, o quanto ajuda, e a beleza da crença”),</li> <li>• 03 não acham o trabalho importante (“Na minha opinião não tem uma importância em si, porque na minha religião não falamos sobre reza”, “Dependendo da situação é ruim porque certos pessoas deixam de ir ao médico para ir as rezadeiras”),</li> <li>• 07 não souberam explicar,</li> <li>• 03 não responderam.</li> </ul>
<p>Qual comunidade tradicional da cidade de Salgueiro/PE que você</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 Aldeia Indígena Atikum,</li> <li>• 25 Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas,</li> <li>• 02 Comunidade Quilombola de Santana,</li> <li>• 01 Aldeia Indígena Atikum e a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas,</li> </ul>

já ouviu falar ou estudou a respeito?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 03 nunca tinham ouvido e/ou estudado as comunidades.</li> </ul>
Você já foi em alguma dessas comunidades? Qual? Quando? O que achou?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 28 nunca visitaram as comunidades,</li> <li>• 03 Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas (“Fui a Conceição das Crioulas ano passado, um lugar bem pobre, humilde, gostei muito”, “Conceição das Crioulas, morei e nasci lá até os meus 07 anos. Sempre amei morar, estudar a história do meu povo, amava e amo escutar minha avó contar a nossa história muitas vezes, mesmo sabendo que já ouvi milhares de vezes e sei decorada”),</li> <li>• 01 Aldeia Indígena Atikum.</li> </ul>
Qual a importância das comunidades tradicionais para a cidade de Salgueiro?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 a importância é histórica e cultural (“Preservar a cultura de nossos antepassados”, “Acho que há história por trás de tudo”, “A diversidade e os novos conhecimentos”, “Muito importante para o conhecimento de outras etnias”, “Trazer a cultura por mais lugares da região e mostrar a importância dos quilombolas e indígenas para a sociedade”),</li> <li>• 11 não souberam responder,</li> <li>• 02 não responderam.</li> </ul>
Para você é importante conhecer a história dessas comunidades? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 24 responderam Sim (“É importante saber da nossa origem e cultura de onde vivemos”, “Pois muitas pessoas não conhecem essas comunidades e é importante para a cultura”, “Conhecer de onde veio muitas tradições”),</li> <li>• 08 responderam Não.</li> </ul>
Na sua opinião é importante estudar nas aulas de História os saberes dessas comunidades?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 28 responderam Sim (“Sim, para obter conhecimento, entender sobre essas comunidades e diminuir a intolerância religiosa nos estudantes”, “Deveria sim está dentro do planejamento da nossas aulas”),</li> <li>• 03 responderam Não,</li> <li>• 01 não soube responder.</li> </ul>
O que se estuda sobre a história de Salgueiro nas aulas de História é suficiente para conhecer o lugar em que vivemos?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 15 responderam Sim,</li> <li>• 13 responderam Não (“Tem muitos segredos que ninguém sabe”, “Geralmente quando vão falar da História de Salgueiro não falam sobre os distritos e quando falam são informações rasas não aprofundam sobre esse assunto tão importante”),</li> <li>• 04 não souberam responder.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Nos surpreendemos ao constatar que mais da metade da dos/as estudantes da turma A já tinham sido rezados/as e que tinham rezadeiras e rezadores em suas famílias. Demonstram acreditar no poder curativo da reza e quase unanimemente consideram importante estudar os saberes tradicionais das comunidades.

**Quadro 07:** Segunda parte do questionário diagnóstico turma do 9º ano B da EREF Dom Malan 2022.

<b>SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE DO QUESTIONÁRIO INICIAL – 9º ANO B</b>	
<b>PERGUNTAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Você conhece algum rezador ou rezadeira no lugar onde você mora? Quem?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 responderam que SIM,</li> <li>• 11 afirmaram que conhecem algum rezador ou rezadeira no lugar onde moram,</li> <li>• 05 tem algum rezador ou rezadeira na família (dois a avó, um a avó e avô, um a tia e um a avó das irmãs).</li> </ul>
Alguma vez na sua vida você já foi rezado (a) por uma rezadeira ou rezador? O que a experiência de ser rezado (a) significou para você?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 15 responderam Sim (“Pedir uma benção”, “Uma libertação de males”, “Significa muita coisa, sempre que ia eu saia de lá mais leve”, “Uma sensação de libertação”, “Libertar dos olhos gordo e inveja”, “Me ajuda a acalmar, chama uma paz para minha alma e tira todos os quebrantes que as pessoas colocam em mim”, “Eu me curei do que estava passando”),</li> <li>• 07 nunca foram rezados,</li> <li>• 02 não significou nada (“Não significa nada, pois eu não creio nessas coisas”, “Não significou nada, porque não teve efeito, não mudou”),</li> <li>• 05 não souberam responder.</li> </ul>
Você acredita que a reza feita por um rezador ou rezadeira pode curar uma pessoa? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 21 responderam Sim (“Pois como diz meus pais a reza serve para tirar tudo de ruim da pessoa”, “Porque muito das pessoas que estão com algum problema familiar vão se rezar e consegue resolver o problema”, “Sim, porque é feita com Deus no coração”, “Porque tem muita pessoa que acredita tanto que vai se curar que acaba se curando”, “Eu já fui em uma e eu estava doente e depois que ela rezou em mim eu me curei da dor”, “Sim, dor espiritual ou emocional, como um reconforto”, “Acredito que só funciona em quem acredita”, “Eu já fui testemunha eu <i>tava</i> doente e fiquei boa”),</li> <li>• 09 responderam Não (“Não acredito em conhecimento sobrenaturais”, “Não, Acho que seja mais por cultura ou crença das pessoas”, “Não acredito nesse tipo de coisa”, “Elas não tem esse poder e que seria bem mais prático e fácil ir ao médico”).</li> </ul>
Na sua opinião qual é a importância do trabalho realizado pela rezadeira ou rezador?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 22 acham esse trabalho importante (“Para mim é ter um saber que Deus deu para eles, é um dom lindo”, “Trazer solução para problemas e cuidar da qualquer doença”, “Para tirar quebranto, energia negativa esse tipo de coisa”, “Acho que pode tirar um mau-olhado”, “Pode curar as pessoas de certas coisas e também remover energia negativa”, “Serve para tirar coisas ruins da vida como mau-olhado e inveja”, “Querer cuidar alguém e deixar ela melhor, normalmente eles gostam de ajudar pessoas com boa vontade”, “Uma rezadeira é uma figura religiosa importante para grupos religiosos visto por mim como uma figura de respeito, sábio como um filósofo”, “Ajudar de alguma forma todos que acreditam nesta cura”, “Elas fazem parte da nossa natureza”),</li> <li>• 02 não acham o trabalho importante (“Para mim não tem nenhuma importância mas dependendo da religião isso pode ser considerado cultura local, e eu respeito”),</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 05 não souberam explicar,</li> <li>• 01 não respondeu.</li> </ul>
Qual comunidade tradicional da cidade de Salgueiro/PE que você já ouviu falar ou estudou a respeito?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 23 Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas,</li> <li>• 01 Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas e de Santana,</li> <li>• 01 Aldeia Indígena Atikum e a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas,</li> <li>• 02 Comunidade Quilombola de Santana,</li> <li>• 03 nunca tinham ouvido e/ou estudado as comunidades.</li> </ul>
Você já foi em alguma dessas comunidades? Qual? Quando? O que achou?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 22 nunca visitaram as comunidades,</li> <li>• 07 Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas,</li> <li>• 01 Comunidade Quilombola de Santana.</li> </ul>
Qual a importância das comunidades tradicionais para a cidade de Salgueiro?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 12 a importância é histórica e cultural (“É que eles trazem coisa do mato para Salgueiro”, “Sua cultura e conhecimento que vem se perdendo com o tempo”, “Elas fazem parte da história de Salgueiro e elas não podem ser esquecidas, sabendo da história delas também sabemos da história de Salgueiro”),</li> <li>• 02 responderam não tem importância (“Não acho que tenha importância, porém para nativos ou quem tenha acesso tenha”),</li> <li>• 15 não souberam responder,</li> <li>• 01 não responderam.</li> </ul>
Para você é importante conhecer a história dessas comunidades? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 27 responderam Sim (“É importante para lembrar das tradições”, “Conhecer mais dessas culturas”, “Isso é uma cultura local, é importante para a história da cidade”, “Sim, pois se trata dos antepassados dos cidadãos que estão em Salgueiro a muito tempo”, “A história de vida dessas pessoas se torna muito importante”, “São realidades diferentes das nossas”),</li> <li>• 02 responderam Não,</li> <li>• 01 não soube responder.</li> </ul>
Na sua opinião é importante estudar nas aulas de História, os saberes dessas comunidades?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 27 responderam Sim (“É importante estudar os saberes dessas comunidades”, “É uma cultura que está se perdendo”),</li> <li>• 02 responderam Não (“Não, pois não agrega em nada, porém conhecimento é sempre bom”),</li> <li>• 01 não soube responder.</li> </ul>
O que se estuda sobre a história de Salgueiro nas aulas de História é suficiente para conhecer o lugar em que vivemos?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 11 responderam Sim,</li> <li>• 15 responderam Não (“Devemos saber onde estamos vivendo”, “Devemos expandir o estudo sobre o lugar que moramos”),</li> <li>• 03 não souberam responder,</li> <li>• 01 não respondeu.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

A turma B se mostrou mais cética, o número de estudantes rezados/as foi menor, não demonstraram interesse em estudar a história local e deixaram muitas questões em branco ou com respostas sem justificativa.

Comparando as duas turmas, observamos que a turma A sabia e/ou se interessava mais sobre o tema. Eles/as se empenharam mais em responder as perguntas, a turma B tem um número maior de pessoas que visitaram as comunidades pesquisadas, porém não conhecem suas histórias. Outro aspecto que chamou nossa atenção foi a pluralidade religiosa declarada pelos estudantes que tendia para o cristianismo, contudo, nenhuma religião de matriz africana foi citada.

Com o consolidado das respostas em mãos, nos deparamos com o desafio de estruturar as oficinas de modo que aguçasse nos/as estudantes o interesse em aprender sobre a temática. As respostas das questões de um a seis nos inspiraram a elaborar a primeira oficina: *Narrativas que educam e ensinam História*, realizada em 04/11/2022.

**Figura 20:** Apresentação de algumas ervas medicinais aos/às estudantes



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Dividimos essa oficina em dois momentos, iniciamos mostrando aos/as estudantes algumas plantas medicinais (ervas frescas, raízes e cascas de plantas), deixamos que os/as estudantes tocassem e sentissem seu cheiro, após ouvirmos suas impressões a respeito das plantas e sua utilidade perguntamos se sabiam qual era a utilidade de uma garrafa transparente e um pano branco para rezadeiras e rezadores.

O testemunho de uma estudante da turma A nos surpreendeu: ela relatou que seus avós paternos eram rezadores em Conceição das Crioulas, contudo, deixaram de rezar após se “converterem a lei protestante” e explicou com detalhes para a turma como se reza em sol na cabeça.

**Figura 21:** Estudante explicando para a turma como se reza em sol na cabeça



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Iniciamos utilizando o cheiro das ervas medicinais e o toque das folhas e cascas com o intuito de despertar memórias nos/as estudantes, através do olfato e tato. A inclusão de material concreto/palpável ativa as sensibilidades e também auxilia nas percepções de quem tem baixa visão ou não enxerga.

Após o debate inicial, fizemos a explanação do *slide: Saberes de rezadeiras e rezadores: ofício e prática de cura*, explicado sobre o ofício da/o rezadeira/rezador, sua contribuição para a sociedade ao longo da história e o porquê consideramos esses saberes afro-indígenas.

Contudo, quando fomos realizar a oficina na turma do 9º ao A estava faltando energia elétrica e não tivemos como fazer a exibição do *slide*. Fizemos apenas a apresentação do material concreto e a explanação oral do conteúdo. Essa adaptação nos propiciou experienciar

que caso no momento da aula não haja um *Data Show* disponível o/a professor/a poderá explicar o conteúdo do *slide* sem prejuízo para a dinâmica da oficina.

Em seguida, analisamos o Processo de Domingas Gomes da Ressurreição (índia, denunciada ao Tribunal da Inquisição de Lisboa, acusada de superstição e feitiçaria por rezar quebranto, no Estado do Pará, em 1768), escolhemos trabalhar esse texto porque nas respostas dos questionários diagnósticos “quebranto” foi a reza mais citada pelos/as estudantes, exemplificando que essa é uma prática antiga.

Ao analisarmos as respostas dos/as estudantes, lembramos do livro *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*, de Laura de Mello e Souza, que faz menção ao processo da índia Domingas, o que aguçou nossa curiosidade em saber o desfecho da história, por isso recorremos ao site: <https://inquisicao.info/>, que contém o processo na íntegra.

**Figura 22:** Estudantes analisando o texto sobre o Inquérito de Domingas Gomes



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Fizemos uma adaptação do texto para que os/as estudantes compreendessem o que é um processo inquisitorial e se familiarizassem com o vocabulário do português arcaico. Como atividade proposta pedimos que eles/as criassem uma narrativa adaptando o final da história

lida aos dias atuais. Imprimimos o material em papel reciclado para que houvesse um aspecto de manuscrito.

A escolha do texto chamou a atenção dos/das estudantes. Eles/as conheciam ou já tinham ouvido falar em quebranto e se surpreenderam com o quanto essa prática é antiga e vem sofrendo vários tipos de perseguição ao longo dos séculos, entretanto permanece presente na atualidade chegando até o convívio deles/as.

Pedimos que eles adaptassem essa história aos dias atuais, recriando como seria a vida de Domingas e opinando se ela seria julgada e condenada por ser rezadeira.

A atividade foi respondida em duplas para fluir melhor o debate entre os/as estudantes. A proposta de trabalho em grupo tanto serve para que o debate sobre o tema aconteça como para que os/as estudantes com dificuldades em escrever sejam auxiliados por aqueles/as com mais facilidade em sistematizar o pensamento através da escrita.

Destacamos algumas perguntas da turma A:

**Quadro 08:** Síntese das respostas da Atividade 01, turma do 9º ano A da EREF Dom Malan  
2022

<b>RESPOSTAS – 9º ano A</b>
“Ela viveria de forma livre sem medo de ser julgada, o Brasil dos dias atuais é um país laico, intolerância religiosa é crime e até as autoridades buscam as rezas, a parte do julgamento e da condenação foi injusta.”
“Domingas seria sim julgada e condenada nos dias de hoje, apesar dos tempos modernos o preconceito e ignorância é bem presente. Contudo, todas as especulações, fofocas e condenações feitas pela população iria continuar. Acredito que mudaria só a forma que ela foi tratada”.
“Logo de começo ela seria bem famosa por conta dessa geração, ela também seria um incentivo para outras rezadeiras que estão se escondendo da sociedade se manifestarem contra o caso. Ela não seria condenada por conta da mudança de leis que permite acreditar em quem quiser”.
“Domingas como é uma rezadeira hoje em dia ela sofreria várias acusações por ser considerada uma macumbeira. Pois várias pessoas não entenderiam o que ela faz por isso seria muito julgada. Ela só queria curar e defender várias pessoas e crianças”.
“Ela sofreria julgamento da sociedade caso falasse e praticasse abertamente sobre sua religião, pelo fato de que mesmo o Brasil sendo um país laico, a maioria das pessoas seguem o cristianismo e são bastante intolerantes e conservadoras com outras religiões. Atualmente embora Domingas fosse criticada pela população, não seria presa pois hoje em dia no Brasil não existe nenhuma lei que proíba os cidadão de seguirem a religião que queiram. Não

concordo com o que ocorreu, e se eu pudesse mudar algo seria o preconceito e o pensamento das pessoas”.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Destacamos algumas perguntas da turma B:

**Quadro 09:** Síntese das respostas da Atividade 01, turma do 9º ano B da EREF Dom Malan 2022

<b>RESPOSTAS – 9º ano B</b>
“Na minha opinião ela seria julgada por católicos e evangélicos (principalmente no <i>Twitter</i> )”
“De acordo com o contexto atual Domingas não seria julgada pelo tribunal por sua crença e fé, talvez fosse julgada pela crença religiosa externa que continua abominar e regular outros tipos de religiões com costumes diversificados. Domingas continuaria a viver em sua comunidade com seus iguais e a praticar suas atividades comuns, sem a inquisição e não teria passado tanta humilhação em público”.
“Nos dias atuais a discriminação que ela sofreu seria bem melhor e a punição desnecessária que ela passou não iria acontecer pelo simples fato de a igreja não está mais no poder absoluto, ela não seria condenada da forma que foi, e não teria que deixar suas tradições e sua religião apenas para satisfazer os gostos dos egoístas e egocêntricos católicos. O modo de ela viver nos dias de hoje seria bem mais fácil para ela. Ela não seria discriminada por ser rezadeira, ela iria poder praticar seus ritos sem precisar ser condenada a pena de morte, talvez teria que ouvir alguns comentários desnecessários de pessoas que não saíram da idade média. Esta penalidade que ela sofreu na minha opinião foi extremamente errada e desnecessária uma vez que ela deveria ter por direito a liberdade de praticar sua religião da forma como ela queria, desde que não afetasse ninguém como a religião católica faz desde sempre discriminar toda forma de pensamento contrário ao deles. Neste relato eu mudaria a forma como ela foi tratada e o melhor fim para essa história, seria ela se rebelando contra a igreja e conseguindo o seu direito de expressar suas tradições inspirando outras pessoas de religiões derivadas”.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Observamos que os/as estudantes reconhecem que houveram avanços ao longo do tempo em relação à tolerância religiosa, contudo o preconceito e a estigmatização por conta das práticas curativas envolvendo a fé ainda existem em nossa sociedade, chamou nossa atenção a reescrita dos desfechos que colocam as rezadeiras como protagonistas e inspiração para as gerações mais novas.

A análise das respostas das questões de sete a dez nos fez perceber que os/as estudantes desconheciam tanto a história do território como sua geografia, o que nos inspirou a elaborar a segunda oficina: *Conhecendo um pouco mais o território de Salgueiro/PE*, realizada em 11/11/2022.

O intuito dessa atividade foi estudar a cartografia do município utilizando o mapa distrital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020) e ao mesmo tempo contar a história das comunidades pesquisadas.

**Figura 23:** Explicação sobre o mapa distrital do município de Salgueiro/PE – IBGE



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

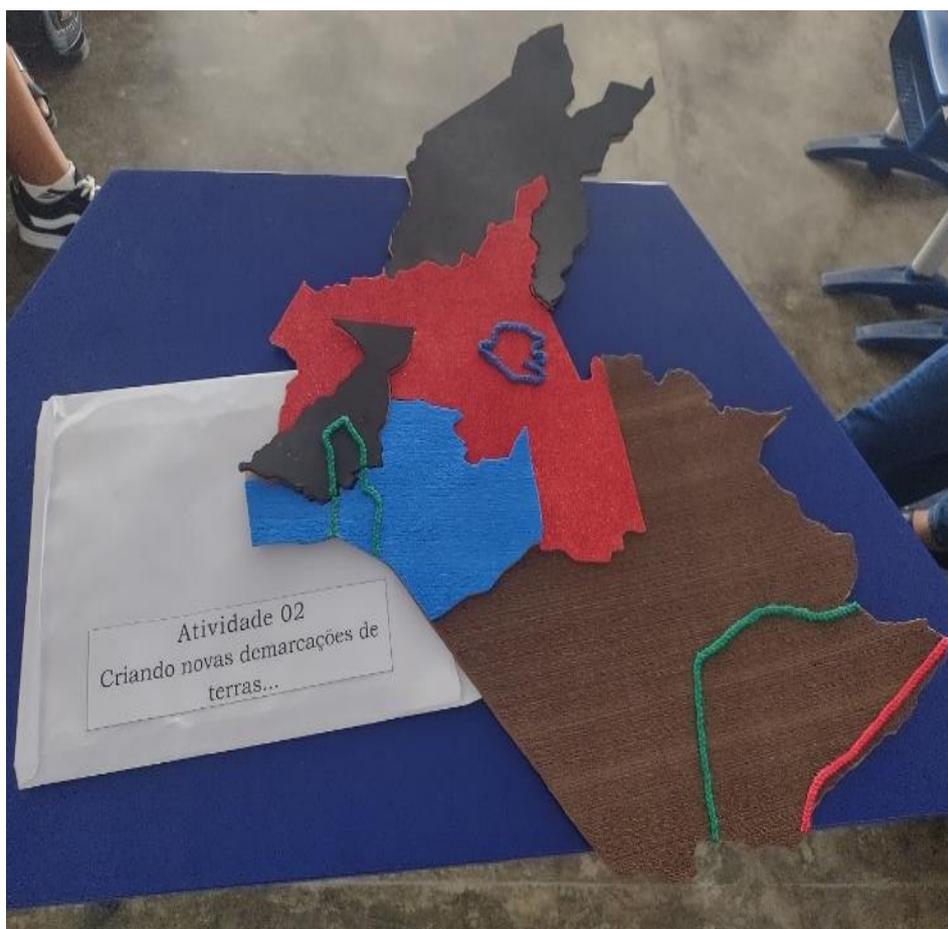
Antes de iniciarmos a oficina, começamos revisando com os/as estudantes como um mapa é dividido e algumas noções de cartografia, principalmente no que se refere à escala e legenda. Explicamos o significado das cores, das linhas em um mapa distrital e o significado de cada legenda, detalhando os formatos das que se referem aos territórios para facilitar a compreensão dos limites das comunidades, em especial as do 2º Distrito, que contém terras indígenas e quilombolas.

Para a realização dessa oficina utilizamos dois mapas: um impresso em folha A0 de Dimensões 84,1 cm x 118,9 cm, disponível no site do IBGE. As legendas desse mapa nos auxiliaram a mostrar aos/às estudantes que o território da comunidade quilombola de Santana está localizado entre o 5º Distrito e o 3º Distrito e que no 2º Distrito está localizada a

Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas e a aldeia indígena Atikum; e outro, que elaboramos em formato de quebra cabeça.

Fizemos a opção por imprimir o mapa para que estudantes observassem com mais detalhes os elementos cartográficos, entretanto o/a professor/a que utilizar o material caso não tenha como fazer a impressão poderá fazer a projeção utilizando o *Data Show*. Confeccionamos o mapa do município dividindo os distritos como peças de encaixe de um quebra cabeça. A base foi feita de Papel Paraná (podendo ser de papelão) no formato do município e as peças utilizando placas de emborrachado de três texturas diferentes.

**Figura 24:** Mapa tátil do município de Salgueiro/PE.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Escolhemos a textura do emborrachado com gliter, que é áspera para ser a peça central no formato da sede do município na cor vermelha, duas cores de emborrachado atoalhado (mais macio) para representarem os distritos onde as comunidades estão localizadas, nas cores marrom para o Distrito de Conceição das Crioulas e azul para o Distrito do Pau Ferro, o liso na cor preta para os Distritos de Umãs e Vasques.

Utilizamos pedaços de barbante em cores diferentes para fazer a demarcação de fronteiras, a de cor azul para delimitar a área urbana na sede, o de cor verde para delimitar o território quilombola de Santana que passa pelos Distritos de Umãs e Pau Ferro, contudo no Distrito de Conceição das Crioulas usamos dois fios, novamente o de cor verde para delimitar o território quilombola e o de cor vermelho para o território da aldeia Atikum.

Optamos por essas cores pois eram as que nossa aluna com baixa visão enxerga melhor. Contudo, o planejamento poderá ser adaptado conforme a disponibilidade de material de quem estiver executando a atividade.

**Figura 25:** Montagem do mapa tátil do município de Salgueiro/PE



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

A oficina aconteceu da seguinte forma, apresentamos o mapa impresso do município aos/às estudantes e a base do mapa tátil, que continha pedaços de velcro onde a peça/distrito se encaixava, à medida que fomos explicando a história dos distritos, íamos utilizando as peças para ilustrar. Na turma do 9º ano B, após cada explanação entregava a peça à aluna com baixa

visão e, junto com ela, montávamos o quebra cabeça, na turma do 9º ano A contei com o auxílio dos/as estudantes para fazer a montagem.

Como atividade elaboramos um croqui do mapa da cidade contendo apenas a delimitação distrital e propomos aos estudantes que criassem uma legenda com símbolos e/ou em cores para cada comunidade e demarcassem um novo mapa territorial do município conforme a opinião deles/as sobre o que seria o justo em proporções territoriais e justificassem suas respostas. Foi entregue uma cópia do mapa do IBGE para servir de referência. Por se tratar de uma atividade que tinha partes para desenhar e colorir os/as estudantes não demonstraram dificuldades em responder e todos/as puderam participar.

**Figura 26:** Estudantes analisando o mapa do município



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

A interação dos/as estudantes com os mapas foi bastante construtiva. Eles/as demonstraram curiosidade e interesse em compreender o espaço onde vivem. Destacamos algumas respostas:

**Quadro 10:** Síntese das respostas da Atividade 02, turmas do 9º ano A e B da EREF Dom Malan 2022

**RESPOSTAS – 9º ano A e B**

“Eu separei essas terras por que essas pessoas sofreram bastante, e a divisão de terra estava bem mal feita por causa dos fazendeiros que foram pegando as terras e matando os habitantes”.

“O povo de Quilombo de Conceição das Crioulas, Quilombo de Santana e da Aldeia Indígena Atikum precisam de seus devidos espaços, principalmente os que foram tomados por fazendeiros”.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Ao analisar as respostas da segunda atividade, observamos que os/as estudantes, quando redelimitaram as terras das comunidades, aumentaram seu território, e a maioria das justificativas ressaltavam a necessidade de uma divisão de terras mais igualitária garantindo o direito dos povos tradicionais.

A análise das respostas das questões onze e doze nos fizeram refletir sobre nossa prática em sala de aula em busca de uma forma atrativa de ensinar os conteúdos. Por isso, elaboramos um jogo de tabuleiro intitulado *Caminhos da tradição*, com imagens e descrições de temas relacionados à história, cultura e personagens das comunidades. A terceira oficina foi realizada em 18/11/2023.

**Figura 27:** Estudantes interagindo com o jogo



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Em nossa explanação demos ênfase à vida das rezadeiras e rezadores pesquisados e suas contribuições para as comunidades onde vivem, contudo, durante as oficinas anteriores percebemos que os/as estudantes tinham mais dúvidas e curiosidade sobre a aldeia indígena Atikum, por isso demos mais ênfase em responder a essas questões durante o jogo.

Fizemos a leitura das regras do jogo e explicamos como seriam as próximas etapas. Os/as estudantes foram divididos em grupos de três pessoas. Cada grupo recebeu uma cópia das regras do jogo, e as partes que compõem o jogo: um tabuleiro, três peões e um envelope contendo dezesseis “figurinhas”.

**Figura 28:** Estudantes com o Jogo de tabuleiro.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Utilizamos algumas imagens da internet, em especial as de *sites* institucionais<sup>5</sup> porque os/as estudantes estão familiarizados/as com elas e são de fácil descrição, e caso os/as professores queiram, no futuro, mais informações a respeito delas fica mais fácil de conseguir.

O tabuleiro é ilustrado com imagens das comunidades, as duas maiores, representando o caminho e o riacho, são da comunidade quilombola de Santana, foram cedidas pelo professor Pedro Fernando dos Santos. Procuramos utilizar paisagens que demonstrassem períodos de seca

---

<sup>5</sup> Podemos citar o *site* da Prefeitura municipal do Salgueiro: <https://www.salgueiro.pe.gov.br/>

e de chuva típicos do sertão pernambucano, e as três imagens menores, representando cada comunidade, foram retiradas da internet.

As “setas” divididas em dez “casas” representam os caminhos percorridos pelos/as jogadores/as: a primeira leva à comunidade quilombola de Santana, a segunda, à comunidade quilombola de Conceição das Crioulas e a terceira, à aldeia indígena Atikum.

Os “peões” que servem para posicionar em qual casa está o/a jogador/a representam uma comunidade. Caracterizando a comunidade quilombola Santana temos o GANZÁ (instrumento musical usado na Mazurca, ritmo que mistura influências indígenas e africanas que representa um dos bens imateriais da comunidade de Santana), caracterizando a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas temos a BONECA DE CAROÁ (artesanato que homenageia mulheres que são símbolo de resistência dentro da comunidade de Conceição das Crioulas) e caracterizando a aldeia indígena Atikum temos o MARACÁ (instrumento musical sagrado utilizado nos toantes de Toré).

Figura 29: Frente e verso das figurinhas



Fonte: Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

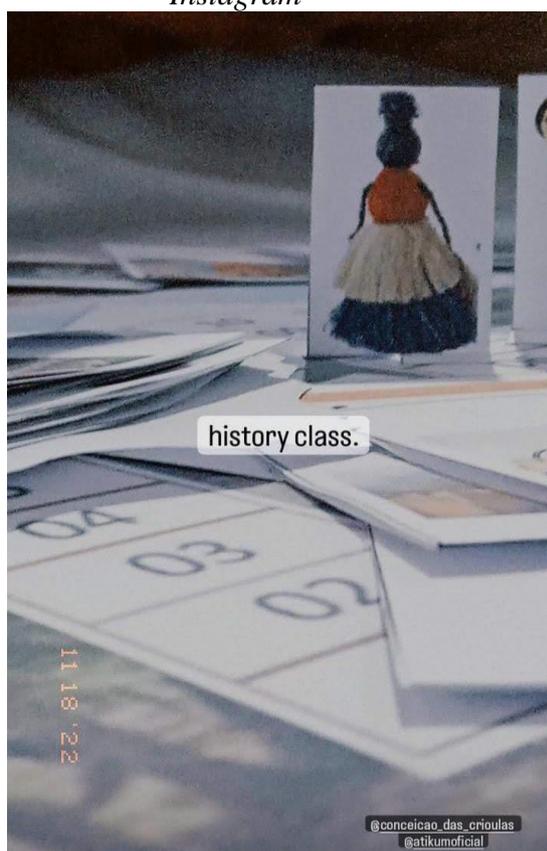
Elaboramos um envelope contendo dezesseis “figurinhas” com imagens na frente e no verso e a explicação/instrução de quantas casas os/as participantes irão avançar ou retornar pelo tabuleiro até chegar em seu destino.

Vence o jogo quem chegar primeiro ao destino, porém o jogo só acaba quando todas as figuras são lidas. As imagens e suas descrições se relacionam à história das comunidades, cultura e personagens. O/a professor/a poderá adaptar as “figurinhas” mediante a realidade de sua sala de aula.

A receptividade do jogo foi positiva, além de trabalharmos os conteúdos propostos, implicitamente vivenciamos a importância do trabalho em grupo. As equipes seguiram as regras do jogo e acharam interessante a metodologia que usava imagem e descrição para contextualizar a atividade.

Abaixo trouxemos um *print* de uma postagem feita por uma estudante em seu *status* do aplicativo *Instagram*. Ela nos pediu para fotografar e postar marcando as páginas das redes sociais das comunidades, e em sua fala nos disse sobre o quanto achou importante a abordagem do tema em sala “e que essa ação deveria ser divulgada para as outras escolas”.

**Figura 30:** *Print* de uma postagem feita por uma estudante em seu *status* do aplicativo *Instagram*



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

E, para concluir, pensamos em uma atividade que levasse o conhecimento produzido nas oficinas para fora da sala de aula. Por isso elaboramos a quarta e última oficina, que foi realizada em 25/11/2022 e teve por título *Todo dia é dia de consciência – orientações pedagógicas decoloniais*. Após revisão do assunto estudado nas oficinas anteriores, debatemos com os/as estudantes sobre a importância da promoção de ações que incentivem práticas antirracistas na escola. Coincidentemente a coordenação pedagógica da escola havia solicitado que os/as professores abordassem temas que tratassem do Dia da Consciência Negra em seus planejamentos.

**Figura 31:** Produção dos estudantes fixadas no quadro de avisos da escola



**Fonte:** Arquivo pessoal de Raphaela Hildita (2022).

Como atividade proposta foi pedido que os/as estudantes se dividissem em grupos e usassem seus celulares para elaborarem cartazes nos aplicativos *Picsart*, *Pinterest*, e *Instagram* que foram fixados no quadro de aviso na entrada da escola com o intuito de sensibilizar os/as demais estudantes, promovendo a reflexão a respeito do tema. Essa atividade também pode ser realizada através de desenhos em folha de papel tamanho A4.

O mais gratificante dessa ação, foi ver que durante o horário do almoço os/as estudantes das outras turmas da escola paravam para ler as produções e os/as estudantes do 9º ano explicavam seus significados e o que aconteceu nas oficinas.

Consideramos a realização das oficinas uma experiência exitosa, contudo, podemos apontar como ponto negativo o período de sua realização, que coincidiu com outras atividades do semestre letivo propostas pela escola. Inicialmente elaboramos o cronograma para a realização das oficinas entre os meses de setembro e outubro, porém tivemos a necessidade em reorganizar nosso cronograma devido ao reagendamento das entrevistas, ficando sua realização para o mês de novembro, o que coincidiu com os Jogos Interclasse e as apresentações dos TCEF's. Essas atividades acabaram por deixar os/as estudantes desconcentrados/as e agitados/as, interferindo em suas participações nas atividades propostas pelas oficinas.

No final da quarta oficina, foi entregue aos/as estudantes outro questionário, com onze perguntas objetivando compreendermos o que os/as estudantes aprenderam sobre as comunidades durante as oficinas, as percepções relacionadas ao ofício das rezadeiras e dos rezadores e as práticas de cura após a execução da sequência didática, se o material elaborado pode ser aplicado em outras turmas e quais contribuições para o ensino de História a proposta pedagógica tem a oferecer. Na próxima seção apresentaremos o consolidado das respostas do questionário final.

### **5.3 Vozes que protagonizam: vivências de uma experiência escolar**

Nesta seção discutiremos sobre as diferentes vozes que protagonizaram esta pesquisa e propiciaram nossas compreensões sobre a proposta de ensinar História a partir do saber local, articulando as experiências vivenciadas pelos estudantes e os saberes das comunidades pesquisadas.

Pensar um ensino de História inclusivo destes saberes é trazer a aplicabilidade da Lei 11.645/2008, que implementa as discussões afro-indígenas na escola.

Houveram várias dificuldades para a realização das oficinas devido às muitas demandas que envolveram os/as estudantes no final do semestre letivo e que os/as deixaram desatentos durante a realização das mesmas, pois o período coincidiu com a realização dos Jogos Interclasse, a apresentação dos TCEF, a culminância das eletivas, os simulados, a prova de avaliação do Sistema de Avaliação de Pernambuco e os jogos da copa do mundo de futebol, que também reduziu o horário de aulas. Esses fatores dificultaram a aplicação do questionário

final, mesmo assim, conseguimos que dezessete estudantes da turma A e vinte e três da turma B respondessem às nossas perguntas.

A elaboração das perguntas foi pensada com o intuito de analisar se os/as estudantes gostaram de realizar as atividades e se conseguiram aprender o que foi proposto nas oficinas. Uma parte das questões foi direcionada ao que eles/as tinham aprendido sobre as comunidades e outra, sobre a aplicabilidade dos saberes das rezadeiras e rezadores e as práticas de cura ao ensino de História.

**Quadro 11:** Questionário aplicado após a realização das oficinas, turma do 9º ano A da EREF Dom Malan 2022

<b>SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE DO QUESTIONÁRIO INICIAL – 9º ANO A</b>	
<b>PERGUNTAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
01º) Você gostou da realização das oficinas? Qual delas você mais gostou? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 16 responderam que gostaram da realização das oficinas,</li> <li>• 01 respondeu que gostou da oficina 01,</li> <li>• 03 responderam que gostaram da oficina 02 (“Pois pude obter mais informações sobre a divisão de territórios dos povos afro-indígenas de Salgueiro”),</li> <li>• 08 responderam que gostaram da oficina 03 (“Tabuleiro das comunidades, porque foi divertido envolveu leitura”, “Por ser bem interativa e divertida de realizar”, “Gostei do tabuleiro pois no envelope entregue haviam informações sobre Santana, Atikum e Conceição das Crioulas, coisas que eu nem conhecia”, “Foi uma didática favorável para o aprendizado”, “Aprendi enquanto brincava”, “Achei interessante porque aprendi coisas novas e legais”, “Aprendi coisas interessantes”),</li> <li>• 01 respondeu que gostou das oficinas 01 e 02,</li> <li>• 01 respondeu que gostou de todas as oficinas (“Pois me aprofundei em coisas dos e sobre as histórias”),</li> <li>• 02 não citou qual mais gostou,</li> <li>• 01 respondeu que não gostou das oficinas.</li> </ul>
02º) O que você aprendeu sobre o povo da Aldeia Indígena Atikum?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 04 aprenderam sobre a dança do Toré (“O Toré ainda é uma dança conservada por eles, principalmente pelos mais velhos”, “Aprendi um pouco da dança Toré, que só sabia da existência da dança pelas histórias de minha vó”),</li> <li>• 03 responderam que aprenderam os dados populacionais,</li> <li>• 02 aprenderam sobre o território (“Onde habitam, seus costumes e sua importância, “Sua localidade, seus costumes e pessoas importantes para a aldeia”),</li> <li>• 01 relatou que aprendeu várias coisas (“Eu aprendi diversas coisas, mas o que mais lembro são sobre as informações dos costumes, alguns são canto, danças e rituais sagrados”),</li> <li>• 01 relatou que aprendeu pouca coisa,</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 relatou que não prestei muita atenção,</li> <li>• 02 relataram que não lembram,</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 02 responderam que não aprenderam nada.</li> </ul>
03º) O que você aprendeu sobre o povo do quilombola de Conceição das Crioulas?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 03 aprenderam sobre o território e localização da comunidade,</li> <li>• 02 aprenderam sobre a fiação de algodão,</li> <li>• 01 respondeu que aprendeu sobre a localidade, a origem, os costumes e as pessoas importantes para a comunidade,</li> <li>• 01 relatou que aprendeu sobre a localidade onde moram, sobre a boneca que possui um nome, seus costumes, a importância e a força das mulheres presentes,</li> <li>• 01 aprendeu sobre a fundação da comunidade (“Ela foi fundada quando 06 escravas, que haviam conseguido liberdade, se uniram na produção e fiação de algodão para conseguirem dinheiro para comprar o terreno”),</li> <li>• 01 relatou que aprendeu sobre os costumes e as religiões predominantes, os costumes são: artesanato, trancelim, bonecas de caroá e etc. e a religião predominante é o cristianismo,</li> <li>• 01 relatou que tudo o que foi retratado eu já sabia,</li> <li>• 01 não soube descrever o que aprendeu,</li> <li>• 01 relatou que aprendeu pouca coisa,</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 04 responderam que não aprenderam nada.</li> </ul>
04º) O que você aprendeu sobre o povo do quilombola de Santana?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 03 relataram que aprenderam sobre o que são quilombolas,</li> <li>• 03 relataram que aprenderam sobre a Transposição do rio São Francisco,</li> <li>• 01 relatou que aprendeu sobre os costumes,</li> <li>• 01 relatou que aprendeu sobre a localidade, origem e pessoas importantes da comunidade,</li> <li>• 01 relatou que aprendeu sobre os territórios étnicos raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradição de cultura própria,</li> <li>• 01 relatou que aprendeu pouca coisa,</li> <li>• 01 relatou que não lembra,</li> <li>• 05 responderam que não aprenderam nada,</li> <li>• 01 não respondeu.</li> </ul>
05º) Conhecer um pouco sobre os saberes das rezadeiras e rezadores contribuiu para a forma que você vê/estuda a história das comunidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 13 responderam que SIM (“Eu sei um pouco sobre rezadeiras, antes tinha sentença para quem praticava e hoje em dia não tem mais”, “Pois fala sobre a história de Salgueiro”, “Comecei a ver coisas que não via antes”, “Eles fazem parte de nossa origem”, “É sempre bom saber sobre regiões de sua cidade e é bom que falem sobre esses assuntos o máximo, pois é um assunto pouco tratado”, “Contribui pelo motivo de que não conhecia e nem me interessava pelo assunto” , “O Brasil é um país rico em saberes, tradições, sincretismo e diálogos entre várias vertentes civilizatórias que aqui são encontradas”,</li> </ul>

tradicionalis de Salgueiro/PE?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 03 responderam que NÃO,</li> <li>• 01 não respondeu.</li> </ul>
06º) O que mais chamou sua atenção sobre os saberes das rezadeiras e rezadores?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 13 responderam positivamente (“Eles ainda continuam sendo, mesmo recebendo críticas”, “Os materiais usados para rezas”, “Algumas ervas usadas me impressionaram”, “A forma que algumas rezas são feitas de forma interessante”, “Os conhecimentos que eles possuem e repassam positividade”, “O conhecimento do uso das ervas para uso medicinal”, “Essa reza ajuda pessoas”, “Aprender a cultura deles”)</li> <li>• 01 não soube responder,</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 02 responderam que nada.</li> </ul>
07º) Para você, aprender nas aulas de História sobre os povos indígenas a partir das rezadeiras e rezadores, o que significou?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 14 responderam positivamente (“Soube um pouco da história”, “Não sabia suas origens”, “Significou saber da cultura deles”, “Foi importante, é um assunto pouco comentado e discutido”, “Extremamente importante, gostei”, “É bem importante de ser falado e ensinado, porque grande parte da população e alunos não conhecem ou procuram saber da cultura e da religião”, “Significa a diversidade do povo”, “Muita coisa, uma cultura diferente”, “Na maioria das vezes tudo que elas tem a oferecer são orações e pensamentos positivos, as rezadeiras ainda são refúgio de muitas pessoas”),</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 02 responderam que não aprenderam nada.</li> </ul>
08º) Para você, aprender nas aulas de História sobre os povos quilombolas a partir das rezadeiras e rezadores, o que significou?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 08 responderam positivamente (“Uma tradição”, “Bastante necessário”, “É um tema necessário a ser abordado e também interessante”, “Eu não sabia, gostei de aprender”, “Que uma dentre 10 professores em uma escola de referência se preocupou em trazer o mínimo da história de povos tão importantes da região”, “Mostrou mais da cultura do Brasil”),</li> <li>• 02 relataram que não lembram,</li> <li>• 02 não souberam responder,</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 04 responderam que não aprenderam nada.</li> </ul>
09º) Para você, a aula de História a partir das histórias das rezadeiras/rezadores indígenas e quilombolas foi interessante? Em que sentido?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 10 responderam que SIM (“As maneiras que elas faziam e ainda fazem remédios caseiros”, “Pois é sempre bom aprender história da região”, “Eu pude aprender bastante de nossa cultura”, “É um tema necessário a ser abordado e também interessante”, “É um assunto complicado pra quem não conhece”, “Muitas coisas não conhecia sobre, principalmente a história”),</li> <li>• 02 responderam que NÃO,</li> <li>• 03 não souberam responder,</li> <li>• 02 não responderam.</li> </ul>
10º) Você recomendaria que essas oficinas fossem aplicadas em	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 12 responderam que SIM (“Aprenderiam melhor sobre diferentes culturas e sobre a nossa sociedade”, “Recomendo muito e que não falem só sobre isso no dia da consciências negra, se ensinarem bem</li> </ul>

<p>outras turmas da escola? Será que os outros estudantes conseguiriam aprender com elas?</p>	<p>sim”, “Já deveria ser incluso mais nas aulas, e provavelmente sim, caso tenham interesse”),</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 02 responderam que NÃO,</li> <li>• 01 respondeu que não aprendeu nada,</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 01 respondeu talvez (“Pois poucos iriam prestar atenção”).</li> </ul>
<p>11º) A partir do que você aprendeu sobre os povos indígenas e quilombolas e sobre as rezadeiras/rezadores, comente o que significa para você o trabalho realizado por elas/eles e a importância delas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 12 responderam positivamente (“De ajuda ao povos, rezadeiras usam plantas medicinais”, “Um trabalho muito interessante, pois não é muito conhecido pela sociedade”, “O trabalho deles é de bom gosto, de grande importância para algumas pessoas, ajudando vários deles com a reza”, “Além da gente adquirir conhecimentos sobre o assunto eles ajudam”, “Eles possuem seus próprios costumes e fazem parte de nossa origem”, “É de suma importância ser ensinado sobre o assunto pois quando nunca se fala do assunto, foi interessante”, “Significa muito, mostra que a senhora se preocupou em trazer um pouco da história”, “As rezadeiras tem a intenção de curar e de melhorar a saúde das pessoas através das bênçãos”, Depois de críticas eles não desistem”),</li> <li>• 01 respondeu que não lembrava,</li> <li>• 02 não responderam,</li> <li>• 02 responderam que nada.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Os/as estudantes da turma A foram quase unânimes ao responderem que gostaram das oficinas, o jogo foi a atividade que eles/as mais gostaram, demonstrando que a utilização do lúdico é uma aliada na construção do conhecimento. Também demonstraram em seus relatos que conseguiram aprender sobre a história e os costumes das comunidades pesquisadas.

**Quadro 12:** Questionário aplicado após a realização das oficinas, turma do 9º ano B da EREF Dom Malan 2022

<b>SÍNTESE DA SEGUNDA PARTE DO QUESTIONÁRIO INICIAL – 9º ANO B</b>	
<b>PERGUNTAS</b>	<b>RESPOSTAS 23 respostas</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• TODOS (23) responderam que gostaram da realização das oficinas</li> <li>• 04 responderam que gostaram da oficina 02 (“Fala sobre um assunto que deveria ser mais observado”, “Porque participei dele (aluno autista que se sentiu incluído)”, “A realização do mapa gostei muito dessa oficina porque no final eu colori as regiões e os territórios,” “Considero mais expressivo, ou seja mais fácil de expressar minha opinião”),</li> <li>• 18 responderam que gostaram da oficina 03 (“Gostei muito do jogo caminhos da tradição, pois foi muito divertido e aprendemos muito com as histórias de vida deles”, “Eu gostei do jogo da tradição! Porque achei legal”, “O jogo pois compreendi um pouco sobre a</li> </ul>

<p>01º) Você gostou da realização das oficinas? Qual delas você mais gostou? Por quê?</p>	<p>tradição afro-indígena”, “Sim o jogo de tabuleiro porque achei legal e muito divertido”, “Porque foi diferente”, “Foi atividade dinâmica”, “Nos divertiu e ensinou ao mesmo tempo”, “A dinâmica foi legal e prática”, “Pois tinha as curiosidades do povo indígena e quilombola”),</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 respondeu que gostou da oficinas 04(“A confecção do panfleto porque gostei do tema”).</li> </ul>
<p>02º) O que você aprendeu sobre o povo da Aldeia Indígena Atikum?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 21 responderam positivamente</li> <li>• 06 aprenderam sobre as questões territoriais e culturais (“Que eles moram em cima da serra e que tem direito a terra, “Ela é uma região pequena que fica no pé da serra e tem sua cultura como a dança e reza”),</li> <li>• 05 aprenderam sobre os costumes e cultura (“Tem muitas tradições interessantes, mas não tem o reconhecimento merecido”, Sua forte identificação cultural com o uso de tintas pelo corpo),</li> <li>• 03 aprenderam sobre a dança do Toré,</li> <li>• 01 aprendeu sobre a história e curiosidade sobre os membros da aldeia,</li> <li>• 01 respondeu que aprendeu os dados populacionais,</li> <li>• 01 relatou que não lembrava,</li> <li>• 01 respondeu que não aprenderam nada.</li> </ul>
<p>03º) O que você aprendeu sobre o povo do quilombola de Conceição das Crioulas?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 20 responderam positivamente,</li> <li>• 05 aprenderam sobre a origem da comunidade (“Que o seu povoamento teve início com 06 mulheres pretas que com seu suor e trabalho conseguiram comprar aquelas terras, que hoje é Conceição das Crioulas”),</li> <li>• 04 aprenderam sobre a cultura e as tradições locais (“Eles praticam nas suas atividades cotidianas agricultura, artesanato e a boneca negra que é um símbolo da cultura quilombola”, “Sobre uma cultura que nos levou ao cenário atual deles”, São grupos de identidade cultural própria, “É uma região que acredita muito em rezas e que elas não funcionam apenas para o quebranto mas para outros tipos de doenças”),</li> <li>• 04 aprenderam sobre as questões territoriais (“História, localização, costumes tradicionais e a perda de suas terras”, “Tratar-se uma justiça de reconciliação com nosso passado”),</li> <li>• 03 aprenderam sobre a importância da ancestralidade (“Bastante coisa até porque tenho família lá”, “Que a cultura deles não veio de agora e sim dos antepassados”),</li> <li>• 02 não souberam descrever o que aprendeu,</li> <li>• 01 respondeu que não aprendeu nada.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 03 relataram que aprenderam sobre a história da comunidade (“Um escravo fugitivo fundou essa comunidade”, “Que a fundação de Sagueiro foram tecidos de uma ampla diversidade cultural e de povos. Quando os debravadores brancos chegaram, indígenas e quilombolas já construía a história dessas terras e a troca de</li> </ul>

<p>04º) O que você aprendeu sobre o povo do quilombola de Santana?</p>	<p>experiência entre todas essas etnias fortaleceu e enriqueceu a cidade local”),</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 03 relataram que aprenderam sobre a dança Marzuca,</li> <li>• 03 relataram que aprenderam sobre a questão territorial (“São territórios étnico-raciais que com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e nas tradições culturais próprias”, “Comunidades que resistiram à brutalidade do regime escravista e se rebelaram frente a quem acreditava serem eles sua propriedade”, “Trata-se de uma justiça reconciliatória com nosso passado, presente e futuro, baseada na responsabilização de todas as pessoas reconhecem seu lugares de fala, de escuta e ação”),</li> <li>• 02 relataram que aprenderam sobre a cultura local (“As diferenças culturais e de seus costumes, apesar de todos eles serem quilombolas”) 01 relatou que aprendeu sobre a Transposição do Rio São Francisco (“O território deles é bem pequeno e ainda a transposição passou por dentro do quilombo”),</li> <li>• 01 relatou que aprendeu sobre a ancestralidade (“Que as relações de parentesco são muito forte”),</li> <li>• 01 não soube responder,</li> <li>• 01 relatou que não lembrava,</li> <li>• 01 respondeu que não aprendeu nada.</li> </ul>
<p>05º) Conhecer um pouco sobre os saberes das rezadeiras e rezadores contribuiu para a forma que você vê/estuda a história das comunidades tradicionais de Salgueiro/PE?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 responderam que SIM (“Pois quando compreendemos o que elas apresentam compreendemos mais sobre”, “Possuem uma importante função na parcela da sociedade”, “Já que são parte da formação da cultura de Salgueiro”, “Pois esses estudos sobre os saberes das rezadeiras deveriam ter mais reconhecimento”, “Quando entendemos o que elas representam sabemos da importância delas para a nossa região”, “Eu sei que eles usa algumas plantas como pinhão roxo, alecrim, água benta e que para cada tipo de doença tem um tipo de reza”, “Tive uma melhor compreensão do assunto após as oficinas feitas”, “Essas pessoas estabelecem relações com o sagrado, e quando a gente precisa elas estão lá para nos ajudar”, “São povos que tem muitos saberes e conhecem ervas que podem curar várias doenças”, “Dar para perceber o cuidado e a solidariedade que eles tem uns pelos outros”, “Pode ensinar bastante sobre nosso povo”),</li> <li>• 02 responderam que NÃO,</li> <li>• 01 não soube responder,</li> <li>• 01 não respondeu.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 19 responderam positivamente (“O que mais chamou a minha atenção foi as curas”, “Eles utilizava da natureza, do conhecimento pra ajudar o próximo”, “Sobre eles usarem as preces junto a gestos e o uso de plantas ou ervas”, “Elas te curam com o dom que eles tem”, “A forma em que eles curavam doenças sem precisar de equipamentos médicos”, “Sinceramente eu fiquei curioso, gostaria de saber se esta prática realmente funciona”, “O que me chamou</li> </ul>

<p>06º) O que mais chamou sua atenção sobre os saberes das rezadeiras e rezadores?</p>	<p>mais atenção foi o trabalho que aborda uma tradição mítico-religiosa de cura”, “Como eles praticam as rezas”, “Foi que as rezadeiras só com a reza curava”, “O imaginário religioso popular”, “Que as rezadeiras tem como atividade a reza e vê o quão importante para a cura uma simples planta ou ervas em um ritual”, “Os gestos e o uso de algumas plantas ou ervas, num ritual que visa proporcionar a cura e o bem-estar da pessoa”, “Os instrumentos utilizados para a realização da reza”),</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 01 não soube responder,</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 02 responderam que nada.</li> </ul>
<p>07º) Para você, aprender nas aulas de História sobre os povos indígenas a partir das rezadeiras e rezadores, o que significou?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 17 responderam positivamente (“Que esse assunto deveria ser mais abordado hoje em dia”, “Que eles tem determinações na sua cultura”, “Foi bastante novo para mim, não sabia deste assunto”, “Significou bastante, pois aprendi várias coisas sobre esses povos e achei muito interessante”, “Demonstra uma parte da cultura e história do povo”, “Eu aprendi que eles tem muitas culturas”, “As histórias específicas dos povos indígenas e não do seu aniquilamento”, “Que as rezadeiras enquanto importantes personagens da cultura popular, nos servem de referência para o estudo da memória, que uma vez que esta é indispensável da cultura das instituições sociais”, “As histórias específicas dos povos indígenas e não só de antigamente”, “Uma valorização das comunidades tradicionais”, “Adquirir conhecimentos e saber das estratégias desse povo”, “A importância de descobrir sobre os saberes que os povos indígenas tem”, “Achei divertido o tempo utilizado das aulas para essa atividade”, “A partir de determinação legais e culturais procuramos caracterizar que o estudo destas temáticas contribui para a luta docente e contra o preconceito, então significa bastante”),</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 02 não souberam responder,</li> <li>• 03 responderam que não aprenderam nada.</li> </ul>
<p>08º) Para você, aprender nas aulas de História sobre os povos quilombolas a partir das rezadeiras e rezadores, o que significou?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 18 responderam positivamente (“Que eles fazem parte de nossa cultura brasileira”, “Me despertou interesse sobre os quilombolas”, “Que as rezadeiras curavam os doentes e eles acreditavam, não que eu não acredite”, “Saber sobre a história dos antepassados”, “Uma tentativa pra gente conhecer os povos e sua cultura”, “A fundação dessas comunidades e a influência deles”, “Muito importante ter conhecimento que existe muitas ervas que podem curar doenças”, “O estudo do povo quilombola foi incrível com relação direta as rezadeiras/rezadores”, “ Os quilombos fazem parte da manutenção da nossa história e da cultura brasileira”),</li> <li>• 01 não respondeu,</li> <li>• 04 responderam que não aprenderam nada.</li> </ul>

<p>09º) Para você, a aula de História a partir das histórias das rezadeiras/rezadores indígenas e quilombolas foi interessante? Em que sentido?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 18 responderam que SIM (“Conhecer como eles viviam e de como eles se formaram”, “Entender sobre as tradições culturais das comunidades”, “Achei muito importante a forma e a cultura deles”, “Mostra parte de nossa história”, “O surgimento dos quilombos deu origem a outros tipos de sincretismos”, “Me traz curiosidade além de me deixar mais informado sobre outras culturas”, “Eu gostei porque é importante se informar sobre esses povos e a cultura deles tem que ser preservadas”, “Aprendemos mais sobre um povo de nossa região”, “Cultura indígena pode sensibilizar a população para a importância de viver de forma sustentável e, assim praticas conservacionistas e transmitir para as futuras gerações e assim aprende”),</li> <li>• 02 responderam que NÃO,</li> <li>• 02 não souberam responder,</li> <li>• 01 não respondeu.</li> </ul>
<p>10º) Você recomendaria que essas oficinas fossem aplicadas em outras turmas da escola? Será que os outros estudantes conseguiriam aprender com elas?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• TODOS (23) responderam que SIM (“Eles conseguiriam aprender, porque se torna mais fácil aprender com brincadeiras”, “Acho que o assunto deveria ser mais abordado na escola”, “Além de ser muito interessante esse estudo desse tema, a forma que foi aplicada foi muito boa”, “Já que é ensinado de modo divertido e interativo”, “Pois tem uma abordagem clara e objetiva”, “Eles iam pesquisar mais sobre as culturas indígenas e quilombolas”, “Por ser de forma um conteúdo bastante interessante que deveria ser estudado”, “Eles poderiam aprender sobre a luta desse povo”).</li> </ul>
<p>11º) A partir do que você aprendeu sobre os povos indígenas e quilombolas e sobre as rezadeiras/rezadores, comente o que significa para você o trabalho realizado por elas/eles e a importância delas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 20 responderam positivamente (“Os trabalhos realizados são para tirar mau-olhado, a importância é que mantem usos e costumes tradicionais”, “São comunidades importantes para a nossa cultura e para o país”, “A importância de preservar as diversas culturas”, “Ajuda muito pois eles conseguem ajudar as pessoas de uma forma única”, “Todos tem sua cultura e acreditam nela”, “É um trabalho importante para todos pois ensina sobre culturas, costumes e histórias, por isso traz um crescimento como pessoa para todos”, “Já percebi que eles se importam uns com os outros, eles tem seu próprio jeito de ser. Que eles preservam seus saberes, que já ajudou muitas pessoas”, “É de grande importância o trabalho delas em curar as pessoas de muitas doenças”, “O trabalho feito por rezadores/rezadeiras são de suma importâncias cultural e medicinal”),</li> <li>• 02 não responderam,</li> <li>• 01 responderam que nada.</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Ao analisarmos as respostas da turma B, observamos que todos/as os/as estudantes responderam que gostaram de participar das oficinas; coincidentemente a que mais chamou a atenção deles/as foi a oficina do jogo. Eles relataram que aprenderam sobre as questões territoriais e a luta quilombola e também acharam importante conhecer a história e a cultura da

comunidade, todos recomendaram que a sequência didática fosse aplicada em outras turmas do Ensino Fundamental e que os/as demais estudantes aprenderiam com ela sobre o tema. Foi bastante relevante e significativo o comentário do estudante autista que se sentiu incluído ao participar das atividades propostas.

Comparando as respostas das duas turmas, observamos que eles/as se surpreenderam com os utensílios utilizados pelas rezadeiras e rezadores durante as benzeções e da ligação deles/as com a natureza, achando interessante como os processos de cura através da fé podem acontecer.

Finalizamos a análise das respostas do questionário final satisfeitos em perceber que os/as estudantes participantes da pesquisa compreenderam que as rezadeiras e rezadores possuem uma importante função na manutenção dos costumes tradicionais e o que nosso papel como educador/a nos permite esperar através de nossa prática pedagógica.

#### **5.4 Redes de saberes em práticas de cura afro-indígenas: Entre benzeções e aprendizados históricos**

Apresentamos, a seguir, o produto educacional fruto dessa pesquisa, elaborado a partir da sequência didática aplicada nas turmas do 9º ano A e B da EREF Dom Malan, em 2022.



CADERNO TEMÁTICO ECOPEDEAGÓGICO

**REDES DE SABERES EM PRÁTICAS AFRO-  
INDÍGENAS: DA CURA POR PALAVRAS AOS  
APRENDIZADOS HISTÓRICOS**

RAPHAELA HILDITA DE SÁ GUEDES DEODATO  
PROF<sup>a</sup>: DRA. PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO

2023



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO  
DE PROFESSORES**

**CADERNO TEMÁTICO ECOPEDAGÓGICO**

**REDES DE SABERES EM PRÁTICAS AFRO-INDÍGENAS: DA  
CURA POR PALAVRAS AOS APRENDIZADOS HISTÓRICO**

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre.

2023



# RAPHAELA HILDITA DE SÁ GUEDES DEODATO



Possui Licenciatura em História pela Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (2008), Pós-graduação em Ensino de Filosofia pelo Instituto Superior de Educação de Salgueiro (2009), Mestrado Profissional em Formação de Professores pela Universidade Federal da Paraíba (2023). Atualmente é professora da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central e da Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan.

---

E-mail: [raphaelahildita@yahoo.com.br](mailto:raphaelahildita@yahoo.com.br)

# PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO



Possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (1989), Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (1990), Mestrado em Economia pela Universidade Federal da Paraíba (2001) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Atualmente é professora titular da Universidade Estadual da Paraíba atuando no curso de História, no Mestrado Profissional em formação de Professores e no Mestrado de Serviço Social. Professora de Pós-Graduação em Formação de Professores - UEPB.

---

E-mail: [patricia@yahoo.com.br](mailto:patricia@yahoo.com.br)



“Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar.”

Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*.



## Prezado/a Professor/a

Este caderno é fruto de reflexões de uma pesquisa para a dissertação de mestrado intitulada *Memórias e saberes da tradição afro-indígena nas artes de cura: ecologia de saberes no ensino de História em Salgueiro/PE*.

A iniciativa de trazer as memórias de rezadeiras e rezadores para as aulas de História vem da preocupação com a perpetuação de uma prática curativa milenar que tem grande influência de povos afro-brasileiros e indígenas e que só perdurou até os dias atuais devido à forma como tais conhecimentos foram intergeracionalmente construídos e perpassados na tradição oral. A nossa proposta de ação educativa tem por foco não deixar que esse costume caia no esquecimento e, ao mesmo tempo, sugere que possamos trazer para o cotidiano escolar experiências vividas na aldeia indígena Atikum e nas comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana.

Observamos, com muita frequência, que os/as estudantes que fazem parte da realidade educativa na qual atuamos chegam aos Anos Finais do Ensino Fundamental sem compreender que, no contexto da cidade de Salgueiro – PE, entre os povos e comunidades tradicionais, estão as comunidades quilombolas e indígenas portanto, esta diversidade étnica e racial precisa ser trabalhada na escola, na formação educativa dos/as estudantes e, ao inserirmos as práticas culturais desses territórios no planejamento das aulas, estamos contribuindo na formação da consciência histórica dos/as educandos/as e na valorização da história local.

A preocupação com a manutenção da cultura imaterial, com a pluralidade do ensino de História e com a perpetuação da tradição de cura nas práticas de rezadeiras e rezadores (um costume que antecede a origem do povo brasileiro) é o motivo que torna indispensável a inclusão do tema proposto às aulas de História, antes que a tradição se perca de forma irreparável. “Há alguns tipos de memória que podem ser para sempre irrecuperáveis, devido à maneira como ocorre sua perda” (Burke, 1992, p. 181).

Propomos, com esse caderno, apresentar possibilidades de se trabalhar com os saberes tradicionais dos povos indígenas e quilombolas, valorizando suas memórias e oralidades no ensino de História, respeitando o que está proposto na BNCC e no Currículo de Pernambuco para o Ensino Fundamental Anos Finais:

Além disso, o estudante da Educação Básica pode compreender que tais concepções, crenças e interpretações do passado só foram possíveis dentro de uma dada historicidade. Desse modo, elas constituem-se divisões de mundo, de mentalidades e de crenças que não podem ser interpretadas como fenômenos isolados, pois somente tornaram-se possíveis entre os diferentes grupos que compunham uma determinada sociedade, e que explicitaram relações de articulação, de conflitos e de resistências ocorridas em um determinado espaço e tempo histórico (Bueno *et al.*, 2015, p. 101).



O nosso objetivo com a proposta deste material pedagógico é mostrar que as artes de cura nas práticas das rezadeiras e rezadores das comunidades quilombolas e indígenas e seus saberes e memória contribuem na formação educativa dos/as estudantes nas aulas de História no Ensino Fundamental Anos Finais, apresentando a experiência realizada com estudantes da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, nas turmas do 9º ano A e B, em Salgueiro/PE como meio de abertura de diálogo com outras escolas e outros espaços educativos que visem incluir estas culturas em suas práticas de ensino e também na prática curricular.

Nossa propositura é incluir, no planejamento escolar, as histórias de vida das rezadeiras e rezadores, compreendidos/as por nossa pesquisa e estudo como educadores/as de práticas não formais de ensino, cujas palavras curativas, conhecimentos e experiências podem adentrar no universo da sala de aula a partir das aulas de História em diálogo com outros campos de saber, de forma interdisciplinar. Estes saberes de rezadeiras e rezadores indígenas e quilombolas aprendidos com os seus ancestrais nos permitem enfatizar que esta arte milenar de curar por palavras, de ministrar medicamentos retirados da natureza, de salvar vidas sem a “tecnologia” que temos nos dias atuais é formativa e educativa e que no ambiente escolarizado estará educando outras gerações com ensinamentos vivenciados no cotidiano que precisam ser valorizados não apenas fora da escola, mas na realidade escolar. Concordamos com Aragão e Nascimento, quando elas enfatizaram que:

Ao situarmos a importância educacional e cultural destas práticas educativas desenvolvidas a partir delas, estamos dando o significado do ofício destas mulheres, em um tipo de educação que, mesmo ocorrendo em espaços não formais de ensino, traz condições de possibilidade no sentido de poder contribuir, no espaço escolarizado, com o fortalecimento de ações pedagógicas que vivem das visibilidades aos saberes que estão fora do contexto da escola e que, contudo, são sumamente significativos para a leitura de mundo e de vida na escolarização de crianças, jovens e adolescentes (Aragão e Nascimento, 2021, p. 475).

Apresentamos, neste texto, uma sequência didática que põe em diálogo os saberes tradicionais com o ensino de História. Realizamos oficinas pedagógicas que transformamos em planos de aula e tiveram como princípio metodológico a promoção de uma aprendizagem transdisciplinar baseada na ecologia dos saberes, que visa proporcionar a integração dos saberes através do conhecimento empírico existente nas práticas de cura afro-indígenas. Posta em prática, a proposta de nossa pesquisa está atrelada ao que está previsto nas Leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 que, no ano de 2023 comemoram 20 e 15 anos respectivamente, e esta produção vem nesta diretiva.

Nessa perspectiva, a inclusão de todos/as estudantes foi um fator primordial que buscamos trazer para a didática das atividades. Procuramos fazer um planejamento no qual





todos/as pudessem participar com ou sem necessidades educacionais especiais, adaptável a todas as séries do Ensino Fundamental Anos Finais e que o/a professor/a pudesse utilizar com ou sem o auxílio de equipamentos tecnológicos.

Esperamos que esta proposta possa contribuir e incentivar professores/as da Educação Básica a incluir a temática em torno das rezadeiras e rezadores em sua prática docente a partir do diálogo interdisciplinar, abrindo canais de diálogo que tornem possível criar e reinventar novas metodologias de ensino que se enquadrem dentro do universo dos/as estudantes, levando as práticas educativas para além dos muros da escola.

Bom trabalho!





## SUMÁRIO

ITINERÁRIOS DE SABERES AFRO-INDÍGENAS  
NAS PRÁTICAS DE ENSINO EM HISTÓRIA 09

**AULA 01:**  
NARRATIVAS QUE EDUCAM E ENSINAM HISTÓRIA 12

**AULA 02:**  
CONHECENDO UM POUCO MAIS O TERRITÓRIO DE SALGUEIRO/PE 29

**AULA 03:**  
CAMINHOS DA TRADIÇÃO 31

**AULA 04:**  
TODO DIA É DIA DE CONSCIÊNCIA – ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS  
DECOLONIAIS 46

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 50



## ITINERÁRIOS DE SABERES AFRO-INDÍGENAS NAS PRÁTICAS DE ENSINO EM HISTÓRIA

A memória se mostra como uma união de lembranças que se comunicam em uma mesma sociedade, através de fatos comuns. E é a partir dessa perspectiva que buscamos conhecer um pouco mais a história do município de Salgueiro/PE através dos saberes das tradições afro-brasileiras e indígenas referentes às memórias das rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, a partir de suas experiências nas práticas de cura através do ofício da reza, de ser rezador/a.

Recorrer às práticas de cura através do ato de rezar pessoas em suas dificuldades físicas ou mesmo emocionais, utilizando elementos da natureza, a exemplo de plantas curativas e sua fitoterapia, se apresenta como um ponto de semelhança entre os ofícios de rezadores e rezadeiras afro-brasileiros e indígenas, como forma de sobrevivência/resistência. Essa tradição vem sendo transmitida de modo intergeracional através da oralidade.

Desde antes do século XVI, os mais humildes, os escravos e negros forros buscavam os rezadores como rota de salvação para sua cura, nesse momento em especial, nem o saber medicinal e o religioso se importavam com essa classe, fazendo-os voltarem para as manifestações populares (Aragão e Rodrigues, 2020,p.330).

As palavras curativas imbuídas através das rezas ou benção a partir do ofício de rezadeiras e rezadores tem consistido numa arte milenar que busca da cura através da fé, se utilizando de vários elementos: sopros, defumações, chamados de “guias”, ramos vegetais com ou sem espinho, cinza quente de madeira, entre outros. Para cada sintoma/diagnóstico, existe um tipo específico de reza. “Associada à reza, quando a aflição é de maior grau, os rezadores/rezadeiras podem prescrever ou ministrar banhos, chás ou preparar concentrados de espécies vegetais, chamados de remédios do mato, remédios de pau ou mezinha” (Silva, 2007, p. 55).

Existe uma relação de reciprocidade entre a rezadeira/rezador, quem busca pela cura do corpo adoecido e a comunidade em que se vive, firmando um elo entre o sagrado e a sociedade. Essa construção social se firma na memória coletiva e se reproduz através da oralidade. Não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia a nossa memória (Halbwachs, 2004, p. 60).

Observamos, como semelhança entre os povos afrodescendentes e indígenas, a prática de reza ou benção. Assim como entre os primeiros habitantes brasileiros (os povos originários), também entre os africanos escravizados, que foram trazidos pelos portugueses, o modo de curar as enfermidades se valia de práticas consideradas mágicas:



Processo que acreditavam ser eficaz no combate aos espíritos malignos, segundo eles, grandes responsáveis por seus males, entretanto apesar de ser essencialmente mágica, a medicina dos primeiros habitantes do Brasil era dotada de observações empíricas. Foi através desse empirismo que os índios brasileiros criaram uma verdadeira farmacoterapia de medicamentos com base em ervas dotadas de reais virtudes terapêuticas encontradas nas florestas (Miranda, 2011, p.203).

A crença em forças míticas e na cura por palavras e medicamentos feitos com plantas medicinais possibilitava aos grupos indígenas lutarem pela sobrevivência e contra tudo o que fosse adverso. Não muito diferente, os africanos muitas vezes recorreram às próprias práticas medicinais. “Predominantemente empíricos os curandeiros preparavam seus medicamentos à base de ervas raízes folhas e flores e era muito comum recorrerem às benzeduras para a cura de seus males” (Miranda, 2011, p. 414).

Nas comunidades tradicionais a religiosidade é um dos elementos constitutivos da identidade e resistência, pelo qual os saberes históricos inseridos pelo sagrado e pelo místico mantêm um formato bem ancestral de suas receitas, “desde seu formato oral até atitudes que fogem do real e concreto mundo dos remédios e chegando, também, aos meios místicos desse tipo de cura” (Santos, 2015, p. 90).

Apesar de muitas vezes marginalizada ou tratada com desrespeito por grupos religiosos modernos, a cultura das rezas e de remédios extraídos através de elementos encontrados na natureza demonstra a história da resistência dos grupos tradicionais que sobreviviam às condições extremas, principalmente nos interiores do Brasil de outrora. “As práticas normativas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares” (Thompson, 2010, p. 18).

Outro aspecto a salientar se refere ao ofício das rezadeiras e rezadores, pensado a partir da relação com as culturas indígenas e afro-brasileiras. Isto, além de poder sinalizar a inserção destes saberes no currículo escolar, permite, no ambiente da sala de aula de História, que este saber, que faz parte da trajetória de vida de muitos estudantes, pois alguns já foram rezados ou já tinham ouvido falar a respeito, seja acessado através de um repertório de conhecimentos produzidos nas artes de curar que sejam reconhecidos como significativos nas aprendizagens históricas.

Promover a inclusão educacional de conhecimentos seculares propicia a valorização da história e de saberes locais que geralmente não fazem parte das ações escolares, não compõem o currículo da escola e que precisam de notoriedade em face de sua dimensão educativa.

Consideramos que, a partir do espaço escolar e do ensino de História, é possível incentivar e enfatizar os contributos pedagógicos do legado cultural e histórico das rezadeiras e rezadores das comunidades supramencionadas, usando de uma perspectiva que permite o





diálogo entre saberes de rezadeiras e rezadores, notabilizando a aprendizagem significativa destes conhecimentos.

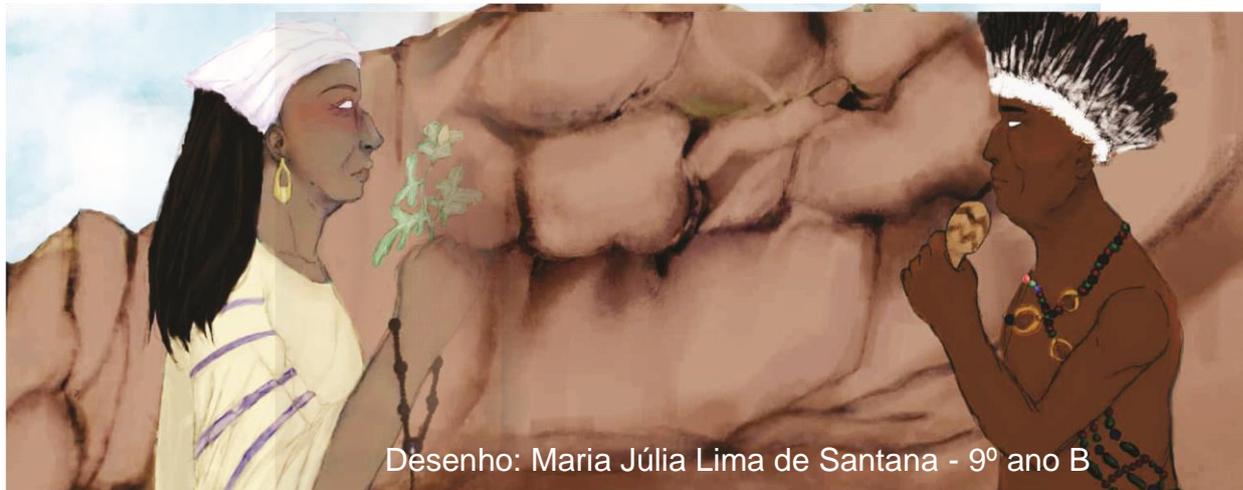
As aulas de História consistem em territórios de conhecimentos que o/a professor/a pode usar para dialogar com os saberes tradicionais, os conhecimentos prévios dos/as estudantes e os conteúdos da Base Curricular Comum. “A escola deve adotar uma agenda positiva de inclusão de todos os sujeitos e promover alterações curriculares que permitam a consolidação desses avanços através de sua incorporação ao cotidiano dos estudantes” (Fontanele e Cavalcante, 2020, p. 08).

Tendo estas informações em mente e sabendo que as práticas educativas são escritas ao longo dos tempos, guardando saberes, valores e sensibilidades discutiremos, a partir dessa proposta pedagógica, as histórias vividas no município de Salgueiro/PE, em especial, das rezadeiras e rezadores na aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, e sua aplicabilidade ao ensino de História.



## AULA 01:

### NARRATIVAS QUE EDUCAM E ENSINAM HISTÓRIA



Desenho: Maria Júlia Lima de Santana - 9º ano B

#### TEXTO DE APOIO AO/À PROFESSOR/A

Atuando no espaço das comunidades rurais indígenas e quilombolas, rezadeiras e rezadores praticam seu ofício que tem contribuído e colaborado não apenas pelas práticas da medicina popular que articulam, mas sobremaneira, pela perpetuação da arte de curar pessoas através de rezas e plantas medicinais, num saber provido de um fazer construído intergeracionalmente, cujo alcance pode ser sentido na vida das pessoas rezadas.

Portadoras/es de memórias ancestrais e de conhecimentos pouco abordados na escola, as rezadeiras e rezadores indígenas e quilombolas possibilitam, a partir das localidades onde atuam, que estes saberes tradicionais, providos das experiências e vivências aportadas no cotidiano destes sujeitos históricos e sociais, ao serem inclusos no espaço escolar, possam contribuir na formação histórica e social de educandos e educandas.

Neste texto propomos trabalhar os saberes afro-brasileiros e indígenas e suas contribuições na construção do conhecimento histórico escolar no Ensino Fundamental Anos Finais, tendo como foco refletir sobre a temática no contexto da Educação Básica, enfatizando a importância do conhecimento produzido por estas culturas com base nos saberes de rezadeiras e rezadores como fundamentais na formação educativa e histórica de adolescentes e jovens da cidade de Salgueiro, pois dá relevo e importância aos conhecimentos que fazem parte desta territorialidade e que são oriundos de quilombo e aldeia indígena e põe em evidência o ofício de rezadeiras e rezadores no espaço escolarizado.

## OBJETIVO GERAL

- Reconhecer os saberes das rezadeiras e rezadores como formativos na construção do saber histórico escolar a partir de um diálogo intercultural.

## CONTEÚDOS RELACIONADOS À BASE CURRICULAR COMUM

DISCIPLINA	CONTEÚDO
História	História do Brasil Colônia
Língua Portuguesa	Gênero textual narrativo

## MATERIAL NECESSÁRIO

- Exemplos de plantas medicinais (Preferencialmente com texturas diferentes – folhas, raízes, cascas, entre outras);
- Garrafa transparente;
- Pedaco de tecido na cor branca;
- Datashow e notebook para exibição de slides;
- Cópias do Processo de Domingas Gomes da Ressurreição – Anexo 02 – 01 por estudante.

## ROTEIRO

ATIVIDADE PREVISTA	DESCRIÇÃO	PREVISÃO DE DURAÇÃO
Saberes de rezadeiras e rezadores: ofício e práticas de cura.	1º Momento: Apresentar aos/as estudantes exemplos de plantas medicinais.	05 minutos
	2º Momento: Explicação o que que é o ofício das rezadeiras e rezadores e as práticas da cura.	15 minutos
Criando uma narrativa...	3º Momento: Leitura e discussão do Processo de Domingas Gomes da Ressurreição.	10 minutos
		20 minutos
Avaliação	4º Momento: Em grupo responder e socializar a atividade proposta.	Durante a socialização
	Observação do/a professor/a.	

## ORIENTAÇÕES PARA AS ATIVIDADES

### 1º MOMENTO

Com os/as estudantes em Roda de Conversa, iniciamos a aula mostrando algumas ervas, raízes e cascas de plantas, perguntando se eles/as conseguiriam identificar pelo cheiro e toque quais eram, se sabiam qual era a utilidade de uma garrafa transparente e um pano branco <sup>6</sup>para rezadeiras e rezadores, após escutar as respostas fizemos a explanação do slide Saberes de rezadeiras e rezadores: Ofício e prática de cura (Anexo 01), explicando sobre o ofício da/o rezadeira/rezador, sua contribuição para a sociedade ao longo da história e o porquê consideramos esses saberes afroindígenas.

Caso, no momento da aula não haja um Data Show disponível, o/a professor/a poderá apenas explicar o conteúdo do slide, sem prejuízo para a dinâmica da oficina.

Iniciamos utilizando o cheiro das ervas medicinais e o toque das folhas e cascas com o intuito de despertar memórias nos/as estudantes através do olfato e do tato. A inclusão de material concreto/palpável ativa as sensibilidades e também auxilia nas percepções de quem tem baixa visão ou não enxerga.

### 2º MOMENTO

Em seguida, analisamos o Processo de Domingas Gomes da Ressurreição, índia, denunciada ao Tribunal da Inquisição de Lisboa acusada de superstição e feitiçaria por rezar quebranto, no Estado do Pará, em 1768 (Anexo 02). Escolhemos trabalhar esse texto porque nas respostas do questionário diagnóstico aplicado nas turmas do 9º ano da EREF Dom Malan, “quebranto” foi a reza mais citada pelos/as estudantes, exemplificando que essa é uma prática antiga.

Fizemos uma adaptação do texto para que os/as estudantes compreendessem o que é um processo inquisitorial e se familiarizassem com o vocabulário do português arcaico. Como atividade proposta pedimos que eles/as criassem uma narrativa, adaptando o final da história lida aos dias atuais.

Propomos que o trabalho seja realizado em grupo. Essa prática serve para que o debate sobre o tema aconteça e para que os/as estudantes que tem dificuldades em escrever sejam auxiliados por aqueles/as com mais facilidade em sistematizar o pensamento através da escrita.

Se possível imprimir o material em papel reciclado para deixar um aspecto de manuscrito.

### AVALIAÇÃO

Observarmos se os/às estudantes são capazes de compreender que os saberes contidos na arte de cura por palavras são um ponto de semelhança entre os povos afro-brasileiro e

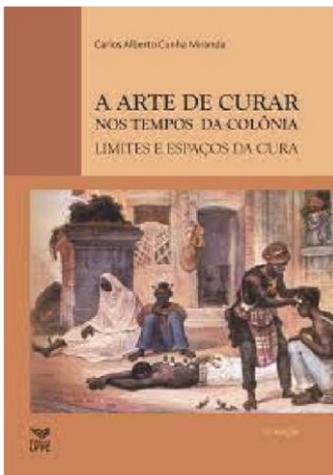
---

<sup>6</sup> Esses objetos são utilizados para “tirar sol da cabeça”. A pessoa com a dor de cabeça senta-se de costas virada em direção ao sol, a rezadeira ou o rezador coloca um pano branco sobre o local dolorido da cabeça e sobre a mesma, uma garrafa transparente cheia de água com o gargalo sobre a toalha.

indígenas, uma forma de sobrevivência/resistência ao longo do tempo e a manutenção de uma tradição milenar em nossa sociedade transmitido através da oralidade.

## PARA SABER MAIS

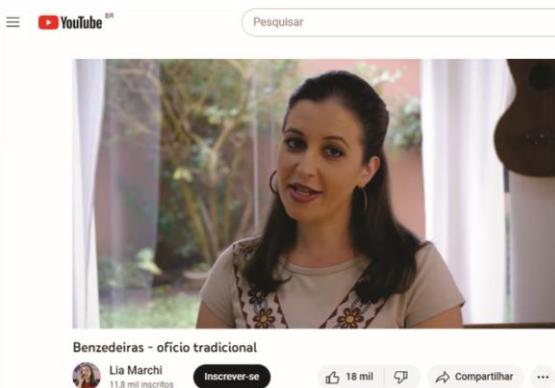
### Vale a pena LER



Lado a lado com as práticas médicas, incluindo as xamânicas, e com a formação dos diversos tipos de profissionais da saúde, o autor aborda a repressão social, pela escravidão e ocupação indiscriminada das terras indígenas, como causas adicionais da insalubridade generalizada da população brasileira.

Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5719963/mod\\_resource/content/1/E-book%20A%20ARTE%20DE%20CURAR%20carlos%20miranda-1.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5719963/mod_resource/content/1/E-book%20A%20ARTE%20DE%20CURAR%20carlos%20miranda-1.pdf).

### Vale a pena ASSISTIR



Benzedeiros – ofício tradicional (2015)

Um filme sobre mulheres, comunidade, saúde, afeto, fé, tradição, organização popular, sustentabilidade.

Informações: [contato@olariacultural.com.br](mailto:contato@olariacultural.com.br)

Realização: [www.olariacultural.com.br](http://www.olariacultural.com.br)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eBPegB3IIU0>

## ANEXO 01: SUGESTÃO DE TEXTO PARA O SLIDE

### Slide 01 – Título

SABERES DE REZADEIRAS E REZADORES: OFÍCIO E PRÁTICAS DE CURA

**Slide 02 – Pergunta introdutória** Como está no imaginário popular...

**Slide 03 – Imagem ilustrativa** Quem são...



Disponível em:

<https://www.facebook.com/arte.pintura.desenho.xilogravuras/photos/a.1946870122122832/2372520256224481>.

### Slide 04 – Curam por palavras através da fé

As palavras curativas imbuídas através das rezas ou benção na práticas de rezadeiras e rezadores tem consistido numa arte milenar que busca a cura através da fé, se utilizando de vários elementos: sopros, defumações, chamados de “guias”, ramos vegetais com ou sem espinho, cinza quente de madeira, entre outros.

Para cada sintoma/diagnóstico existe um tipo específico de reza. “Associada à reza, quando a aflição é de maior grau, os rezadores/rezadeiras podem prescrever ou ministrar banhos, chá,s ou preparar concentrados de espécies vegetais, chamados de remédios do mato, remédios de pau ou mezinha” (Silva, 2007, p. 55).

### Slide 05 – Tradição ao longo do tempo

Observamos, como semelhança entre os primeiros povos que habitavam o Brasil, a prática de reza ou benção.

Acreditavam que seus males eram provocados por espíritos malignos, entretanto apesar de ser essencialmente mágica, a medicina dos primeiros habitantes do Brasil era dotada de observações empíricas, foi através desse empirismo que os índios brasileiros criaram uma verdadeira farmacoterapia de medicamentos com base em ervas dotadas de reais virtudes terapêuticas encontradas nas florestas (Miranda, 2011, p.203).

### **Slide 06 – Hibridismo religioso**

Herdamos dos povos indígenas os ensinamentos das ervas, usando-as como aliadas para afastar mazelas, assim como faziam os pajés. Dos africanos herdamos a cultura do canto, da dança e dos cortejos de nossos santos, festas com cores e alegrias. Como influência portuguesa temos a religião católica predominante no Brasil. O que não significa dizer que os ritos de rezas seja então puramente a junção dessas influências, mas sim, considerá-las no sentido de contribuição para sua formação (Cunha, 2018, p.27).

### **Slide 07 – Conhecendo um pouco as doenças e tratamentos - MAU-OLHADO também conhecido como QUEBRANTE**

Já era diagnosticado pelos médicos do período colonial como uma enfermidade perigosa e temida pela população da época. Considerado doença capaz de introduzir-se no corpo pelos poros, era descrito em 1731, pelo médico Francisco da Fonseca Henriques, como “mal perigoso, por ser feito de uma qualidade venenosa, que subitamente ofende os fascinados, cujos danos ordinariamente se não acode com os remédios de que necessita, pela pouca lembrança que se tem do quebranto e por que ele excita febres, dores de cabeça e outros sintomas que representarão uma doença de aspecto grave” (Del Priore, 2001, p. 89).

Segundo a tradição, esse mal é o mais comum, estamos sujeitos a contraí-lo, uma vez que ele é lançado a nós por terceiros, com ou sem a intenção.

### **Slide 08 – Bibliografia Utilizada**

CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Ouro Preto. Programa de PósGraduação em Letras: Estudos da Linguagem, Mariana, MG, 2018.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 2001.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura.** 2. ed. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SILVA, Georgia da. **Chama os Atikum que eles desatam já: Práticas terapêuticas, sabedores e poder.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

## ANEXO 02: Conhecendo um pouco mais a história...

### *Processo de Domingas Gomes da Ressurreição*

*Data de apresentação: 25/10/1763*

*Crime/acusação: Superstições e feitiçaria (Curar quebranto)*

*Estado civil: Solteira*

*Idade: 50 anos*

*Mãe: Leucádia Maria, índia*

*Pai: Inácio Gomes*

*Morada: Pará*

*Naturalidade: Vila Viçosa de Cameta, bispado do Pará Ordem: Inquisição de Lisboa*

#### **Contexto histórico:**

*Ao chegar ao Grão-Pará, em 1763, a Terceira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil encontrou várias mulheres índias, mestiças e pobres que praticavam curas mágicas mesclando elementos católicos aos ritos mágicos.*

#### **Segue adaptação dos autos do processo:**

*A denunciada Domingas Gomes da Ressurreição, índia, aprendera a curar “quebranto”, com sua senhora, que por ter recebido o cordão de São Francisco não as podia mais fazer (o que não impedia de ensinar a escrava), usando as seguintes frases: “Dois Sãos maus te deram, com três te hei de curar. Jesus Cristo te livrou, Jesus Cristo te diz quem de mal te sou” (Os três Sãos eram alusão a Santíssima Trindade).*

*Domingas tinha ainda uma cração para combater a erisipela: pegava uma faca, dava com ela uns toques em cruz sobre a parte enferma, dizendo: “Rosa branca, corto-te. Rosa negra, corto-te. Rosa encarnada, corto-te rezando”. A cada pronunciamento, dava dois toques com a faca. E finalizava: “Requeiro-te da parte de Deus e da Virgem Maria, se tu és fogo selvagem ou erisipela, não maltrates a criatura de Deus”.*

*Contudo, teve os seus conhecimentos de medicina popular ridicularizados pelo inquisidor, que se empenhou em confundir-lhe e fazê-la duvidar de seus poderes terapêuticos. A fórmula que usava aludia a rosas brancas, negras e encarnadas, numa cração sincrética. O inquisidor usa a argumentação que é pecado misturar palavras boas com outras más.*

*A índia revela a dúvida que se instalava nela: “Disse que somente agora, depois que fez sua confissão, é que desconfiou das palavras com que fazia as curas, e que por esta razão também desconfiava de que nelas houvesse alguma coisa de superstição”.*

*O inquisidor se aproveita da insegurança da ré para colocar a culpa mais e mais, através de argumentações: “Se sabe ela declarante que as três cores branca, preta e encarnada são entre si opostas, e não podiam está todas juntas na mesma parte enferma, se sabe isto, deveria saber também que as palavras que usava era vãs e supersticiosas, assentadas em mentira claras e evidentes e desprovidas de qualquer virtude senão a comunicada pelo demônio, que é o pai da mentira, e delas costuma usar sempre. Quando dizia que cortava a enfermidade sem a cortar, Domingas mentia claramente, e nisto mostrava ter trato, amizade, comércio e comunicação com o demônio”.*

*A acusada se defende: “Disse que agora é que sabe conhecer o engano em que vivia, usando de palavras e ações mentirosas, vãs que podem conter superstições; porém tudo que dizia e fazia materialmente por assim se lhe terem ensinando...”.*

*Cautelosa nega o pacto: “Não queria nada com o demônio, antes o detesta e aborrece, e dese foge como um inimigo comum que só cuida em levar as almas para a perdição e promete nunca mais fazer aquelas curas, que passa a reconhecer como suspeitosas, compostas por palavras vãs”.*

*Sentença: Auto-da-fé privado de 07/01/1764. Abjuração de leve, instrução na fé católica, penitências espirituais, pagamento de custas.*

*\*Notas: Auto-da-fé: Solenidade pública inquisitorial em que se aplicam as penas aos sentenciados.*

*Abjuração: Termo utilizado como renúncia, disse sobretudo quando se trata de uma conversão ao catolicismo.*

*Penitências espirituais: Pena imposta pelo confessor ao penitente para remissão ou expiação dos seus pecados.*

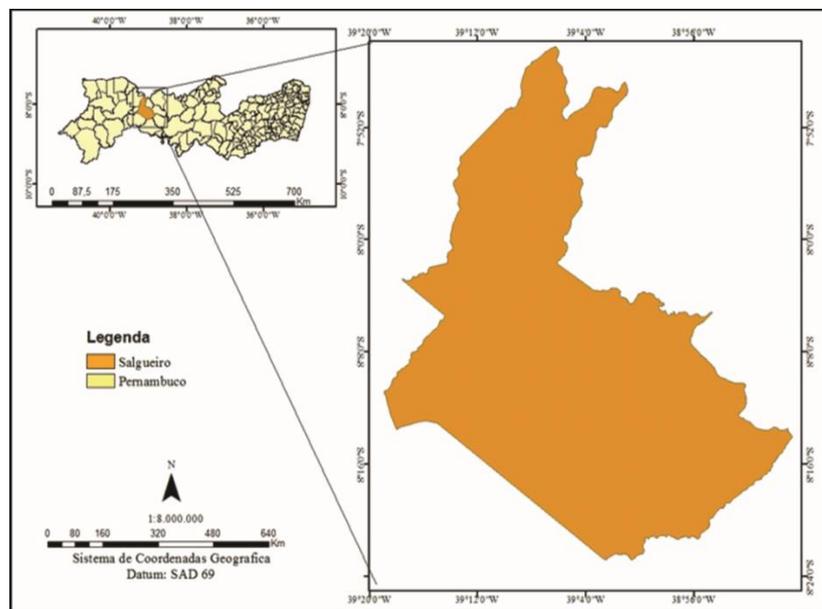
**Fonte:** SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz:** Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986 (Adaptado).

**Processo de Domingas Gomes da Ressurreição,** Disponível em <https://inquisicao.info/view/2302636> Acesso em 26/10/2022  
**Criando uma narrativa...**



## AULA 02:

### CONHECENDO UM POUCO MAIS O TERRITÓRIO DE SALGUEIRO/PE



#### TEXTO DE APOIO AO/A PROFESSOR/A

A cidade de Salgueiro, em Pernambuco é considerada a encruzilhada do sertão por fazer fronteira com o Estado do Ceará, permitindo o acesso para os Estados do Piauí, Paraíba e Bahia. Sua extensão territorial, conforme dados do IBGE 2020, é de 1.678.564km<sup>2</sup>, e a cidade está subdividida da seguinte forma: Sede, 2º Distrito – Conceição das Crioulas (onde está localizado o território do povo indígena Atikum e da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas), 3º Distrito – Umãs, 4º Distrito – Vasques e 5º Distrito - Pau Ferro (onde está localizado a maior parte do território da Comunidade Quilombola de Santana).

A área do 2º Distrito está localizada a aproximadamente 44 quilômetros da sede do município e é habitada por população quilombola e indígena. Esses povos dividem o território e a ancestralidade, se organizando politicamente através de associações, dentre elas, a

Associação dos Pequenos Produtores Agrícolas do Poço da Pedra – ASPAPP e a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas – AQCC.

Esses dois povos chegam a comungar símbolos de religiões e religiosidade, nos costumes e nas relações construídas historicamente, que vão para além do processo de miscigenação, representadas pelas trocas simbólicas do jeito de cultivar as terras, fazer uso de plantas medicinais, bem como práticas de rezar, benzer, com folhas de vegetais na cura de enfermidades (França, 2008, p. 48).

Essa interação cultural também é relatada na pesquisa de Leite (2012):

Mais interessante e surpreendente, para mim, foi perceber a participação e o interesse dos negros na dança do Toré, um ritual indígena, praticado regularmente nos “terreiros”, por índios e negros. Este é um dado significativo no sentido de nos ajudar a entender a historicidade dos processos de produção da cultura. Refiro-me ao fato de podermos estabelecer associação entre esse dado e as interações sociais entre índios e negros, ao longo do processo de povoamento/ocupação daquela região (Leite, 2012, p.164).

O território do povo indígena Atikum está localizado na fronteira dos municípios de Salgueiro, Mirandiba, Carnaubeira da Penha e Belém do São Francisco. No município de Salgueiro estão onze aldeias: Angico do Lúcius, Curtume, Garrote Morto, Ipueira, Lagoinha, Massapê, Mulungu, Paus Brancos, Poço da Pedra, Riacho Grande e Rodeador.

Segundo o livro *História e Memórias do Povo Atikum*, lançado pela Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco em 2022, o povo Atikum Umã reporta sua origem há mais de 500 anos. Mesmo passando por transformações em contato com os não indígenas, essas mudanças os moldaram, tornando-os esse povo guerreiro e forte que resiste antes mesmo da chegada dos portugueses em solo brasileiro.

Existem relatos de 1670 que citam os ancestrais dos Atikum, tais como: Aratikum Umã e suas variações em uma Missão Jesuíta em Rodelas, chefiada pelo frei Francisco Domfront, que reuniu as nações indígenas dos sertões pernambucanos. O domínio dos capuchinhos franceses durou até 1696, quando enviaram cartas solicitando demarcação dos territórios.

Contudo, a luta por demarcação de terras e reconhecimento dessa população durou séculos. A partir da passagem do século XVII para o XVIII, essa região geográfica foi palco de muitos conflitos entre índios e fazendeiros que penetravam cada vez mais nas terras dos

primeiros de forma violenta, levando adiante a frente de expansão pastoril e expulsando os índios de suas terras.

No início dos anos 1940, os membros da comunidade, afirmando-se descendentes de índios e reivindicando a criação de uma reserva indígena, procuraram o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) que impôs a demonstração de um ritual de Toré que atestaria a “consciência étnica” dos caboclos. Em 1949 foi fundado o posto indígena, e os caboclos se elevaram à categoria de índios oficialmente reconhecidos pelo Estado-Nacional.

No ano de 1943 um grupo de índios da Serra Umã procurou o SPI, em Recife, para o reconhecimento do seu povo como indígena a fim de, desta forma, diminuir as cobranças de impostos por parte do município de Floresta e na tentativa de diminuir a intrusão dos fazendeiros em seus territórios. Neste momento, são informados que, para serem reconhecidos precisam apresentar uma dança ou ritual que os represente. Em 1946, o fiscal do SPI compareceu à Serra do Umã e encontra um grupo de mais de 1800 índios. Esse fiscal assiste então à apresentação e faz carta de recomendação para o reconhecimento. Os índios Atikum foram reconhecidos a partir de 21/06/1946 (Lima, 2022, p. 26 e 27).

O Toré, para os Atikum, é mais que uma prática ritual. Eles constituíram um corpo de saber denominado por eles de “ciência do índio”, revestida por uma áurea de mistério, e que marcaria sua especificidade como grupo étnico que recorrem aos “encantados de luz” durante as suas orações e mantém viva a tradição por gerações através da oralidade.

A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas é dividida em 16 sítios, ou núcleos populacionais: Amparo, Boqueirão, Conceição das Crioulas, Curtume, Garrote Morto, Lagoa, Lagoinha, Massapê, Mulungu, Paula, Paus Brancos, Pedra Preta, Poço da Pedra, Queimada, Rodeador e Sítio, e duas Vilas: Vila União e Vila Centro

Segundo o livro *Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas*, da coleção Terra de Quilombos - Pernambuco, 2016. Com mais de 200 anos de história, Conceição das Crioulas foi fundada por seis crioulas que chegaram livres à região entre fins do século XVIII e início do século XIX. Elas arrendaram uma área de aproximadamente três léguas que destinaram à produção de algodão, grãos e leguminosas para subsistência. Por meio do trabalho na lavoura e na fiação de algodão, que era vendido em cidades vizinhas conseguiram juntar dinheiro para mais tarde, em 1802, adquirirem a escritura de suas terras.



Contam os/as mais velhos/as que Francisco José, que acompanhava as seis crioulas que fundaram a comunidade, havia levado consigo uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, por isso parte da terra comprada foi doada para a construção de uma capela em que foi colocada a imagem. A comunidade passou a se chamar Conceição das Crioulas em homenagem à santa e às crioulas fundadoras.

A comunidade recebeu um primeiro título de suas terras por meio da Fundação Cultural Palmares no ano 2000, mas os ocupantes externos não foram retirados e um novo processo foi aberto no Incra em 2004. Conceição das Crioulas reivindica um território de 16.865 hectares, parte dele conquistado pela comunidade com a desapropriação de oito fazendas no interior do território quilombola.

A comunidade é uma referência para os povos quilombolas no Estado de Pernambuco, que mantém vivas as tradições através de seus costumes bem presentes na realização de novenas, na banda de pífano, no trancelim (dança tradicional no quilombo), na forma como cultivam a terra, na memória de rezadeiras, rezadores, parteiras, artesãs e artesãos do caroá, louceiras, entre outras práticas cotidianas carregadas de significados culturais, transmitidos de geração a geração.

A comunidade quilombola de Santana está localizada a 22 quilômetros da sede do município. Seu território se divide na fronteira do 5º Distrito (Pau Ferro) com o 3º Distrito (Umãs) em uma região de serra, conhecida como Serra de Umã (que leva esse nome por outrora ter tido presença indígena dos Atikum Umã). Tendo sua maior parte localizada no 5º Distrito. Divididos em 5 sítios: Jurema, Livramento, Olaria, Recanto e Santana de Baixo.

Politicamente se organiza através da Associação dos Moradores Quilombolas de Santana – AMQS, tendo três datas importantes que marcam a história da comunidade: a primeira em 02/03/2007, quando foi certificada como Comunidade Remanescente de Quilombo pela Educação Cultural Palmares, a segunda em maio de 2014, quando foi assinada pela presidência do Incra a portaria de reconhecimento do território da comunidade quilombola, e em 22/06/2015, quando foi assinado o Decreto declarando território quilombola uma área de aproximadamente 2.080 hectares. No período a comunidade era formada por aproximadamente 85 famílias.



A origem da comunidade de Santana é recontada através da oralidade e tem seu início por volta do século XIX. Por causa da localização geográfica: serras, serrotes e a passagem de um riacho (Riacho Grande), e por haver uma fauna e flora bem preservados, este espaço servia de abrigo para negros fugidos.

Segundo relatos, um homem conhecido por Luciano, de origem desconhecida, chegou para abrigar-se no sítio Recanto (parte de Santana), após ter um conflito motivado por uma briga após terem matado sua cachorra. Supostamente a discussão resultou na morte de uma pessoa na fazenda Passagem de Pedra, município de Terra Nova/PE. Junto a outros parentes foi sendo constituída a comunidade quilombola de Santana.

Hoje, a comunidade é formada primordialmente pelas famílias Rocha, Luciano e Mariano “Observamos que são nomes vagamente primeiros e não portes de sobrenome, isso é uma forte marca que evidencia a presença de ex-escravos” (Santos, 2015, p.40).

Dentre as três comunidades, o quilombo de Conceição das Crioulas é o mais antigo em organização, conseguiu fazer do artesanato uma fonte de renda para as/os moradoras/es locais, estruturou o sistema educacional onde os/as professores/as são da comunidade, resignificou seu patrimônio arquitetônico e contribui para a estruturação de outras associações e cooperativas.

## **OBJETIVO GERAL**

**Compreender** a delimitação distrital do município de Salgueiro/PE e como ocorreu o processo de demarcação dos territórios indígenas e quilombolas ao longo da história de Salgueiro/PE.

## **CONTEÚDOS RELACIONADOS À BASE CURRICULAR COMUM**

<b>DISCIPLINA</b>	<b>CONTEÚDO</b>
Geografia	Conhecimentos cartográficos
História	História de Salgueiro/PE

## MATERIAL NECESSÁRIO

- Mapa impresso em folha de tamanho A0, dimensões 84,1 cm x 118,9 cm – Anexo 01;
- Papel Paraná ou Papelão no formato do município (Usar o mapa do IBGE como base de referência);
- Emborrachado de cores e/ou texturas diferentes para formarem os distritos como peças de encaixe de um quebra cabeça;
- Barbante de cores diferentes para delimitarem os territórios indígenas e quilombolas;
- Datashow e notebook para exibição do mapa caso não seja possível fazer a impressão do mapa;
- Cópias da atividade: Criando novas demarcações de terras – Anexo 03 – 01 por estudante.

## ROTEIRO

ATIVIDADE PREVISTA	DESCRIÇÃO	PREVISÃO DE DURAÇÃO
Conhecendo um pouco mais o território de Salgueiro / PE	1 ° Momento: Mostrar aos/as estudantes os mapas do município de Salgueiro/PE	10 minutos
	2 ° Momento: Explicação sobre a história das comunidades	20 minutos
Criando novas demarcações de terras	3 ° Momento: Em grupo responder e socializar a atividade proposta.	10 minutos
Avaliação	Debate sobre as respostas da atividade	10 minutos

### 1º MOMENTO

A atividade proposta se desenvolve a partir da revisão dos elementos que compõem um mapa, principalmente no que se refere à escala e à legenda. Explicamos o significado das cores das linhas em um mapa distrital e o significado de cada legenda, detalhando os formatos das que se referem aos territórios para facilitar a compreensão dos limites das comunidades.

Apresentamos os elementos do mapa impresso em folha de tamanho A0, dimensões 84,1 cm x 118,9 cm, as legendas desse mapa nos auxiliaram a mostrar aos/às estudantes que o território da comunidade quilombola de Santana está localizado entre o 5º Distrito e o 3º Distrito e que no 2º Distrito está localizada a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas e a aldeia indígena Atikum.

Fizemos a opção por imprimir o mapa, para que estudantes observassem com mais detalhes os elementos cartográficos, entretanto o/a professor/a que for utilizar o material, caso não tenha como fazer a impressão, poderá fazer a projeção, utilizando o Data Show.

À medida que explicamos sobre a história de cada comunidade, apresentamos o distrito no mapa impresso e nas peças do mapa tátil, que contém pedaços de velcro, onde a peça/distrito se encaixa para ilustrar.

## **2º MOMENTO**

Como atividade elaboramos um croqui do mapa da cidade só com a delimitação distrital e pedimos que os/as estudantes criassem uma legenda com símbolos e/ou em cores para cada comunidade e demarcassem um novo mapa territorial do município conforme a opinião deles/as sobre o que seria o justo em proporções territoriais e justificassem suas respostas. Também foi entregue uma cópia do mapa do IBGE para servir de referência.

## **AVALIAÇÃO**

Após responderem à atividade, estimulamos a fala dos estudantes sobre o que aprenderam sobre as comunidades tradicionais. Observamos as percepções dos/as estudantes no relato das opiniões propostas pela atividade: criando novas demarcações de terras e se consideram justa a forma como o território foi delimitado.

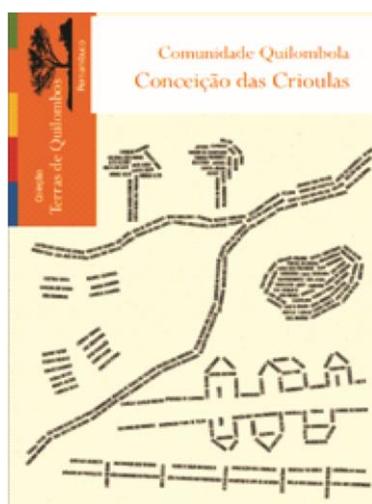
## PARA SABER MAIS

### Vale a pena LER



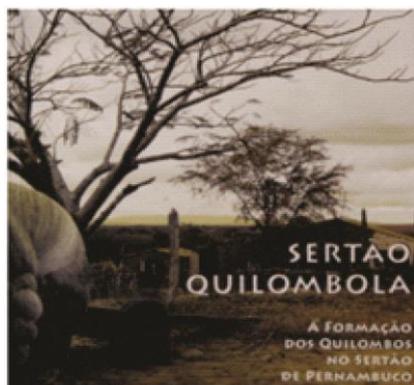
Essa obra foi elaborada por professores indígenas e lideranças e contempla um panorama da trajetória dos Atikum-Umã, passando por assuntos como histórias, memórias, língua materna, preservação do meio ambiente, religiosidade, “ciência de índio”, saúde indígena, artesanato, culinária do povo, e ainda trata sobre a Educação Escolar Indígena. Elaborado pela Secretaria de Educação do Governo de Pernambuco em 2022.

Disponível em: <https://www.copipeedu.com/publicacoes>.



A Coleção Terras de Quilombos reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade. Esse livreto conta um pouco a história da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

Disponível em: <https://www.gov.br/incra>.



Nesse livro do Centro de Cultura Luiz Freire podemos encontrar informações sobre a história das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana. Esta publicação é um dos produtos do Projeto 'Inclusão Social para Populações Quilombolas em Pernambuco', uma iniciativa da Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos (SDSDH) do Governo de Pernambuco em 2008.

Disponível em: <http://cclf.org.br/project/sertao-quilombola/>

## Vale a pena ASSISTIR



A reportagem: Índios sertanejos, povo Atikum segue firme e forte na preservação das tradições indígenas - 09/08/2018. Mostra um pouco sobre o cotidiano da comunidade.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6933265/>.



Vídeo de Cida Pedrosa conta a história de uma comunidade quilombola em Pernambuco, fundada por seis mulheres, nomeada Conceição das Crioulas.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=r149de2b0Ng>.



O Documentário "Dá Certo", em Conceição das Crioulas do Pé na Rua - Caravanas (Programa 15) mostra depoimentos que retratam a história e as trajetórias do povo de Conceição das Crioulas.

Disponível em:

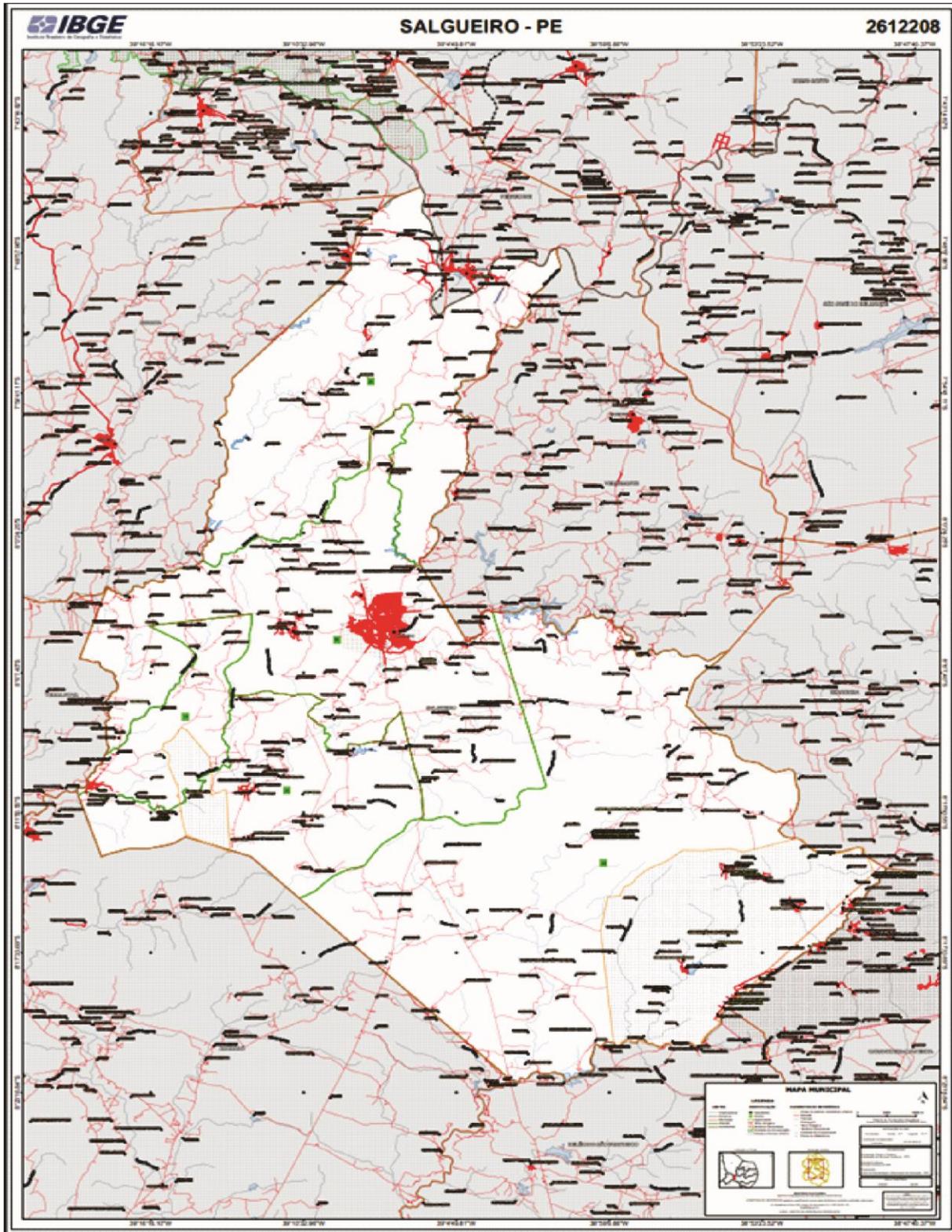
<https://www.youtube.com/watch?v=jks4aTDNzrk>.



A reportagem: Duas áreas dos municípios de Salgueiro e Cabrobó foram reconhecidas como quilombolas - 28/05/2014 mostra a história da comunidade quilombola de Santana.

Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3377053/>.

ANEXO 01: Mapa distrital do município do Salgueiro/PE – Fonte: IBGE



## ANEXO 02: Instruções da confecção de mapa tátil do município do Salgueiro/PE



Apresentação dos mapas do município de Salgueiro/PE  
- Oficina realizada na EREF Dom Malan

Para realização desta atividade, confeccionamos o mapa tátil do município dividindo os distritos como peças de encaixe de um quebra cabeça. Fizemos a impressão do mapa do IBGE para servir de molde. Após isso, a base de Papel Paraná (podendo ser de papelão) no formato do município e as peças no formato dos distritos, utilizando placas de emborrachado de três texturas diferentes.

Escolhemos a textura do emborrachado com gliter que é áspera para ser a peça central no formato da sede do município na cor vermelha, duas cores de emborrachado atalhado (mais macio) para representarem os distritos onde as comunidades estão localizadas, nas cores marrom para o Distrito de Conceição das Crioulas e azul para o Distrito do Pau Ferro, o liso na cor preta para os Distritos de Umãs e Vasques.

Utilizamos pedaços de barbante em cores diferentes para fazer a demarcação de fronteiras, a de cor azul para delimitar a área urbana na sede, o de cor verde para delimitar o território quilombola de Santana, que passa pelos Distritos de Umãs e Pau Ferro, no Distrito de Conceição das Crioulas usamos dois fios, novamente o de cor verde para delimitar o território quilombola e o de cor vermelho para o território da aldeia Atikum. Contudo, o planejamento poderá ser adaptado conforme a disponibilidade de material de quem estiver executando a atividade.

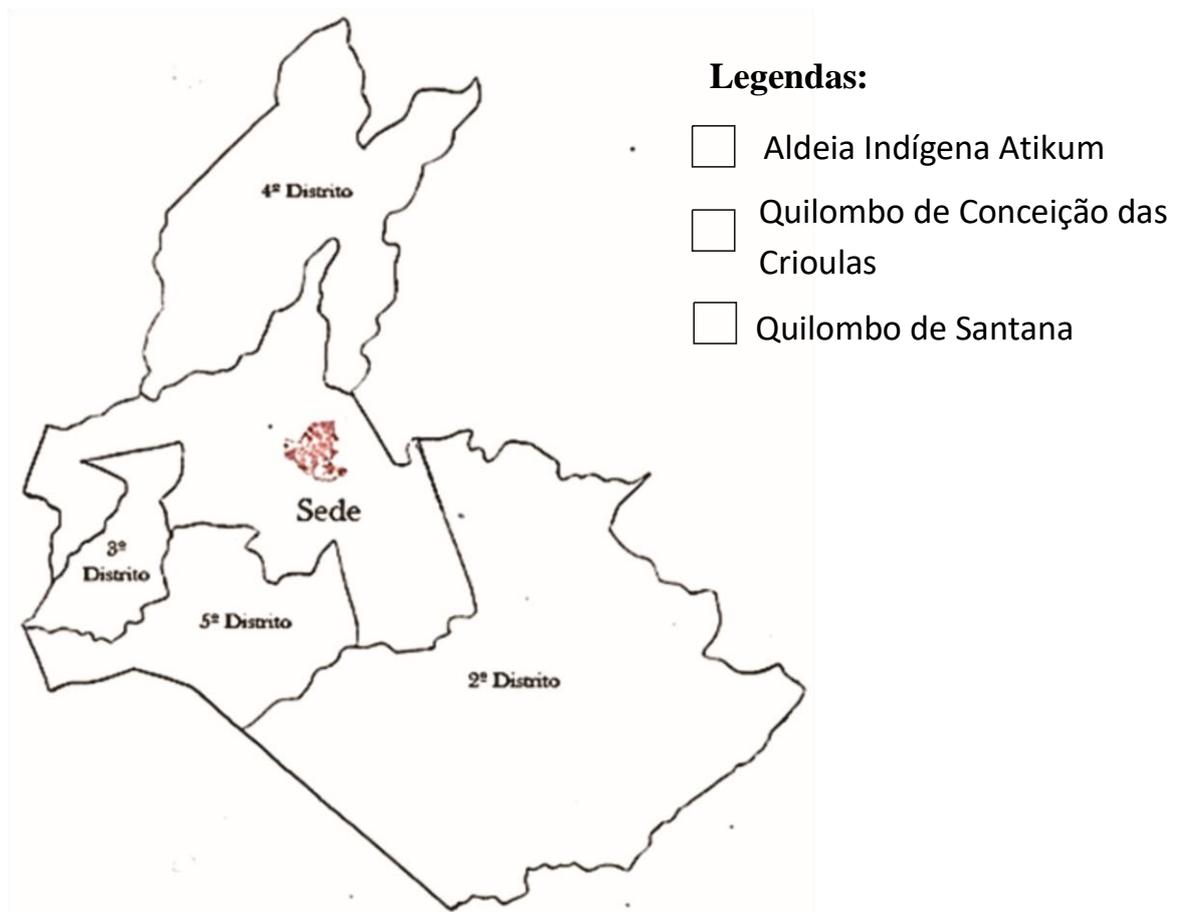
### ANEXO 03:

Criando novas demarcações de terras...

A Constituição Federal de 1988 garante a posse de terra aos povos indígenas e quilombolas em todo território brasileiro.

Após análise do mapa da cidade de Salgueiro/PE, você acha justa a demarcação territorial existente atualmente no município? Se você tivesse o poder de demarcar o território da Aldeia Indígena Atikum e dos Quilombos de Conceição das Crioulas e Santana, como ficariam os limites dessas comunidades?

Crie uma legenda para cada uma delas e demarque o novo mapa do município de



Justifique o motivo da sua nova demarcação:

---

Estudante: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

## AULA 03:

### CAMINHOS DA TRADIÇÃO



#### TEXTO DE APOIO AO/A PROFESSOR/A

Para a realização de uma pesquisa, é preciso contar com uma teia de colaboradores/as que auxiliam principalmente no processo de coleta de dados, e para que esse estudo acontecesse foi necessário firmar parcerias dentro da escola e nas comunidades tradicionais pesquisadas.

A primeira parceria foi firmada na EREF Dom Malan. Apresentamos o projeto à equipe gestora que, após aprovação e assinatura do Termo de Autorização Institucional, nos possibilitou a aplicação dos questionários e a realização das oficinas nas turmas do 9º ano A e B. A colaboração dos/as estudantes, que gentilmente responderam aos questionários e participaram das oficinas foi fundamental para a realização desse trabalho.

Outra parte importante nesse processo foram as parcerias com as lideranças da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombola de Conceição das Crioulas e Santana, que nos apresentaram às rezadeiras e aos rezadores e, assim, conseguimos entrevistar duas/dois de cada comunidade. Sem a cooperação dos/as estudantes e das rezadeiras e dos rezadores seria impossível a realização dessa pesquisa. Gostaríamos de externar nossa gratidão.

O primeiro contato que fizemos foi com as lideranças da comunidade quilombola de Santana. Recebemos o auxílio de Maria Aparecida Souza, professora, liderança da Associação de Moradores Quilombolas de Santana, e do professor Pedro Fernando dos Santos (Pedrinho Quilombola), que nos forneceu fotos da comunidade e uma cópia da sua dissertação de

mestrado intitulada *Memórias que educam: narrativas de velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Por intermédio de Aparecida conseguimos o contato da rezadeira Maria de Fátima Ana dos Santos para iniciar nossas entrevistas. D. Maria de Fátima foi nossa primeira entrevistada, 57 anos, natural do sítio Quixaba, mora na comunidade há mais de 20 anos, se mudou para Santana após seu casamento. Tem, em suas atribuições diárias, o cuidado com serviços domésticos e o cuidado em “limpar roça”.

Não sabendo estimar desde quando pratica a benzeção, “tem muitos anos que eu rezo”. “Num existia essa história de tudo no mundo que você sentia você ia pro médico. Num existia isso daí”. Prefere rezar em crianças principalmente para quebrante (os sintomas são: a criança fica só com diarreia, depois com ânsia de vômito, fraqueza) e vento caído (“o vento caído eu meço nos pé. Pego os pezim dele, assim, e junto, aí às vezes tá passando um do outro. Aí eu vou lá e rezo e os pezim fica igual”). Fez opção por rezar em crianças após ter passado mal ao rezar em um adulto, “que eu rezei em um adulto e passei mal, acho que o problema, lá do adulto passou pra mim, ai eu não gosto não de rezar em adulto. Só gosto de rezar em criança.” (Santos, 2022).

Aprendeu a rezar com uma tia, “tinha uma tia minha que rezava todo tipo de reza. Mas aí, eu acho que ela adivinhou que ia falecer, aí ela copiou no papel e ficou as rezas lá copiada. Aí eu aprendi a de rezar em criança, mas eu só aprendi essa aí mesmo, só decorei a de criança” (Santos, 2022).

Lamenta nunca ter ensinado seu ofício a outras pessoas. “Não, nunca ensinei não. Porque ninguém nunca veio pra mim ensinar. E nem eu posso, como eu sei, eu não posso ensinar uma pessoa assim, como eu, mulher, num pode. Diz que a reza fica fraca. Eu tenho de ensinar primeiro a uma pessoa homem, aí aquele homem vai e aprende para ensinar a outras mulhé” (Santos, 2022).

Não cobra por seus serviços, “Pergunta quanto é, e eu: “num é nada! Coisa de Deus não se cobra.” Aí as crianças fica boa, pra mim mermo é gratificante. Porque as criança chega aqui doente e já sai daqui animada”. O observa que a fé na reza vem diminuindo principalmente após



a chegada de outras denominações religiosas na comunidade, “Os evangélicos mesmo não acreditam não. O pessoal católico tem muita gente que acredita e tem muitos que não” (Santos, 2022).

Mesmo com toda adversidade acredita na importância de seu ofício para a comunidade. “Eu mesmo acho que é muito importante ser rezadeira, é muito valioso. Eu acho. Pra mim mesmo... Acho que é um dom de Deus” (Santos, 2022).

Após nossa entrevista, D. Maria de Fátima nos apresentou a uma outra rezadeira: Maria de Fátima Simplício de Barros Pereira.

Maria de Fátima Simplício de Barros Pereira, 67 anos, faz da sua habilidade nas costuras e bordados uma fonte de renda que auxilia o sustento da família que vive da agricultura. Assim como Fátima Ana, veio para a comunidade de Santana após o matrimônio e aprendeu a rezar através de anotações repassadas por outros rezadores e rezadeiras.

Aprendeu a admirar a reza com sua mãe, que rezava em mordida de cobra, não sabe estimar há quanto tempo reza, mas por se considerar uma “curiosa” aprendeu a rezar com vários rezadores e hoje reza em pessoas e em animais, contudo, demonstra o desejo de aprender mais rezas. Infelizmente não teve quem lhe ensinasse, principalmente para quebranto.

Em pessoas reza principalmente para “desmentido”, “se deslocar uma junta, um dedo uma coisa assim eu rezo. Aí eu rezo e fica bom”, aprendeu duas técnicas com objetos diferentes para rezar em luxações “o homem que me ensinou disse que rezava com um capuchim de algodão ele costurando, mas o outro que me ensinou, ele ensinou com as pedrinhas. Aí são 03 pedrinhas, aí eu rezo com as pedrinhas, jogo pra lá, rezo com a outra, jogo pra lá e rezo com a outra” e para engasgo. Já em animais, tanto reza para a cura de enfermidades e picada de cobra, como para “amarrar cobra”, “se eu achar uma cobra em um lugar, eu amarro ela e ela não sai do lugar” (Pereira, 2022).

Acredita que através da fé pode ajudar pessoas. “É, é muito importante a reza. As pessoas que mandam reza é porque acreditam na reza e eu rezo com fé que vai ficar bom porque eu acredito também”. “A gente reza acreditando que vai ficar bom, confiando primeiro em Deus. E a gente reza ali na fé em Deus que vai ficar bom” (Pereira, 2022).



Além da reza, auxilia as pessoas fazendo lambedores para combater gripe e tosse, utilizando 03, 07, e até 09 ervas medicinais, dependendo dos sintomas.

O interessante é que as duas não nasceram em Santana, mas foram acolhidas por terem se casado com membros da comunidade, e hoje contribuem exercendo a função de rezadeiras “substituindo” as mais idosas.

Na Aldeia Atikum tivemos a colaboração de Maria das Graças da Silva, conhecida como Graça Atikum, liderança jovem, professora da escola da comunidade e integrante da ASPAPP, que nos guiou dentro das aldeias. Ela nos apresentou a Luzia Maria da Silva, da aldeia Curtume e a Alsandro Marcionílio da Silva, da aldeia Mulungu.

Luzia Maria da Silva nos documentos, “mas no conhecimento dos apelidos é Luzia Vieira”, 65 anos, nasceu e foi criada na aldeia Curtume, anciã da comunidade, rezadeira, parteira, lutou pela construção da Escola Indígena Joaquim Vieira da Silva (a escola tem esse nome em homenagem ao seu avô). Durante muitos anos exerceu a função de merendeira, porém se aposentou como agricultora. Vem de uma linhagem que preza pela tradição: sua mãe e tias eram rezadeiras e parteiras, seu tio e avô (Joaquim Vieira) eram rezadores. Se orgulha de ter ensinado seu ofício aos filhos.

Se dedicou a aprender a rezar após a maternidade, seguindo os ensinamentos de seu tio e observando sua mãe e tias. “Quando a gente é novo que pega família, é vendo as coisas dos mais velhos, mas nem liga quase pensando que num vai precisar, mas quando eu peguei ser mãe minha fia, é que eu tive um filho primeiro com dezoito anos, aí era só pedindo às rezadeiras e eu ali eu prestava atenção às palavras da oração, e dali eu aprendi” (Silva, 2022).

Reza para quebranto, dor de cabeça, dor de cabeça que provoca esquecimento, “aí eu já rezo de outro jeito, é com a garrafa de água, serve pra dor de cabeça, tontice, nessa a gente usa a fralda ou pano branco e uma garrafinha também branca”, vento caído e triadura “as 3 pedrinha é passada em cruz no momento da oração” (Silva, 2022).

Participa de ações educativas que divulgam seu ofício e as utilidades das plantas medicinais nas escolas, associações, encontro das aldeias, feiras culturais, entre outros. Através de seu testemunho, ela demonstra um leque de saberes: faz banhos, um torrãozinho (pó que se cheira para provocar espirros) para combater sinusite, pílula de babosa, chás e lambedores.



“Faço meus banhos, não faço só pra mim, faço pra qualquer um que chegue na minha casa, que precisar, eu faço pelo amor e depois só vou confirmar: - Ficou bom?” “Ai quando elas convida a gente vai para repassar [se refere às professoras da escola], e também quando a pessoa quer apresentar nas reuniões que tem aqui na nossa aldeia, é muito importante porque a gente repassa as medicinas, o Toré sagrado pra pessoas aprender, não só para fazer as abertura mais também procurar a aprender também a fazer os remédios, e aí eu acredito que essa história ela é do começo dos mais velho, ela de verdade, é muito importante que a gente cada dia a gente pede a Deus saúde e sabedoria pra Ele ir sempre reforçando pra não ficar esquecido” (Silva, 2022).

Sua prática está intimamente ligada à tradição indígena, “Eu mesmo não nego não. Minhas coisas, minha cultura, aprendido com os mais velhos”. Vale salientar que dentro da aldeia existe a presença de três religiões: indígena, católica e evangélica. D. Luzia se declara católica, contudo fala das outras: “Minha religião é católica minha fia, aqui nós temos uns conhecimento, mas a religião é católica, nós também tem a religião indígena, nosso Toré Sagrado, dado por Deus e as Forças Encantadas de Luz, a gente também em nossa aldeia, tá parado assim, por que o povo ficaro mais a maioria evangélico, e a gente ficou mais poucas pessoas, mas graças a Deus aqui sempre o costume, a menina alí, a professora da Escola nas quinta-feira ela sempre faz abertura com o Toré. E os alunos cada um deles que estuda, eles sabem” (Silva, 2022).

Contudo, acredita na importância de transmitir seus conhecimentos e assim perpetuar a tradição. “Meu conhecimento é esse e ensino a todos vocês meus filhos, porque quando eu morrer não levo nada, mas levo a história”. (Silva, 2022).

Nosso outro entrevistado em território indígena foi Alsandro Marcionílio da Silva, 38 anos. Assim como D. Luzia, ele também nasceu e se criou na aldeia, é professor da comunidade, formado em Geografia, com pós-graduação em Gestão Ambiental, agricultor, liderança jovem, pratica a religião indígena e é o rezador mais jovem da aldeia.

Demonstra muito orgulho por suas origens, “a importância de viver na aldeia é porque você desde pequeno você vê os ensinamentos com os mais velhos, os que já tombaram [É usado o termo “tombou” para se referir a alguém que já faleceu], eles ensinam muito pra gente. E a gente vai crescendo e vai, aprende isso com eles, e vai passando pra o filho da gente, pro neto



e faz com que esse ensinamento não morra. Então, isso é um bônus. Eu aprender com eles. O meu pai passa pra mim, que já pra ele já foi o pai dele, e assim eu passo pra o filho, para o neto e isso é o bom de morar na aldeia, todos esses saberes, pra que isso nunca morra. Essa distribuição de conhecimentos” (Silva, 2022).

Vem de uma linhagem de rezadeiras: sua mãe e as avós (materna e paterna) rezavam, nos explica que existem linhagens de rezadeiras e rezadores, “Um rezador específico pra cada coisa” (Silva, 2022), a dele é para quebrante, mas também reza em sol na cabeça e garganta inflamada.

Explica também, que para os indígenas, os Encantados de Luz “são os espíritos das pessoas que já tombaram, os guerreiros que já tombaram. Que a gente sabe que eles partem em corpo e em matéria, mas o espírito a gente acredita que eles estão ali próximo a gente fortalecendo. São os encantados de luz. Tem muita gente que dizem os encantados, os irmão de luz, os encantados de luz, os guias, nossos guias. Aí tem essas várias nomenclaturas”.

Mesmo aprendendo a rezar na juventude, só começou a praticar o ofício após o falecimento de sua mãe “Depois que ela foi, é que manifestou o dom”, “porque na ausência delas, das minhas avós, de mãe, também eu senti a necessidade, de começar a rezar”. Além das rezas aprendeu com suas ancestrais a fazer lambedores e chás, “às vezes eu faço lambedor sim. Que eu acompanhava muito minha mãe e eu ouvia ela dizendo algumas receitas de chá, isso tudo tenho guardado na cabeça” (Silva, 2022).

E demonstra o desejo de repassar seus ensinamentos, “Como é um dom, que eu já aprendi da minha mãe e ela foi passando... e se Deus quiser eu quero passar pra outras pessoas também, pra que não morra, posso ir passando de geração. Posso passar pra um filho, pra um neto” (Silva, 2022).

Em Conceição das Crioulas, contamos com o auxílio de Jocicleide Valdeci de Oliveira, professora da comunidade, artesã, membra da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, que nos apresentou à rezadeira Maria Antônia da Silva e ao rezador João Virgulino da Silva.

Primeiro entrevistamos Maria Antônia da Silva, 74 anos, ela sempre se envolveu nas ações da comunidade, tanto políticas (no início da década de 1990 foi integrante de um grupo,

composto em sua maioria por mulheres, que arrecadaram materiais de construção e construíram cerca de 23 casas de alvenaria através de mutirões, que deu origem à Vila União em Conceição das Crioulas) como culturais, dança trancelim (dança criada dentro da comunidade), já tocou zabumba na Banda de Pífano e foi da primeira turma de Normal Médio. “Terminei o normal médio, sou formada pra professora, primeira turma do normal médio daqui da comunidade” (Silva, 2022).

Se refere à comunidade com muito carinho “nasci e me criei aqui, dentro de Conceição das Criola. Meu lugazinho adoravi” (Silva, 2022), e através de suas ações e da reza contribui para manter viva as tradições dentro da comunidade. É conhecida por rezar em espinhela caída, quebrante e sol na cabeça.

Aprendeu a rezar depois que passou por adversidades para cuidar da saúde de seus filhos, “Aí não existia médico não. Aí ia na casa da benzedeira, umas recebiam sastisfeitas e outas... e otas me deu uma resposta que eu num me esqueço dela nunca, ela teje lá onde Deus quiser, mar ela foi quem disto que quem.. quando a pessoa fosse arranjanu as famía já vai também prendeno a rezar as oração pra curar a criança... aí lá na presença dela eu não chorei, mas quando cheguei em casa chorei comu quem tinha levadu uma pisa. Eu digo mas eu tenho fé em Deus que eu também, eu prenu a passar umas foia em meus fí. Eu não digo que não precisu dos zoto, praque a gente não deve ter esse orgulho. Bem te dito, eu. Aí encostei num benzador pra mim ensinar, aí mim ensinaram com todo gosto” (Silva, 2022).

E hoje também ensina a quem lhe procura. “De primera eu só fazia dizer as palavrinha que só sabia quem sabia quem era que tava dizenu: Eu. Mas hoje eu digo de voz alta mermo, que se o camarada se interessá a aprendê, alí se ele num aprendeu daquela vez mais vem cá inté eu pra eu tornar a passar e eu passo” (Silva, 2022). Assim como D. Luzia, ela reza em voz alta para que quem tem interesse aprenda.

O segundo entrevistado em Conceição das Crioulas foi João Virgulino da Silva, 85 anos. O encontramos na roça, ele fez questão de explicar que tinha apelidado o local de “celular”, por ser uma faixa de terra pequena, e em muitas ocasiões ele fazia o cultivo e o arado da terra sentado no chão devido a um problema de coluna que limita o manuseio da enxada. A entrevista aconteceu debaixo da sombra de uma algarobeira.



O interessante em sua história de vida é que mesmo vindo de uma família de rezadeiras e rezadores, (a avó materna, mãe, uma irmã de sua mãe e o esposo) só se interessou a aprender a rezar depois do falecimento de sua mãe. “Ela rezava muito [se refere a mãe], mas eu não aprendi um pé de reza com ela. Eu já vim aprender os pé de reza que eu aprendi, já foi com a tia irmã de mãe” (Silva, 2022).

A mãe Joana. Aprendi com ela. – Mãe Joana é porque eu vou viajar... “vai viajar, meu fi?” Vou, e eu com a menineira que já tenho. Aí eu não sei se vou precisar, né? Aí eu não sei nem um pé de reza, aí eu quero que a senhora me ensine. Ao menos três pé de reza, já me serve. Que eu não aprendi nenhum pé com mãe, não aprendi. E agora já vou sair, eu quero aprender. Pra eu ajudar a minha família e a qualquer pessoa que precisar” (Silva, 2022).

Aprendeu várias rezas, tanto em crianças como em adultos, “rezo pra o que a pessoa tiver sentindo. Quebrante, dor de cabeça, ferida de guela... tudo isso, constipação, até pra queda de cabelo eu rezo também” (Silva, 2022).

Sua fé e vontade de ajudar quem está doente é tão grande que reza à “distância”, “Rezo da onde eu tiver. Tem rezador que só reza se for em um lugar que não travesse água. Eu num tenho esse negócio não. Graças a Deus. Aí em Salgueiro, quantos riacho num tem de lá pra cá? Tem muito riacho no mei... a pessoa de lá manda o recado pra mim, eu caço, recebo o recado do outro, né? já vou rezando naquela criança, depois eu vejo aquela pessoa. “o senhor rezou neu?” Eu disse eu rezei “depois eu fiquei bom” e o menino “ficou bom também”. Eu digo Graças a Deus, assim eu acho bom, né?” (Silva, 2022). E também já ensinou várias pessoas a rezar.

Vale salientar que D. Antônia aprendeu a rezar com Sr. João Virgulino e o indicou para ser entrevistado.

Observamos algumas semelhanças entre as/os entrevistada/os, rezam com plantas com espinhos, em especial mussambê. São unânimes quando afirmam “o homem só pode ensinar a mulher”.

Procuramos realizar as entrevistas nos ambientes onde as rezadeiras e os rezadores se sentissem mais confortáveis para conversar, utilizando como ferramenta de gravação de áudio



o aparelho de celular com o intuito de não inibir os/as entrevistados/as. Porém antes da realização das entrevistas, explicamos o tema e objetivos da pesquisa.

Ter vivido a experiência de ir às comunidades realizar as entrevistas nos fez observar a história do município por outra ótica: existem muitos conhecimentos que ainda faltam serem estudados em sala de aula, os quais aumentam nossa responsabilidade de trazer essa discursão para nossas aulas.

Uma frase do rezador Alsandro, ao falar sobre o sentimento de ser rezador, resume as vivências de nossas/os entrevistadas/os: “Ser rezador é ajudar o próximo sem querer nada em troca. Tá nessa linhagem aí. Sem querer nada em troca. Até porque foi um dom que Deus, então eu jamais vou querer que, seja o que for, pra ajudar quem tá precisando, necessitado. Eu falo igual mãe: - Só quero que, fique bem! Porque nada que Deus dá a gente, o dom de Deus a gente jamais deve querer dinheiro em troca. Então, pra ajudar as pessoas que tão necessitando me faz bem e é isso o que importa” (Silva, 2022).

## **OBJETIVO GERAL**

Compreender aspectos históricos e culturais que compõem o cotidiano das comunidades tradicionais do município de Salgueiro/PE.

## **CONTEÚDOS RELACIONADOS À BASE CURRICULAR COMUM**

<b>DISCIPLINA</b>	<b>CONTEÚDO</b>
História	História das comunidades tradicionais de Salgueiro/PE História de vida das rezadeiras e dos rezadores
Língua Portuguesa	Leitura e interpretação de texto

## **MATERIAL NECESSÁRIO**

- Cópias da Regras do Jogo – Anexo 01 – 01 por grupo de estudantes;

- Tabuleiro – Anexo 02 – 01 por grupo de estudantes;
- Peões – Anexo 03 – 03 por grupo de estudantes (01 de cada modelo);
- Envelopes para colocar as figurinhas – 01 por grupo de estudantes;
- Figurinhas – Anexo 04 – 16 por grupo de estudantes (01 de cada modelo).

## ROTEIRO

ATIVIDADE PREVISTA	DESCRIÇÃO	PREVISÃO DE DURAÇÃO
Conhecendo o cotidiano das comunidades	1º Momento: Apresentar aos/às estudantes quem são as rezadeiras e os rezadores e suas contribuições para a comunidade em que vivem.	25 minutos
Jogo de tabuleiro: Caminhos da tradição	2º Momento: Dividir os grupos e explicar as regras do jogo 3º Momento: Observar a interação dos/as estudantes enquanto jogam	05 minutos 20 minutos
Avaliação	Observação do/a professor/a	Durante o jogo

## ORIENTAÇÕES PARA AS ATIVIDADES

Para a execução dessa atividade, elaboramos um jogo de tabuleiro.

Iniciamos a aula com uma Roda de Conversa sobre a vida das rezadeiras e dos rezadores e suas contribuições para as comunidades onde vivem. Após a explanação, fizemos a leitura das regras do jogo, explicando como acontecerão as próximas etapas. Dividimos os/as estudantes em grupos de três pessoas. Cada grupo recebeu uma cópia das regras do jogo, e as partes que o compõem o jogo: um tabuleiro, três peões e um envelope contendo dezesseis figurinhas.

O tabuleiro é ilustrado com imagens das comunidades, as duas maiores representando o caminho e o riacho são da comunidade quilombola de Santana, foram cedidas pelo professor Pedro Fernando dos Santos, procuramos utilizar paisagens que demonstrassem períodos de seca e chuva típicos do sertão pernambucano, e as três imagens menores, que representam cada comunidade, foram retiradas da internet.

Utilizamos algumas imagens da internet, em especial as de sites locais porquê os/às estudantes estão familiarizados/as com elas e são de fácil descrição, e caso os/as professores queiram no futuro mais informações a respeito delas, fica mais fácil de conseguir.

As “setas” divididas em dez “casas” representam os caminhos percorridos pelos/as jogadores/as. A primeira leva à comunidade quilombola de Santana, a segunda, à comunidade quilombola de Conceição das Crioulas e a terceira, à aldeia indígena Atikum.

Os “peões”, que servem para posicionar em qual casa está o/a jogador/a, representam uma comunidade. Caracterizando a comunidade quilombola Santana temos o GANZÁ (instrumento musical usado na Mazurca, ritmo que mistura influências indígenas e africanas, que representa um dos bens imateriais da comunidade de Santana), caracterizando a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas temos a BONECA DE CAROÁ (artesanato que homenageia mulheres que são símbolo de resistência dentro da comunidade de Conceição das Crioulas), e, caracterizando a aldeia indígena Atikum temos o MARACÁ (instrumento musical sagrado utilizado nos toantes de Toré). Se possível imprimir em papel cartão ou cartolina, assim os peões terão uma sustentação melhor.

Elaboramos um envelope contendo dezessete figurinhas com imagens na frente e no verso, a explicação/instrução de quantas casas os/as participantes irão avançar ou retornar pelo tabuleiro até chegar em seu destino. Vence o jogo quem chegar primeiro ao destino, porém o jogo só acaba quando todas as figuras são lidas.

As imagens e suas descrições se relacionavam à história das comunidades, cultura e personagens. Essas figuras foram escolhidas para responder às dúvidas e curiosidade dos/as estudantes da EREF Dom Malan (local onde a pesquisa foi realizada). O/a professor/a poderá adaptar as figurinhas mediante a realidade de sua sala de aula.

## **AVALIAÇÃO**

O objetivo principal da atividade é que, por meio do jogo, os/as estudantes se conectem com o local onde vivem, por essa razão, o/a professor/a deve observar se gostaram do jogo e se conseguiram se divertir aprendendo.

## ANEXO 01: Regras do Jogo

### Caminhos da Tradição Regras do Jogo:

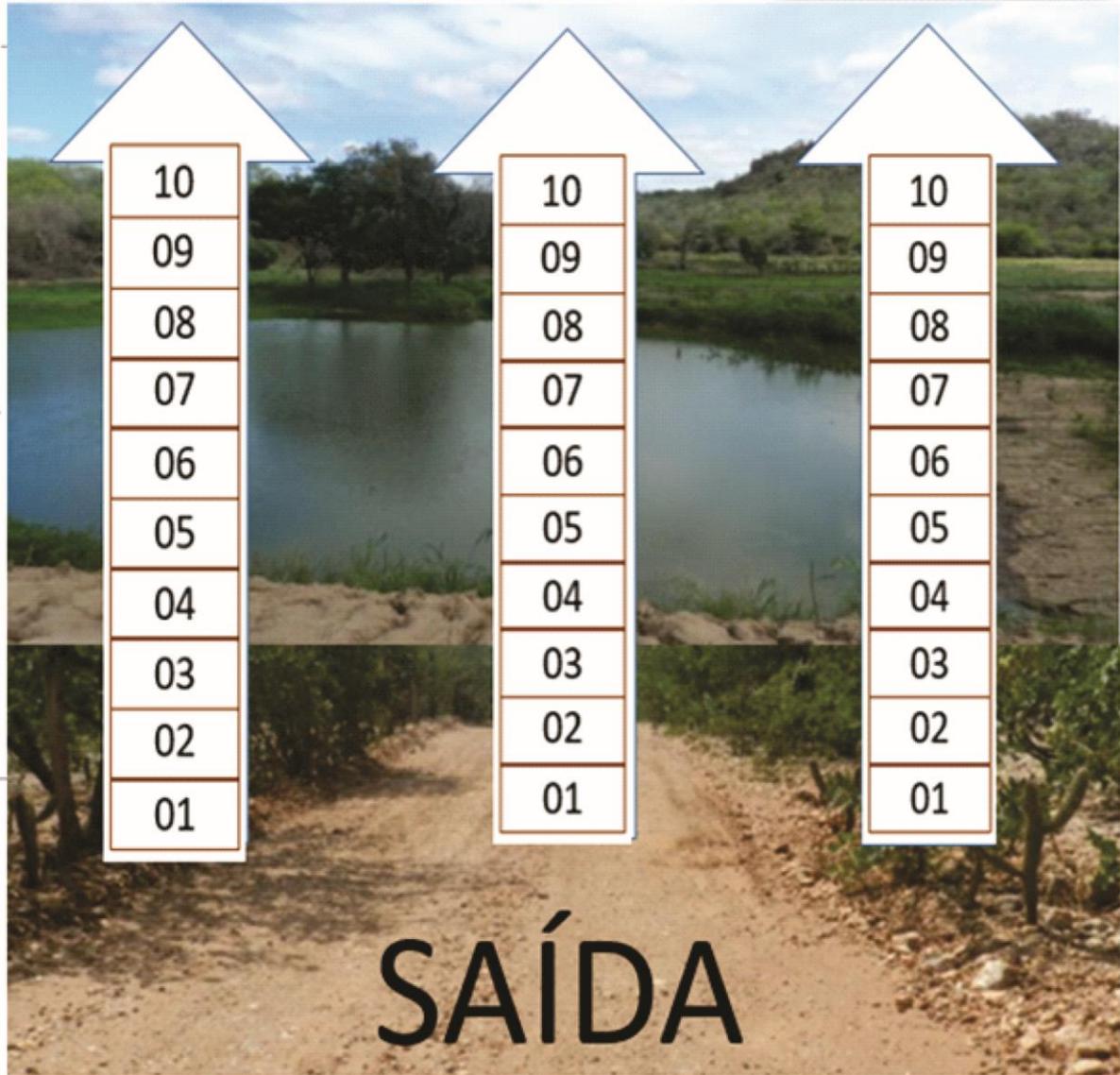
1º) Cada participante escolhe um destino:

- O primeiro caminho leva à Comunidade Quilombola de Santana (O personagem é a *GANZÁ* que representa mazurca, A Mazurca é um ritmo que mistura influências indígenas e africanas, numa mescla de pandeiro, ganzá e batida de pés, um trupé forte e certo, que lembra o coco, mas tem a sua própria identidade. Ela é dançada por casais, que formam uma roda e giram em uma mesma direção, batendo forte com os pés e as mãos, “puxados” pelo cantador de loas. que representa um dos bens imateriais da comunidade).
- O segundo caminho leva à Vila de Conceição das Crioulas (A personagem é a *BONECA* de Caroá que homenageia mulheres que são símbolo de resistência dentro da comunidade).
- O terceiro caminho leva à Aldeia Indígena Atikum (O personagem é o *MARACÁ*, instrumento musical sagrado utilizado no Toré).

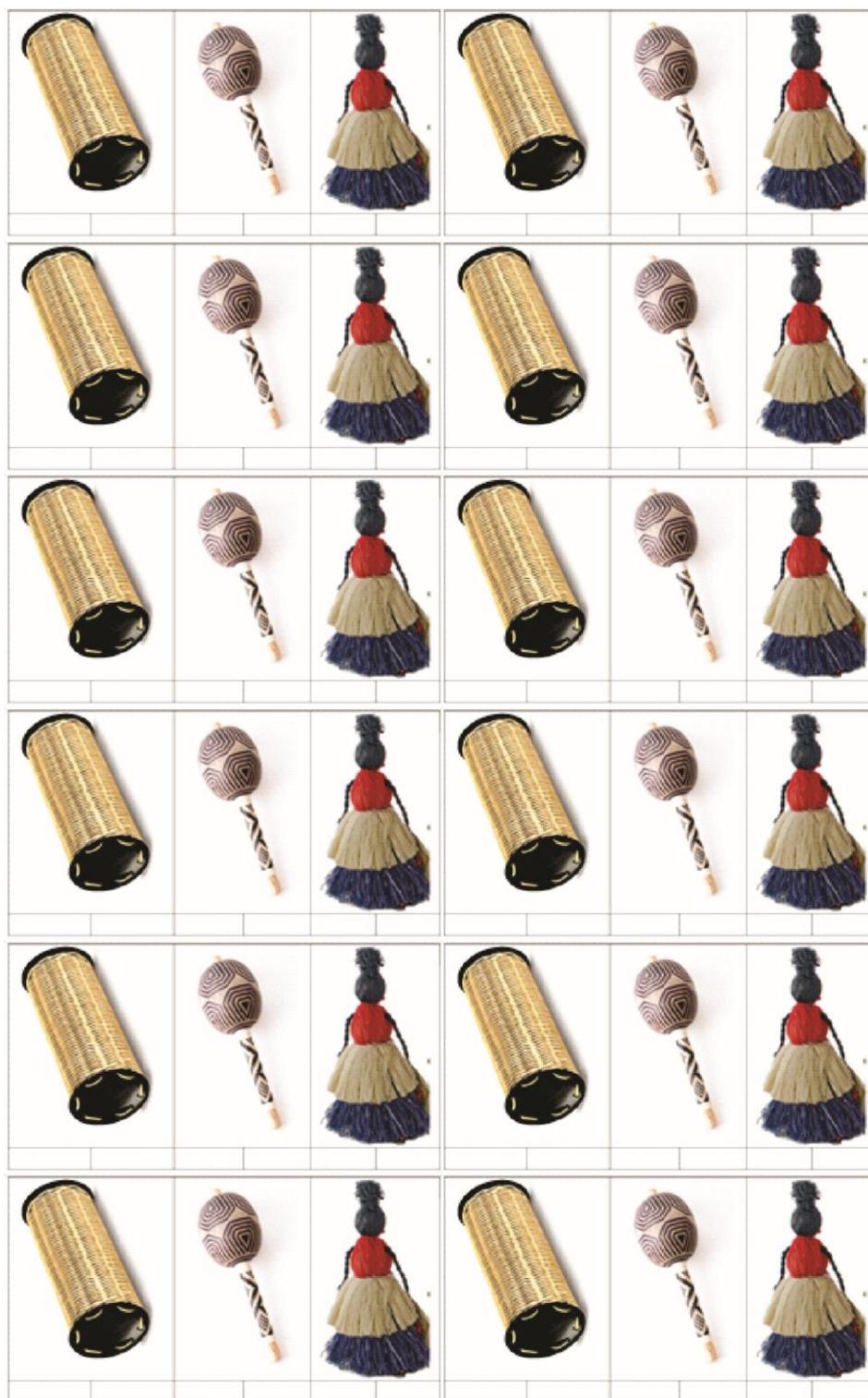
2º) Após a escolha dos personagens, cada participante irá retirar uma carta, ela contará com uma curiosidade sobre as comunidades e quantas casas os participantes irá andar. Essa indicação poderá ser para frente ou para trás.

3º) Ganhará o jogo quem conseguir chegar primeiro ao seu destino, porém o jogo só termina quando todas as cartas forem retiradas.

ANEXO 02: Tabuleiro



ANEXO 03: Peões



## ANEXO 03: Modelos de figurinhas

Representante da aldeia Atikum, de Salgueiro, é primeiro médico de origem indígena formado no País. **Josinaldo da Silva** se formou pela UnB.

AVANCE 02 CASAS



O Toré para os Atikum é mais que uma prática ritual. Constituíram um corpo de saber denominado por eles de "ciência do índio", revestida por uma áurea de mistério, e que marcaria sua especificidade como grupo étnico que recorrem aos "encantados de luz" durante as suas orações

AVANCE 02 CASAS



A partir da passagem do século XVII para o XVIII, essa região geográfica foi palco de muitos conflitos entre índios e brancos que penetravam cada vez mais nas terras dos primeiros de forma violenta, levando adiante a frente de expansão pastoril e expulsando os índios de suas terras.

VOLTE 04 CASAS



Os conflitos envolvendo povos indígenas muitas vezes resultam em violência. Conforme o relatório Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil, divulgado em novembro de 2021 pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), o número de assassinatos de indígenas aumentou 61% em 2020. Ao todo, a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) registrou 182 assassinatos. O motivos variam de conflitos por terras a feminicídio.

VOLTE 04 CASAS



No início dos anos 1940, os membros da comunidade afirmando-se descendentes de índios e reivindicando a criação de uma reserva indígena. Procuraram o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) que impôs a demonstração de um ritual de Toré, que atestaria a "consciência étnica" dos caboclos. Em 1949 é fundado o posto indígena e os caboclos se elevam à categoria de índios oficialmente reconhecidos pelo Estado-Nacional.

AVANCE 02 CASAS



Luzia Vieira, rezadeira, parteira, anciã, liderança da comunidade, representante do movimento que luta por melhorias na saúde e educação (atrás de sua luta foi criado uma escola na aldeia onde mora). Auxilia à todos no tratamento das suas enfermidades com sua reza, lambedores, chás e banhos, retirando as ervas medicinais da caatinga sem esquecer de preservar o meio ambiente.

AVANCE 02 CASAS



Ana Olindina da Conceição, Em 1980 passou a atuar como liderança do povo e em 1995 as lideranças se reuniram e escolheram D. Ana para cacique. Ao assumir o cacicado no povo Atikum ela tinha 50 anos de idade, tendo sido a primeira cacique mulher do Brasil que se tem conhecimento nesta época. O resultado do seu comprometimento com o povo foi a conquista da homologação da Terra Indígena Atikum, em 16.290 hectares, no ano de 1996.

AVANCE 02 CASAS



Educação Escolar Indígena é diferenciada. Os mestres ensinam os saberes sobre a utilização das ervas medicinais, cânticos que devem ser cantados em determinados locais e atividades do cotidiano. Há cânticos para ir à roça para ajudar os pais nos plantios e colheitas, pegar água em cacimbas... Segundo eles, educação é também respeitar os idosos, o material didático é baseado na memória dos antepassados, participar dos rituais e visitar lugares sagrados.

AVANCE 02 CASAS



Graça Atikum, liderança jovem, historiadora, mestranda em educação pela UFC, professora de TCEF Indígena, luta por uma Educação Escolar Indígena de qualidade. Tem como objetivo levar para os seus educandos os conhecimentos ancestrais através de feiras de saberes que promovam a troca de conhecimento entre os anciãos da comunidade e as gerações mais novas.

AVANCE 02 CASAS



A pintura corporal faz parte da cosmogonia Atikum. Esse aspecto é muito importante para o povo porque fortalece a identidade e é uma forma simbólica de comunicação entre a etnia e a mãe natureza. As simbologias pintadas no corpo dos indígenas são marcas específicas com vários significados. Em geral, lembram animais, plantas, peças de artesanato, dentre outros.

AVANCE 02 CASAS



Contam os mais velhos que Francisco José (que acompanhava as 06 crioulas que fundaram a comunidade) havia levado uma imagem de Nossa Senhora da Conceição consigo na viagem de fuga. Por isso, parte da terra comprada foi doada para a construção de uma capela em que foi colocada a imagem. A comunidade passou a se chamar Conceição das Crioulas em homenagem à santa.

AVANCE 02 CASAS



Com mais de 200 anos de história, Conceição foi fundada por seis "crioulas" que chegaram livres à região entre fins do século XVII e início do século XIX. Elas arrendaram uma área de 3 léguas em quadra, paga por meio do trabalho na lavoura e na fiação de algodão, que era vendido em cidades vizinhas. Mais tarde, em 1802, as crioulas adquiriram a escritura de suas terras.

AVANCE 02 CASAS



Givânia Maria, professora, primeira vereadora eleita pela comunidade, Doutora em Sociologia pela Unb, já integrou o Ministério da Igualdade Racial e é militante pela legalização dos territórios quilombolas por todo o país. E, 2005 foi indicada ao Nobel da Paz.



A de Conceição das Crioulas mantém viva as tradições religiosas na realização de novenas. As atividades religiosas são seguidas de brincadeiras de roda, forró, coco de roda ou trancelim, dança tradicional no quilombo. No Sítio Paus Brancos é organizado um bumba meu boi desde 1975

AVANCE 02 CASAS



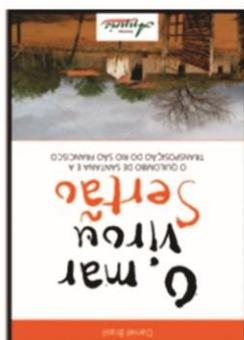
A história da comunidade se baseia em relatos orais, em uma localidade onde moravam os Rocha chega Luciano de etnia negra que veio "fugido" (com medo de seu senhor) da localidade Paisagem da Pedra (distrito de Terra Nova) e se abriga formando assim a comunidade.

AVANCE 02 CASAS



O livro tem foco na inter-relação entre as políticas públicas destinadas às comunidades remanescentes de quilombos e as relacionadas ao desenvolvimento. Pois, a comunidade de Santana teve suas terras desapropriadas por conta da Transposição do Rio São Francisco e até hoje não podem usufruir da água

AVANCE 02 CASAS



22/06/2015 foi assinado o decreto que declarou território quilombola uma área de aproximadamente 2.080 hectares. A comunidade é formada por 85 famílias. O processo de regularização do território foi aberto em novembro de 2006.

AVANCE 02 CASAS



## **AULA 04:**

### **TODO DIA É DIA DE CONSCIÊNCIA – ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS DECOLONIAIS**

#### **TEXTO DE APOIO AO/A PROFESSOR/A**

As relações de poder infligidas pelos europeus de forma violenta no processo de colonização/povoamento brasileiro aos povos originários e africanos escravizados, infelizmente ainda permanecem presentes na atualidade em forma de comportamentos racistas, excludentes e de intolerância cultural e religiosa.

Houve um empenho por parte do colonizador para que, no Brasil, o povo se comportasse de forma “homogênea”. Foi imbuído no senso comum que os “padrões” europeus para os modos de falar, vestir, agir, pensar, cultivar, entre tantos outros, eram os corretos/verdadeiros. Essa imposição feita através da escravização, torturas, inferiorização e genocídio moldaram o que chamamos hoje de colonialidade, a estes aspectos Paim e Araújo (2018) chamam atenção de que:

Os colonizadores preocuparam-se em destruir imaginários, invisibilizar sujeitos e tornar alguns grupos sociais subalternizados para que, assim, pudessem afirmar seu próprio imaginário e poder colonizador através de uma usurpação territorial, econômica e ideológica. (Paim e Araújo, 2018, p. 05).

Mesmo passando por todo esse processo de “apagamento”, os povos afro-brasileiros e indígenas encontraram formas de resistência e seus saberes, costumes, tradições, diversidade cultural e religiosa se perpetuaram ao longo dos séculos. Contudo, é necessário ressaltar que é preciso que ocorra a decolonização do saber, um engajamento para a escrita de uma história outra, onde exista um “combate” à visão eurocêntrica dos acontecimentos ocorridos, decolonizando formas opressoras às quais as culturas e os povos indígenas e afro-brasileiros foram submetidos no contexto societário.

Contemporaneamente, os marcos históricos “comemorados” na escola ainda retratam os personagens ditos como os “mais importantes” como homens/europeus/brancos. Partindo



deste tipo de perspectiva é que notabilizamos o quanto é necessário ampliar os olhares para o ensino de História e as formas de fazê-lo, valorizando a memórias, a história local e a identidade étnico-racial.

Portanto, é através dos saberes intergeracionais, transmitidos através da oralidade por protagonistas locais, que propomos aos/às professores/as uma forma de fazer esse processo de decolonialidade no ensino de História na rede municipal de ensino, esperando e objetivando que práticas educativas escolares movam novos modos de educar com base nas premissas supramencionadas.

Utilizar a história de vida, nos possibilita mostrar aos/às estudantes que existe, nas práticas cotidianas de viver, calcadas no saber tradicional, pois o mesmo se constitui através da experiência de vida que se torna uma forma de construir conhecimento, saberes estes que estão além do livro didático.

Que os conhecimentos que fazem parte da trajetória de vida e memórias, contribuem e possibilitam oferecer, o conhecimento das sensibilidades. “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (Larrosa, 2002, p. 19).

Na condição de docentes, estamos vivendo na era do avanço das mídias sociais, constantemente os/as estudantes e nós, enquanto docentes, estamos vivenciando novas informações prontas e instantâneas, que chegam às nossas mãos de forma cômoda, através da internet. Entretanto, essa sobrecarga de dados tem se apresentado de forma superficial, em um aglutinado de estímulos que absorvemos sem ao menos refletirmos sobre suas contribuições na formação de nosso pensamento, conhecimento e cotidiano.

Essa mecanização na padronização de informação nos motiva a valorizar cada vez mais a construção do conhecimento, que se faz através da transformação de pensamento. É importante incentivar o aprendizado através da experimentação do novo desejo por novas descobertas, incentivo à curiosidade em espaços educacionais e essa mudança se viabiliza através da pesquisa.

Fazer pesquisa em educação é uma parte do processo para mudar o meio em que vivemos, nos tornando o instrumento transformador em prol de uma educação crítico/reflexiva.



“O objetivo último da pesquisa é a transformação da realidade social e o melhoramento da vida dos sujeitos imersos nessa realidade” (Gamboa, 2012, p.31).

O processo de ensino e aprendizagem de/em História é amplo e remete a várias discussões, “assim como a produção de saberes históricos tenciona a comunidade disciplinar e epistemológica sobre quais saberes devem ser legitimados” (Ralejo; Mello e Amorim, 2021, p.14). E é a busca pela inclusão da diversidade étnico-racial que legitima esses saberes como ciência:

Partindo destes pressupostos, propomos uma nova perspectiva sobre o fazer/pensar/repensar o ensino de História e as contribuições que podemos ofertar ao ensino/aprendizagem dos educandos quando trocamos experiências e aprendemos com suas vivências.

### **OBJETIVO GERAL**

- Refletir sobre a importância de respeitar a diversidade étnica, cultural e religiosa, promovendo ações antirracistas dentro da escola.

### **CONTEÚDOS RELACIONADOS À BASE CURRICULAR COMUM**

<b>DISCIPLINA</b>		<b>CONTEÚDO</b>
Artes		Artes Visuais (Desenho)
História		Relações étnico-raciais
Língua Portuguesa		Gênero textual informativo (Cartaz)

### **MATERIAL NECESSÁRIO**

- Datashow e notebook para exibição de vídeo;
- Aparelho de celular (Utilizar os pertencentes aos/às estudantes) – 01 por grupo;
- Folha de papel tamanho A4 – 01 por grupo de estudantes (Caso o/a professor/a não use os celulares dos/as estudantes).

## ROTEIRO

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PREVISÃO DE DURAÇÃO
Semear ideias, ensinar respeito	1º Momento: Assistir ao vídeo SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	20 minutos
	2º Momento: Roda de Conversa sobre a importância de respeitar a diversidade	15 minutos
	3º Momento: Produção dos Cartazes	15 minutos
Avaliação	Observação do/a professor/a	Durante toda a aula

## ORIENTAÇÕES PARA AS ATIVIDADES

Assistir ao vídeo SOBRE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA do Canal H da História, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Gy2wy6Z4Vps>. O vídeo aborda o racismo como resultado de uma construção social que foi legitimada pelo conhecimento científico e também a importância de conceitos como o epistemicídio, lugar de fala e interseccionalidade na desconstrução do racismo dentro e fora da sala de aula.

Em Roda de Conversa com os/as estudantes refletimos sobre a importância da promoção de ações que incentivem práticas antirracista na escola.

Para a atividade proposta pedimos que os/as estudantes se dividissem em grupos e usassem seus celulares para elaborarem cartazes com frases e imagens antirracistas nos aplicativos *Picsart*, *Pinterest*, e *Instagram* para serem impressos e fixados pela escola. Essa atividade também pode ser realizada através de desenhos em folha de papel tamanho A4.

O intuito da atividade foi sensibilizar os/as demais estudantes da escola promovendo a reflexão a respeito do tema.

## AVALIAÇÃO

A avaliação ocorreu a partir da observação sobre como os/às estudantes compreenderam o que é diversidade, a importância do respeito mútuo com ações antirracistas e como são capazes de expor suas ideias. O reconhecimento disso é um caminho para estimular a valorização da identidade étnico-racial de cada um/a. Os/as estudantes foram convidados a falarem sobre os produtos da atividade, o que sentiram e aprenderam com essa sequência didática.

## **PARA SABER MAIS**

### **Vale a pena LER**

No site [www.historiahoje.com](http://www.historiahoje.com), o/a professor/a tem acesso a uma série de publicações disponibilizadas pelo MEC (Ministério da Educação) sobre como trabalhar as relações étnico raciais em sala de aula, podendo auxiliar no planejamento de aulas que abordem essa temática. O download é gratuito.

Disponível em: <https://historiahoje.com/livros-sobre-relacoes-etnico-raciais-mec-downloadgratuito/>.

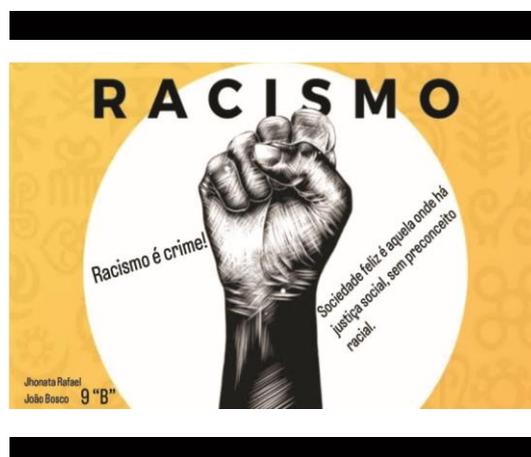
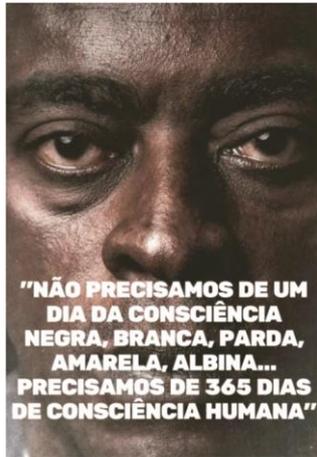
### **Vale a pena ASSISTIR**



No vídeo Antirracismo é matéria para a escola? A história do Brasil que estudamos é verdadeira? Do Canal SEXTA BLACK, Maju Coutinho e Luana Genot conversam sobre RACISMO EDUCACIONAL. Afinal, o que aprendemos na escola sobre a história do nosso país trata somente de um ponto de vista eurocêntrico ou é inclusivo no que diz respeito à versão da história por negros e indígenas?

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DoGsIKLV0-o>.

Anexo 1: Material produzido pelos/as estudantes da EREF



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Patrícia Cristina de e NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Palavras que curam na movência de saberes: memória e sensibilidades educativas nas práticas das rezadeiras. In: SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos e CURY, Cláudia Engler, **Práticas Educativas e Possibilidades de Pesquisa: fontes, objetos e abordagens uma análise comparativa**. 1.ed. Natal: EDUFRN, 2021.

ARAGÃO, Patrícia Cristina de e RODRIGUES, Franciel dos Santos, Vozes que curam e vozes que narram: o ritual de cura na voz da Rezadeira Nazaré. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, mar. – jun., p. 324-339, 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Educação é a Base**. Brasília, DF: MEC: CONSED: UNDIME, 2017b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso: 10 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639**, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso: 10 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645**, de 10 de Março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10marco-2008-572787publicacaooriginal-96087-pl.html>. Acesso: 10 set. 2021.

BUENO, João Batista Gonçalves; GUIMARÃES, Maria de Fátima e PINTO JÚNIOR, Arnaldo, Formação de professores de história: o desenvolver das noções de interação, de significação e de identidade. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 1, jan.–jun. 2015. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/420>. Acesso: 13 jan. 2022.

BURKE, Peter, **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARVALHO, Maria Leticia de Alvarenga **Quilombo de Conceição das Crioulas**, Belo Horizonte: FAFICH, 2016.

FONTENELE, Zilfran Varela; CAVALCANTE, Maria da Paz. Práticas docentes no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. **Educação e Pesquisa**, São Paulo. vol. 46. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046204249>. Acesso: 10 jan. 2022.

FRANÇA, Aurênia Pereira de. **Análise crítica do discurso quilombola em Conceição das Crioulas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Recife, PE, 2008.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**, 2ª. Ed, Chapecó: Argos, 2012.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

IBGE <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=salgueiro>. Acesso em: 14/08/2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n.19. Rio de Janeiro: ANPEd, abr. 2002, p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 de janeiro de 2023.

LIMA, Wellcherline Miranda, **História e memórias do povo Atikum**, Recife: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, 2022.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura**. 2. ed. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2011.

PAIM, E. A., E ARAÚJO, H. M. M. (2018). **Memórias outras, patrimônios outros, e decolonialidades**: Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de história da África e dos afrodescendentes e de história dos Indígenas no Brasil. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas. <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3543> Acesso: 24/01/2023.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: ensino fundamental**. Área de Ciências Humanas. Recife: A Secretaria, 2019. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/19487/Linguagens.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

RALEJO, Adriana Soares, MELLO, Rafaela Albergaria e AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista** [online]. 2021, v. 37. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.77056> Acesso em: 26 de nov. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa, Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**. – CEBRAP, n. 79, São Paulo, nov. 2007.

SANTOS, Pedro Fernando dos. **Memórias que educam**: narrativas dos velhos do quilombo de SantanaPE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. - Graduação em Educação, Mossoró, RN, 2015.



SILVA, Georgia da. **Chama os Atikum que eles desatam já:** Práticas terapêuticas, sabedores e poder. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

THOMPSON E. P. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



## 6. CONCLUSÃO

Refletir sobre as relações étnico-culturais através da memória e dos saberes da tradição afro-indígena nas práticas de cura das rezadeiras e dos rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana, e suas contribuições na construção do conhecimento histórico escolar nos anos finais do ensino fundamental permitiu que desenvolvêssemos um importante debate sobre as práticas de cultura e suas maneiras de empreender ações educativas, consistindo no início do debate acerca de um tema muito vasto e instigante.

A educação brasileira passa por transformações, e incluir as discussões sobre a diversidade étnico-racial e cultural nos espaços escolares tem sido um meio de valorizar a tradição e permanência dos costumes locais dessas comunidades. Esta pesquisa e estudo vem colaborar com estas transformações porque traz para o centro do debate os saberes das tradições indígenas e quilombolas locais. O desafio como educador/a é atrelar, aos conteúdos curriculares, os saberes empíricos imbuídos nas memórias das rezadeiras e dos rezadores através da história oral.

Desde a formação do território brasileiro, acreditar na cura por palavras tem se mostrado uma forma de sobrevivência/resistência dos povos afro-indígenas, e essa tradição reflete características culturais que perpassaram os séculos e merecem ser mais bem discutidas nas aulas de História, dando subsídio ao que está previsto nas Leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008.

Quando nos propusemos a incentivar a pesquisa sobre as memórias das rezadeiras e dos rezadores das comunidades tradicionais do município de Salgueiro/PE e como esses saberes podem contribuir para o ensino escolar do município, buscamos despertar o interesse por essa temática e a valorização da história oral e local por parte dos/as estudantes, através de uma interlocução com as comunidades para que elas sejam vistas, ouvidas, reconhecidas, valorizadas, e não silenciadas, tendo toda sua historicidade respeitada.

Levar os/as estudantes a conhecerem a aldeia indígena Atikum e as comunidades quilombola de Conceição das Crioulas e Santana, com suas semelhanças e diferenças a partir da sequência didática que foi aplicada nas turmas do 9º ano A e B da EREF Dom Malan fez com que eles/as compreendessem melhor a territorialidade e ancestralidade do município de Salgueiro/PE, ação que contribuiu com o reconhecimento da identidade étnica dos/as envolvidos na pesquisa, corroborando com a afirmativa de que podemos tornar o currículo de História transdisciplinar.

Repensar a prática pedagógica com a inclusão das experiências dos/ educadores/as e a dos/as estudantes, fazendo o uso da memória como fonte histórica, através da história oral, é uma ferramenta chave na construção de um currículo participativo que dará aos educandos/as mais autonomia para pensarem de forma crítica, respeitando a ancestralidade e se apropriando da cultura local transpondo as barreiras que limitam o planejamento criativo das aulas, que por vezes se resume apenas ao livro didático.

Por esses motivos foi que optamos pela metodologia de pesquisa etnográfica, pois através dela nos foi possibilitado uma aproximação com o universo pesquisado e um conhecimento acerca da cotidianidade de suas práticas e experiências de vida. A etnografia aguça nossas sensibilidades e nos apresenta novos olhares para que se possa perceber o contexto, o espaço vivencial das pessoas interlocutoras e outros vieses para perscrutar as fontes.

Pesquisar sobre rezadores e rezadeiras, cujo ofício nas comunidades onde atuam é seminal e de grande proposição para a vida destes sujeitos, e trabalhar tais aspectos na escola, com crianças e adolescentes do Fundamental II no ensino de História propicia, para este campo do conhecimento, outras percepções de currículo proposto e praticado no cotidiano escolar. Mobiliza, assim, não apenas os sujeitos educativos escolares, mas também os aproxima de universos comunitários que fazem parte do seu viver com os quais a escola muitas vezes não dialoga, aproximando os espaços de educar formais, com espaços não formais, onde um sentido de educação acontece.

Os fenômenos sociais são múltiplos e multifacetados. Compreender a tessitura destes fenômenos através da pesquisa etnográfica na Educação contribui sobremaneira, para uma educação como prática de diálogo cultural, uma educação que vise, a partir da escola, articular outras formas de conhecimentos que não estão na escola, mas fazendo parte dela, possibilitam, no ensino e aprendizagem históricos, leituras múltiplas sobre as questões históricas, sociais e culturais que envolvem os sujeitos coletivos e suas cotidianidades.

A pesquisa etnográfica é também uma pesquisa de cunho cultural que proporciona entender outras formas de culturas a partir de seus lugares praticados, onde os sujeitos vivem e a partir deste viver, elaboram maneiras no social que traduzem suas trajetórias, suas identidades, suas memórias e pertencimentos.

Advogamos a ideia de que, no contexto do ensino de História, os saberes orais contidos nas práticas das rezadeiras e rezadores afro-indígenas muito contribuem na prática escolar nas aulas de História, propondo um currículo praticado que contemple os saberes da comunidade, alçado nas tradições, o que pudemos comprovar através do relato de experiência dos/as estudantes envolvidos na pesquisa.

Inicialmente, quando pensamos o Caderno Temático Ecopedagógico: *Redes de saberes em práticas afro-indígenas: da cura por palavras aos aprendizados históricos*, nossa ideia seria apenas atrelar a ecologia de saberes, a ecopedagogia e o ensino de História, contudo, à medida que a pesquisa se desenvolveu, observamos que nossas possibilidades se ampliaram e pudemos montar uma sequência didática transdisciplinar que dialogasse entre as disciplinas e pudesse se replicar por professores/as de qualquer área do conhecimento.

Nosso produto educativo pode ser adaptado para todas as séries do Ensino Fundamental II, pois não se restringe a uma série ou disciplina. Trata-se de um trabalho sobre a humanidade, sobre a terra, sobre a natureza, sobre as tradições, sobre a cultura, sobre a memória, saberes que estão para além do currículo de História, para além do conhecimento escolar, que dialoga na escola, mas transcende seus muros. Que esse material sirva de inspiração para os/as demais colegas docentes como fonte de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ARAGÃO, Patrícia Cristina de e NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. Palavras que curam na movência de saberes: memória e sensibilidades educativas nas práticas das rezadeiras. In: SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos e CURY, Cláudia Engler, **Práticas Educativas e Possibilidades de Pesquisa: fontes, objetos e abordagens uma análise comparativa**. 1.ed. Natal: EDUFRN, 2021.

ARAGÃO, Patrícia Cristina de e RODRIGUES, Franciel dos Santos, Vozes que curam e vozes que narram: o ritual de cura na voz da Rezadeira Nazaré. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, mar. – jun., p. 324-339, 2020.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Obras escolhidas: Magia e Técnicas Arte e Política**. 7º Ed. São Paulo: Ed Brasiliense. 2010.

BORGES, Miguel Angelo Velanes. **Benzer, Rezar, Curar: História e Memória de Rezadeiras e Rezadores em Monte Gordo e Barra do Jacuípe**. Dissertação (Mestrado) – Centro Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRASIL, Daniel. **O mar virou Sertão: O quilombo de Santana e a transposição do rio São Francisco**. Dissertação de Mestrado, UNB, Brasília, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Educação é a Base**. Brasília, DF: MEC: CONSED: UNDIME, 2017b. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso: 10 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.639**, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso: 10 set. 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645**, de 10 de Março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10marco-2008-572787publicacaooriginal-96087-pl.html>. Acesso: 10 set. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. **Relatório de Impacto Ambiental do Projeto de Integração do Rio São Francisco**. Brasília, 2004.

BRASIL/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUENO, João Batista Gonçalves; GUIMARÃES, Maria de Fátima e PINTO JÚNIOR, Arnaldo, Formação de professores de história: o desenvolver das noções de interação, de significação e de identidade. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 8, n. 1, jan.–jun. 2015. Disponível em: <http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/420>. Acesso: 13 jan. 2022.

BURKE, Peter, **A Escrita da História**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CCLF, Centro de Cultura Luiz Freire. Comissão Estadual de Comunidades Quilombolas de Pernambuco. **Sertão quilombola a formação dos quilombos no sertão de Pernambuco**, Olinda – PE, Ministério do Desenvolvimento Social Governo do Estado de Pernambuco, 2008.

FONTENELE, Zilfran Varela; CAVALCANTE, Maria da Paz. Práticas docentes no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. **Educação e Pesquisa**, São Paulo. vol. 46. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046204249>. Acesso: 10 jan. 2022.

FRANÇA, Aurênia Pereira de. **Análise crítica do discurso quilombola em Conceição das Crioulas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Recife, PE, 2008.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009. Coleção Leitura.

GADOTTI, Moacir, **Ecopedagogia, Pedagogia da terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária** 2009, Disponível em: <http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000137> Acesso em: 25/07/2022

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**, 2ª. Ed, Chapecó: Argos, 2012.

GATTI, Bernardete Angelina, **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. 3ª Ed. Brasília : Liber Livro Editora, 2010.

GOMES, Núbia Pereira Magalhães e PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Toré e Jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil*. **Cienc. Cult.** vol.60 no.4 São Paulo Oct. 2008, Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v60n4/a18v60n4.pdf>>. Acesso em: 25/08/2023.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HOSBAWN, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

IGBE <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=salgueiro>. Acesso em: 14/08/2021.

LARCHERT, J. M. O estudo de caso do tipo etnográfico na pesquisa em educação. In: LEITE, Maria Jorge dos Santos. **Movimento social e educação: a constituição do sujeito coletivo na luta por direitos na comunidade de Conceição das Crioulas**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n.19. Rio de Janeiro: ANPEd, abr. 2002, p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 23 de janeiro de 2023.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **Movimento social e educação: a constituição do sujeito coletivo na luta por direitos na comunidade de Conceição das Crioulas**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.

LIMA, Wellcherline Miranda, **História e memórias do povo Atikum**, Recife: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, 2022.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, Etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2ª edição, 2010.

MATTOS Carmem Lúcia Guimarães de, CASTRO, Paula Almeida de (Organizadoras), **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura**. 2. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

NEPOMOCENO, Taiane Aparecida Ribeiro, **A Ecopedagogia e sua relação com as práticas educativas ambientais formais existentes no sistema escolar toledano**. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus* Toledo, Centro de Engenharia e Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, 2019.

NOVAIS, Vânia Mendes da Silva, **Uma ecologia dos saberes a partir dos conhecimentos sistematizados pelos intelectuais da tradição do distrito do Pradoso em Vitória da Conquista – BA: um enfoque sobre a questão ambiental**. Itapetinga, BA: UESB, 2018.

OLIVEIRA JUNIOR, Geraldo Barboza. **Relatório antropológico de caracterização histórica, econômica, ambiental e sociocultural da comunidade remanescente de quilombo de Santana**. Salgueiro-PE: Ministério da Integração Nacional, 2009.

PAIM, E. A., E ARAÚJO, H. M. M. (2018). **Memórias outras, patrimônios outros, e decolonialidades: Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de História da África e**

dos afrodescendentes e de história dos Indígenas no Brasil. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas. <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3543> Acesso: 24/01/2023.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Vol. 5, n.10, Rio de Janeiro, p. 200 – 212, 1992.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: Ensino Fundamental. Área de Ciências Humanas**. Recife: A Secretaria, 2019. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/19487/Linguagens.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2021.

RALEJO, Adriana Soares, MELLO, Rafaela Albergaria e AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista** [online]. 2021, v. 37. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.77056> Acesso em: 26 de nov. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial**. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas, 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

\_\_\_\_\_. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**. – CEBRAP, n. 79, São Paulo, nov. 2007.

SANTOS, Maria de Fátima Ana dos. Entrevista I. [ago. 2022]. Entrevistadora: Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato. Salgueiro, 2022. 1 arquivo .mp3 (41:45 min.).

SANTOS, Pedro Fernando dos. **Memórias que educam: narrativas dos velhos do quilombo de Santana-PE para a formação da juventude e preservação dos saberes da tradição**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Programa de Pós- Graduação em Educação, Mossoró, RN, 2015.

SILVA, Alsandro Marcionílio da. Entrevista I. [set. 2022]. Entrevistadora: Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato. Salgueiro, 2022. 1 arquivo .mp3 (52:17 min.).

SILVA, Georgia da. **Chama os Atikum que eles desatam já: Práticas terapêuticas, sabedores e poder**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas**. Dissertação (Mestrado) Universidade de Brasília. Faculdade de Educação, Brasília, 2012.

SILVA, João Virgúlio da. Entrevista I. [out. 2022]. Entrevistadora: Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato. Salgueiro, 2022. 1 arquivo .mp3 (59:16 min.).

SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: PRINSKY, Carla Bassani, **Novos temas nas aulas de História** – São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Luzia Maria da . Entrevista I. [set. 2022]. Entrevistadora: Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato. Salgueiro, 2022. 1 arquivo .mp3 (01:33:11 min.).

SILVA, Maria Antônia da Silva. [set. 2022]. Entrevistadora: Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato. Salgueiro, 2022. 1 arquivo .mp3 (48:05 min.).

SIMPLÍCIO, Maria de Fátima Pereira Simplício. Entrevista I. [ago. 2022]. Entrevistadora: Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato. Salgueiro, 2022. 1 arquivo .mp3 (44:30 min.).

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial.** – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Jailson da Silva. Um olhar reflexivo sobre a educação escolar indígena de Atikum Salgueiro. **Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE.** São Paulo, v.7.n.11.nov. 2021. ISSN - 2675 – 3375 765 doi.org/ 10.51891/rease.v7i11.3103 Acesso em 26/10/2022

SOUZA, Maria Aparecida de Oliveira. **Negras nós somo, só não temo o pé no torno: a identidade negra e de gênero em Conceição das Crioulas, Contendas/Tamboril e Santana (Salgueiro-PE).** Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em História, Recife- PE, 2013.

THOMPSON E. P. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

VIEIRA FERREIRA, Charles Evandre; BINKOWSKI, Patrícia. Transposição do Rio São Francisco: análise da efetividade do Programa Básico Ambiental (PBA 17) e os conflitos ambientais na Comunidade Quilombola de Santana (PE). Aceno – **Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, volume 08, número 18, 2021, p. 63-80.

WELLER Wiviam, PFAFF Nicolle, (organizadoras). Etnografia em contextos escolares: pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e na Alemanha In. **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação.** 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

**APÊNDICE A – ENTREVISTA COM REZADEIRAS E REZADORES**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Este questionário faz parte de um projeto de pesquisa que tem como título **TRADIÇÃO E MEMÓRIA AFRO-INDÍGENA NA CURA POR PALAVRAS: ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE**. A pesquisa é fruto do programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB e está sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão. A pesquisa visa investigar como as artes de cura nas práticas das rezadeiras e rezadores das comunidades quilombolas e indígena, seus saberes e memória, contribuem na formação educativa dos/as estudantes nas aulas de História no Ensino Fundamental Anos Finais, da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, em Salgueiro/PE. Os dados dessa entrevista foram analisados, interpretados e compõem o corpus da dissertação. Todo o material coletado será, portanto, guardado sob a responsabilidade da pesquisadora.

**ENTREVISTA COM AS REZADEIRAS E REZADORES DA COMUNIDADE DA  
ALDEIA INDÍGENA ATIKUM, COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO  
DAS CRIOULAS E QUILOMBOLA DE SANTANA**

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

1. NOME: \_\_\_\_\_
2. GÊNERO/SEXO: ( ) FEMININO ( ) MASCULINO ( ) OUTRO: \_\_\_\_\_
3. ETNIA/COR: ( ) Amarela ( ) Branca ( ) Indígena ( ) Parda ( ) Preta ( ) Outra
4. IDADE: \_\_\_\_\_ DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_
5. ESCOLARIDADE: \_\_\_\_\_
6. RELIGIÃO QUE PRÁTICA: \_\_\_\_\_
7. PROFISSÃO/TRABALHO QUE EXERCE? \_\_\_\_\_
8. NA COMUNIDADE QUE TIPO DE ATIVIDADE DESENVOLVE?  
\_\_\_\_\_
9. HÁ QUANTO TEMPO MORA NA COMUNIDADE? \_\_\_\_\_

**PERGUNTAS:**

1. Há quanto tempo prática a benzeção na comunidade?

---

2. Este conhecimento o/a senhor/a aprendeu através de quem? Sua mãe? Pessoas da comunidade? Quem lhe ensinou?

---

---

3. Como o/a senhor/a vê a importância de seu trabalho na comunidade?

---

---

4. Na época de sua infância e juventude quem eram as rezadeiras e ou rezadores da comunidade e como o/a senhor/a lembra do trabalho que eles/as desenvolveram?

---

---

5. Do que o senhor ou a senhora lembra destas rezadeiras na comunidade e do trabalho que elas faziam?

---

---

---

6. Qual a importância desta comunidade para sua vida e seu trabalho como rezador e rezadora?

---

---

---

7. Em sua opinião qual a importância do trabalho das rezadeiras e/ou rezadores na comunidade em que o/a senhor/a mora?

---

---

---

8. Em sua opinião como este trabalho contribui na vida das pessoas da comunidade do ponto de vista de saúde e alma?

---

---

---

9. O/a senhor/a já ensinou a outras pessoas o seu ofício de rezador ou rezadeira?

---

---

10. Se ensinou, qual a importância que o/a senhor/a identifica para que outras pessoas aprendam sobre a benção para ajudar na comunidade? (Caso não tenha ensinado, por qual motivo isso nunca aconteceu?)

---

---

---

11. Para você qual o significado e importância do seu ofício?

---

---

12. Como você vê o seu ofício na comunidade através do que as pessoas que procuram por você buscam?

---

---

13. No seu ofício de rezadeira e ou rezador, quais os casos que lhe ocorreram nos quais o seu trabalho foi importante para ajudar as pessoas à época?

---

---

---

14. Além dos raminhos para rezar, o que mais o/a senhor/a utiliza na sua prática para benzer as pessoas?

---

---

---

15. No seu trabalho além da oração, qual a importância da utilização das ervas para ajudar as pessoas em chás, banhos e lambedores?

---

---

16. O que é ser rezadeira ou rezador para a senhor/a?

---

---

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO



### UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Este questionário faz parte de um projeto de pesquisa que tem como título **TRADIÇÃO E MEMÓRIA AFRO-INDÍGENA NA CURA POR PALAVRAS: ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE**. A pesquisa é fruto do programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB e está sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão. A pesquisa visa investigar como as artes de cura nas práticas das rezadeiras e rezadores das comunidades quilombolas e indígena, seus saberes e memória, contribuem na formação educativa dos/as estudantes nas aulas de História no Ensino Fundamental, anos finais, da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, em Salgueiro/PE. Os dados dessa entrevista foram analisados, interpretados e compõem o corpus da dissertação. Todo o material coletado será, portanto, guardado sob a responsabilidade da pesquisadora.

#### ENTREVISTA COM ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL DE REFERÊNCIA EM ENSINO FUNDAMENTAL DOM MALAN

##### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

1. NOME: \_\_\_\_\_ Turma: 9º A ( ) 9º B ( )
2. GÊNERO/SEXO: ( ) FEMININO ( ) MASCULINO ( ) OUTRO: \_\_\_\_\_
3. ETNIA/COR: ( ) Amarela ( ) Branca ( ) Indígena ( ) Parda ( ) Preta ( ) Outra
4. IDADE: \_\_\_\_\_ DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_
5. RELIGIÃO QUE PRÁTICA: \_\_\_\_\_
6. Endereço: \_\_\_\_\_

##### PERGUNTAS INICIAIS:

1º) Você conhece algum rezador ou rezadeira no lugar onde você mora? Quem?

---



---

2º) Alguma vez na sua vida você já foi rezado (a) por uma rezadeira ou rezador?

---



---

3º) O que a experiência de ser rezado (a) significou para você?

---

---

4º) Na sua família tem algum rezador ou rezadeira? Quem? Você já foi rezado por ele ou ela?

---

---

5º) Você acredita que a reza feita por um rezador ou rezadeira pode curar uma pessoa? Por quê?

---

---

6º) Na sua opinião qual é a importância do trabalho realizado pela rezadeira ou rezador?

---

---

7º) Marque com um X a comunidade tradicional da cidade de Salgueiro/PE que você já ouviu falar ou estudou a respeito:

Aldeia Indígena Atikum (    )      Comunidade Quilombola de Santana (    )

Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas (    )

8º) Você já foi em alguma dessas comunidades? Qual? Quando? O que achou?

---

---

9º) Qual a importância das comunidades tradicionais para a cidade de Salgueiro?

---

---

10º) Para você é importante conhecer a história dessas comunidades? Por quê?

---

---

11º) Na sua opinião é importante estudar, nas aulas de História, os saberes dessas comunidades?

---

---

12º) O que se estuda sobre a história de Salgueiro nas aulas de História é suficiente para conhecer o lugar em que vivemos?

---

---

---

## APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO FINAL



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Este questionário faz parte de um projeto de pesquisa que tem como título **TRADIÇÃO E MEMÓRIA AFRO-INDÍGENA NA CURA POR PALAVRAS: ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE**. A pesquisa é fruto do programa de Pós-Graduação em Formação de Professores da UEPB e está sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Patrícia Cristina de Aragão. A pesquisa visa investigar como as artes de cura nas práticas das rezadeiras e rezadores das comunidades quilombolas e indígena, seus saberes e memória, contribuem na formação educativa dos/as estudantes nas aulas de História no Ensino Fundamental, anos finais, da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, em Salgueiro/PE. Os dados dessa entrevista foram analisados, interpretados e compõem o corpus da dissertação. Todo o material coletado será, portanto, guardado sob a responsabilidade da pesquisadora.

### QUESTIONÁRIO COM ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL DE REFERÊNCIA EM ENSINO FUNDAMENTAL DOM MALAN

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME: \_\_\_\_\_ Turma: 9º A ( ) 9º B ( )

01º) Você gostou da realização das oficinas? Qual delas você mais gostou? Por quê?

---



---



---

02º) O que você aprendeu sobre o povo da Aldeia Indígena Atikum?

---



---



---

03º) O que você aprendeu sobre o povo do quilombola de Conceição das Crioulas?

---



---



---

04º) O que você aprendeu sobre o povo do quilombola de Santana?

---

---

---

05º) Conhecer um pouco sobre os saberes das rezadeiras e rezadores contribuiu para a forma que você vê/estuda a história das comunidades tradicionais de Salgueiro/PE?

---

---

---

06º) O que mais chamou sua atenção sobre os saberes das rezadeiras e rezadores?

---

---

---

07º) Para você, aprender nas aulas de História sobre os povos indígenas a partir das rezadeiras e rezadores, o que significou?

---

---

---

08º) Para você, aprender nas aulas de História sobre os povos quilombolas a partir das rezadeiras e rezadores, o que significou?

---

---

---

09º) Para você a aula de História a partir das histórias das rezadeiras/rezadores indígenas e quilombolas foi interessante? Em que sentido?

---

---

---

10º) Você recomendaria que essas oficinas fossem aplicadas em outras turmas da escola? Será que os outros estudantes conseguiriam aprender com elas?

---

---

---

11º) A partir do que você aprendeu sobre os povos indígenas e quilombolas e sobre as rezadeiras/rezadores, comente o que significa para você o trabalho realizado por elas/eles e a importância delas.

---

---

---

Continuação do Parecer: 5.866.656

## ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA – CONEP

### PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** MEMÓRIAS E SABERES DA TRADIÇÃO AFRO-INDÍGENA NAS ARTES DE CURA: ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE

**Pesquisador:** RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO

**Área Temática:** Estudos com populações indígenas;

**Versão:** 5

**CAAE:** 59298222.5.0000.5187

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA **Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.866.656

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram obtidas das Informações Básicas do Projeto arquivo “PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1959587.pdf, gerado na Plataforma Brasil em 16/08/2022).

#### RESUMO

Um dos grandes desafios para o/a professor/a e pesquisador/a que busca fazer o ensino de História de forma crítica e reflexiva é proporcionar aos/às estudantes uma forma de experienciar a História do tempo presente, tornando-os/as conscientes de sua ação sobre o local em que vivem e engajando-os/as para a conservação das tradições culturais de sua comunidade. Nesse intuito, esta pesquisa nos proporcionará analisar memórias de rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e de Santana em Salgueiro/PE.

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

Nosso objetivo é investigar como as artes de cura nas práticas das rezadeiras e dos rezadores das comunidades quilombolas e indígena e seus saberes e memórias contribuem na formação educativa dos/as estudantes nas aulas de História no Ensino Fundamental Anos Finais, da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan em Salgueiro/PE. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica embasadas nas teorias de Halbwachs (2004) e Bosi (2010) sobre memória, Aragão e Rodrigues (2020) e Aragão e Nascimento (2021) sobre sensibilidade na arte de cura, Macedo (2010) com a metodologia etnográfica, Santos (2007) com a ecologia de saberes, utilizando como marcos legais os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (2019) e as Leis de nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. O produto final de nossa pesquisa será um caderno temático ecopedagógico que contribuirá para a prática pedagógica dos/as professores/as de História da Rede Municipal de Ensino em Salgueiro/PE.

#### HIPÓTESE

A memória e os saberes tradicionais das práticas de cura das rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana em Salgueiro/PE são formadores e educativos no ensino de História na educação escolar na Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan (EREF Dom Malan).

#### METODOLOGIA

Escolhemos realizar desta envergadura por compreender a etnografia como uma abordagem metodológica que tem um esquema de coleta de dados o qual inclui diferentes formas de observação participante e entrevistas. “Dessa maneira, analisa-se a vida cotidiana e os conteúdos que dela emergem, e que são capazes de refletir questões mais amplas da organização social, entendendo o que os participantes dizem em sus significados de vida” (LARCHERT, 2017, p.125). A proposta é que esta pesquisa se desenvolva em três etapas: na primeira contaremos com a colaboração das/os rezadeiras e rezadores, duas/dois de cada comunidade, totalizando seis colaboradoras/es, que compartilharão conosco suas memórias sobre os saberes da tradição afro-indígena na arte de cura; na segunda transcreveremos as entrevistas observando as vivências/experiências nos rituais de cura, auxiliado pelo diário de campo, e elaboraremos as oficinas a partir de temas eixo da dissertação, na terceira, realizaremos sequência didática e oficinas temáticas com os 62 (sessenta e dois) estudantes matriculados no 9º ano turma A (32 estudantes) e 9º ano turma B (30 estudantes) da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, localizada na sede do município de Salgueiro/PE que subsidiarão o caderno ecopedagógico que será nosso produto final. A pesquisa será desenvolvida no

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conepe@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

município de Salgueiro/PE, sertão central pernambucano, em território indígena e quilombola. A aldeia indígena Atikum e a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas estão localizadas no 2º Distrito denominado Conceição das Crioulas e a comunidade quilombola de Santana está localizada no 5º Distrito, denominando Pau-Ferro e nas turmas do 9º ano da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, localizada na sede do município.

Utilizaremos, como instrumento de coleta de dados com as rezadeiras e rezadores a técnica da entrevista semiestruturada e flexível, a observação analítica dos espaços e o diário de campo. Estas ferramentas nos permitirão aprofundamento na realidade conforme os direcionamentos da pesquisa, uma vez que tais recursos nos possibilitarão conhecer as vivências cotidianas das comunidades pesquisadas. Faremos uso da história oral como fonte histórica documental por compreendemos a entrevista como instrumento capaz de recolher “dados descritivos” na linguagem do próprio sujeito, “permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (LARCHERT, 2017, p.131). A observação nos permitirá interagir com a dinâmica social mostrando que pesquisa etnográfica depende da construção de uma relação de confiança/harmonia entre o pesquisador e as pessoas do campo investigado. Seguiremos a linha metodológica de Macedo (2010). Estruturaremos as entrevistas seguindo todas as recomendações após aprovação do CEP/UEPB respeitando os aspectos éticos da pesquisa preconizados pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/CNS/MS procurando minimizar os riscos que se materializam na possibilidade de causar constrangimento aos participantes, seguido o protocolo da pesquisa, que inclui assegurar o sigilo dos dados coletados, evitando vazamento e outros incidentes. Após a realização das entrevistas e suas transcrições, será elaborado sequência didática e oficinas a partir de temas eixos da dissertação que visem trabalhar as práticas de cura nas comunidades, a memória e o saber educativo das rezadeiras e rezadores. Os/as estudantes receberão orientação sobre a proposta pedagógica das oficinas e preencherão um questionário que terá como objetivo a verificação dos conhecimentos prévios sobre o tema. Após a execução das atividades propostas será aplicado outro questionário com o intuito de observar as percepções dos/as estudantes sobre o tema trabalhado.

## CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Será utilizado como critério de inclusão ser rezadeira/rezador da Aldeia Indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana ou estudante devidamente matriculado no 9º ano (turma A ou B) do Ensino Fundamental da Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, diante da assinatura

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Vale salientar que o termo dos estudantes será assinado pelos pais ou responsáveis.

## CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Como critério de exclusão será restringir a participação dos/as colaboradores/as que não apresentarem assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE e/ou Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

## Objetivo da Pesquisa:

### OBJETIVO GERAL

Investigar como as artes de cura usadas nas práticas das rezadeiras e dos rezadores das comunidades quilombolas e indígena e seus saberes e memórias contribuem na formação educativa dos/as estudantes nas aulas de História no Ensino Fundamental Anos Finais, da Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan em Salgueiro/PE.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir sobre a temática da cultura afro-brasileira e indígena no contexto da educação básica a partir do ensino de História nos Anos Finais do Fundamental, enfatizando a importância do conhecimento produzido por estas culturas nas práticas de cura das rezadeiras e rezadores;
- Refletir sobre a prática de cura e o ofício de rezadeiras e rezadores e sobre como as influências culturais nas artes de benzimento afro-brasileiras e indígenas são fundamentais para a formação educativa escolar; • Pesquisar o repertório de saberes e memórias das rezadeiras e dos rezadores da aldeia indígena Atikum, e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana e a contribuição desses conhecimentos na formação educativa do Ensino Fundamental Anos Finais em Salgueiro/PE; • Investigar, no campo de ensino de História, entre turmas de Ensino Fundamental Anos Finais, a importância dos saberes de rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum, comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana e o potencial educativo destes saberes na construção do conhecimento histórico escolar;
- Elaborar um caderno ecopedagógico com as memórias e os saberes da tradição afro-indígena, mediatizado pelas práticas das rezadeiras e dos rezadores,

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conepe@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

ênfatizando o potencial educacional, a partir de oficinas temáticas com estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

#### RISCOS

A pesquisa a ser realizada oferece riscos mínimos aos/às seus participantes, por fazer uso de abordagem qualitativa do tipo etnográfico e técnicas colaborativas de coleta de dados. Os riscos se materializam na possibilidade de causar constrangimento aos/às participantes, o que poderá ser minimizado seguido o protocolo da pesquisa, que inclui:

- Garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes.
- Assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro.
- Garantir que a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto.
- Garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos.
- Minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras.

#### BENEFÍCIOS

Essa pesquisa busca fazer uma interlocução entre os saberes tradicionais afro-indígenas contidos nas artes de cura das rezadeiras e rezadores aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombola de Conceição das Crioulas e Santana e o Componente Curricular História estudado na Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan em Salgueiro/PE.

Entendemos que a arte de cura por palavras pode ser incluída como prática educativa, pois esses conhecimentos são formadores e relevantes para o fortalecimento de nossa identidade ética, as rezadeiras e rezadores são protagonistas em suas localidades e ensinam através da oralidade essa tradição tão relevante para o meio em que vivem.

Propomos a realização de uma pesquisa de campo de natureza etnográfica no intuito de valorizar costumes tradicionais que devem ser ensinados a gerações mais novas antes que sejam esquecidos e ao mesmo tempo despertar nos/as estudantes

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conepe@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

envolvidos/as na observação o interesse em conhecer sua ancestralidade. Esta pesquisa dará mais visibilidade ao ofício de rezadeira e rezador e suas práticas de cura realizadas nas comunidades pesquisadas contribuindo para a historiografia local. Será organizado na escola um momento intercultural com oficinas pedagógicas que contaram com a participação dessas comunidades tradicionais trazendo a diversidade étnico racial para um espaço de discursão que outrora só retrata a relevância cultural de uma parte da sociedade.

Para a produção de conhecimento acadêmico elaboraremos um caderno temático ecopedagógico que será o produto final dessa pesquisa. Esse material poderá ser aplicado/replicado em todas as Redes de Ensino do município de Salgueiro/PE nas turmas do Ensino Fundamental Anos Finais.

Além do caderno, o registro bibliográfico das entrevistas e a sequência didática serão disponibilizados às 19 escolas que ofertam essa modalidade de ensino no município para servir de material de apoio no planejamento dos/as professores/as de história que se interessarem pelo tema proposto.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo nacional e unicêntrico, prospectivo, de desenho qualitativo e abordagem etnográfica. Caráter acadêmico, realizado para obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP), na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Tem como objetivo investigar como as artes de cura nas práticas de rezadeiras e rezadores da aldeia indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e de Santana, em Salgueiro ( PE), e como seus saberes e memórias contribuem na formação educativa de estudantes nas aulas de História na Escola Municipal de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan, no mesmo município. O produto final da pesquisa será um caderno temático ecopedagógico que contribuirá para a prática pedagógica dos/as professores/as de História da Rede Municipal de Ensino em Salgueiro (PE). Além do caderno, o registro bibliográfico das entrevistas e a sequência didática serão disponibilizados às 19 escolas que ofertam essa modalidade de ensino no município para servir de material de apoio no planejamento dos/as professores/as de história que se interessarem pelo tema proposto. - Apresenta anuência institucional da Escola Dom Malan.

Financiamento próprio; Orçamento: R\$ 725,00.

Número de participantes incluídos no Brasil: 68

- Estudantes da EREF Dom Malan do 9º ano: 62
- Participação em Oficinas pedagógicas e preenchimento de questionários - Rezadeiras e Rezadores: 6 Entrevistas semiestruturadas

Previsão de início do estudo: 01/08/2022

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

Previsão de encerramento do estudo: 31/08/2023

- No arquivo "CRONOGRAMA.pdf", submetido em 02/06/2022, compromete-se a iniciar a pesquisa após aprovação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise de resposta ao parecer pendente nº: 5.734.911, emitido pela Conep em 06/11/2022:

1.1 . O estudo prevê três etapas de entrevistas, mas não informa o indivíduo sobre uma estimativa de tempo a ser reservado para participação e nem sobre o local das atividades. A Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso I, prevê que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, em suas diferentes formas, deve conter "a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com informação sobre métodos a serem utilizados, em linguagem clara e acessível, aos participantes da pesquisa, respeitada a natureza da pesquisa". Solicita-se informar ao participante de pesquisa sobre os procedimentos adotados, no que se refere ao local e ao tempo dispensado para sua participação no estudo. RESPOSTA: "Foi inserida a seguinte sentença 'Dividiremos os roteiros das entrevistas da seguinte forma: iniciaremos pedindo que os entrevistados façam um breve relato de suas vidas, descrevendo como aprenderam o ofício, suas vivências nas artes de cura, as contribuições/benefícios advindos da reza e a sua importância para manutenção da tradição local. Estima-se que essas entrevistas durem em média de duas horas (02 h) e serão realizadas nas residências dos/as entrevistados/as.' na página 1 de 3." ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.2 . Solicita-se incluir no Processo e Registro do Consentimento Livre e Esclarecido a informação de que "todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados pelo período mínimo de 5 anos", para que o participante possa decidir livremente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados no momento e no futuro (Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 28, inciso IV).

RESPOSTA: "Foi inserida a seguinte sentença 'Todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados pelo período mínimo de 05 anos, para que o participante possa decidir livremente sobre sua participação e sobre o uso de seus dados no momento e no futuro' na página 2 de 3".

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

1.3 . Na página 3 de 3, após a forma de contato com o CEP, lê-se: “e da CONEP (quando pertinente)”. Considerando que o estudo está sob análise da Conep, solicita-se, para melhor informar os participantes de pesquisa, que seja incluída no Registro do Consentimento uma breve descrição do que é a Conep, qual sua função no estudo, e suas formas de contato, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, inciso IX [ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h].

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP (comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho) localizado: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.” na página 2 de 3.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.4 . Na página 3 de 3, há um campo de assinatura dactiloscópica do participante, com a seguinte orientação: “(OBS: Utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do (a) participante da pesquisa).” Considerando que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido pode estar sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 15), solicita-se a retirada do campo para impressão datiloscópica, com o objetivo de evitar a estigmatização e/ou constrangimento do participante de pesquisa, e a adoção do Registro do Consentimento Livre e Esclarecido em outro formato, caso necessário, de acordo com as características dos participantes.

RESPOSTA: “O campo para impressão datiloscópica foi retirado.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.5 . Considerando os direitos dos participantes, dispostos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, de terem sua privacidade respeitada; de terem garantida a confidencialidade das informações pessoais e de decidirem, dentre as informações que fornecem, aquelas que podem ser tratadas de forma pública, solicita se inserir opções excludentes sobre gravação e/ou uso de imagem e/ou voz dos participantes (por exemplo: “sim, autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz”; “não, não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz”; "autorizo a gravação mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz") no Registro do

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

Consentimento Livre e Esclarecido, para que os participantes possam exercer tais direitos. Não há necessidade de apresentar ao participante documentos separados para autorização e uso de imagem e voz. Ressalta-se, ainda, que, como o estudo envolve população indígena, o uso de imagem e/ou som de participantes indígenas deverá contemplar também a Portaria nº 177/PRES/2006, Artigo 6º, da Funai, e demais legislações pertinentes.

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘A presente autorização abrange, o uso de minha imagem e/ou voz e deverá sempre preservar a nossa identidade. Conforme assinalado abaixo:

- (    ) Sim, autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz  
(    ) Não, não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz.  
(    ) Autorizo a gravação mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.’ na página 3 de 3.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.6 . Considerando que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido está por escrito, ressalta-se que o documento deve ser assinado pelo participante do participante de pesquisa e pela pesquisadora, e rubricado em todas as páginas por ambos (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso X). De forma a garantir sua integridade, o documento deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se ainda que essa seja inserida de forma a indicar, também, o número total de páginas, por exemplo: 1 de 2, 2 de 2, por exemplo. Solicita-se a adequação.

RESPOSTA: “A numeração das páginas foi modificada e inserido a seguinte sentença ‘Desta forma, assino este termo, rubricando todas as páginas, juntamente com a pesquisadora, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora’ na página 3 de 3.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2. Quanto ao Registro do Assentimento Livre e Esclarecido, arquivo TALE.pdf, submetido em 12/07/2022:

2.1 . Considerando o assentimento dos estudantes e o consentimento de pais/responsáveis, lê-se:

- i. “Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar o Termo de Consentimento.” (página 1 de 3);
- ii. “O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.” (página 2 de 3);

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte    **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF    **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877    **E-mail:** conepe@saude.gov.br

Continuação do Parecer: 5.866.656

iii. “Estou ciente que o meu responsável poderá modificar a decisão da minha participação na pesquisa, se assim desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo.” (página 3 de 3);

No momento em que o adolescente está sendo convidada/o a participar da pesquisa, tem o direito de SABER que seus pais/responsáveis já foram CONSULTADOS a respeito, mas ele/a tem autonomia também de concordar ou não em participar, de interromper participação ou modificar a decisão. Solicita-se adequar os trechos destacados, para indicar que, se o adolescente concordar em participar, a pesquisadora também pedirá autorização aos pais/responsáveis.

RESPOSTA: “Foi inserida as seguintes sentenças:

I. ‘Para participar deste estudo, precisará do seu consentimento, já como seus responsáveis foram anteriormente consultados. Estando você livre, a qualquer momento, para recusar-se em participar.’ na página 1 de 3.

II. A sua participação é voluntária e você poderá recusar-se a participar, ou pedir para seus pais ou responsáveis retirem seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta na página 2 de 3.

III. Estou ciente que o meu responsável foi consultado a respeito do projeto e tenho opção para também decidir em relação a minha participação na pesquisa, se assim desejar na página 3 de 3.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.2 Na página 2 de 3, lê-se: “Será utilizado como critério de inclusão ser rezadeira/rezador da Aldeia Indígena Atikum e das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas e Santana ou estudante devidamente matriculado no 9º ano (turma A ou B) do Ensino Fundamental da Escola de Referência em Ensino Fundamental Dom Malan”. Considerando que o Registro de Assentimento Livre e Esclarecido é dirigido para estudantes, solicita-se adequar o trecho destacado para se referir apenas ao critério de inclusão de estudantes.

RESPOSTA: “Foi retido a parte do texto que se referia as rezadeiras e rezadores e inserido a sentença ‘ser estudante’ página 2 de 3.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

2.3 Na página 2 de 3, lê-se: “Vale salientar que o termo dos estudantes será assinado pelos pais ou responsáveis”. Considerando que há um Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para pais/responsáveis, ressalta-se que este Registro do Assentimento Livre e Esclarecido é dirigido aos estudantes com menos de 18 anos e, portanto, o campo “Assinatura do/a Participante” deve ser assinado pelos estudantes. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘Assinatura do/a Estudante’ na página 3 de 3.” ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.4 Quanto à descrição do método, na página 2 de 3, lê-se: “A pesquisa a ser realizada oferece riscos mínimos aos/às seus participantes, por fazer uso de ABORDAGEM QUALITATIVA DO TIPO ETNOGRÁFICO E TÉCNICAS COLABORATIVAS DE COLETA DE DADOS” (destaque nosso). O Registro de Assentimento deve ser elaborado pela pesquisadora em linguagem acessível à compreensão dos participantes da pesquisa. Solicita-se adequação do trecho destacado, adotando uma linguagem que evite os termos científicos e explique a forma como a pesquisa irá acontecer (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigos 2º e 5º).

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘iremos observar e estudar a cultura tradicional representada nas artes de cura de rezadeiras e rezadores, verificando como esses saberes poderão compor o ensino de história’ na página 2 de 3.” ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.5 “A pesquisadora caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.” Solicita-se informar a quais exigências da Resolução CNS nº 466 de 2012 o trecho destacado se refere e quais seriam os casos possíveis de revelação dos resultados individuais para familiares.

RESPOSTA: “Com a reformulação do texto que compõe termo esse trecho foi suprimido com a finalidade de manter o sigilo da pesquisa.” ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.6 Na página 3 de 3, após a forma de contato com o CEP, lê-se: “e da CONEP (quando pertinente)”. Considerando que o estudo está sob análise da Conep, solicita-se, para melhor informar os participantes de pesquisa, que seja incluída no Registro

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

do Consentimento uma breve descrição do que é a Conep, qual sua função no estudo, e suas formas de contato, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, inciso IX [ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h].

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP ( comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho) localizado: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.’ na página 3 de 3.” ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.7 Na página 3 de 3, há um campo de “Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ (se já tiver documento)”. O Registro do Processo de Assentimento Livre e Esclarecido tem a função precípua de informar e respeitar a autonomia do participante de pesquisa. Solicita-se justificar a necessidade do número do documento de identidade. Se não for necessário, solicita-se retirar esse campo.

RESPOSTA: “O campo solicitava o número de documento de identificação foi retirado.” ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.8 Na página 3 de 3, lê-se: “Recebi uma CÓPIA deste termo assentimento” (destaque nosso). No entanto, conforme a pesquisadora ressalta em outros trechos, deve ser assegurado que o participante de pesquisa receberá uma via do documento de registro, e não uma cópia, assinada pelo participante da pesquisa e pela pesquisadora, e rubricada em todas as páginas por ambos (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso X). Ainda, de forma a garantir sua integridade, o documento deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se ainda que essa seja inserida de forma a indicar, também, o número total de páginas, por exemplo: 1 de 2, 2 de 2, por exemplo. Solicita-se a adequação.

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘Recebi uma via deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.’ na página 3 de 3 e a numeração das páginas foi modificada.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

2.9 Na página 3 de 3, há um campo de assinatura dactiloscópica do participante, com a seguinte orientação: “(OBS: Utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do (a) participante da pesquisa).” Considerando que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido pode estar sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 15), solicita-se a retirada do campo para impressão datiloscópica, com o objetivo de evitar a estigmatização e/ou constrangimento do participante de pesquisa, e a adoção do Registro do Consentimento Livre e Esclarecido em outro formato, caso necessário, de acordo com as características dos participantes. 3. Quanto ao Registro do Consentimento Livre e Esclarecido para pais/responsáveis, arquivo TC.pdf, submetido em 13/07/2022:

RESPOSTA: “O campo solicitava a assinatura dactiloscópica foi retirado” ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Quanto ao Registro do Consentimento Livre e Esclarecido para pais/responsáveis, arquivo TC. pdf, submetido em 13/07/2022:

3.1 A redação foi iniciada com "Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos autorizo" e "Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:". No entanto, ressalta-se que participar de um estudo é um momento de convite do/a pesquisador(a) ao indivíduo, e a redação do Registro do Consentimento ou do Assentimento Livre e Esclarecido deve corresponder a esse propósito, evitando uma linguagem de autodeclaração. No caso do Registro do Consentimento Livre e Esclarecido de pais/responsáveis, o convite é feito em nome da criança ou do adolescente, para que a participação destes seja autorizada. Diante disso:

3.1.1 Solicita-se adequação da linguagem do Registro do Consentimento Livre e Esclarecido de pais/responsáveis, para que seja um convite do pesquisador.

RESPOSTA: “A redação do texto inicial foi modificada e inserida a seguinte sentença ‘O seu filho (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: MEMÓRIAS E SABERES DA TRADIÇÃO AFROINDÍGENA NAS ARTES DE CURA: ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE, sob a responsabilidade de: Raphaela Hildita de Sá Guedes Deodato e da orientadora Professora Doutora Patrícia Cristina de Araújo, de forma totalmente voluntária.’ na página 1 de 3.” ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

3.1.2 De acordo com a Carta Circular nº 51-SEI/2017-CONEP/SECNS/MS, caso o pesquisador queira inserir uma frase final declarativa do participante de pesquisa, é, contudo, aceitável que a parte final do Registro do Consentimento, em que estão os campos de assinatura e na qual participante manifesta o seu desejo, esteja escrita como declaração. Solicita-se uma redação simples, como “li e concordo em autorizar a participação de meu filho na pesquisa” ou “declaro que concordo na participação de meu filho na pesquisa”.

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘Após ter sido informado (a) sobre a finalidade da pesquisa

MEMÓRIAS E SABERES DA TRADIÇÃO AFRO-INDÍGENA NAS ARTES DE CURA: ECOLOGIA DE SABERES NO ENSINO DE HISTÓRIA EM SALGUEIRO/PE e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que concordo na participação de meu filho ( a)

\_\_\_\_\_ na pesquisa, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos.’ na página 3 de 3.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.2 O estudo prevê três etapas de entrevistas, mas não informa sobre a estimativa de tempo que o indivíduo deve reservar para sua participação e nem sobre o local das atividades. A Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso I, prevê que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, em suas diferentes formas, deve conter “a justificativa, os objetivos e os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, com informação sobre métodos a serem utilizados, em linguagem clara e acessível, aos participantes da pesquisa, respeitada a natureza da pesquisa”. Solicita-se informar aos pais/responsáveis pelo participante de pesquisa sobre os procedimentos adotados, no que se refere ao local e ao tempo dispensado para a participação no estudo.

RESPOSTA: “Foi modificado a redação do parágrafo e inserida a seguinte sentença ‘Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): na primeira etapa entrevistaremos as rezadeiras e rezadores das comunidades pesquisadas. Em seguida, na segunda etapa, usaremos um questionário com o grupo formado por estudantes matriculados no 9º ano (turmas A e B), da EREF Dom Malan, para verificar o que os estudantes sabem inicialmente sobre o tema. Finalizando o roteiro, na terceira etapa, com outro questionário realizado após a execução da sequência

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

didática e das oficinas pedagógicas. Cada questionário será aplicado no horário de uma aula, estimando-se um período de 50 minutos (01 hora/aula) para a sua realização, totalizando uma hora e quarenta minutos (02 horas/aulas) de aplicação.’ na página 1 de 3.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.3 Solicita-se incluir no Processo e Registro do Consentimento Livre e Esclarecido a informação de que “todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados pelo período mínimo de 5 anos”, para que os pais/responsáveis pelo participante possam decidir livremente sobre a participação e sobre o uso dos dados de seu filho no momento e no futuro (Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 28, inciso IV).

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada, sendo que o nome ou o material que indique a participação de seu filho (a) será mantido em sigilo. Os dados e instrumentos utilizados nessa pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período mínimo de 05 anos, para que você possa decidir livremente sobre a participação e sobre o uso dos dados de seu filho (a) no momento e no futuro’ na página 2 de 3.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.4 Na página 3 de 3, após a forma de contato com o CEP, lê-se: “e da CONEP (quando pertinente)”. Considerando que o estudo está sob análise da Conep, solicita-se, para melhor informar os participantes de pesquisa, que seja incluída no Registro do Consentimento uma breve descrição do que é a Conep, qual sua função no estudo, e suas formas de contato, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, inciso IX [ Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h].

RESPOSTA: “Foi inserida a seguinte sentença ‘Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP ( comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho) localizado: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040,

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.' na página 2 de 3."

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.5 Na página 3 de 3, há um campo de assinatura dactiloscópica do participante, com a seguinte orientação: "(OBS: Utilizado apenas nos casos em que não seja possível a coleta da assinatura do (a) participante da pesquisa)." Considerando que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido pode estar sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 15), solicita-se a retirada do campo para impressão dactiloscópica, com o objetivo de evitar a estigmatização e/ou constrangimento do participante de pesquisa, e a adoção do Registro do Consentimento Livre e Esclarecido em outro formato, caso necessário, de acordo com as características dos participantes.

RESPOSTA: "O campo solicitava a assinatura dactiloscópica foi retirado."

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.6 Considerando os direitos dos participantes, dispostos na Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 9º, de terem sua privacidade respeitada; de terem garantida a confidencialidade das informações pessoais e de decidirem, dentre as informações que fornecem, aquelas que podem ser tratadas de forma pública, solicitase inserir opções excludentes sobre gravação e/ou uso de imagem e/ou voz dos participantes (por exemplo: "sim, autorizo a gravação e/ou divulgação da imagem e/ou voz de meu filho", "não, não autorizo a gravação e/ou divulgação da imagem e/ou voz de meu filho"; "autorizo a gravação mas não a divulgação da imagem e/ou voz de meu filho") no Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, para que os pais/responsáveis pelos participantes possam exercer tais direitos. Não há necessidade de apresentar ao participante documentos separados para autorização e uso de imagem e voz.

RESPOSTA: "Foi inserida a seguinte sentença 'A presente autorização abrange, o uso de sua imagem e/ou voz e deverá sempre preservar a identidade de meu filho (a). Conforme assinalado abaixo:

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

- ( ) Sim, autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz de meu filho (a ).
- ( ) Não, não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz de meu filho (a ).
- ( ) Autorizo a gravação mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz de meu filho (a).’ na página 3 de 3 ”.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.7 . Considerando que o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido está por escrito, ressalta-se que o documento deve ser assinado pelo representante legal do participante de pesquisa e pela pesquisadora, e rubricado em todas as páginas por ambos (Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 17, Inciso X). De forma a garantir sua integridade, o documento deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se ainda que essa seja inserida de forma a indicar, também, o número total de páginas, por exemplo: 1 de 2, 2 de 2, por exemplo. Solicita-se a adequação.

RESPOSTA: “A numeração foi modificada e inserida a seguinte sentença ‘Desta forma, assino este termo, rubricando todas as páginas, juntamente com a pesquisadora, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.’ na página 3 de 3.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

4 . Quanto à gravação e ao uso de imagem e/ou voz de participantes no estudo, solicita-se remover da Plataforma Brasil os arquivos “TAUIV.pdf” e “TAGV.pdf”, submetidos em 12/07/2022, considerando que outras pendências deste parecer já solicitaram a inclusão de um campo de opções excludentes em cada Registro do Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido, de modo que cada participante e responsável pelo participante receba apenas um único registro com todas as informações relacionadas à participação no estudo.

RESPOSTA: “Os referidos termos foram removidos da Plataforma Brasil.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

#### Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1959587.pdf	24/11/2022 21:50:10		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPLimpo.docx	24/11/2022 21:48:22	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEP.docx	24/11/2022 21:48:01	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	24/11/2022 21:47:48	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLELimpo.docx	24/11/2022 21:47:26	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALELimpo.docx	24/11/2022 21:47:08	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE  
ÉTICA EM PESQUISA



TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	24/11/2022 21:46:40	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	PROJETO.pdf	24/11/2022 21:43:52	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES	Aceito
Investigador	PROJETO.pdf	24/11/2022 21:43:52	DEODATO	Aceito
Outros	Resposta.doc	24/11/2022 21:43:23	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	15/11/2022 20:18:00	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCPR.pdf	16/08/2022 11:56:51	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI.pdf	16/08/2022 11:56:23	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito
Declaração de concordância	DC.pdf	16/08/2022 11:55:19	RAPHAELA HILDITA	Aceito

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br

			DE SA GUEDES DEODATO	
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	02/06/2022 12:06:14	RAPHAELA HILDITA DE SA GUEDES DEODATO	Aceito

Situação do Parecer:  
Aprovado

BRASILIA, 01 de Fevereiro de 2023

---

Assinado por:

**Laís Alves de Souza Bonilha**  
Coordenador(a)

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte **CEP:** 70.719-040

**UF:** DF **Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3315-5877 **E-mail:** conep@saude.gov.br